

A OBRA POÉTICA DE AUTA DE SOUZA

por

NALBA LIMA DE SOUZA LEÃO

DISSERTAÇÃO

Submetida a Universidade  
Federal de Santa Ca  
tarina para obten  
ção de Grau de

MESTRE EM LITERATURA BRASILEIRA

U F S C

SETEMBRO DE 1986

A OBRA POÉTICA DE AUTA DE SOUZA

Dissertação apresentada

por

NALBA LIMA DE SOUZA LEÃO

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta dos Professores.

---

Professor Orientador

---

Coordenador

---

Membro da Banca

---

Membro da Banca

---

Membro da Banca

## OFERECIMENTO

- A Deus, presente em todos os momentos, sobretudo naqueles em que o cansaço e o desânimo queriam dominar-me.

- Ao meu esposo e filhos, pelas horas que lhe foram roubadas da minha companhia.

- Ao meu pai, o poeta, pela herança literária.

- A minha mãe, pelo estímulo, apoio e interesse à causa educacional.

- Aos meus irmãos: companheiros.

- Aos meus cunhados e sobrinhos: amigos.

- A minha bisavó Josefa, que me embalava ao colo, cantando as modinhas de Auta de Souza (In memoriam).

- Ao meu avô Evaristo de Souza, poeta, seresteiro e cantador das modinhas de Auta de Souza (In memoriam).

- Às irmãs salesianas, que me educaram na fé, no amor e no respeito ao próximo.

## AGRADECIMENTOS

- À Universidade Federal de Santa Catarina e ao seu programa de Pós-Graduação em Letras com a sua equipe docente e administrativa;

- Ao professor Celestino Sachet, pela confiança a mim dispensada, como orientador deste trabalho;

- À professora Zahidé L. Muzart, pelo incentivo a explorar o dado popular na obra poética de Auta de Souza;

- À professora Carmem Lídia de Souza Dias, pelo apoio e estímulo dados a este trabalho (In memoriam).

- A todos os parentes e amigos que me apoiaram e me incentivaram.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar a literariedade da obra poética de Auta de Souza, tendo em vista a controvérsia existente sobre a sua classificação dentro da história literária. Parte, pois, de algumas divergências críticas, das quais selecionamos alguns dados, que são utilizados na análise dos poemas do livro Horto.

A nossa pesquisa, além da parte introdutória, na qual justificamos a escolha do tema, apresentará cinco momentos:

I - O criador e a obra, onde fazemos uma pequena abordagem do criador e da obra, enquanto mostramos, em termos de fortuna crítica, a compreensão e o respeito sempre manifestos pelo trabalho da autora do Horto.

II - A autora e o contexto histórico e cultural, no qual tentamos focalizar o momento histórico e cultural em que a poetisa viveu e produziu o seu trabalho poético.

III - Recortes poéticos do Horto, tentativa de análise, na qual detectamos as constantes temáticas e estilísticas do livro, procurando, em alguns momentos, o respaldo dos métodos comparativo e estatístico, elementos indispensáveis, para os objetivos da pesquisa. Assim, se por um lado, procuramos investigar, até que ponto, aquelas constantes são comuns a outros escritores da época, por outro, verificamos, entre os cento e trinta e um poemas existentes no Horto, em quantos ocorrem as características tomadas como ele-

mentos de análise.

IV - Auta de Souza e a crítica, onde captamos flagrantes da diversidade crítica em torno da classificação de Auta de Souza dentro da história literária.

V - Conclusão, na qual tentamos definir a nossa postura crítica em relação ao Horto, sem deixar de reconhecer, contudo, outras possibilidades na obra, razão pela qual se torna difícil e impossível norteá-la para uma única direção.

A nossa dissertação vem acompanhada de um anexo, cuja finalidade é servir de respaldo aos aspectos desenvolvidos ao longo do trabalho. Neste procuramos demonstrar a preocupação de ordem transcendente e o cunho popular que emanam do Horto, cujos poemas configuram uma realidade que é revelada, principalmente, através de imagens sensoriais centradas em cor, cheiro, som, gosto e impressões tácteis, utilizando, para tal, metáforas, símbolos, antíteses, comparações, uma linguagem, enfim, que cria entre o concreto e o abstrato, o material e o espiritual e entre as diferentes esferas dos sentidos. Procuramos demonstrar, por fim, que os poemas de Auta de Souza são realidades filtradas pelos sentidos e são matéria do mundo da poesia. Foi esta a fórmula pela qual a Autora do Horto procurou se eternizar e esta eternização se fez magicamente através da palavra, no mistério da Poesia.

## RÉSUMÉ

Ce travail se destine à faire des recherches attentives sur la valeur de l'oeuvre poétique de Auta de Souza, envisageant la controverse existante sur la classification de son oeuvre dans l'histoire de la littérature. Cela vient de quelques divergences critiques dont nous allons sélectionner quelques remarques qui seront employées dans l'analyse des poèmes du livre Horto.

Notre recherche, au delà de la partie introductive, dans laquelle nous donnons une justification de notre choix, montrera cinq étapes:

I - Le createur et l'oeuvre, dont nous faisons un petit abordage du createur et de l'oeuvre, pendant que nous présentons la compréhension et le respect de quelques critiques par le travail poétique de Auta de Souza.

II - L'auteur et le contexte historique et culturel dans lequel nous essayons de mettre en relief le moment historique et culturel vécu par la poétesse, pendant l'élaboration de son travail poétique.

III - Découpures poétiques du Horto, une tentative d'analyse objective, envisageant les constances thématiques et stylistiques, en utilisant l'appui des méthodes comparatif et statistique. D'une part nous voulons vérifier, à quel point, ces constances sont communes à d'autres écrivains, d'autre part, nous constatons la présence de ces éléments plus fréquents, dans les cent trente et un poèmes du Horto.

IV - Auta de Souza et la critique dans lequel nous rencontrons quelques divergences critiques, autour de la classification de Auta de Souza dans l'histoire littéraire.

V - Dans la conclusion finale, nous essayons de définir notre attitude critique sur Horto, en reconnaissant, cependant, d'autres possibilités d'interprétation, raison par laquelle il se trouve difficile et impossible de conduire l'oeuvre vers une seule direction.

Notre recherche est suivie d'une annexe, dont la finalité, est de servir d'appui aux aspects développés au long de la dissertation. En celui-ci, nous cherchons à démontrer la préoccupation d'ordre transcendant et le caractère populaire qui émanent du Horto. Ses poèmes présentent une réalité qui est révélée, surtout, à travers des images sensoriales de couleur, odeur, son, goût et tact, utilisant des métaphores, symboles, antithèses, comparaisons; un langage qui crée entre le concret et l'abstrait, le matériel et le spirituel et entre les différents sphères des sens, un nouveau monde poétique. Nous cherchons à démontrer, enfin, que les poèmes de Auta de Souza sont des réalités filtrées par les sens et qu'ils sont matière du monde de la poésie. C'est la règle, vers laquelle l'auteur du Horto cherche à s'éterniser et cette éternisation a été faite magiquement avec la parole, dans le mystère de la poésie.



## SUMÁRIO

OFERECIMENTO .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO .....	iv
RESUMÉ .....	vi
SUMÁRIO .....	viii
INTRODUÇÃO .....	1
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	7
1 - O CRIADOR E A OBRA .....	13
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	20
2 - A AUTORA E O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL .....	25
2.1 - Características do período .....	25
2.2 - A década de 70 .....	28
2.3 - A década de 80 .....	29
2.4 - A década de 90 .....	30
2.5 - A literatura simbolista .....	31
2.5.1 - Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Verlaine: elementos propulsores da revolução poética .....	33
2.5.2 - Decadentismo/Simbolismo .....	37
2.5.3 - Postulados básicos da estética simbolista .....	40
2.5.4 - O simbolismo no Brasil .....	42
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47
3 - RECORTES POÉTICOS DO HORTO .....	54
3.1 - Constantes temáticas .....	54
3.1.1 - Busca espiritual .....	55
3.1.2 - Presença da morte .....	60
3.1.3 - Infância .....	62
3.1.4 - Natureza .....	63
3.1.5 - Sonho .....	66
3.2 - Constantes estilísticas .....	67
3.2.1 - Maiúsculas .....	67
3.2.2 - Repetição sistemática de palavras ou frases .....	68
3.2.3 - Aliteraões/assonâncias .....	73
3.2.4 - Vocabulário .....	77

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
4 - AUTA DE SOUZA E A CRÍTICA.....	105
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
CONCLUSÃO.....	130
BIBLIOGRAFIA.....	134
<u>ANEXOS:</u>	
01 - Partitura "Róseo Menino".....	143
02 - Cantos de presépio.....	144
03 - Partitura "Desalento".....	148
04 - Estatuto dos Concursos prêmio literário "Auta de Souza".....	149
05 - Patronos e acadêmicos da Academia Norte-RioGrandense de Letras.....	153
06 - Hino "Auta de Souza".....	155
07 - Notícias referentes à morte de Auta de Souza.....	157
08 - <u>Dhálías</u> (versos manuscritos).....	220
09 - <u>Horto</u> (versos manuscritos).....	228
10 - Depoimento de Cascudo sobre o <u>Horto</u> e o <u>Dhálías</u> manuscritos.....	229
11 - Estatuto do "Centro Polimático do Rio Grande do Norte".....	234
12 - <u>Revista do Rio Grande do Norte</u> .....	239
13 - Prefácio de Olavo Bilac à primeira edição do <u>Horto</u> .....	244
14 - Nota de Henrique Castriciano de Souza à segunda edição do <u>Horto</u> .....	256
15 - Prefácio de Alceu Amoroso Lima à terceira edição do <u>Horto</u> .....	266
16 - Foto do jasmineiro de Auta de Souza.....	273
17 - Entrevista com Esmeraldo Siqueira.....	274
18 - Entrevista com Luís da Câmara Cascudo.....	281
19 - Entrevista com José Melquíades.....	285
20 - Carta de Massaud Moisés.....	287
21 - Carta de Alfredo Bosi.....	290

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da leitura e da releitura de muitos juízos críticos em torno da obra poética de Auta de Souza. Reorganizando uma fortuna crítica dispersa, pudemos percorrer os poemas do Horto com maior proveito e, destes, selecionar os elementos que seriam utilizados, posteriormente, na análise destes mesmos poemas.

Pretendemos desvendar, portanto, um conjunto de excertos críticos sobre o Horto, fazendo com que se instaure, já no ato da compilação dos juízos sobre o livro, a atmosfera polêmica que suscitou a análise.

Tentamos demonstrar, por outro lado, que Auta de Souza soube dar uma interpretação pessoal da sua obra, ao construir uma poética à brasileira, ou até mesmo à nordestina, pois a Autora soube expressar os sentimentos característicos de nosso povo: a saudade, a tristeza, a melancolia, a religiosidade, principalmente a da sua região, e ainda, aproveitar as tradições populares e inseri-las no seu universo poético. A poética de Auta de Souza é, portanto, uma poética identificada, principalmente, com a alma do povo, a partir do momento em que aderiu às devoções simples, ingênuas e populares, como as tardes de novenas, o mês de maio, a noite de Natal, a oração diante de um presépio, ou aos pés da Virgem Maria. Auta de Souza inseriu, portanto; em seus poemas, velhas tradições populares, aproximando-se, assim, do povo. Isto nos transpõe à investigação gramsciana "das tendências e dos interesses morais e intelectuais

predominantes entre os literatos", na qual o autor italiano conclui que é necessário um contato sentimental com as multidões e, ainda, "simpatia e compreensão de suas necessidades e exigências".<sup>(1)</sup> É o que Gramsci chama de "ida ao povo" sem a qual, segundo ele, "não há literatura nacional".<sup>(2)</sup> Neste sentido, podemos afirmar que a obra de Auta de Souza é comprometida. Comprometida com a sua visão religiosa; com o sentimento que tinha de Deus; comprometida com o povo, cujas necessidades, aspirações e sentimentos, a poetisa soube expressar em seus poemas. Por isso, nem os ambientes intelectuais que freqüentou, nem a leitura de seus autores prediletos, conseguiram destruir aquele elo que a mantinha ligada com o povo, ligação esta, existente, desde os oito anos, quando segundo o seu irmão, Henrique Castriciano, ela lia as estórias de Carlos Magno, antigamente muito popular nas fazendas do Norte, para as "mulheres do povo e velhos escravos, todos filhos desse formoso sertão que exerceu em seu espírito tão salutar influência".<sup>(3)</sup> Esse fato nos remete a Mário de Andrade, que via no povo o ponto de partida para a criação de uma arte não importada, uma arte genuinamente brasileira pela qual ele tanto lutou, daí ter colocado toda a sua obra a serviço da causa que defendia:

"Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terra."<sup>(4)</sup>

Foi com o povo que Mário de Andrade aprendeu as festas, as tradições e chegava a aconselhar:

"Conversem com o povo e o relatem, descrevam festas de região bem detalhadamente."<sup>(5)</sup>

Assim, Mário de Andrade, tornado, logo, um dos mitos do Modernismo, assumiu, desde o início, da floração renovadora desse Movimento, uma posição de destaque. Foi ele quem teve o mérito de colo-

car, lucidamente, o problema de nossa cultura, para ele, tão atrasada em relação a das outras civilizações. E atrasada por quê? Porque enquanto perdemos tempo na importação de valores estrangeiros, nos esquecemos das bases populares e humanas da nossa literatura. Para Gramsci isto acontece porque não existe uma "literatura nacional-popular"; porque os intelectuais não se sentem ligados ao povo, não o conhecem e não percebem as suas aspirações. Por isto, segundo ele, a nova literatura não deve ser intelectual, mas popular e, para isto, é preciso aprofundar suas raízes "no humus da cultura popular". (6)

É interessante observar que alguns manifestos pré-modernistas são, também, portadores desses mesmos ideários. O manifesto da "poesia Pau Brasil", por exemplo, chega ao ponto de apregoar uma reação "contra todas as indigestões de sabedoria" (7) e o manifesto do "Verde-Amarelismo" afirma que o "nacionalismo tupi não é intelectual, mas sentimental". (8)

Ora, os versos de Auta de Souza, rompendo com os cânones estabelecidos pelos eruditos, são dançados e cantados, com espontaneidade, na reza ou na brincadeira, confirmando, assim, a fecundidade da cultura popular, ponto de partida para a criação de uma arte brasileira.

É por isto que escolhemos Auta de Souza para o nosso trabalho de dissertação, por se tratar de uma poetisa popular, não só no Rio Grande do Norte, mas em todo Nordeste Brasileiro.

A primeira edição do Horto, publicada em 1900, recebeu elogios da crítica do país. Leram-no os intelectuais, todavia a grande consagração veio do povo que passou a repetir os seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e, até, nas igrejas, sob a forma de benditos anônimos. (9) Isto prova que o reconhecimento da posição do es-

critor depende da aceitação da sua obra, por parte do público, pois escritor e obra constituem um par solidário, vinculado ao público. Mas esse público nem sempre se ordena em grupos definidos, nem é, tão pouco, homogêneo, uma vez que não registra, uniformemente, os seus conceitos sobre as artes. Assim, o que existe é uma coleção informe de pessoas formando os vários públicos das artes.<sup>(10)</sup> No caso de Auta de Souza, a sua obra encontrou verdadeira ressonância, entre as camadas mais populares, leitores ideais para os seus versos de rimas simples e espontâneas que passaram a ser musicados e, depois, cantados, pelos poetas, trovadores e seresteiros, nas noites de luar e serenatas. Palmira Wanderley chegou a cognominar Auta de Souza de "Trovadora das Serenatas", porque os seus versos musicados acordaram muitos sonhos nas serenatas.<sup>(11)</sup>

Segundo Gumerindo Saraiva, a passagem do século XIX - XX foi comemorada pelos natalenses com serenatas que entoaram modinhas de toda espécie. Fato idêntico passou a se repetir em Natal, no dia 31 de dezembro de cada ano, quando era prefeito da capital o jornalista Djalma Maranhão. Na ocasião, Santos Lima, Evaristo de Souza e outros iniciavam a serenata com a "Canção do Pescador", seguindo-se as modinhas de Auta de Souza.<sup>(12)</sup>

Com a sua poesia musicada, Auta de Souza enriqueceu o cancioneiro potiguar, pois nenhum poeta do Rio Grande do Norte possui maior número de modinhas do que ela, a maioria delas musicadas por Heronides França, como "Agonia do Coração", a primeira poesia da poetisa a ser musicada; "Ao Cair da Noite", com a qual, até hoje, as mães acalentam os filhos; "Ao Luar"; "Meu Pai"; "Palavras Tristes", uma das mais populares. Outros versos, também, foram musicados: "Caminho do Sertão", por Abdon Alves Trigueiro, "Desalento", por Joaquim Cirineu de Vasconcelos; "Teus Anos", por Cirilo Lopes, "Trança Loura", por Cláudio Augusto Pinto Galvão.<sup>(13)</sup> Todas estas modinhas e outras estão, até hoje, na boca do povo, cujas vozes se

casam ao som dos violões, clarinetas e cavaquinhos.

Nas tertúlias, nas rodinhas de família, as modinhas de Auta de Souza, também, estão presentes. Mário de Andrade, um dos preservadores da memória nacional, desejou conhecer o Nordeste diretamente, segundo ele tão rico de tradições e cultura popular. Na carta a Manuel Bandeira, datada de 19 de maio de 1926, ele conta seus planos ao amigo.<sup>(14)</sup>

Foi nessa viagem de descoberta do Nordeste, em Natal, que Mário de Andrade topou com as modinhas de Auta de Souza, nas chamadas rodinhas de família, conforme ele mesmo assinala, em crônica.<sup>(15)</sup>

Há nessa crônica uma recomposição saborosa e plástica de toda uma atmosfera peculiar brasileira e neste, a inclusão das modinhas de Auta de Souza entre os componentes dessa atmosfera peculiar. Isto prova o quanto estas modinhas estão arraigadas com o povo, pois elas surgem como obrigatoriedade folclórica.

Outros fatos comprovam, ainda, a popularidade de Auta de Souza: o seu nome ser citado em antologias várias, dicionários, livros didáticos, de literatura e de cultura popular<sup>(16)</sup>, as suas quadras, tipicamente populares, quer quanto a estrutura, quer quanto ao assunto, cuja espontaneidade evidencia as suas raízes populares, uma vez que elas interpretam o sentimento natural de seu povo;<sup>(17)</sup> o seu nome constituir motivo de concurso<sup>(18)</sup> ou ser emprestado a nomes de ruas, estabelecimentos, instituições, agremiações, campanhas e hinos;<sup>(19)</sup> as suas modinhas serem cantadas, até hoje, nos lares, onde as mães ninam os seus filhos, nas igrejas e em programas de rádio,<sup>(20)</sup> comprovando assim, a sua permanência na alma do povo, fato que nos leva a perguntar o porquê de certas manifestações culturais permanecerem, ficarem, se fixarem, se folclorizarem... Achamos que a aceitação/permanência é fenômeno cultural digno de obser-

vação mais detida, porque, afinal, nós somos, ainda, um povo em busca de identidade cultural.

Uma das respostas pode ser encontrada nas reflexões de Gramsci sobre a falta de cultura popular existente na Itália, um de seus objetos de estudo em Literatura e vida nacional.<sup>(21)</sup> Para ele se algumas obras de cem anos atrás continuam a agradar, é porque o gosto e a ideologia do povo são, também, os mesmos de cem anos atrás. Isto acontece, quando a arte é popular, isto é, quando o seu conteúdo intelectual, sentimental e moral expressa as aspirações e exigências do povo. Segundo Gramsci, a ausência de uma literatura nacional-popular, devido à falta de preocupação e de interesse por estas necessidades e exigências, deixou o mercado literário aberto ao influxo de grupos intelectuais de outros países. Ele chega mesmo a questionar: por que se preferem os estrangeiros? E conclui que esta preferência é porque se sofre "a hegemonia intelectual e moral dos intelectuais estrangeiros" e, sobretudo, porque não existe no país "um bloco nacional, intelectual e moral", ou seja, escritores capazes de conquistar a massa e de fazer chorar um "público de leitores ingênuos, fiéis e insaciáveis".<sup>(22)</sup> Por isto a literatura deve ser a expressão dos sentimentos populares, pois o povo só aplaude uma obra quando esta satisfaz aos seus anseios.

Ora a razão da aceitação/permanência de Auta de Souza reside, precisamente, na sua aderência aos sentimentos mais profundos do povo e, sobretudo, porque a sua arte é acessível a este povo fiel que até hoje canta os seus versos num desafio de eternidade.



## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - GRAMSCI, Antônio. Literatura e vida nacional. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p.17
- 02 - Id. Ibid. p.73
- 03 - SOUZA, Henrique Castriciano. Nota à 2ª edição do Horto. In: SOUZA, Auta de. Horto. 2ª edição, Paris, Aillaud Alves Cia, 1910, p.272.
- 04 - ANDRADE, Mário de. "O movimento modernista". In: Aspectos da literatura brasileira. 6ª edição, São Paulo, Martins, 1978, p.252.
- 05 - Id. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. Macunaima: da literatura ao cinema. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1978, p.9.
- 06 - GRAMSCI, Antônio. Op cit. p.14, 15, 17, 106.
- 07 - ANDRADE, Oswaldo de. "Manifesto da poesia Pau Brasil". In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 270, 271.
- 08 - SALGADO, Plínio, PICHIA, Menotti del, RICARDO, Cassiano. "Manifesto do verde-amarelismo". In: id. ibid. p.302.
- 09 - SOUZA, Henrique Castriciano de. "Nota" à 2ª edição do Horto. In: SOUZA, Auta de. Op. cit. p.272.
- 10 - CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 5ª edição, São Paulo. Editora Nacional, 1976, p. 35, 74, 76, 77.
- 11 - WANDERLEY, Palmira. "O elogio de Auta de Souza", In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Año IV, nº 4, Natal, 1956, p.15.
- 12 - SARAIVA, Gumercindo. "A modinha no Rio Grande do Norte". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Ed. Universitária, v. 22, nº 15, 1979/80, p. 100.
- 13 - Depoimento proferido por Claudio Augusto Pinto Galvão, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em março de 1984. Os dados foram extraídos do seu livro Antologia da modinha Norte-Rio-Grandense (em preparo).

- 14 - "Pois é, estou de viagem marcada pro Norte. Vou na Bahia, Recife, Rio Grande do Norte, onde vive um amigo do coração que no entanto nunca vi pessoalmente, o Luís da Câmara Cascudo" (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. In: Cartas a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Simões Ed. p.134).
- 15 - "Hoje estou gozando a vida na Redinha, praia de banho natalense mas de outra banda do Potengi. (...) Meu amigo Barônio Guerra, sertanejo de nascença, (...) dirige a felicidade com uma perícia incomparável.
- A "parede" caju e cachaça abriu a festa. Em seguida: banho de mar. A copacabanização de Natal é um fato (...) Que morenas! Depois as redes e mangueiras nos esperavam prá "quebrar o olho". (...) A fome nos despertou ali pelas doze e meia pro almoço. Vatapá, cavala em molho de coco; (...) melão nordestino, uma dessas coisas que fariam a Europa de Eduardo das Neves se curvar mais uma feita.
- Chega um choro. Clarineta, violões, ganzá numa série deliciosa de sambas, maxixes, varsas de origem pura, eu na rede, tempo passando sem dizer nada. Modinhas de Ferreira Itajubá e Auta de Souza... A boca da noite se abriu sem a gente sentir." (ANDRADE, Mário de. O turista aprendiz. São Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 255-256).
- 16 - a) Cancionário do norte, de Rodrigues de Carvalho, 3ª ed. Rio de Janeiro, MEC, 1967, p.400, onde o nome da poetisa figura ao lado de Castro Alves, Manuel Bandeira e outros.
- b) Coletânea de sonetos brasileiros, de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, F. Briguiet Editores, que inclui sonetistas como Gregório de Matos Guerra, Manuel Botelho de Oliveira, Cláudio Manuel da Costa, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Cassimiro de Abreu, Fagundes Valela, Machado de Assis, Aluizio de Azevedo, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza, Humberto de Campos, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, etc; e, entre estes, Auta de Souza à página 354.
- c) Antologia escolar brasileira, de Marques Rebelo, 2ª edição, Rio de Janeiro, MEC, 1977, que além de Auta de Souza à p. 102, inclui nomes como Francisca Júlia, Waldomiro Silveira e muitos outros.
- d) Antologia luso-brasileira, de Wagner Ribeiro. 8ª edição, São Paulo, Editora F.T.D. S/A, na qual Auta de Souza está incluída à p.89.
- e) Enciclopédia do folclore musical, também de Wagner Ribeiro. 5 volumes. São Paulo, editora F.T.D., 1965, volume V, que inclui modinhas como O Guarani, de Carlos Gomes e Luís do Rego, Canto místico, de Villas Lobos, Partida dos jangadeiros, de Dorival Caymmi, Cidade maravilhosa, de André Filho, A Bahia tem, de Aricó Júnior, Oh Susana, de Bob Nelson, As pastorinhas, de João de Barros e Noel Rosa, Maringá, de Jou-

bert de Carvalho, Carneirinho, Carneirão, de Aricó Júnior, Luar do sertão, de Catulo da Paixão Cearense, etc., ao lado das quais está o poema Rezando, de Auta de Souza, à página 181, bastante popularizado e cantado nas igrejas não só do Nordeste, mas também do Sul do País, conforme atestaram os professores doutores Zahidé L. Muzart, do Rio Grande do Sul, Celestino Sachet, de Santa Catarina e Rita de Cássia Barbosa, de São Paulo.

Recentemente a Universidade Federal de Goiás, por ocasião dos festejos de seus 25 anos de existência, lançou ao público o 4º disco da coleção "Fontes Culturais da Música em Goiás", no qual são apresentados "Cantos de presépio". Entre estes está o poema Rezando de Auta de Souza. Apesar deste ser considerado um canto de presépio Goiano, a autoria, pelo menos da letra, é de Auta de Souza, conforme se comprova através do Horto, p. 53 e da própria Enciclopédia do folclore musical, de Wagner Ribeiro, p. 181, que concebe a autoria do poema como sendo de Auta de Souza e a música popularizada (vide anexo).

- f) Enciclopédia Brasileira Globo. 14ª ed., Porto Alegre, Ed. Globo, 1975, vol.11.
- g) Enciclopédia Badem. 12ª ed., São Paulo, Ed. Iracema LTDA, 1982, p.149.
- h) Dicionário enciclopédico ilustrado formar. São Paulo, Editora Formar, 1965, vol IV, p.1.453.
- i) Dicionário Antológico das literaturas Portuguesa e Brasileira. São Paulo, Editora Formar, volume 3, p.1.592.
- j) Modinhas do passado, de Batista Siqueira, 2ª edição, Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora, 1979, que na página 177 inclui o poema "Desalento", de Auta de Souza, musicado por Joaquim Cyrineu de Vasconcelos, muito cantado nas serenatas e saraus do fim do século (vide anexo).
- l) A técnica do verso em português, de Leodegário A. de Azevedo Filho, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1971. O autor, na página 73, explicando a rima, exemplifica com um poema de Auta de Souza.
- m) Rima e poesia, de Mello Nóbrega, Rio de Janeiro, INL, 1965. O autor, na página 266, menciona um poema de Auta de Souza, também no estudo da rima em português.
- n) História da literatura brasileira, de Nelson Werneck Sodré, 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1964, p. 318.
- o) História da inteligência brasileira, de Wilson Martins, 1ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978, volume V (1897-1914), p.126.

métrica, no redondilho maior e, quanto a estrutura rítmica, o segundo verso rima com o quarto e o primeiro e o terceiro podem ou não rimar (TAVARES, Hênio Último da Cunha. Teoria literária. 7ª edição, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, p. 310).

As trovas de Auta de Souza obedecem a este esquema e foram denominadas, pela autora, de "versos do povo". Vejamos algumas destas trovas:

Responde-me, ó juriti,  
Ao que te vou perguntar:  
Por que é que o Dia sorri  
E a Noite vive a chorar?

Das noites de minha terra  
Douradas pela luar,  
Nenhuma delas encerra  
A graça de teu olhar.

Meus sonhos andam no mundo  
Em cantos negros dispersos...  
São ondas de um mar profundo...  
Ai! triste de quem faz versos!

Mulher é coisa ruim,  
Dizias esta manhã...  
Só pode falar assim,  
Quem não tem mãe nem irmã.

De que me serve falar  
Dos homens com ditos vãos,  
Se eu vivo para adorar  
Os olhos de meus irmãos?

Nas noites de lua-cheia,  
O Céu parece sonhar...  
A Lua é como a sereia  
Boiando dentro do Mar.

Quando eu morrer, vou assim:  
Sustendo meu coração...  
Saudade da terra? Sim!  
Saudade da vida? Não!

- 18 - a) Em 1922, pela ocasião do Centenário da Independência do Brasil, o então governador do Rio Grande do Norte, Antônio José de Melo e Souza promoveu um concurso que consistiu em se colocar a melodia nos versos de três poetas potiguares: Auta de Souza, Segundo Wanderley e Ferreira Itajubá. O concurso foi vencido por Abdom Trigueiro que musicou o poema

"Caminho do Sertão", de Auta de Souza. As músicas desse concurso foram impressas pelo Governo do Estado e as suas cópias estão no Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, arquivo Almirante (depoimento proferido por Cláudio Augusto Pinto Galvão, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, março de 1984).

- b) A partir de 1984, a Fundação José Augusto e a Prefeitura Municipal de Macaíba instituíram o prêmio "Auta de Souza", de poesia. Neste ano, o ganhador do concurso foi Carlos Humberto Dantas com o trabalho intitulado Palavra puxa palavra.

Em 1985, participando do mesmo concurso, Maria Cléa da Trindade obteve o primeiro lugar com a obra Poesias. (vide anexo, estatutos dos concursos).

- 19 - a) Grupo Escolar "Auta de Souza", em Macaíba-RN, criado pelo decreto estadual nº 255, de 19 de outubro de 1911.
- b) Grêmio Litero-Musical "Auta de Souza", fundado em 12 de setembro de 1925, na Escola Doméstica de Natal.
- c) Biblioteca "Auta de Souza", na Escola Doméstica de Natal.
- d) Rua "Auta de Souza", em Natal-RN, criada pela lei municipal nº 14, de 30 de agosto de 1930, pelo prefeito Omar O. Gradt, atendendo sugestão do Instituto Histórico, cuja comissão foi constituída pelo desembargador Antônio Soares, Nestor Lima e Luís da Câmara Cascudo.
- e) Poltrona nº 20, dedicada a Auta de Souza, instalada em 14 de novembro de 1936, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ocupada, atualmente, pelo Dr. Mário Moacyr Porto. (vide documento em anexo).
- f) Campanha de Fraternidade "Auta de Souza", proposta em 03 de fevereiro de 1953, por Nympho Correa, no Departamento de Assistência Social da Federação Espírita do Estado de São Paulo. A primeira concentração das campanhas foi em fevereiro de 1957, em Ribeirão Preto-SP, seguindo-se as demais, espalhando-se por todo o Brasil. Em fevereiro de 1972, saiu a 1ª edição do livreto apostilhado Campanha de fraternidade de Auta de Souza, reunindo 77 poesias mediúnicas, através de diversos médiuns. O livreto foi compilado por José Simon Camelo, Lourdes Pileggi Samelo e Edna Maria Marturono, no Instituto Espírita Paulo de Tarso, Ribeirão Preto-SP (XAVIER, Francisco Cândido. Auta de Souza. 2ª ed., São Paulo, Instituto de Difusão Espírita, 1980, p. 111,113).
- g) Fundação Lar Celeste "Auta de Souza", na Av. Presidente Castelo Branco, 66, Macaíba-RN, telefone 271-1047.
- h) Hino de "Auta de Souza" (vide anexo).

- 20 - Existe em Natal um programa de rádio intitulado "Seresta do Coração", na Emissora de Educação Rural. O programa é dirigido por Francisco Brasil e o encarregado da parte literária do programa é Luís de França Moraes, grande incentivador da cultura popular Norte-Rio-Grandense. O programa é ao vivo e aí se canta, se declama e se evoca o passado através da cultura potiguar. Segundo Luís de França, as modinhas de Auta de Souza são as mais solicitadas pelo povo. (Depoimento proferido por Luís de França Moraes. Natal, março de 1984).
- 21 - GRAMSCI, Antônio. Op cit. p.90, 104.
- 22 - Id,ibid. p. 17, 106, 111.

## I - O CRIADOR E A OBRA

A mais óbvia causa determinante de uma obra é o seu criador<sup>(1)</sup>, por isto, desejamos situar, no tempo e no espaço, a poetisa do Horto, cuja produção literária foi elaborada em um momento importante de nossa história literária. Não se trata, porém, de uma biografia crítica de Auta de Souza, isto é, de uma avaliação de sua obra poética em função de sua biografia, ou vice-versa, pois a obra de arte, aqui, especificamente o poema, não é apenas a revelação da verdade biográfica, nem tão pouco, o relato de sentimentos e experiências pessoais. Mesmo que ele possua elementos que possam ser identificados como autobiográficos, estes, pela força da imaginação e da linguagem, foram reelaborados, transfigurados, perdendo, por conseguinte, o seu significado pessoal, para se tornarem partes integrantes da obra.

Assim, o poema não é, necessariamente, uma cópia da vida, portanto não temos a pretensão de, através da biografia de Auta de Souza, dar uma interpretação lógica à sua obra, nem tão pouco afirmar que os seus versos tristes, amargos e dolorosos devem ser tomados como uma atitude mental da poetisa. É certo que, metaforicamente, eles poderiam apresentar aspectos da vida real de Auta de Souza<sup>(2)</sup>, entretanto ficamos sabendo que a poetisa não foi tão triste, apática e retraída, quanto poderíamos deduzir da leitura de seus poemas. Pelo contrário, era espirituosa e bem humorada; participava dos sa-raus da sua época; freqüentava as reuniões dançantes, promovidas pelo Clube do Biscoito, nas quais dançava e declamava os seus versos, ao som do piano; era uma mulata cheia de corpo, graciosa, de

voz doce e musical; namorava; era querida por todos; colaborava em jornais e revistas da capital: "Oásis" (1894); "República" (1896); "A Tribuna", jornal no qual usou os pseudônimos de Ida Salúcio e Hilário das Neves (1897); "Oito de Setembro" e "Revista do Rio Grande do Norte" (1898).<sup>(3)</sup> Assim, "o poeta é um fingidor", o seu "eu" pessoal não deve ser identificado com o eu da sua obra. É claro que a biografia tem as suas utilidades: esclarece as palavras na obra de um autor; revela aspectos que podem iluminar a história literária, tais como: as leituras do escritor, as suas relações pessoais com vultos literários, as suas viagens, as cidades em que viveu, enfim, a tradição em que se situou o poeta, as influências que o moldaram, os elementos em que se inspirou.<sup>(4)</sup> É isto, portanto, o que tentaremos fazer aqui, pois através de certos dados da vida da poetisa, poderemos, mais adiante, elucidar, principalmente, a questão de sua classificação na história literária.

Macaíba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, ainda não era município, quando nasceu Auta de Souza a 12 de setembro de 1876. Seus pais, Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina, eram abastados comerciantes, mas devido a precoce orfandade, Auta e os seus quatro irmãos foram criados pela avó materna Silvina de Paula Rodrigues que procurou dar à neta uma educação refinada. Para tal, matriculou-a em 1888, no Colégio de São Vicente de Paula, no bairro da Estância, Recife, dirigido pelas religiosas francesas "Soeurs de Charité". Aí aprendeu, bem, o francês e o inglês; iniciou-se na literatura; lia Lamartine, Victor Hugo, Fénelon, Chateaubriand, Bossuet; era enfim, a primeira aluna. Mas em 1890, com apenas quatorze anos a adolescente teve que partir, apressadamente, em busca de melhores climas. Era a tuberculose que se manifestava. Percorreu o agreste e o sertão do Rio Grande do Norte, procurando recuperar a saúde: Angicos, Nova Cruz, Utinga, São Gonçalo, etc. Neste último município, residiu numa propriedade que ela denominou de "Alto da Saudade". Essas peregrinações tinham intervalos em Natal, Serra da



Raiz, na Paraíba, e em Macaíba, onde voltou a viver. Aí lia muito: Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Luís Murat, Guerra Junqueiro, Antônio Nobre, Marco Aurélio, Santa Teresa, Thomás de Kempis; a "Imitação de Cristo" era o seu livro de cabeceira.

O ano de 1893 assinala intensa atividade poética de Auta de Souza, então, com dezessete anos. É o ano em que Cruz e Souza lança Missal e Broquéis, oficializando, assim, o Simbolismo no Brasil.

Em 1897, Auta de Souza reúne as produções de 1893 a 1897 sob o título de Dhálías<sup>(5)</sup>, mas em 1898, trocou o nome para Horto.<sup>(6)</sup>

No momento histórico em que Auta de Souza viveu, dois períodos foram fundamentais para o desenvolvimento da consciência nacional: o primeiro de 1885 a 1889, clímax das manifestações abolicionistas e republicanas; e o segundo de 1889 a 1893, período da República da Espada. Auta viveu, pois, entre as manifestações abolicionistas e a instalação da República. Assim, não se poderia estranhar o alheamento da poetisa a esses fatos sociais? Sabemos que uma das funções da poesia é a função social, na qual a poesia deve mostrar-se engajada, isto é, participante da História do país, através de uma ideologia que o artista coloca em sua poesia. Mas, esse alheamento não poderia ser justificado pelo fato de Auta de Souza ser lírica? O lírico não representa o mundo exterior e objetivo, não sente necessidade de descrever o real que se estende perante o "EU". O que importa à poesia lírica é o sujeito individual, as situações e os objetos particulares, uma vez que a lírica enraiza-se na revelação e no aprofundamento do "EU".<sup>(7)</sup> Isto não significa, entretanto, que o mundo exterior, os seres e as coisas constituam um domínio estranho ou indiferente ao poeta lírico. T. W. Adorno em "Lírica e sociedade" fala dos vínculos entre lírica e sociedade. Segundo ele, a obra lírica reflete a sociedade na medida em que esta obra recusa o social e ela própria é um refúgio para a subjetivida-

de ameaçada. Adorno chega a salientar que,

"As mais altas formações líricas são, portanto, aquelas em que o sujeito, sem resto de matéria pura soa na linguagem, até que a própria linguagem se faça ouvir. O auto-esquecimento do sujeito, que se abandona à linguagem como algo objetivo e a imediatez e involuntariedade de sua expressão, são o mesmo: deste modo a linguagem mediatiza, da forma mais íntima, lírica e sociedade. Por isto, a lírica se mostra comprometida socialmente do modo mais profundo justamente onde não se manifesta em tudo conforme com a sociedade, onde nada comunica, mas onde o sujeito, bem sucedido em sua expressão se situa em igualdade com a própria linguagem, com o que constitui a aspiração desta".<sup>(8)</sup>

É o caso, diríamos, de Auta de Souza, cuja obra não reflete o social, mas a sua linguagem precisa, popular e lírica corresponde às aspirações de um determinado público e, por conseguinte, é ouvida pelo povo.

Outro fato também merece registro: Auta de Souza assinou um manifesto de escritores natalenses a Emile Zola que havia sido processado na questão Dreyfus.<sup>(9)</sup> Este acontecimento, segundo Luís da Câmara Cascudo, atesta a independência mental da autora Norte-Rio-Grandense.<sup>(10)</sup>

A noção a respeito de uma criatura, elaborada por outra, é sempre incompleta,<sup>(11)</sup> pois cada fragmento que captamos, através de conversas, informações, leituras, etc., pode formar uma idéia coerente desse ser, mas essa idéia é aproximativa, descontínua. Daí porque o nosso conhecimento dos seres humanos é limitado e fragmentário. Luís da Câmara Cascudo tem consciência dessa realidade, pois chega a afirmar: "Auta de Souza que estudei deve ser outra. Mas é a minha".<sup>(12)</sup> Nesse caso, o que podemos atestar de concreto é a aceitação/permanência da obra poética de Auta de Souza, o que nos leva a concluir que, só através da Arte é que o homem pode construir no plano da eternidade. Este fato se presentifica através dos juízos críticos emitidos sobre Auta de Souza e os versos do Horto, que se

caracterizam, no seu conjunto, pela compreensão, pelo respeito, pela valorização e pelo acatamento dispensado à poetisa e ao seu trabalho. Esta crítica parece constatar a ressonância de Auta de Souza e da sua obra ao meio, configurando, assim, aquele permanente jogo de relação entre autor/obra/público de que nos fala Antônio Cândido.<sup>(13)</sup> Realmente, não se pode negar que o Horto, como toda arte, é um sistema simbólico de comunicação e, como tal, exerceu e continua, até hoje, exercendo um diálogo entre o público, configurado pelos meios de comunicação (livro, jornal, rádio, disco, etc.), pela formação de opiniões literárias e outros setores mais restritos. Assim, o público é o espelho que reflete a imagem do autor enquanto criador.<sup>(14)</sup>

Na primeira edição do Horto<sup>(15)</sup> o prefácio de Olavo Bilac adverte que a nota mais encantadora do Horto é o misticismo e por isto, "para os que amam a linguagem divina do verso, ele será um desses livros que se lêem e relêem com um encanto crescente".<sup>(16)</sup>

Em 1910, sai a segunda edição do Horto<sup>(17)</sup> e neste mesmo ano, Nestor Vitor, em artigo publicado, na imprensa do Rio de Janeiro, exalta os versos de Auta de Souza e o seu talento:

"Com o Horto esta terra conta mais um livro que é órgão legítimo da expressão solicitada pelo nosso lirismo(...) são poesias que traduzem a poesia verdadeira (...) representando uma nova justificativa de como a vida pode ser sempre dignificada pelo talento..."<sup>(18)</sup>

Jackson de Figueiredo, num ensaio de 1924, observa a popularidade dos versos de Auta de Souza, e vê neles "a mais alta expressão de nosso misticismo".<sup>(19)</sup>

Também, em 1924, Tasso da Silveira escreve um artigo "As Mulheres Poetas do Brasil", onde já prevê a permanência dos versos de Auta de Souza, ao afirmar que muitas edições ainda se farão do

Horto, "a proporção que melhor for sendo apreciada (...) a manifestação desta alma (...) de artista".<sup>(20)</sup>

Na terceira edição do Horto,<sup>(21)</sup> o prefácio de Alceu Amoroso Lima fala da aceitação dos versos de Auta de Souza, fato que ele comprova pelo esgotamento das duas edições anteriores do livro. Por outro lado, já atesta a permanência de Auta de Souza, ao afirmar que a sua poesia "até hoje não envelheceu".<sup>(22)</sup>

Agripino Grieco chama Auta de Souza de "dulcíssima", na "dolência própria dos mestiços" e a coloca acima de Cecília Meireles.<sup>(23)</sup>

Manuel Bandeira e Edgard Cavalheiro consideram o Horto uma das obras primas da lírica brasileira,<sup>(24)</sup> enquanto Andrade Muricy<sup>(25)</sup> e Otto Maria Carpeaux,<sup>(26)</sup> em seus volumes críticos, atestam o espiritualismo religioso dos versos de Auta de Souza.

Para Massaud Moisés, a primeira qualidade do Horto reside no seu caráter literário, quer como documento humano, quer como obra de arte. Salienta, também, que o valor de Auta de Souza "demora na altura e pureza de seu lirismo desencantado e místico, fruto de uma legítima vocação poética."<sup>(27)</sup>

O Horto encontra-se, atualmente, em sua quarta edição<sup>(28)</sup> e sobre ele e a autora existem, ainda, outros artigos, resenhas e ensaios de autores potiguares e de outras cidades do Brasil, publicados em jornais, revistas e livros, que serão citados na fortuna crítica, constante na bibliografia geral do presente estudo.

É possível que, através do que já foi, sumariamente, exposto, se possa perceber que os versos de Auta de Souza foram acatados pela crítica do Brasil: a do passado e a contemporânea, fato que ates-

ta a aceitação/permanência da poetisa potiguar. Assim, o destino da obra está ligado a esta circunstância: o autor ser reconhecido ou não pela sociedade como criador ou intérprete.<sup>(29)</sup> No caso de Auta de Souza, o seu destino foi ser reconhecida, pela sociedade, como intérprete dos sentimentos do povo, que até hoje vive a sua obra, aceita-a, decifra-a, confirmando, desse modo, as investigações gramscianas, sobre a literatura que se volta para o povo, tão bem definida em Literatura e vida nacional.<sup>(30)</sup>

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - WELLEK, René/WARREN, Austin. Teoria da literatura. 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1955, p.91.
- 02 - A vida de Auta de Souza foi marcada pela sombra da morte. Com cinco anos, ela já era órfã de pai e mãe, além de ter assistido, aos onze anos, a morte do irmão, Irineu, numa explosão de candieiro. Aos 14 anos ficou tuberculosa, doença que a perseguiu até a morte, ocorrida em Natal, no dia 7 de fevereiro de 1901, quando a poetisa, ainda, não havia completado 25 anos. Pela ocasião do desenlace, vários órgãos, estabelecimentos e escritores de vários lugares do Brasil manifestaram, por escrito, grande pesar pelo prematuro falecimento da poetisa potiguar (vide anexo).
- 03 - CASCUDO, Luís da Câmara. Vida breve de Auta de Souza. Recife, Imprensa Oficial, 1961, p.45, 46, 47, 145, 151.
- 04 - WELLEK, René/WARREN, Austin. Op. Cit.p. 97.
- 05 - Antes de o Horto tomar feição de livro, Auta de Souza tinha os seus versos manuscritos enfeixados em um caderno que ela denominou de Dhálías, com produções de 1893 a 1897 (vide anexo). Em 1898, Auta de Souza transpôs os versos do Dhálías, também manuscritos, para outro caderno que ela intitulou de Horto (vide anexo). Quando da transposição do primeiro caderno para o segundo, muitos versos sofreram alterações, quer quanto aos títulos, quer quanto às dedicatórias e outros, até, nem foram incluídos no segundo caderno. No Dhálías, por exemplo, está o poema "A luz de teu olhar" e no Horto o poema reaparece denominado "Olhos de Santa", com algumas alterações vocabulares. Por outro lado, o poema "A ti", que figura no Dhálías, reaparece no Horto denominado "À Eugênia". O mesmo acontece com o poema "A alguém" que figura no Dhálías, mas no Horto, o mesmo reaparece com o título de "A alma de minha mãe". Estas e outras alterações, segundo Luís da Câmara Cascudo (in:Vida breve de Auta de Souza, Recife, Imprensa Oficial, 1961, ps. 114, 115), deve-se ao fato da poetisa não ter permitido "a inclusão de nenhum poema do seu romance de amor no Horto". É que Auta de Souza teve um romance com o bacharel paraibano João

Leopoldo da Silva Loureiro, na época promotor em Macaíba. Este faleceu em 1897, na Paraíba, ano que fecha o primeiro caderno de versos de Auta de Souza. O romance, porém, findara antes, por imposição da família da poetisa potiguar.

Quanto ao segundo caderno de poemas de Auta de Souza, denominado Horto, e do qual saiu, definitivamente, a primeira edição do Horto, é preciso salientar que, ali alguém lera e anotara, à lápis, o volume, sugerindo, criticando, elogiando (vide anexo). Este censor, segundo Luís da Câmara Cascudo (in Vida breve de Auta de Souza, Recife, Imprensa Oficial, 1961, p.98), foi o deputado gaúcho Arthur Pinto da Rocha que, ao folhear o livro de Auta de Souza ficou encantado e fez as respectivas anotações.

- 06 - A troca do título Dhálías para Horto, não seria indício de identificação de Auta de Souza com o Simbolismo? Segundo Andrade Muricy (in Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. 2ª edição, Brasília, MEC/INL, 1973, volume II, p.1.238), o vocábulo horto foi um dos mais utilizados pelos simbolistas brasileiros.
- 07 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar. Teoria da literatura. 3ª edição, Coimbra, Livraria Almedina. 1979, p. 227-228.
- 08 - ADORNO, Theodor. "Lírica e sociedade". In Textos escolhidos. Traduções de José Lino Grünnewald et al. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p.198.
- 09 - O caso Dreyfus foi um escândalo na vida política francesa, entre 1894 e 1914. Em dezembro de 1894, o capitão Alfred Dreyfus, em meio a uma onda de paixão nacionalista e anti-semita, foi condenado por ter comunicado informações ao adido militar alemão em Paris. Embora inocente, Dreyfus foi deportado para a ilha do Diabo (Guiana Francesa). A acusação se havia fundado sobre um bordereau roubado por um espião francês na embaixada da Alemanha em Paris. O processo foi mantido em segredo pelo Conselho de Guerra, até que, em 1896, o Comandante Picquart descobriu que o verdadeiro autor do bordereau era um oficial vinculado ao Estado-Maior francês, o Comandante Esterházy, que passou pelo Conselho de Guerra e foi absolvido. Parte do país, escudada nos republicanos de esquerda e nos radicais, e com o apoio de um grupo de intelectuais de esquerda, entre estes Clemenceau, em seu jornal L'aurore, J. Reinach, em Le Siècle e Émile Zolá com a sua Carta J'accuse, revelou as irregularidades do processo e empreendeu campanha para a sua revisão. Por causa da carta publicada a 13 de janeiro de 1898, contra o Estado-Maior, Zolá foi submetido a uma corte criminal e foi condenado. Em setembro, descobriu-se que a única peça condenatória dos autos era uma fraude fabricada pelo Coronel Henry, que, preso, confessou e, depois, se suicidou. O Governo ordenou,

então, a abertura pública de um processo de revisão. A opinião pública se empolgou. Os dreyfusistas, a esquerda, exigiam a "justiça e a verdade" e desenvolveram campanha antimilitarista. Os antidreyfusistas, "em nome da honra do Exército e do interesse da Pátria," se opunham à revisão e reavivaram a campanha anti-semita. A França inteira se dividiu e passou a viver numa atmosfera de guerra da religião. Ocorreram manifestações cada vez mais violentas. A Corte de Cassação pôs Dreyfus, de novo, ante o Conselho de Rennes, onde foi outra vez condenado, em setembro de 1899. Loubet o indultou e, em julho de 1906, a Corte de Cassação reabilitou Dreyfus, que foi nomeado chefe de batalhão e agraciado com a Legião de Honra. Em 1930, a publicação dos "Cadernos" do adido militar alemão provou, definitivamente, a inocência de Dreyfus e mostrou que o verdadeiro culpado, mas não o único, fora Esterházy (Grande Enciclopédia Delta Larrouse. Rio de Janeiro, Ed. Delta S. A., vol. 4, p.2.280).

10 - CASCUDO, Luís da Câmara. Op cit. p. 81.

NOTA: Luís da Câmara Cascudo afirma que soube, através de Henrique Castriciano, irmão de Auta de Souza, da assinatura desta em uma das moções de solidariedade, enviada pelos literatos de Natal, a Emile Zolá. Cascudo, entretanto, não fornece outros detalhes sobre o assunto. Acreditamos, entretanto, que este manifesto foi organizado pela Revista do Rio Grande do Norte, do Grêmio Polimático, do qual Auta de Souza era sócia e colaboradora. Um dos objetivos do grêmio Polimático era manter comunicação constante com os centros intelectuais do País e do estrangeiro (vide estatutos do Grêmio in anexo). Por outro lado, no ano em que Zolá publicou a Carta J'accuse (1898), com a qual foi processado, a Revista do Rio Grande do Norte publicou as matérias "A questão Dreyfus", p.133 e "Dreyfus-Zolá", p.459 (vide anexo).

11 - CÂNDIDO, Antônio. "A personagem do romance" In: A personagem de ficção. 6ª edição. São Paulo, Perspectiva. 1981, p.56.

12 - CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit. p.18.

13 - CÂNDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 5ª edição, São Paulo, Nacional, 1976, p.22.

14 - Id. Ibid. p.22, 77.

15 - A primeira edição do Horto foi publicada em 1900, em Natal - RN, nas oficinas gráficas de A República, biblioteca do grêmio Polimático. Foi prefaciada por Olavo Bilac e possui cento e quatorze (114) poemas. Esta edição está totalmente esgotada e é tida como relíquia na Biblioteca "Auta de Souza" da Escola Doméstica de Natal, fundada por Henrique Castriciano, irmão de Auta de Souza (vide anexo).



- 16 - BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. Prefácio à primeira edição do Horto. In Souza, Auta de. Horto, 1ª edição, Natal, tipografia d'A República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900, p. 13,15.
- 17 - A segunda edição do Horto saiu em 1910, com ilustrações de D. O. Wild-Lopff e foi editado, em Paris, pela Aillaud Alves Cia. Traz uma nota de Henrique Castriciano e possui cento e trinta e um (131) poemas, isto é, os cento e quatorze (114) poemas da edição anterior, apenas modificados, ligeiramente, a disposição, acrescidos de dezessete poemas inéditos de Auta de Souza (vide anexo).
- 18 - VITOR, Nestor. "Horto". Poesias de Auta de Souza. Artigo de 1911, reunido na A Crítica de Ontem. In Coleção de textos da língua portuguesa moderna 5. Obra crítica de Nestor Vitor. Rio de Janeiro, MEC, Fundação casa de Rui Barbosa, 1969, volume I, p. 421.
- 19 - FIGUEIREDO, Jackson de. Auta de Souza. Coleção Eduardo Prado, série C, Rio de Janeiro, Centro D. Vital, Tipografia do Anuário do Brasil, p. 12, 13, 33, 49, 50, 53, 59.
- 20 - SILVEIRA, Tasso. "As mulheres poetas do Brasil" IV. "Auta de Souza". In: Terra de sol. Rio de Janeiro, agosto de 1924, nº 8, p.206.
- 21 - A terceira edição do Horto saiu em 1936, no Rio de Janeiro, Tipografia Batista de Souza. Reúne o mesmo texto da edição anterior e traz o prefácio consagrador de Alceu Amoroso Lima. (vide anexo).
- 22 - LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio da 3ª edição do Horto. In: SOUZA, Auta de. Horto. 4ª edição, Natal, Fundação José Augusto, 1970, p.9.
- 23 - GRIECO, Agripino. Obras completas de Agrippino Gieco. 2. Evolução da poesia brasileira. 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947. p. 162, 163.
- 24 - BANDEIRA, Manuel. CAVALHEIRO, Edgard. Obras primas da lírica brasileira. São Paulo, Martins. 1943, p.186.
- 25 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2ª ed. Brasília, INL/MEC, vol. II, p.619.
- 26 - CARPEAUX, Otto Maria. Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. 1951. p.188.
- 27 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, p. 164, 170.
- 28 - A quarta edição do Horto foi publicada em Natal, pela Fundação José Augusto, em 1970. Esta edição reúne as mesmas produções da 2ª e 3ª edições, isto é, cento e trinta e um (131)

poemas. Para o nosso trabalho, utilizamos esta última edição, pois as anteriores estão esgotadas.

- 29 - CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 5ª edição, São Paulo, Editora Nacional, 1976, p.25.
- 30 - GRAMSCI, Antônio. Literatura e vida nacional. Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 90, 95, 104.

## II - A AUTORA E O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

### 2.1 - CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO

O período que abarca o nascimento e a morte de Auta de Souza corresponde às três últimas décadas do século XIX e abertura do século XX, ou seja, vai de 1876 a 1901. Historicamente, este período corresponde ao processo de maturação da nacionalidade e, literariamente, coincide com o momento do "complexo estilístico pós-romântico", designação feliz que José Guilherme Merquior empresta ao Realismo, ao Naturalismo, ao Parnasianismo, ao Impressionismo e ao Simbolismo, "estilos que são mais simultâneos do que sucessivos" e, por isto, não possuem uma hegemonia semelhante à do Romantismo ou do Neoclassicismo. (1)

Por outro lado, ocorre, neste período, um incremento na inteligência, na cultura, nas artes e nas letras do País que procuram uma maior integração com a realidade brasileira.

Com efeito, trata-se de um momento diversificado, cujas transformações começam a assumir aspectos evidentes e a definir a sua fisionomia, através de reformas, contrastes e choques que se alastram a todos os domínios da atividade.

A questão do escravo é a questão política por excelência no fim do Império. Ela anuncia muito do que é o novo na estrutura nacional e mostra que o novo ganha faixas cada vez mais amplas de opiniões e de interesses. A instituição revela-se próxima do fim, quando a propriedade agrária se divide, em face da questão servil,

pelo contraste entre uma lavoura tipicamente colonial, como é ainda a da cana-de-açúcar, e uma lavoura em que se introduziam nítidas relações capitalistas de produção como a do café. Formam-se, assim, forças de uma classe tradicional e forças de uma classe que se desenvolve, como a classe média, ambicionando participar do poder.

O reformismo também se evidencia no aparecimento da idéia republicana que começa a denunciar o profundo atraso da propriedade da terra, o contraste entre o novo e o velho, na extensão geográfica do País e na disparidade do desenvolvimento das diversas regiões.

Nesse quadro cheio de contrastes e, por vezes confuso, a atividade intelectual começa a encontrar um novo sentido. Já se presencia um caminho literário de participação que se faz sentir na presença dos escritores nas campanhas republicanas e abolicionistas, contribuindo, assim, para que o período se caracterize, também, por uma intensa atividade intelectual e por uma enorme participação do escritor.<sup>(2)</sup>

Não admira, pois, que tal fase valorize a inteligência que invade todos os domínios com um excesso curioso, associado, talvez, ao timbre aristocrático que a inteligência deseja sempre aparentar, em sociedades como a brasileira.<sup>(3)</sup> Os intelectuais do tempo começam a diferenciar-se daqueles destinados apenas à literatura e distinguem-se pela sua atividade e por um grande esforço em afirmar o seu papel, como é o caso de Rui Barbosa.

As alterações que afetam a estrutura econômica do País, acabam por frisar o contraste, entre a tradicional atividade agrícola, já sensivelmente modificada, e as atividades urbanas em ascensão, particularmente as indústrias. Tais alterações proporcionam à

classe média uma força e um papel que antes não tinha. O aparecimento dessa classe, no quadro político do Brasil, é o fenômeno social por excelência deste período. A nova classe, conjugando os seus esforços com os da classe dominante, provoca as modificações reformistas do declínio do Império e deflagra a República.

O escritor, como elemento da classe média, participa, agora, nos acontecimentos do tempo e passa a ser considerado parte integrante da vida social. Consequentemente, a sua obra começa a ter o acatamento que antes mal existia. Este processo é simbolizado pela fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897 que, de certo modo, vem oficializar a literatura, ao se tornar uma instituição consagrada pelo mundo oficial e pela opinião. (4)

A atividade do escritor começa, também, a revelar um contraste entre o velho e o novo, pois se por um lado, denuncia o quadro nacional que ainda permite a influência de conceitos oriundos da transplantação, com o seu conteúdo essencialmente colonialista, por outro, revela um enorme interesse pelo País, uma intensa curiosidade pelos seus motivos, o desejo de afirmar um sentido nacional para as criações artísticas. O contraste também se evidencia entre a tendência acadêmica, procurando instaurar nas letras os padrões de dignidade, respeito e burguesia e a irregularidade de uma boemia vigorosa que procura levar a vida de escritor livre, indiferente aos padrões burgueses.

Outros fatores, também, denunciam a presença de um colonialismo cultural: o culto exagerado da forma; a tendência em valorizar o humanismo greco-latino; o apuro da linguagem. Esses excessos, entretanto, denunciam a preocupação de valorizar o saber literário. É preciso reconhecer, contudo, que há escritores que já influenciam nas novas gerações. (5) Portanto, apesar da erudição formal, da imaturidade para o entendimento do humanismo e outras falhas, a fase

que medeia o declínio do Império e que se estende até o rompimento da Primeira Guerra Mundial - fato este que os historiadores consideram o fim do século XIX - corresponde a um período de intensa atividade literária no Brasil e denuncia importantes e profundas modificações na vida brasileira.

Auta de Souza situa-se nesse contexto e a sua presença, nesse momento histórico, cultural e literário, é assinalada por Wilson Martins, em cujo livro, História da inteligência brasileira, inclui o Horto entre as publicações notáveis desse período.<sup>(6)</sup>

## 2.2 - A DÉCADA DE 70

As profundas alterações que repercutem na vida nacional, do fim do século, principiam na década de 70, e as suas principais idéias giram em torno da Abolição e da República. De fato, já em 1870, uma ala dos progressistas funda o Partido Republicano que se alia com alguns políticos de São Paulo, então, interessados na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre.

Por outro lado, a década de 70 sofre a grande influência das filosofias de cunho materialista que se opõem às filosofias de cunho espiritualista do Romantismo. O centro irradiador das novas idéias é a Faculdade de Direito do Recife e os seus partidários, entre eles Tobias Barreto, Sílvio Romero e Capistrano de Abreu, passam a investigar os caracteres originais da nossa Sociedade, à luz do determinismo, da raça e do ambiente, ao mesmo tempo em que divulgam e aplicam à política, ao direito, à literatura, os princípios das novas filosofias européias, como o Positivismo e o Evolucionismo, principais encarnações do materialismo de origem científica.<sup>(7)</sup>

A literatura situa-se nesse contexto, através de seus escritores que procuram dar às suas obras, sobretudo no romance e no

conto, o mesmo caráter de crítica social, de análise realista, de interpretação da conduta à luz dos fatores condicionantes. Assim esse período é marcado, no início, por um denominador comum: a oposição ao Romantismo, a base das manifestações literárias do período, como o Realismo e Naturalismo, na prosa e o Parnasianismo na poesia. Os realistas e naturalistas preferem temas ligados aos costumes regionais e urbanos, aos aspectos sexuais da conduta, à análise psicológica. O timbre diferenciador dessa reação anti-romântica surge com a poesia parnasiana, caracterizada pela preocupação com a forma, pelo gosto da precisão descritiva, pela correção gramatical, pelo tom acadêmico, às vezes bastante desagradável.

### 2.3 - A DÉCADA DE 80

O Realismo e o Naturalismo principiam, oficialmente, no Brasil, em 1881 com as Memórias póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis e O mulato, de Aluísio Azevedo, respectivamente. As Fanfarras, datado de 1882, de Teófilo Dias é considerado o primeiro livro parnasiano. Mas, seja como for, a partir de 1883, não há mais dúvida quanto ao advento e rápido triunfo da nova corrente, com alguns jovens que haviam estreado no verso romântico: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac.

Assim, na década de 80, a nossa geração realista atinge o clímax da sua atuação revolucionária, quer no campo da literatura de ficção e de idéias, quer no campo social e político. A este respeito recorde-se a Abolição, em 1888 e a República, em 1889.

No fim da década de 80 começa a manifestar-se, entre os próprios realistas e da parte de uma geração nova, a convicção de que o ideário da revolução mental, literária e política triunfante, está a ser superado.<sup>(8)</sup> Em 1887, Medeiros e Albuquerque toma consciência da renovação poética realizada pelo grupo mallarmista francês e, em 1888, Ararique Junior, nas Novidades, e Gama Rosa, na

"Tribuna liberal" procuram definir, em artigos de crítica o conteúdo e a técnica poemática da nova poesia.

Enquanto o Realismo se esgota, desenvolve-se, no fim da década de 80, um novo estilo que recebe a denominação de Impressionismo.<sup>(9)</sup> No entanto, a linha parnasiana resiste e domina, prolongando-se até próximo do Modernismo. No Brasil, por exemplo, "ela suplanta as outras tendências, a ponto de, na época, o movimento simbolista passar despercebido."<sup>(10)</sup> O prestígio parnasiano foi tanto, que condicionou, inclusive, a fundação da Academia Brasileira de Letras. Contudo, há que se admitir, que a oratória política, o jornalismo e a literatura já denunciam o crepúsculo da era realista.

#### 2.4 - A DÉCADA DE 90

Abolida a escravatura, proclamada a República e, pouco depois, sistematizados os ideais da revolução na constituição de 1891, de pronto vai parecendo que a ação revolucionária e o seu idealismo constitucional estão em discordância com o sentido mais profundo da realidade nacional. A revolução republicana fora o ponto de chegada da atuação da geração realista, atuação esta que, a partir do último decênio do século, vai-se examinando, criticando e tentando superar. Assim, o que se presencia do decênio de 90 até 1910, é a imposição de um espírito anti-realista, antimaterialista, antipositivista. É a era simbolista que desponta, cujo primeiro manifesto é lançado em 1891, na "Folha popular", jornal carioca, por Emiliano Pernetta, Cruz e Sousa, Oscar Rosas e B. Lopes os quais descontentes com o Naturalismo/Romantismo/Parnasianismo, ostentam os novos ideais estéticos e literários, conhecidos como "decadentistas", de inspiração francesa. Além desse grupo do Rio de Janeiro, no Ceará, outro grupo de jovens, funda em 1892 uma sociedade literária, chamada "Padaria Espiritual". Está, assim, lançado, no Brasil, o movimento Simbolista, que é oficializado em 1893 com os livros Missal e Broquéis, de Cruz e Sousa.



A vida política brasileira dessa época é caracterizada pela insatisfação e inquietação provocadas, principalmente, pelos monarquistas inconformados com a República. (11)

No que se refere à vida espiritual, supera-se o Materialismo e as suas manifestações, particularmente o Positivismo, que tanta influência exercera na Revolução Republicana e na Constituição de 91, pela ação do Apostolado Positivista, sob a presidência de Teixeira Mendes. No lugar dessas tendências procura-se repor o Espiritualismo católico. (12)

Se a época realista é a época do entusiasmo pelas culturas alemã e americana, a época simbolista volta-se para a cultura francesa. (13)

A década de 90 é, também, caracterizada por uma onda de Nacionalismo, (14) que visa afirmar, em nossa consciência, o problema de ser brasileiro e, como tal, procurar dar um sentido nacional aos motivos do País. Essa campanha nacionalista é, assim, "a busca de resposta à pergunta da auto-definição nacional, da auto-identificação, isto é, do conjunto de qualidades e defeitos que tornam o brasileiro diferente dos outros povos e, ao mesmo tempo, igual a todos os outros brasileiros". (15)

Essa onda nacionalista prossegue até 1922, mas só daí em diante é que o sentimento nacionalista se consolida na vida do povo brasileiro.

## 2.5 - A LITERATURA SIMBOLISTA

A literatura simbolista pode ser considerada como uma reação aos preceitos de base materialista e positivistas nas quais se fundamenta a estética realista. Antes de tudo, é uma revolta contra o cientificismo que domina o século e, por isso, em oposição à filo-

sofia das ciências (positivas, exatas, objetivas, experimentalistas), os simbolistas passam a apregoar a Filosofia do Espírito. Daí o cunho metafísico da estética simbolista; a busca de isolamento e de estados subjetivos; a revalorização do idealismo e dos mundos transcendentais, sobrenatural, espiritual, místico; o amor à musicalidade; a adoção da beleza pura. Para isso, os simbolistas procuram utilizar uma linguagem pontilhada de imagens, metáforas, símbolos, renunciando, assim, a tudo que seja descrição objetiva e racional. Desse modo, a essência do simbolismo é, por um lado, a revalorização dos mundos subjetivo e metafísico, e, por outro, a revalorização do estilo. No primeiro caso, a sondagem ao mundo interior, realizada então, pela filosofia, determina uma literatura nova pelo que expressa do homem e da realidade que nele se reflete. Contra a concepção materialista do homem (apenas organismo produzido e conduzido pelo determinismo das leis de um universo mecânico), a literatura desta época passa a revelar que a criatura humana não é conduzida, apenas, pelos imperativos das leis da natureza, mas pelas forças de sua espiritualidade, pelo sentimento, pela moral, pela inteligência, pelo consciente, pelo subconsciente, pelos instintos.

Quanto ao segundo caso, (a revalorização do estilo), a literatura da época inicia uma era artística caracterizada pela preocupação de operar uma revolução formal, que se faz tanto no sentido do inteiramente novo (alteração do aspecto gráfico, processos sinestésicos, renovação da métrica, estilo elíptico, assonâncias, aliterações, desvios sintáticos, etc.), quanto no sentido da reabilitação de soluções passadas e esquecidas (a expressão popular de cunho tradicional e nacional, o culto de antigas formas poéticas, o emprego de vocábulos arcaicos, a revalorização da Idade Média, do Classicismo, do Barroco, etc.). Essa preocupação se traduz por um lado, com a redescoberta de um estado lírico, subjetivo, espontâneo e, por outro, com a descoberta do sentido transcen-

dente da realidade, o que resulta numa literatura caracterizada pela sutilidade dos conceitos e das imagens, pelo poder sugestivo das palavras, enfim, numa literatura preocupada com a arte da expressão, com o culto do estilo. É, portanto, uma literatura aristocrática, para os cultos, de estilo fino e forma requintada.

Em resumo, a literatura do fim do século XIX e começo do século XX se distingue da literatura realista no conteúdo e na forma; no conteúdo, expressa a realidade apoiada nas tendências da Filosofia antimaterialista: Idealismo, Metafísica, Panteísmo, Psicologismo, etc.; e na forma, procura explorar os suportes sonoros, semânticos e sintáticos da linguagem.

Por fim, resta assinalar que a literatura simbolista apresenta uma fecundidade rara e brilhante e isto, graças a alguns poetas franceses, belgas, alemães, russos, e a outros na Espanha, Inglaterra ou na América, que procuraram servir, cada um a seu modo, às principais intenções renovadoras daquela estética, dando continuidade, assim, a obra de seus predecessores franceses.

#### 2.5.1 - Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Verlaine: elementos propulsores da Revolução Poética

A poesia simbolista está intimamente associada a três textos franceses: "Correspondances", de Baudelaire (1857), "Alchimie du Verbe", de Rimbaud (1873) e "Art Poétique", de Verlaine (1884). Todavia, o núcleo do Simbolismo está, sem dúvida, na obra de Mallarmé, cuja influência já se manifesta em 1876.

É dentro do próprio Parnasianismo que o Simbolismo começa a se esboçar, através do Soneto "Correspondances" ("Correspondências") de Charles Baudelaire, escrito em 1855 e que é o número quatro da primeira parte do livro Fleurs du mal (Flores do mal), publicado em 1857. Esse soneto, falando em "florestas de símbolos" e

nas correspondências das imagens acústicas, visuais e olfativas, desenvolve a teoria sinestésica e aceita a teoria da linguagem universal, em que as analogias correspondem a revelações metafísicas, identificando-se, portanto, com os símbolos, elementos concretos através dos quais as coisas materiais se ligam às espirituais.<sup>(16)</sup>

Seria, por assim dizer, uma afinidade íntima, uma analogia entre todas as coisas do universo, uma correspondência entre o mundo material e o mundo espiritual. Baudelaire revela, assim, que o visível pode nos fornecer um esboço do "invisível", através de místicas correspondências, pois para ele cada metáfora revela a realidade profunda do mundo desconhecido que o poeta desvenda. Este é, pois, um vidente que através da linguagem das coisas visíveis, capta experiências sobrenaturais e faz, através da intuição, a exploração do mundo interior.

Também na prosa baudelaireana, onde estão os seus pensamentos mais ricos e profundos, principalmente em Les paradis artificiels (Os paraísos artificiais), o escritor trata, igualmente, da analogia universal e afirma que o poeta é o tradutor dessa analogia, o decifrador de hieróglifo.

Entretanto, o ponto de partida para o estabelecimento dos cânones estéticos e conteudísticos do Simbolismo é o soneto "Correspondances", e, por isto, pode ser considerado um manifesto pré-simbolista, talvez de maior significado, do ponto de vista da concretização do ideário estético do Simbolismo, do que o manifesto de Jean Moréas.

Há quem considere Baudelaire, não apenas um precursor do Simbolismo, mas o maior dos simbolistas franceses, pois sua poesia não só esboça, mas até cristaliza as diretrizes fundamentais do movimento.

Em Arthur Rimbaud predomina a preocupação com as possibilidades mágicas e alucinatórias da poesia. Para ele, o poeta deveria ser um vidente do mundo desconhecido, revelado através de uma linguagem delirante e enigmática. Essa busca de vidência e de experiências audaciosas de delírio lúcido, Rimbaud revela desde Le bateau ivre (O barco ébrio, 1871) e continua até Une saison en enfer (Uma temporada no inferno, 1873) e em Iluminations (Iluminações, 1872-1873). Nessas obras, o poeta liberta-se, progressivamente, de todo vínculo lógico ou psicológico e cria um universo de imagens puras, suscitadas, livremente, pela palavra.

É em Une saison en enfer, livro de linguagem sugestiva, que se encontra o seu texto "Alchimie du verbe" (Alquimia do verbo).

O seu soneto "Les voyelles" (As vogais) é uma reelaboração dos princípios sugestivos de Baudelaire. No primeiro verso de "Voyelles", Rimbaud dá a cor das vogais: a (preto); e (branco); i (vermelho); u (verde); o (azul). É aí que se encontra o fundamento da alquimia verbal do autor, suas alucinações sensoriais, capazes de fazer a palavra saciar todos os sentidos e absorver a cor e o som.

O Rimbaud pré-simbolista cintila, apenas, nos poemas da primeira fase à qual pertence o já citado soneto, "Les voyelles". Iluminations e Une saison en enfer não são poesias pré-simbolistas, mas simbolistas ou mais que isto, antecipam toda a poesia moderna.

Sem Rimbaud não haveria a evolução da poesia de Baudelaire para a do Simbolismo e, por conseguinte, sem Rimbaud o Simbolismo não existiria.

Após uma primeira etapa do Decadentismo, o Simbolismo começa a se organizar, em torno de Mallarmé que representa a tendência mais intelectual do movimento que passa a reconhecê-lo como mestre.

Com Mallarmé tem início o hermetismo que iria influenciar, mais tarde, a poesia do século XX. A experiência poética de Mallarmé culminou com "Un coup de dés jamais n'abolira le hasard" (Um lance de dados jamais abolirá o acaso, 1897), que abre novos caminhos para o experimentalismo poético que vai caracterizar a poesia européia e, cinquenta anos depois, a poesia de vanguarda, no Brasil. Através de uma longa e dolorosa ascese, o poeta se orienta para uma poesia pura, cada vez mais hermética que não visa à expressão da experiência humana e sim à experimentação sobre a literatura.

A estrutura do verso de Mallarmé, de musicalidade fria e clássica, o seu poder de sugestão e a trama metafórica que o hermetizava, representam um dos pontos mais altos do Simbolismo.

Paul Verlaine estréia em 1866, no primeiro número do Parnasse Contemporain (Parnaso Contemporâneo), coleção que inaugura o Parnasianismo. Neste mesmo ano publica seu primeiro livro Poemes saturniens (Poemas Saturninos), no qual deixa transparecer influência de Baudelaire.

A melhor poesia de Verlaine vai ser produzida na direção do Simbolismo, como Fêtes galantes (Festas galantes, 1869), Romances sens parales (Romances sem palavras, 1874), Sagesse (Sabedoria, 1881) e Jadis et naguère (Outrora e há pouco, 1884), inspirados em sensações e sentimentos indefinidos, de evocações estranhas, expressos com arte aparentemente simples, mas, na realidade, refinada ao máximo e sabidamente musicada.

Com o poema "Art poétique" (Arte poética), escrito em 1874 e publicado em 1884, no livro Jadis et naguère, Verlaine influencia a geração simbolista, da qual se torna, não um precursor, mas um dos grandes definidores do ideário do movimento.

Verlaine cria um ritmo poético novo, o da confiança murmurada e hesitante, um clima poético original, o das sensações atenuadas e da dispersão do ser. Sua obra é, pois, subjetiva, sensorial, musical e, às vezes, deixa transparecer a nota religiosa.

O legado que deixou foi a musicalidade do verso. "De la musique avant tout chose (Antes de tudo a música), proclama o verso inicial do poema "Art poétique" (Arte poética), o qual superando os padrões parnasianos, desenvolve o legado inventivo de Rimbaud. (17)

É verdade que sua obra está alheia aos temas universais, entretanto graças aos acentos populares nela contidos, o público continua a prestigiá-la até hoje, pois Verlaine é poeta muito lido, ainda, dentro e fora de França.

Os decadentistas, místicos, católicos, intimistas, evasionistas, pessimistas, seguem os passos de Verlaine, mas nem todos são, realmente, verlainianos, sobretudo na França, que parecem preferir o Verlaine parnasiano. Os dois únicos verlainianos franceses, talvez sejam: Albert Samain e Leon Deubel. O primeiro melancólico, decadentista, suave e sentimental; o segundo, poeta atormentado pelo sofrimento e que terminou no suicídio.

#### 2.5.2 - Decadentismo/Simbolismo

Os poetas que adotam as idéias de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Verlaine, passam, de início, a ser chamados de "decadentes", porque a partir de 1880 é comum se ouvir dizer que a civilização francesa, do século XIX, está em decadência. Decadentismo não significa nesse contexto, que a arte está decadente, pois o decadentismo artístico aconteceu numa época em que a Europa está em pleno desenvolvimento científico e industrial. O decadentismo é uma crítica aos novos rumos que a sociedade tomou, pois os artistas não aceitam aquele tipo de sociedade burocrática, insensível e burgue-

sa, que só pensa no luxo e no lucro e que relega, para segundo plano, a espiritualidade do homem. Os melhores artistas da época vivem obscuros, pobres, incompreendidos, enquanto os mediócrs são prestigiados pelo público burguês. Assim, a melancolia, o pessimismo, a morbidez que passam a caracterizar a arte decadente, é uma forma de revelar que os artistas estão inconformados com a realidade vigente e, por isso, se isolam da sociedade.

Já em 1868, na primeira edição póstuma das poesias de Baudelaire, Théophile Gautier escreve uma "Notice", considerada o primeiro manifesto da poesia decadente e, em 1869, Mallarmé já desenvolve o tema da impotência e da esterilidade, na sua tragédia Herodiade. O ano de 1882 assinala o surgimento da primeira revista decadente a "Nouvelle rive gauche" ("A nova margem esquerda"). É, também, a partir desse ano, que se começa a usar o termo "decadente", para indicar esse novo gênero de poesia. O termo deriva de um artigo de Paul Bourget, intitulado "Théorie de la décadence" ("Teoria da decadência"), publicado em "La Nouvelle Revue" ("A Nova Revista"), nº XIII, de 15 de novembro de 1881.

Os poetas da época que se preocupam com a decadência são influenciados, talvez, por Nietzsche, que usa o termo "decadente" em sentido pejorativo contra o racionalismo, a burguesia e o cristianismo. Verlaine chega a afirmar que tudo já está comido e bebido; Mallarmé resume tudo na palavra "queda".

O termo "decadente" se difunde depois do soneto "Langueur" ("Langor"), de Verlaine, publicado em 26 de maio de 1883, no semanário "Le Chat Noir" onde ele confessa: "Je suis l'Empire à la fin de la décadence". Mas o termo populariza-se, sobretudo, a partir do artigo que Paul Bourde escreve sobre os poetas decadentes, "Les Décadents", ("Os Decadentes"), publicado em "Le Temps", 6 de agosto de 1885, entre os quais inclui Verlaine, Mallarmé e Jean Moréas. Este



último, depois desse artigo, toma a defesa dos então decadentes, enaltecendo Baudelaire e sugere que o nome mais adequado seria "poetas simbolistas", uma vez que os decadentes procuram o símbolo na sua arte. Nesse mesmo ano, Jean Moréas e Paul Adam fundam a revista "Le Symboliste". Em abril de 1886, Anatole Baju, sob a influência de Verlaine, lança o jornal "Le décadent littéraire e artistique", que publica, na primeira página, o seu manifesto decadente "Aux Lecteurs", realizando-se, desse modo, a separação dos grupos decadentes e simbolistas.

Em 18 de setembro de 1886, logo depois do manifesto de Anatole Baju, Jean Moréas publica, em "Le Figaro", o seu manifesto "Le Symbolisme", definindo, assim, o Simbolismo na França, que incorpora as conquistas decadentes, embora muitas delas, continuem ter vida própria, até que, três anos depois, desaparecem e são absorvidas, totalmente, pelo Simbolismo.

A partir daí, o nome proposto por Moréas prevalece e desaparecidas as revistas grupais, o movimento simbolista obtém, em 1890, a sua grande revista "Le Mercure de France" ("O Mercúrio de França").

No Brasil, o primeiro que se preocupa, oficialmente, com as manifestações decadentes é Medeiros e Albuquerque, o qual, a partir de 1887, começa a tomar conhecimento da nova poética, através de um amigo que mantinha relações com o grupo Mallarmista. A partir daí, Medeiros e Albuquerque passa a escrever um livro que ele intitula Canções da decadência. Teófilo Dias, com Fanfarras (1882), Fontoura Xavier, com Opalás (1884) e Carvalho Júnior podem, contudo, ser considerados precursores de nosso decadentismo e simbolismo, pelo muito que se encontra de Baudelaire em suas composições, <sup>(18)</sup> embora, desde 1872, com Carlos Ferreira, "Les fleurs du mal" tenham começado a influir no Brasil, revelando, assim, que,

por influxo de Baudelaire, o nosso decadentismo surge, mais ou menos simultaneamente, com o da França.<sup>(19)</sup> Mas, o primeiro grupo decadente-simbolista do Brasil é o que se forma, em 1891, em torno da "Folha popular", constituído por Bernardino Lopes, Emiliano Perнета, Oscar Rosas e Cruz e Sousa.<sup>(20)</sup>

### 2.5.3 - Postulados básicos da estética simbolista

O Simbolismo sendo, como já vimos, reacionário ao cientificismo, ao positivismo, ao materialismo dos naturalistas, por causa do caráter objetivista e realista dessas tendências, traz, em oposição a elas, o subjetivismo, isto é, o retorno à atitude de espírito, assumida pelos românticos. Cumpre salientar, entretanto, que o individualismo da geração simbolista difere do individualismo da geração romântica: esta, voltada, fundamentalmente, para o sentimento e para a emoção, apenas desvenda essas camadas superficiais do interior do poeta; aquela, compreendendo, que a poesia não é, apenas, emoção, sentimento, mergulha nas zonas mais profundas do mundo interior do artista. E para que isto aconteça, é preciso ultrapassar a zona do consciente, penetrando, por conseguinte, nas esferas do subconsciente e do inconsciente, imergindo, assim, na vida interior de cada um.<sup>(21)</sup> Foi através da intuição, definida por Bergson e o seu ensaio sobre os Dados imediatos da Consciência (1889), que os simbolistas conseguem descobrir e absorver essas novas realidades interiores. Entretanto, se estas foram passíveis de serem descobertas, examinadas, sentidas, o difícil seria comunicar, aos outros, com palavras, esse universo vago e complexo. Mas, os simbolistas, conscientizados, talvez, de que a arte é, acima de tudo comunicação, criam uma nova linguagem, capaz de traduzir ou expressar as emoções do mundo interior. Para isto, recorrem aos neologismos, aos arcaísmos, aos recursos gráficos como o uso das maiúsculas, das cores na impressão de poemas ou de parte de livros, do Y em lugar do i, etc.<sup>(22)</sup>

Criam, portanto, uma linguagem indireta que não chega a descrever ou definir, mas sim, evocar, sugerir, mostrando, assim, as múltiplas relações existentes entre o conteúdo poético e a palavra correspondente. Os simbolistas com isso, assemelham-se a Mallarmé, que apela para o poder sugestivo da poesia. Por isto os simbolistas adotam o símbolo, pois somente este é capaz de exprimir, sugerindo, as realidades profundas do ser. Só o símbolo pode ser uma síntese, capaz de exprimir, a um só tempo, verdades que são válidas, simultaneamente, em diferentes planos.

Daí se pode concluir que o símbolo adotado pelos simbolistas não é o símbolo utilizado tradicionalmente, mas um símbolo cuja tentativa seria encerrar por meio de metáforas polivalentes, todo o conteúdo vago do interior do poeta. Para isto, os simbolistas operam uma verdadeira transformação nos tradicionais processos metafóricos, utilizando, para tal, a teoria das "correspondências", de Baudelaire, dando, aos símbolos, outras funções.

Acontece, porém, que o símbolo, ao libertar a palavra de sua carga lógica, colocando em destaque, a sua massa sonora, tende a musicalizar o poema, acontecendo, assim, o reencontro da Poesia com a Música. Os simbolistas, mais uma vez, assimilando as "correspondências" de Baudelaire, tentam mostrar essa afinidade entre a Poesia e a Música, cujo ponto de partida é o poema "Art poétique", de Paul Verlaine, que em artigo de 1890, pede que o mesmo seja visto, apenas, como uma canção. A palavra "canção", dentro do espírito da época possui uma conotação musical que corresponde às tendências expressionais que se quer implantar, daí ter sido esse poema, o ponto de partida dos simbolistas. (23)

René Ghil também contribui para mostrar o consórcio entre a Música e a Poesia, chegando ao exagero de demonstrar que cada fonema corresponde a um instrumento. Sua teoria deve muito às idéias de

Wagner a quem os simbolistas dão enorme valor, por ter idealizado uma arte total e sintética, de acordo com a preocupação simbolista para com a musicalização da poesia.

Os simbolistas, também, recebem influência das artes plásticas e, por isso, o uso da cor foi explorado pelos simbolistas, principalmente o branco e seus correlatos, pois essa cor traduz com precisão, o oculto, o mistério, o etéreo, a vaguidão, a pureza, a espiritualidade, a languidez, tidas pelos simbolistas, como arte ideal.

Outra características do Simbolismo é a sua preferência pelos temas cotidianos, folclóricos e nacionais, além de ter se desenvolvido, nos fins do século XIX, uma espécie de Idade Média, vista como período de grande espiritualidade. Por isso e, também, pelo caos e a incerteza dos estados d'alma, os poetas recorrem aos temas místicos e da morte, utilizando para tal, uma linguagem litúrgica e fúnebre. É esse misticismo que faz com que o poeta penetre num mundo de verdades puras e eternas - o culto, a solidão, o vago, o mistério, a ilusão - recuperando, dessa maneira, a crença na teologia e na metafísica, antes, desprezadas pelas ciências positivas.

#### 2.5.4 - O Simbolismo no Brasil

Os primeiros a introduzirem a nova moda poética no Brasil foram Oscar Rosas, Emiliano Pernetta, Bernardino Lopes, Cruz e Sousa, que em 1891, se reúnem em torno do jornal carioca "Folha Popular", onde discutem as tendências do Simbolismo.

São considerados, também, precursores do Simbolismo brasileiro, José Joaquim de Medeiros e Albuquerque, Venceslau de Queiroz, José Francisco da Rocha Pombo e Domingos do Nascimento, de pouca importância literária.

Do grupo que se reúne na "Folha Popular", logo se destaca João da Cruz e Sousa, que em 1893, publica os livros: Missal (prosa poética) e Broquéis (poesias), oficializando, assim, o movimento simbolista brasileiro. O mineiro Alphonsus de Guimaraens divide com Cruz e Sousa as glórias de serem os maiores representantes do nosso Simbolismo.

O movimento simbolista no Brasil segue as pegadas do Simbolismo francês, todavia com algumas alterações e acréscimos, resultando, daí, algumas características que lhe são próprias.

O Simbolismo brasileiro não constitui uma época literária isolada, pois, do ponto de vista histórico e estético, mistura-se ao Parnasianismo, que resiste o quanto pode, aos ímpetus renovadores do Simbolismo. Tanto é que, enquanto o Simbolismo europeu consegue acabar com o Realismo, no Brasil é o contrário, pois mais tarde, em vez do Modernismo chocar-se com o Simbolismo, como ocorreu nas literaturas européias, vai ter, ainda, que lutar com as tendências Realistas e Parnasianas. Dessa forma, os simbolistas, obrigados que foram a trilhar o caminho parnasiano, assimilam muitas das suas influências, como o soneto, as chaves de ouro, os preciosismos, etc. (24) Por outro lado, o Parnasianismo não é tão impassível como preconiza, pois a nossa tradição romântica continua viva, fazendo com que os parnasianos não só assimilem atitudes românticas, como cedam a alguns imperativos do simbolismo, que, por sua vez, é uma continuação do pensamento romântico. Desse modo, Simbolismo-Parnasianismo são tendências paralelas, interinfluentes, contemporâneas. (25) Assim, o Simbolismo brasileiro caracteriza-se, também, pelo influxo de remanescências poéticas. (26)

Quanto ao vocabulário, nosso Simbolismo segue a poesia simbolista francesa, de caráter medieval, católico, litúrgico, esotérico, funeral. (27) A esse respeito, Andrade Muricy nos fornece a

indicação dos vocábulos que representam constâncias expressionais do Simbolismo brasileiro. (28)

Outro aspecto importante é que o Simbolismo, no Brasil, concentra-se no Sul do país, que sendo zona de penumbras, sombras, neblina, oferece condições favoráveis ao desenvolvimento da visão simbolista do mundo: o culto do mistério, do oculto, da vaguidade, das transcendências. Isto porque o Simbolismo, de origem francesa, e adaptado à Bélgica, logo se identifica com os climas setentrionais, europeus, nevoentos, impressionistas. Bruges, cidade belga, cortada por diversos canais, pontilhada de construções medievais, envolvida numa bruma prateada, como a sonhar os tempos idos, era uma espécie de reino natural para os simbolistas, a sua cidade-símbolo, o seu paraíso sonhado. Assim, o Simbolismo nos chega carregado de emoliências vagas, rarefeitas, não só porque o seu conteúdo o pressupunha, como também por causa dos países em que o movimento se originara. (29) Assim, as linhas fundamentais da nossa poesia simbolista, do ponto de vista dos temas e dos conteúdos, são de influência franco-belga como: "a desesperação existencial e o transcendentalismo teocêntrico e/ou oculista, representados por Cruz e Souza (...); o misticismo cristão, o medievalismo e o lirismo amoroso de feição espiritualizante e platonizante, configurados na poesia de Alphonsus de Guimaraens (...); a poesia do cotidianismo burguês e simplista, vivido por Mário de Perdomo (...); o intimismo e o penumbrismo, de que Eduardo Guimaraens se tornou o grande representante (...); o helenismo e o paganismo, de que Emiliano Pernetta se faz o maior porta-voz (...); o hermetismo já enunciado em Cruz e Sousa, mas que encontra em Ernani Rosas e em Silveira Neto seus mais fiéis adeptos, e o ocultismo órfico e pitagórico, igualmente visível na obra do Dante negro, mas levado às últimas consequências na pena dum Mário Veloso, e, de certo modo, dum Homero Prates; e, por último, o evolucionismo e o panteísmo transcendentalista e schopenhaueriano, em que Augusto dos Anjos

se tornou mestre inimitável, ainda que suas fontes em parte se localizem na poesia científica e na obra de Cruz e Sousa".<sup>(30)</sup> Em meio a esse complexo existem na realidade, dois simbolismos: um simbolismo neo-romântico, marcado pelo lirismo elegíaco, e um simbolismo construtivista, no qual o lirismo se torna hermético e antiespiritualista.<sup>(31)</sup>

Norma Goldstein amplia esse quadro, quando admite que três ramificações surgiram do simbolismo: "a consciência criadora de Mallarmé", a musicalidade de Verlaine e o "poeta como visionário ou vidente", de Rimbaud. Entretanto, ela acrescenta, que essa tríade se reduz a um influenciador: Verlaine.<sup>(32)</sup>

Dentro das distinções formuladas por José Guilherme Merquior e Norma Goldstein, o Simbolismo brasileiro é neo-romântico e se caracteriza pelos tons menores, pela melancolia e pelo mistério das evocações, influências, no caso, dos belgas Maeterlinck e Rodenbach, dos franceses Verlaine e Albert Samain e dos portugueses Guerra Junqueiro, de Os simples e Antônio Nobre. Por isto, como bem sinala Hernani Cidade, o Simbolismo, no Brasil, tem uma influência, passageira, pois não consegue realizar aquela poesia "voltada para o incognoscível e o inefável, para o só advinhável pela fina intuição do poeta e apenas exprimível pelos recursos da sugestão artística".<sup>(33)</sup>

Há uma respeitável controvérsia sobre a classificação de Auta de Souza dentro da história literária do Brasil. Trata-se de um processo de discussão sobre a possibilidade de detectar, ou não, possíveis traços do Simbolismo na obra poética de Auta de Souza.

No próximo capítulo tentaremos fazer uma análise abrangente do Horto, suscitada pela atmosfera polêmica em torno do livro. Na análise, procuraremos, por um lado, focalizar os procedimentos esti-

lísticos da obra, através dos quais ela encerra a sua individualidade; e, por outro, a cosmovisão da autora, através da qual a obra assume uma personalidade própria que a distingue de outras obras. (34)



## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - MERQUIOR, José Guilherme. "Os estilos históricos na literatura Ocidental". In PORTELLA, Eduardo et al. Teoria literária. 3ª edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979, p. 66.
- 02 - As obras e episódios mais representativos desse momento histórico são:
- Olavo Bilac cria a sua obra poética, talvez a que mais influenciou o gosto literário do tempo (de 1882 a 1902);
  - A ilusão americana, de Eduardo Prado (1893);
  - Machado de Assis atinge à plenitude de seu gênio literário (1895);
  - Histórias sem data, de Machado de Assis (1895);
  - Fundação da Revista brasileira, da qual, dois anos depois, sairá a Academia (1895);
  - Farias Brito publica o 1º tomo da Finalidade do mundo (1895);
  - Joaquim Nabuco dá início à publicação do Estadista do Império (1897);
  - Poesias, de Raimundo Correia (1898);
  - Estudos de literatura, de José Veríssimo (1901);
  - Ensaio de sociologia e literatura, de Sílvio Romero (1901);
  - Fundação do "Correio da Manhã", pelo advogado Edmundo Bittencourt (1901). (SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira, 4ª edição, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1964, p. 437).
- 03 - Id. Ibid. p. 432.
- 04 - CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. Presença da literatura brasileira. II. Romantismo, Realismo, Simbolismo. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964, p. 108.
- 05 - Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Valentim Magalhães, Gonzaga Duque, Coelho Neto, Olavo Bilac, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, B. Lopes, Guimarães Passos. "A importância desse período é completada pelo relevo adquirido durante ele pela oratória civil, pelos estudos históricos, pelos escritos publicísticos, pela gramática, pela

crítica literária. Quando pensamos nele, lembramos imediatamente as figuras de grandes oradores, como Rui Barbosa (1849-1923); de jornalistas, como José do Patrocínio (1854-1905), Ferreira de Araújo (1846-1900), Alcindo Guanabara (1865-1918); de historiadores, como Joaquim Nabuco (1849-1910), Capistrano de Abreu (1853-1927), Oliveira Lima (1867-1928); de estudiosos da língua, como Júlio Ribeiro (1845-1890), de Pacheco Júnior, João Ribeiro (1860-1934); de críticos, como Sílvio Romero (1851-1914), Araripe Júnior (1848-1911), José Veríssimo (1858-1916); de ensaístas e pensadores, como Tobias Barreto (1839-1889), Clóvis Beviláqua (1859-1944), Eduardo Prado (1860-1901), Euclides da Cunha (1866-1909), Farias Brito (1864-1917). Eles, e muitos outros, compõem um belo panorama da nossa cultura desse período (...).

Muito importantes como veículo da literatura foram, nesse período, as revistas e alguns jornais, como a Revista Brasileira (2ª fase), de Nicolau Midosi e Franklin Távora, que durou de 1879 a 1881, publicando obras renovadoras do maior interesse, de Machado de Assis, Sílvio Romero, Araripe Júnior; de 1883 a 1884 temos a Gazeta Literária, de J. A. Teixeira e Vale Cabral; em 1885 aparece uma revista que teria papel ativo na renovação literária, pelo seu caráter vivo e pela qualidade dos colaboradores, A Semana, que durou até 1887 numa primeira fase, dirigida por Valentim Magalhães e Felinto de Almeida; de 1893 a 95 reapareceu dirigida pelo mesmo Valentim e Max Fleiuss. O jornal Novidades, de Alcindo Guanabara (1887-92) e a revista O Álbum, de Artur Azevedo (1893-95) são outras publicações importantes. Em 1895 reaparece a Revista Brasileira, dirigida agora por José Veríssimo. Esta terceira fase durou até 1898 e teve uma importância decisiva na literatura do tempo, não apenas pela qualidade dos colaboradores, mas porque do grupo por eles formados e das suas reuniões nasceu a Academia Brasileira de Letras.

Todas estas publicações se ligavam às orientações dominantes de cunho parnasiano e realista. Os simbolistas tiveram as suas, geralmente de pequena tiragem e pouca duração, destacando-se Rio Revista, de 1895, tirada por Gonzaga Duque e outros.

A propósito das publicações periódicas, convém lembrar que nesse período foi muito cultivado o gênero meio jornalístico, a princípio denominado folhetim, depois crônica. Sobressaíram nele Machado de Assis, França Júnior, Olavo Bilac, Artur Azevedo e outros menores, como Valentim Magalhães, Tomás Alves, Urbano Duarte, etc. (CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. Op. Cit. p. 109, 110, 111, 112, 113).

- 06 - MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 1ª edição. São Paulo, Ed. Cultrix, 1978, vol. V (1897-1914), p. 126.
- 07 - CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. Op. Cit. p. 110.
- 08 - AMORA, Antônio Soares. História da literatura brasileira. (Séculos XVI-XX), 4ª edição, São Paulo, Ed. Saraiva, 1963, p. 133.
- 09 - "A sua gênese, como fenômeno literário, dá-se no seio do Realismo-Naturalismo, de que ele é um produto. Em verdade, o Impressionismo é uma forma do Realismo, resultante de sua transformação por efeito das variações estéticas e culturais do fim do século e da reação idealista. É o produto da fusão de elementos simbolistas e realístico-naturalistas. A reprodução da realidade, de maneira impessoal, objetiva, exata, minuciosa, constituía a norma realista; para o impressionista, a realidade ainda persiste como foco de interesse, mas, ao contrário, o que pretende é registrar a impressão que a realidade provoca no espírito do artista, no momento em que se dá a impressão. O mais importante no Impressionismo é o instantâneo e único, tal como aparece ao olho do observador. Não é o objeto, mas as sensações e emoções que ele desperta, num dado instante, no espírito do observador, que é por ele reproduzido caprichosa e vagamente. Não se trata de apresentar o objeto tal como visto, mas como é visto e sentido num dado momento. Ao contrário, portanto, do Realismo, há colaboração da subjetividade na arte impressionista, e foi graças a esse elemento que o Impressionismo se destacou do Realismo, como estilo peculiar de arte, confundindo-se, no final, com o Simbolismo, na tendência para a re-espiritualização da arte. No impressionismo, o real é vista através de um temperamento, pelas sensações e impressões que desperta, num singular momento que passa. Ao transferir o registro das relações externas para o das relações internas, isto é, das impressões despertadas no espírito pelo contato com as coisas, cenas, paisagens ou pessoas, os impressionistas introduziram um mundo novo na literatura" (COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959, vol. III, Tomo 1, p. 33,34).
- 10 - Id. *ibid.* p. 41.
- 11 - "No que respeita à nossa vida política, caracterizam esta época, a insatisfação e a inquietação provocadas, por um lado pelos monárquicos inconformados com a República (Visconde de Taunay, Império e República, artigos publicados entre 1890 e 1900; Afonso Celso, Aos Monarquistas, 1895; Eduardo Prado, A Ilusão Americana, 1896; Coletâneas, 1902-1906,

vols. III e IV); por outro lado, pela irreconciliação das várias facções republicanas; positivistas (Benjamim Constant); militaristas; civilistas (Rui Barbosa); presidencialistas; parlamentaristas (Assis Brasil, Do Governo Presidencial da República Brasileira, 1896; Medeiros e Albuquerque, O Regime Presidencial no Brasil, 1914); por outro lado, finalmente, vão agravando a crise política incidentais atitudes anarquistas e a ação intelectual de espíritos que, sem compromisso com o regime monárquico e com a revolução republicana, compreendem de modo diverso a realidade nacional, e não vacilam em afirmar a falência dos ideais republicanos e da sua Constituição: são os espíritos que preparam, moral e intelectualmente, a geração que veio atuar nas revoluções da década de 1920, revoluções que definiram a contemporaneidade brasileira (Alberto Tôrres, O Problema Nacional Brasileiro, 1914; Oliveira Viana, O Idealismo na Evolução Política do Império e da República, 1922)" (AMORA, Antônio Soares. Op. Cit. p. 134).

- 12 - O Espiritualismo Católico é "definido e divulgado principalmente pelo Pe. Júlio Maria (Igreja e o Povo, 1900; A Religião, 1900; conferências e discursos pronunciados até 1914); por Farias Brito (A Finalidade do Mundo, 1895-1900; O Mundo Interior, 1914); por Jackson de Figueiredo (Algumas Reflexões Sobre a Filosofia de Farias Brito, 1916; A Questão Social na Filosofia de Farias Brito, 1919; Pascal e a Inquietação Moderna, 1922); por Nestor Vítor (O Elogio da Crença, 1915; Farias Brito, 1917); por Jônatas Serrano (Epítome de História Universal, 1915).

Pela atitude destes pioneiros começa a restabelecer-se no espírito das classes cultas o prestígio da Igreja que em todo o mundo cristão, dirigida pelo progressismo de Leão XIII, volta a atuar decisivamente nas questões políticas e sociais.

Mas o antimaterialismo e a volta à filosofia do espírito não se fazem, no Brasil, apenas no sentido do espiritualismo católico, do Neotomismo, e incidentalmente no sentido das filosofias de Bergson e Croce, que restabelecem o prestígio da Metafísica e da Moral. Fazem-se ainda no sentido da arte, como veremos, e no sentido de um "espiritualismo excêntrico", cabalístico e esotérico, fundado no metapsiquismo (Teosofia, Espiritualismo, Ocultismos), com seus iniciados, e com suas "igrejas", e órgãos de divulgação.

Destes movimentos espiritualistas, intransigentemente antimaterialistas, - os esotéricos e extravagantes, embora com influências bem vivas na poesia (e na arte tipográfica), passam como pruridos de novidade, como atitudes efêmeras de pequenos grupos que procuram impor-se pelo excên-

trico, típico dos primeiros anos do chamado Simbolismo decadentista; só o do espiritualismo católico militante, porque reatava vivas tradições nacionais, consegue impor-se e projetar-se sobre a época contemporânea, firmando-se com o grupo diretamente saído do apostolado de Jackson de Figueiredo, o grupo da revista Ordem (1921) e do Centro D. Vital (1926), à frente do qual tem estado, desde então, Alceu Amoroso Lima" (Id. Ib. p. 135, 136).

- 13 - "E assim esta época, bem como observou Gilberto Freire (Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, páginas 447 e seguintes), foi francamente dominada pelo francesismo: nas idéias, na literatura, na educação (colégios de Sion, Sacré Coeur, etc.), do modo de viver, de trajar (é a época da elegância parisiense), de se divertir, no urbanismo, na arquitetura (art nouveau); em tudo, o que se deseja, como diz Gilberto Freire, é apagar os traços da cultura luso-africana, sobrepondo-lhe um estilo de vida e uma paisagem urbanística "raffiné". É a época da elegância feminina (das silhuetas de "cogumelo") e da elegância masculina, por vezes extravagante, traduzida em dandismo, em finuras de idéias e de atitudes, tão típicas da geração literária do começo do século, a impor a sua "superioridade" nas reuniões mundanas e literárias, nos cafés e na Academia Brasileira de Letras; elegância masculina do monóculo de fita, dos bigodes encerados, da gravata "plastron"; é a época das boas maneiras do mundanismo superelegante, do distinto, do "raro", tudo em estilo parisiense, ansiosamente buscando como índice de civilização.

E na linha desse processo de refinamento, que procura arrancar o País, pelo menos no que respeitava à sua aristocracia urbana, do vulgar, do grosseiro, do caipirismo, está um programa de desenvolvimento de instituições de cultura, de investigação científica e de ensino superior: bem significativo é nesta época o prestígio e o caráter da Academia Brasileira de Letras (Le Petit Trianon), instituição representativa da aristocracia intelectual do País; bem significativo o desenvolvimento de institutos como Mangueinhos, Pasteur, Butantã, e de escolas superiores de agricultura, de engenharia, de medicina. Cultura só se compreende em alto grau. Mas não é só a cultura científica que se procura elevar; também a cultura literária e lingüística. O escritor é o mestre da língua, o artista consumado, muito acima da pobreza de espírito e da vulgaridade do homem rural e do homem comum" (Id. Ib. p. 137, 138).

- 14 - "Caracteriza também esta época uma campanha nacionalista (...) Iniciada já na década de 1890, a campanha nacionalista reage, por um lado, contra esse ceticismo dos que se desi-

ludiram, ou nunca se iludiram com a República, e contra os homens que, no governo, por inépcia ou por ambição política e pessoal, desacreditavam o novo regime e o País; por outro lado reage o nacionalismo contra a dominante influência francesa e também portuguesa.

O nacionalismo visa a influir sobre a política, apelando para os poderes no sentido de se vencer o caos criado pelas lutas partidárias, e de se procurarem leis e programas governamentais mais de acordo com a realidade nacional; visa a influir sobre a vida mental, apelando para o conhecimento mais íntimo da nossa realidade histórica e moral, sobretudo para o conhecimento mais íntimo do homem "brasileiro", esquecido pela aristocracia "esnobe", e europeizada; o mestiço, o negro, o índio, inegável potencial humano posto à margem das cogitações, mal compreendido pelo Realismo, e cuja defesa e educação eram essenciais ao reerguimento do País; visa a influir ainda sobre a vida literária, apelando para a definição do caráter nacional da cultura e da literatura brasileira; e sobre a educação, apelando para a formação, no espírito da infância e da mocidade escolar, de elevada educação cívica e patriótica.

Dentro deste espírito nacionalista, na sua linha de ação, temos as obras da maioria dos escritores desta época, principalmente a crítica de Araripe Júnior e José Veríssimo (...).

O movimento nacionalista desta época, embora entusiasmaticamente levantado e afirmado por espíritos superiores, não chega, entretanto, senão a anunciar a penetração na essência da nossa realidade, e acordar as primeiras idéias de uma revolução que sobrepujasse o Brasil brasileiro, a todas as idéias, às atitudes e aos comportamentos de imitação ou importação.

Para quem olha em perspectiva, na verdade o que predomina nesta época, apesar de tudo (pelo menos na vida social, política, mundana, particularmente na Capital Federal), é a imitação das culturas estrangeiras consideradas progressitas e requintadamente civilizadas. Se muitos intelectuais desfraldam a bandeira do nacionalismo, a aristocracia dos centros urbanos e as "elites" políticas estão convencidas de que o Brasil tinha de civilizar-se no sentido dos modelos europeus, particularmente do modelo francês. Só depois de 1922, a partir da Semana de Arte Moderna, e dos movimentos que imediatamente decorreram dessa corajosa afirmação revolucionária, realizar-se-ia, em alguns anos, a sobreposição do nacional ao estrangeiro" (Id. Ibid. p. 139, 140, 141).

- 16 - TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 38.
- 17 - VERLAINE, Paul. "Arte poética". In TELES, Gilberto Mendonça, Op. Cit. p. 47.
- 18 - RAMOS, Péricles Eugênio da Silva Ramos. Do barroco ao modernismo. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 215.
- 19 - Id. Ibid. p. 229.
- 20 - Id. Ibid. p. 219.
- 21 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, 1969, p. 34.
- 22 - Id. ibid. p. 35.
- 23 - TELES, Gilberto Mendonça. Op. Cit. p. 46.
- 24 - MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira. 1ª edição, São Paulo, Cultrix, 1985, p. 18.
- 25 - MOISÉS, Massaud. "Três estudos sobre Cruz e Sousa". In COUTINHO, Afrânio. Cruz e Sousa. Coleção Fortuna crítica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 260.
- 26 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2ª edição, Brasília, INL/MEC, 1973, vol. I, p. 66.
- 27 - MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira. 1ª edição, São Paulo, Cultrix, 1985, p. 19.
- 28 - MURICY, José Cândido de Andrade. Op. Cit. p. 1230.
- 29 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, 1969, p. 84, 85.
- 30 - Id. Ibid. p. 88, 89.
- 31 - MERQUIOR, José Guilherme. Op. Cit. p. 82, 83.
- 32 - GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Do Penumbrismo ao Modernismo. São Paulo, Ática, 1983, p. 4, 5.
- 33 - CIDADE, Hernani. O conceito de poesia como expressão da cultura. 2ª edição, Coimbra, Armênio Amado editor sucessor, 1957, p. 260.
- 34 - SACHET, Celestino. "Os três níveis da obra literária". In Travessia. Florianópolis, Imprensa Universitária da UFSC, 2º semestre de 1980, nº 1, p. 68, 69.

### III - RECORTES POÉTICOS DO HORTO

#### 3.1 - CONSTANTES TEMÁTICAS

A temática do poeta simbolista apresenta uma literatura direcionada para as regiões do espírito, praticamente esquecidas, por causa do cientificismo que dominava os fins do século passado. Esses temas se caracterizam pela melancolia, pela morbidez que, segundo a concepção simbolista, seria uma forma de demonstrar insatisfação ao momento social. Outro meio de reagir ao ritmo contemporâneo foi a fuga sob a forma de refúgio na natureza e de evocação da infância.

Guy Michaud chama este espírito de "mal de fin de siècle" e chega a associá-lo à evasão típica do Romantismo.<sup>(1)</sup> As grandes influências, no caso, seriam as de Verlaine, Maeterlinck, Francis Jammes, Albert Samain, Antônio Nobre e Guerra Junqueiro. Em todos eles, a mesma temática ligada à vida cotidiana e às recordações da infância; as mesmas paisagens de luares, neblinas e sombras; o mesmo tom de murmúrio, hesitação e confidência; a mesma atitude de melancolia, misticismo e evasionismo. Todos estes aspectos foram absorvidos pelos simbolistas brasileiros, sobretudo pelos menores que, segundo Antônio Cândido, "são maioria absoluta".<sup>(2)</sup>

Fica compreendido, assim, que o Simbolismo não assume em todos os escritores o estilo hermético de Mallarmé, para quem o Simbolismo "é um trabalho da inteligência para encarnar em palavras a pureza do inefável".<sup>(3)</sup>

A poética de Auta de Souza pode ser um simbolismo de tom menor e por isso as suas imagens nascem do sonho e



da saudade e a sua temática revela busca espiritual, presença da morte, da infância, da natureza e do sonho, na qual fica evidenciada o conteúdo subjetivo e transcendente do simbolismo.

### 3.1.1 - Busca espiritual

Para Andrade Muricy, Auta de Souza "é a mais espiritual das poetisas brasileiras".<sup>(4)</sup>

Na realidade, a poesia da poetisa norte-rio-grandense busca, na maioria das vezes, o espiritual e o eterno, como se pode constatar, por exemplo, no poema de abertura de seu livro.<sup>(5)</sup> Neste poema a poetisa identifica o seu sofrimento, com o próprio sofrimento de Cristo no horto, o que lhe assegura o cunho metafísico, situando-o na estética simbolista, que busca o espiritual e o transcendente.

"Horto", segundo a interpretação semântica, é um lugar de tormento por alusão ao Jardim das Oliveiras, lugar onde Jesus orava e foi preso. Auta de Souza elegeu também o horto como o espaço que simbolizasse o seu sofrimento. A poetisa identifica-se tanto com as dores de Cristo, que chega a particularizar a palavra horto: "Jesus descia sobre o meu Horto", sugerindo, assim, a união mística das suas dores com as dores de Jesus Cristo. Esse sofrimento do Cristo e o dela se concentra na carga semântica do vocábulo "Cruz" que aparece no poema por três vezes e sempre grafado com a letra inicial maiúscula, fato que acentua, ainda mais, essa unidade que envolve a poetisa e o Cristo, em sentido espiritual totalizante.

No poema, Auta de Souza nos transporta para uma atmosfera vaga, nebulosa e impalpável, quando, de joelhos, nos faz entrar na noite: "Que noite negra, cheia de sombras / Não foi a noite que aqui passaste? / Ó noite imensa... por que me assombras, / Tu que nas trevas me sepultaste"?

A poetisa chega ao ponto de pedir a Jesus que lhe afaste aquela noite que poderia simbolizar o próprio sofrimento, ou talvez, a morte, tão temida e indesejada pela poetisa em plena mocidade: "Jesus amado reza comigo... / Afasta a noite, divino amigo."/ A sua súplica, "afasta a noite, divino amigo", nos remete ao pedido que Jesus Cristo fez ao Pai: "Pai afasta de mim este cálice".<sup>(6)</sup>

Assim, entrando na noite, que lhe é um imenso espaço, e usando o perfeito mistério que retribui o símbolo, Auta de Souza nos arranca de uma realidade para o encontro com o indizível, como esplêndido. É nessa direção que ela encontra Jesus descendo sobre o seu Horto, fazendo com que Ele a desafie para a contemplação do seu rosto que, através dos séculos, tem simbolizado o sofrimento humano, o sofrimento divino. Depois de ouvir as palavras de Cristo, que afastou as trevas e trouxe a luz, Auta de Souza, na sua busca espiritual, conduz a sua alma para a grande caminhada que se inicia dentro da noite, sublimando-se no Calvário; querendo compreender a vida pela intuição e pelo irracional; explorando a verdade que está além de sua própria razão: "Longe, bem longe, naquele monte, / Não brilha um astro de luz divina? / É o diadema de minha fronte, / É a esperança que me ilumina!" Essa esperança da poetisa valoriza a própria significação do Cristianismo que os homens da sociedade de cunho materialista não conseguem compreender.

Para que melhor possamos entender a caminhada espiritual de Auta de Souza é necessário que passemos do primeiro poema ao último e constataremos que, até a colocação das poesias no livro foi simbólico, pois a poetisa inicia o seu livro no espaço do Horto, como acabamos de presenciar, e termina nos "braços" de Cristo.<sup>(7)</sup> No poema, mais uma vez, Auta de Souza nos conduz a uma paisagem melancólica, pois além de trazer o verbo "anoitecer", muito bem colocado no poema, faz com que esta paisagem da noite seja simbolicamente caracterizada pela treva da qual a poetisa deseja fugir,

para ir ao encontro da aurora que ela supõe sorrindo.

Em "Fio partido" podemos presenciar a mudança de um espaço para outro espaço antagônico em que se divisa a treva para a luz, o sofrimento para a felicidade, a fuga de um lugar, cuja transitoriedade dolorosamente a poetisa faz sentir, para o encontro de uma realidade superior e invisível.

Na primeira parte do poema, Auta de Souza nos fornece uma visão da fase terrena, que faz dos homens seres sofredores, limitados, presos, tão bem caracterizada na expressão brusca, rápida e gradativa do início da terceira estrofe: "E ao grito que a dor aranca"! A poetisa termina esta mesma estrofe com brandura que favorece a tranquilidade ou a paz, simbolizada pela pomba branca. A palavra "branca", apesar de ser um adjetivo, funciona, aí, como uma expressão pleonástica, pois o substantivo pomba, por si só, já traduz ou simboliza a cor da paz, estado que já se prenuncia ao término desta estrofe.

A segunda parte do poema instaura a fase do espaço aéreo, na qual o ser humano triunfa sobre o elemento terra, uma prisão que impede o homem de ver a Deus.

O espaço aéreo é simbolizado, principalmente, na primeira estrofe desta segunda parte, através das imagens da ave, das asas, do vôo e do canto, que atualizam a soberana manifestação de liberdade do ser humano.

Bachelard nos revela, em sua filosofia da imaginação do fluido aéreo que essa adesão à plenitude aérea corresponde à felicidade do ser de sentir-se liberto de todo entrave material e corporal.<sup>(8)</sup> Por isto o sonhador aéreo, ao ultrapassar a fase da materialização goza de uma grande liberdade. Essa liberdade aérea, Au-

ta de Souza confirma nos versos "Livre, através dos espaços...", "Aqui na amplidão liberta" / "Deixei a prisão deserta", e ainda no verso que ela repete, em forma de refrão, ao término de cada estrofe: "Quebrei meus laços". A felicidade que a poetisa sente ao deixar à matéria está instaurada no verso "Sacode as asas cantando".

Devemos, pois, considerar que é surpreendente o fato da poetisa iniciar o seu livro com o poema "No Horto", no qual, ela de joelhos, invoca ao Senhor, e terminar com o poema "Fio partido", onde presenciamos o término de sua dor, confirmado na última estrofe da segunda parte: "Jesus, este vôo infindo / Há de amparar-me nos braços / Enquanto eu direi sorrindo: quebrei meus laços!"

Nesse momento de sua auto-entrega a Jesus, Auta de Souza capta o grande momento do Mestre, quando, também, no Horto do seu sofrimento, assim se expressou: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito".<sup>(9)</sup>

Desse modo a poetisa manifesta ao leitor que toda a sua trajetória espiritual foi perfeitamente cumprida, pois, no poema "No Horto", ela estabelece um estado para onde pretendia levar a sua alma, através do vôo, sugerindo-nos, assim, a concretização de sua proposta em "Fio partido".

Saliente-se que 29,7% dos poemas do Horto revelam a espiritualidade de Auta de Souza.<sup>(10)</sup> Entretanto, Massaud Moisés afirma que a espiritualidade da poetisa é, também, visível, mesmo nos poemas cujos motivos são cotidianos ou de ocasião.<sup>(11)</sup> Na realidade, a poesia de Auta de Souza busca o espiritual e o eterno, mesmo quando centralizada em aspectos materiais e transitórios. Trata-se, assim, de uma poesia do infinito, impregnada de efêmero e de finito, como se pode constatar, por exemplo, no poema "Num leque".<sup>(12)</sup> Nes-

te, Auta de Souza focaliza um elemento material, que é o leque de uma "doce morena". Entretanto, se pode constatar que aí existe uma íntima correspondência entre o mundo material, sintetizado no leque e na morena, e o mundo espiritual, entrevisto na atmosfera abstrata de "aroma místico e encantado", "doce aroma", vôo, hinos, canto, luz e perfume, elementos ligados à espiritualidade que Bachelard associa ao simbolismo geral do aéreo.<sup>(13)</sup> Assim, o palpável nos fornece uma visão do invisível através de místicas "correspondências", pois neste soneto "os perfumes, as cores e os sons se correspondem":<sup>(14)</sup> o aroma do leque é doce; voa unido aos hinos; e a sua gase é, ao mesmo tempo, loura, cheia de luz, de perfume e flores. O poema é, pois, revestido de imagens visuais, olfativas, gustativas e auditivas: "gase loura", "aroma místico e encantado", "doce aroma", "templo embalsamado", "aroma inebriante", "hinos", "órgão soluçando dores", "choroso canto", etc. Mas, as imagens que mais se destacam no poema são as olfativas, representadas, sobretudo, pela palavra aroma que aparece três vezes no soneto. No segundo verso, a palavra "aroma" aparece revestida de um certo mistério, uma vez que a poetisa não consegue identificar o tipo de aroma que exala do leque. Esse clima de mistério mais se acentua pela presença sugestiva das reticências: "Não sei que aroma místico e encantado"...

No quarto verso, a palavra aroma instaura uma imagem sinestésica: "doce (paladar) aroma" (olfato). A colocação do adjetivo "doce", antes do substantivo "aroma", confere profundidade rítmica e imagística ao sentido transcendente de aroma.

No nono verso a palavra "aroma" aparece, desta vez, voando unido aos hinos, atualizando, assim, uma imagem aérea expressiva em relação a idéia espiritual desenvolvida.

O lado espiritual do poema pode ser, ainda, captado, através

da atmosfera em que ele se desenvolve: "igreja", "templo embalsamado", "altar sagrado" e "órgão", que foi personificado, pois a ele, foi atribuído faculdades humanas: "A voz de um órgão soluçando dores". Neste verso, inclusive, estabelece-se uma correspondência entre as estruturas fônicas e a idéia expressa, através da assonância em o condizente com a idéia de angústia e do contraste vocálico de timbre, entre o o aberto de voz e órgão e o u e o a fechados de soluçando. Assim, Auta de Souza, em seu poema, sugere musicalmente, o que as imagens sensoriais transmitem esteticamente.

A espiritualidade dos versos do Horto sempre resvala para as regiões do Catolicismo, fato que se evidencia no vocabulário litúrgico do Horto (angelus, cela, cibório, círio, prece, salmo, turíbulo, unção), que segundo Andrade Muricy dá "peculiar fisionomia à literatura simbolista brasileira";<sup>(15)</sup> na presença de textos bíblicos;<sup>(16)</sup> na presença da Imitação de Cristo,<sup>(17)</sup> livro popular na igreja católica, tanto quanto a Bíblia; na freqüente invocação a Nossa Senhora,<sup>(18)</sup> onde podemos discernir a nota popular e brasileira de um movimento que nos foi trazido da Europa: a quadra, o refrão, o redondilho maior, a oração no ritmo cadencioso da poesia religiosa popular. Pode-se perceber, assim, que Auta de Souza soube fazer da religião a sua poesia que lhe possibilitou adotar a moda simbolista da poesia litúrgica.

### 3.1.2 - Presença da morte

A busca espiritual dos versos do Horto também se revela na temática da morte presente em 22,1% de seus poemas.<sup>(19)</sup> Nesta temática, a poetisa deixa transparecer a crença em um mundo transcendente, situado além da matéria e povoado de anjos, santos e estrelas.

Auta de Souza canta, principalmente, a morte das crianças, dos entes queridos e também a sua própria morte, em forma de premoni-

ção à Álvares de Azevedo. (20)

Em torno dessa temática forma-se uma constelação de palavras ou símbolos mortuários com ela relacionados: círios, esquifes, lividez, mortalha, sepulcros, lousa, cipreste, goivos. Essa atmosfera funerária, influência de Antônio Nobre, foi adotada pelos decadentes simbolistas. (21)

Na temática da morte dos versos do Horto, pode-se diferenciar uma fase material e uma fase libertadora. No primeiro caso, a poetisa tem consciência de que a morte é um retorno ao paraíso celeste, onde a seu ver, dar-se-á o reencontro com Deus e os entes queridos já falecidos. (22) Nestes poemas, suas imagens chegam a ser de ascensão da terra para o Céu, mas pelo apego que tem à matéria, a morte, também, significa desligamento do paraíso terrestre, privação da vida e dos prazeres que lhe são inerentes, dor e sofrimento causados pela separação dos entes queridos, instaurando-se, assim, o dualismo matéria/espírito, terra/céu, alegria/tristeza.

Na fase libertadora Auta de Souza toma consciência de que a terra é um obstáculo que deve ser superado e passa, então, a configurar o momento da morte, caracterizada como libertação de condições negativas e aprisionadoras. É quando a vemos em movimento ascendente, da matéria para o espírito, do concreto para o abstrato, pois a poetisa sentindo a finitude das coisas materiais, volta-se para a morte, sedenta de infinito. (23) Nestes poemas a poetisa passa, então, a encarar a morte com serenidade. O pranto é substituído pela prece, pelo canto ou pelo riso. A morte se reveste, pois, de contentamento e o que se presencia, agora, é a satisfação do ser que se projeta para a espiritualidade. Muitas vezes, a ida ao céu chega a ser simbolizada pelo vôo que significa a vitória do espírito liberto sobre o elemento terra.

O poema "Quando eu morrer",<sup>(24)</sup> por exemplo, coloca-nos diante de um ser que relega o que é material e transitório, para aderir a espiritualidade. Este momento de libertação pode ser constatado pela transformação das coisas materiais em espirituais: "de meus olhos façam círios, / de meu sorriso um altar / cheio de rosas e lírios, / tão doce como o luar". A poetisa na antevisão de sua morte faz com que as imagens do poema passem do plano real para o imaginário: "Se deste repouso santo / em que meu corpo adormece / vier perturbar o encanto / o choro de quem padece: / eu quero as gotas de pranto / todas mudadas em prece". A morte é, pois, caracterizada, como um momento de alegria, atualizada, principalmente, na última estrofe que instaura o movimento de desmaterialização e ascensão da autora.

Assim, Auta de Souza, pela temática da morte, pode ser comparada a Alphonsus de Guimaraens e a Cruz e Sousa. Do primeiro possui, em alguns momentos, a cadência elegíaca e depressiva; do segundo, em outros momentos, a serenidade e o fervor espiritual. A morte é, pois, vista, ora como algo estático: o corpo morto, os círios, o esquife, o sepultamento, as orações; ora com dinamismo: o espírito liberto que voa para uma nova vida. Isto significa que, ao lado da morte destruição, Auta de Souza descobriu uma outra filosofia: a existência de um mundo espiritual. Esta filosofia contraditória da primeira, acaba por triunfar.

### 3.1.3 - Infância

Para Alceu Amoroso Lima a infância e a morte "são o leit-motiv" dos poemas de Auta de Souza.<sup>(25)</sup> Na realidade, a autora do Horto revela, em seus poemas, que tem um afeiçoamento todo especial à infância, cuja temática percorre 13,74% da sua obra.<sup>(26)</sup> Crianças vivas e mortas povoam os versos simples e doloridos de Auta de Souza que retrata, também, a sua infância, por meio de reminiscências, como quem procura evadir-se, através da busca de uma realidade ideal, situada fora do presente. No poema "Ano Bom",<sup>(27)</sup>



por exemplo, a autora foge do tempo em que narra para procurar uma vida situada fora do mundo material imediato; para procurar um tempo passado já perdido, o qual ela deseja que se presentifique neste Ano - Novo que se inicia. Esse tempo remoto em que mergulha a poetisa é a sua infância, pois só ela pode simbolizar ou lhe trazer de volta a pureza, a espiritualidade, a esperança, a felicidade que ela aspira naquele momento solene: "E o meu sorriso e as minhas esperanças, / Essas ingênuas ilusões de um dia, / Toda essa luz que as almas das crianças / Num raio de luar acaricia / Que tudo venha sobre mim cantando". Daí a valorização da vida sonhada na infância, espaço para onde a poetisa tenta fugir à procura de si mesma: "Deixe-a sumir-se além, rompendo gozas, / Subindo em busca de ideais queridos". No seu mundo da infância perdido, está presente o símbolo do amor materno que surge do fundo dos tempos, como uma aparição de ternura, processo muito utilizado pelos românticos: "E o eco virginal da voz dolente / Que o meu sono de arcajo acalentava".

Na sua auto-fuga, a poetisa volta-se para dentro de si mesma e procura o que há de mais perfeito, prepara o último refúgio do "EU" para abrigar o seu passado: o coração. Esse passado ela deseja que lhe venha, nas "asas" da fantasia e "cantando o salmo doce da recordação", imagens que servem para instaurar a espiritualidade e a pureza que ela deseja naquele instante.

Assim, as aspirações da poetisa resumem-se em ser criança, como se não achasse mais sentido na vida atual. Por isto, resolve buscar-se a si mesma, aflita pela consciência de haver-se perdido.

#### 3.1.4 - Natureza

A natureza foi, também, para Auta de Souza, um refúgio para a sua dor, temática que percorre 15,26% dos poemas do Horto.<sup>(28)</sup> Nesta a poetisa revela a sua afeição toda especial para com as flores:

"E já que não tenho amores, / e nem embalo esperanças... / canto o perfume das flores, / canto o riso das crianças" ("Cantai", p. 106).

Quando criança Auta de Souza chegou a plantar um jasmineiro no quintal de sua casa,<sup>(29)</sup> entretanto a flor que mais aparece no Horto é o lírio (49 vezes), como símbolo de pureza e espiritualidade. Esta flor, como se sabe, foi uma das prediletas dos poetas simbolistas.<sup>(30)</sup>

Os passarinhos serviram, também, de inspiração à poetisa potiguar que gostava de identificar-se com eles: "Ai quem me dera andar também voando"! (Ao luar, p. 39).

Como Alphonsus de Guimaraens, Auta de Souza foi poeta crepuscular, pois alguns de seus poemas são envolvidos pela luz dos fins da tarde.<sup>(31)</sup> Mas a autora deixou-se, por vezes, tocar pelo mistério da noite,<sup>(32)</sup> também frequente entre os simbolistas, notadamente em Cruz e Sousa. A noite para ela, ora é doce e consola, ora é triste e faz lembrar a morte.

Na natureza Auta de Souza via, também, a distância e nela o desejo de não sofrer tanto. Era uma forma de afastar-se da realidade, revelando, assim, choque com o mundo real. Daí a fuga para um lugar ideal, para o isolamento, para a esperança do futuro, para o sentimento íntimo e a solidão. O poema "Falando ao coração",<sup>(33)</sup> por exemplo, se instaura num clima de ideais quiméricos, pois a poetisa não satisfeita com a vida real, passa a traçar fantasias com a vida ideal, situada fora do presente. Daí a fuga ser o principal conteúdo poético expresso na composição, pois a poetisa procura fugir da sua vida de "saudades e dores", para ir ao encontro de uma nova Vida. A própria palavra "Vida", que a poetisa assinala com maiúscula, revela o seu sentido de essência e não de existência; o seu sentido simbólico e não imediato.

A navegação dos valores terrenos se instaura, sobretudo, na quinta estrofe, pois numa atitude de despojamento, a poetisa renuncia ao próprio sonho a fim de alcançar uma utópica felicidade. Paradoxo, portanto, pois a felicidade do ser só se opera pela rejeição do que precisamente lhe resta para continuar o ofício de viver. Assim, o que é material, transitório, é relegado em favor do que é imaterial.

A fuga da poetisa se atualiza no vôo da pomba, cujo som das asas em movimento, nos é sugerido pelas assonância e aliteração do verso "E foge e foge pelo Espaço, à toa", que nos remete à idéia do corpo abandonando as suas impurezas, para subir em vapores leves.

No livro L'air et les songes, diz Bachelard que a felicidade aérea do ser ocorre num ambiente luminoso, musical e caracteriza-se pela leveza, pois, segundo ele, voamos, precisamente, porque somos leves e não por causa das asas.<sup>(34)</sup> Os versos "Acorda para a Vida e canta e canta"; / "O Sol da Terra iluminada e santa!" / atualizam esse ambiente sonoro e diáfano, assim como os versos "Não vês? Minh'alma é como a pena branca" / "Que o vento amigo da poeira arranca" / correspondem a um estado onde nada pesa, onde a matéria é leve. Essa leveza seria, por assim dizer, o sinal de uma força confiante que vai fazer a poetisa deixar a terra e subir com o vento.

À leveza do ser, alia-se à leveza do ritmo da composição, cuja fluidez é alcançada através das aliterações, assonâncias, enjambements que são inúmeros no poema, e também, por meio da repetição sucessiva de duas palavras que Gilberto Mendonça Teles chama de "reduplicação" ou "ritmo binário", recurso, segundo ele, "inerente à língua popular".<sup>(35)</sup>

### 3.1.5 - Sonho

É comum, também nos versos do Horto, as atmosferas de sonho, a preocupação com elementos ligados à fantasia, processo bastante comum entre os românticos. Essa temática percorre 5,34% dos poemas do Horto<sup>(36)</sup> e sintetiza as aspirações da poetisa, isto é, tudo aquilo que ela deseja conseguir de bom aqui na terra. Por isso o seu sonho é branco, rosa, azul, dourado e doce, imagens sensoriais que sugerem o quanto esses sonhos são belos, puros, felizes e cheios de esperança.<sup>(37)</sup> Todavia, a poetisa chega a constatar com melancolia e desalento, que esses mesmos sonhos são transparentes, leves e, por isto, partiram-se ou voaram, imagens que sugerem que esses sonhos são frágeis e passageiros, sintetizando, assim, o nada das aspirações humanas.<sup>(38)</sup> No poema "À alma de minha mãe",<sup>(39)</sup> por exemplo, pode-se constatar uma atmosfera de desalento, tristeza e desilusão por causa do término dos sonhos da poetisa. A fragilidade desses sonhos se revela no fato de os mesmos estarem representados pelas "contas", dispostas num "fio branco e delicado". A delicadeza desse fio sintetiza o nada das coisas materiais, o quanto elas estão por um "fio", isto é, sujeitas a um término. Mas, por outro lado, esse fio é branco, imagem que atualiza o lado espiritual desses mesmos sonhos. Assim, a matéria é sugerida pelos sonhos, que estão por "um fio"; o espírito pelo branco, síntese da espiritualidade e da pureza.

Assim, a infância, a natureza e o sonho foram, para Auta de Souza, uma fuga para a sua dor. Na infância a poetisa vê a volta para um passado compensador; na natureza, o refúgio, a esperança de um futuro promissor; no sonho, o nada das aspirações humanas, e por isto, Auta de Souza, na sua evasão vertical e mística, procura aproximar-se da espiritualidade, ideal que para ela, significa, ir ao encontro de Deus.

### 3.2 - CONSTANTES ESTILÍSTICAS

A essência do Simbolismo foi por um lado, a revalorização dos mundos subjetivo e transcendente e, por outro, a revalorização do estilo, cujos aspectos serão destacados, agora, nos traços da utilização expressiva do idioma que podem aproximar Auta de Souza do Simbolismo literário.

#### 3.2.1 - Maiúsculas

Foi comum entre os simbolistas, a alteração do aspecto gráfico, por meio do uso reiterado de palavras grafadas com a letra inicial maiúscula. Este artifício está presente em 74,8% dos poemas de Auta de Souza (40), que assinalou com maiúsculas, principalmente, os seguintes vocábulos: Agonia, Alma, Alegria, Amor, Anjo, Ar, Astros, Azul, Calvário, Caridade, Céu, Coração, Cruz, Desejo, Dor, Esfera, Espaço, Desejo, Esperança, Estrela, Fé, Horto, Ilusão, Infinito, Lírio, Lua, Luar, Luz, Mar, Melancolia, Mocidade, Morte, Natureza, Noite, Paraíso, Passado, Paz, Prece, Primavera, Saudade, Sonho, Templo, Terra, Treva, Ventura, Vida. Esses nomes grafados com maiúsculas quase sempre surgem no Horto, para dar força a presença substancial desses vocábulos.

No poema "Ao cair da Noite",<sup>(41)</sup> a temática é a noite, cuja palavra aparece quatro vezes e sempre assinalada com maiúscula, o que vem acentuar, ainda mais, o fato desta Noite está associada à idéia de um espaço luminoso, silencioso e feliz.

Repare-se na terceira estrofe, a metamorfose da saudade em astros: "minhas saudades todas / se vão mudando em astros"; a animização da mágoa que "vai morrer na escuridão" e das amarguras que "fogem com um lamento". Tudo isto acontece com a chegada da Noite que parece dissolver as coisas materiais em um mundo de sonho e fantasia. E as coisas dissolvidas no sonho ficam suaves, espirituais e tendem a dissipar-se, para dar lugar a uma realidade dife-

rente, a uma realidade essencial que é a fusão da poetisa na Noite, universo infinito e sem formas visíveis: "Ó noite embalsamada / De castas ambrosias... / No mar das harmonias / Meu ser deixa boiar / Afasta, ó Noite amada, / A dúvida e o receio, / Embala-me no seio/ e deixa-me sonhar".

O âmbito de significação e sugestão do poema amplia-se através das imagens, do jogo de elementos abstratos/concretos e do emprego reiterado da letra inicial maiúscula, em nomes cuja categoria gramatical não o requer, mas necessária para acentuar a carga emotiva, espiritual e mística das palavras: Natureza, Céu, Anjo, Azul, Pensamento, Coração, Noite, Prece, Mãe.

Outras vezes as maiúsculas procuram chamar atenção para o caráter simbólico das palavras. No poema "Cores",<sup>(42)</sup> por exemplo, cada fase da vida é simbolizada através de uma ave: a ave da Alegria que simboliza a infância; a ave da Ilusão, símbolo da mocidade, e a ave da saudade, símbolo da velhice. Nessa atmosfera de pássaros, esperança, sonho, desilusão e estações do ano, que também "correspondem às idades da vida humana",<sup>(43)</sup> a poetisa sintetiza a vida, tão mutável quanto as estações do ano e tão ligeira, quanto um vôo de pássaro.

### 3.2.2 - Repetição sistemática de palavras ou frases

A musicalidade dos versos do Horto é obtida, principalmente, por um recurso que percorre 78,6%<sup>(44)</sup> dos seus poemas: a repetição de vocábulos, ou de grupos de vocábulos, num verso, numa estrofe, ou, até mesmo, em todo o poema. Esse recurso pode ser considerado um dos traços individualizadores do estilo de Auta de Souza, um "tique nervoso" da poetisa que cadencia os seus versos jogando com a repetição das palavras.

Mas, o que representa esse fenômeno na obra poética de Auta

de Souza? por que a poetisa recorre com frequência, à esse procedimento estilístico? Além do efeito musical, a repetição dos versos do Horto é de natureza emocional, afetiva e atua para dar maior intensidade ao conteúdo poético que a poetisa deseja expressar. Esse fato aproxima-se daquilo que afirma Carlos Bousoño: "la repetición de una palabra cualquiera acarrea una intensificación de su significado". (45)

Assim nos versos da página 61, "E eu vivo sempre, sempre sonhando / O mesmo sonho suave e brando / De minha vida toda a alegria", a repetição sucessiva de palavras revela que o sonho da poetisa não é simplesmente um sonho, mas um sonho intenso, grande (grandíssimo?) um sonho, portanto, de caráter superlativo, uma vez que esse sonho lhe persegue não só durante o dia, mas também durante a noite.

A intensidade que a poetisa dá à palavra sonho é reforçada pela repetição do advérbio sempre: "E eu vivo sempre, sempre, sonhando", que aliás não se trata, apenas, de repetição de palavras, mas também da repetição, sucessiva, do fonema s, aliteração, portanto, que insiste ou impõe que o sonho da poetisa é, na realidade, um sonho muito grande e intenso.

Nos versos da página 68, "vamos, vamos além... foge comigo! procuremos bem longe um doce abrigo, / na pátria dos arcanjos", a palavra vamos, repetida pela segunda vez, tem um conteúdo mais intenso do que o dito na primeira, uma vez que possui uma carga emotiva mais forte que se deve ao seu caráter de insistência.

O conteúdo que a poetisa procura intensificar é a idéia de fuga, pois esse vamos não se trata de um simples ir, mas de um ficar, longe de tudo e de todos.

O ritmo "vamos, vamos" sugere movimento, ligeireza, signifi-

cando, portanto, que a fuga deve se processar rapidamente. Mas, paradoxalmente, a poetisa não tem pressa de mencionar o local para onde ela quer fugir apressadamente, pois prolonga esse momento através de uma gradação: "além", "bem longe", "pátria dos arcanjos", que remete a idéia de que a poetisa deseja fugir, principalmente, de sua condição material e tornar-se espírito. Assim, nestes versos a repetição imprime movimento, pois a poetisa tem pressa de fugir do mundo; sonoriza através da repetição de palavras e fonemas: "vamos, vamos" e visualiza através de "pátria dos arcanjos".

Constatamos que nos versos do Horto o recurso estilístico da repetição segue as pegadas da poesia medieval portuguesa, que embora primitiva, popular, espontânea e de "ser composta com os olhos voltados para a música, utilizou requintados recursos formais"<sup>(46)</sup> que giravam, também, em torno de esquemas repetitivos. Entre esses recursos os que aparecem no Horto são:

1. Leixa - pren (deixa-prende) recurso formal do lirismo trovadoresco, galaico-português que consiste na repetição do último verso de uma estrofe (inteiro ou com ligeira variação), no princípio da seguinte, ou seja, o último verso de uma estrofe inicia a seguinte,<sup>(47)</sup> tal como se pode verificar no poema Cantando.<sup>(48)</sup>

2. Canção redonda (cansó redonda) é uma variante do leixa-pren muito utilizada pelos trovadores provençais. Nesse recurso o verso inicial vem a ser o último do poema,<sup>(49)</sup> como ocorre no poema Regina Coeli.<sup>(50)</sup> Podem ser consideradas variantes da Canção redonda, a repetição do verso inicial no final da mesma estrofe,<sup>(51)</sup> como constatamos no poema Palavras tristes,<sup>(52)</sup> e a repetição, no final do poema, de toda ou parte, da estrofe inicial,<sup>(53)</sup> tal como ocorre no poema Simples.<sup>(54)</sup>



3. Paralelismo. Processo utilizado na lírica trovadoresca, segundo o qual a idéia-núcleo da primeira estrofe se reproduz ao longo do poema, apenas variando algumas palavras substituindo-as por sinônimos. (55)

Segundo Massaud Moisés o paralelismo é um processo antiquíssimo e comum na poesia popular de vários povos e que também era empregado nos cantos antifônicos medievais e nas letras dos salmos. (56) No Horto, esse recurso aparece no poema De Joelhos, (57) que chega, realmente, a lembrar um salmo bíblico.

4. Estribilho (ou refrão). Recurso formal da lírica galaico-portuguesa que consiste na repetição de um verso ou mais ao longo de um poema, a intervalos regulares, principalmente no fim de cada estrofe, (58) como se pode verificar no poema "Agonia do coração". (59)

Segundo Segismundo Spina, as cantigas de refrão são tradicionais e populares e que nos cantares mais primitivos o refrão pode vir representado por uma expressão exclamativa. (60) O poema de Auta de Souza, "Jesus! Maria!" (61) pode representar essa espécie de que nos fala Spina.

Nesse intrincado sistema de repetições podemos fazer menção a rima, também considerada como uma das formas de repetição. (62) Os poemas do Horto possuem, pois, rimas consoantes, a mais utilizada pelos trovadores, onde a coincidência de fonemas é perfeita, a partir da última vogal tônica. (63)

Pode-se perceber, assim, que consciente ou inconscientemente, Auta de Souza empregou, em abundância, o sistema de repetição, resolvendo assim, em termos populares, a maior parte de sua criação poética. Foi talvez, a forma que encontrou para manter-se afastada do

hermetismo e, por conseguinte, conservar a tendência coloquial de sua linguagem que tão bem soube se identificar com o povo.

Mário de Andrade, preocupado que foi com a fala brasileira, sempre preferiu a corrente popular, daí o seu livro Macunaíma ser repleto de repetições. No primeiro prefácio de Macunaíma, Mário chega a fazer uma declaração sobre o recurso estilístico das repetições:

"Quanto ao estilo, empreguei essa fala simples, tão sonorizada música mesmo por causa das repetições, como é costume dos livros religiosos e dos cantos estagnados no rapsodismo popular". (64)

Com relação, ainda, a aproximação de Auta de Souza com os trovadores, é necessário acrescentar que esta se torna mais evidente, se verificarmos que a poetisa utilizou, em suas composições, o redondilho maior, o metro mais utilizado não só pelos trovadores, mas também pela poesia popular de todos os tempos. (65)

Sabe-se, por outro lado, que a poesia trovadoresca era composta para ser cantada com acompanhamento instrumental, pois a poesia e a música (motz e son) eram elementos inseparáveis. Por causa dessa ligação com a música a canção, entre os trovadores, era chamada de chan, son, sonet, chantar, chantaret. (66) Ora, a aproximação de Auta de Souza com os trovadores também se impõe, quando constatamos que muitos de seus versos foram musicados e o quanto essas melodias se ajustaram bem às palavras. Essas modinhas comprovam, cada vez mais, a popularidade da poetisa, pois elas, até hoje, não perderam a sua ressonância junto ao povo.

Cumprе assinalar ainda que 90,8% dos poemas do Horto (67) possuem enjambement, recurso que consiste no transbordamento sintático de um verso em outro, (68) ou seja, o final de um verso liga-se

diretamente ao seguinte, estabelecendo-se, assim, a atenuação do ritmo que chega, às vezes, a aproximar-se do ritmo da prosa, como ocorre por exemplo, nos versos da página 92: "Brilham estrelas. Todo o Céu parece / Rezar de joelhos a chorosa prece / Que a noite ensina ao desespero e à dor". Como se pode verificar, o sentido de um verso se estende sobre o outro. Nessa quebra de unidade sintática é que consiste o enjambement ou cavalgamento.

Convém salientar que o enjambement é também, recurso frequente, nos trovadores galego-portugueses<sup>(69)</sup> e que, ao longo do século XVIII já estava praticamente esquecido. No século XIX, sobretudo na época simbolista e a partir da criação do verso livre, o recurso voltou a ser adotado e, atualmente, é expediente poético muito comum.<sup>(70)</sup>

Vemos, portanto, que Auta de Souza se entregou ao típico formalismo medieval, numa linguagem arcaica, cuja musicalidade faz coro com as cantigas trovadorescas. Assim, o medievalismo constitui uma das tendências marcantes da obra poética de Auta de Souza que, por vezes, realiza o prodígio de ser popular e simbolista a um só tempo.

### 3.2.3 - Aliterações/assonâncias

A musicalidade dos versos do Horto é obtida, não apenas, por meio da repetição de palavras, mas, também, através da repetição combinada de fonemas, como as aliterações e as assonâncias, meios sonoros capazes de reproduzir na linguagem poética um ritmo especial. Consiste a aliteração, na repetição "da mesma consoante no início, no meio ou no fim de vocábulos sucessivos, ou mesmo em vocábulos não sucessivos, mas simetricamente dispostos"; consiste a assonância, na repetição de determinada vogal, para obtenção de certos efeitos de sonoridade expressiva.<sup>(71)</sup> Tanto as aliterações, quanto as assonâncias, são recursos adotados pelos simbolistas em

geral e, aqui no Brasil, notadamente, por Cruz e Sousa.

As aliterações estão presentes em 95,4% dos poemas do Horto<sup>(72)</sup> e, por critério estritamente subjetivo, resolvemos classificá-las em dois grupos:

1. Aliterações condizentes com as idéias de angústia, desespero, sofrimento, reproduzidas, em geral, pelas consoantes d, p, t, as mais comuns nos versos de Auta de Souza:

Sinto no peito uma tristeza imensa ("Desalento").

Enquanto eu parto despeita em pranto ("Agonia do Coração").

Sinto no peito o coração bater ("Melancolia").

Tão tenebrosa e tão fria ("Chorando").

E uma saudade em pálido dueto ("Estrada a fora").

Tu podes palpitar meu coração ("Falando do coração").

2. Aliterações condizentes com as idéias de leveza, claridade, movimento, em geral, reproduzidas pelas consoantes c, l, p, combinadas, as vezes, com a voz do i:

"E aquela estrela, tão pequenina,  
Que mal a gente consegue vê-la  
Como cintila, casta e divina!" ("Ao clarão da lua").

Ao longe, a Lua vem dourando a treva. ("Caminho do sertão").

Pássaros voam compassadamente. ("Crepúsculo").

Inclino-me de leve e beijo-lhe o cabelo. ("Gentil").

As assonâncias, por sua vez, aparecem em 98,2% dos poemas do Horto<sup>(73)</sup> e, a estas, resolvemos adotar a seguinte classificação, também, de natureza subjetiva:

1. assonância do a - muitas vezes ligadas às idéias de bran-  
cura, palidez, claridade:

Tens a pálida alvura. ("No templo").

Pálida a face, faz lembrar tão linda. ("Loli").

Dos raios ideais do sol dos seus cabelos... ("Olhos de  
santa").

Minha açucena pálida e magoada ("A Eugênia").

Os astros, brancos arminhos ("O que são estrelas").

Mais branca do que a estrela da alvorada. ("Palavras  
tristes").

Nas asas de cristal, as brancas esperanças... ("Gen-  
til").

2. assonâncias do e - associadas às idéias de aflição, ago-  
nia, angústia, dor:

E se ela, inquieta, com a voz tremente ("No Horto").

E eu tenho a treva dentro do seio... ("Agonia do cora-  
ção").

Desde esse tempo do seu seio aflito ("Zirma").

Na dor sem termo pela negra estrada ("Regina Martyrum").

Neste sofrer indefinido, imenso ("Os canários").

3. assonâncias do i - condizentes com a linguagem afetiva, própria de alguns versos do Horto:

De uma carícia macia ("Regina Coeli").

Tinha o biquinho entreaberto ("Goivos").

Quando ouvi muito baixinho,  
Um grito vago e dorido,  
Como o saudoso gemido  
De um'ave, pedindo o ninho... ("Goivos").

Que eu vi domingo à noitinha ("Trança loura").

Ao filho pequenino  
Do olhar meigo e divino ("Ao cair da noite").

4. assonâncias do o, u - também, associadas, aos sentimentos dolorosos:

Cuida-se ouvir num dolorido choro ("Ao luar").

Unido aos hinos que no coro entoa  
A voz de um órgão soluçando dores ("Num leque").

Tu dar-me-ias, então, a sepultura  
Nessas espumas murmurosas, belas... ("Ao mar").

Tombou, chorando, sobre a pedra fria ("Um sonho").

Lá foi caminho do sepulcro escuro. ("Loli").

### 3.2.4 - Vocábulario

Andrade Muricy no seu livro sobre o Simbolismo destaca um vocabulário que, segundo ele, representa "constâncias expressionais do Simbolismo brasileiro".<sup>(74)</sup> Desse glossário, Auta de Souza utiliza 20,2% no Horto.<sup>(75)</sup> Essa percentagem tem a sua importância, porque os vocábulos abrangentes além de marcarem o livro em todo o seu trajeto, foram, segundo Muricy, os mais frequentes, os mais representativos e característicos do Simbolismo brasileiro, e, por conseguinte, os mais definidores do movimento.

É preciso ressaltar, no vocabulário do Horto, a obsessão da poetisa pela cor branca e seus cognatos, fato comum a tantas de suas metáforas em que entram o lírio, a neve, a lua, as estrelas, a espuma. Para se ter uma idéia, o branco percorre 50,3% dos poemas do Horto.<sup>(76)</sup> Isto sem falar nas palavras que sugerem a cor branca, como: alvorada, arminho, cambraia, cetim, espumas, flocos, hóstias, jasmim, lírio, lua, luar, marfim, neblina, neve, nuvem, ovelha, pomba, etc.

Luís da Câmara Cascudo e Rômulo Wanderley, intelectuais do Rio Grande do Norte, viram, nessa constância, uma maneira inconsciente da poetisa sublimar a sua pele de cor escura. O primeiro chega a afirmar que Auta de Souza deixa transparecer pela reiteração poética, o desejo recôndito de não ter nascido tão morena, uma morena sapoti. As imagens e comparações ligadas à cor branca são constantes nos poemas.<sup>(77)</sup> Para Rômulo Wanderley, "nesta simpatia obsessiva pelos brancos, ..., não se poderia surpreender um traço psicológico da poetisa, motivado pela sua condição racial? (...). Auta de Souza era quase mulata. Por um complexo de superioridade,

teria sido levada a negar a própria cor, vendo qualidades apenas na raça branca: a que gostaria de pertencer, por ser esta de maior prestígio social". (78)

Não concordamos com a explicação dos que viram nesse emprego o reverso da cor da poetisa. Para nós, a constância do branco, na obra poética de Auta de Souza, é sinal de pureza, espiritualidade, misticismo, constituindo, assim, uma das preferências da estética simbolista em geral.

Roger Bastide, num estudo sobre Cruz e Sousa, vira, também, na obsessão do poeta negro pela cor branca, uma sublimação da cor, motivada pela vontade do poeta de ser branco, tornar-se ariano, subir racialmente, ocultando, desse modo, a sua origem negra. (79) Todavia, como explicar igual obsessão em outros poetas da época, como em Alphonsus de Guimaraens e Antônio Nobre que eram brancos? Nas obras desses poetas simbolistas a cor branca é explorada em suas várias facetas, provando, assim, que o anti-materialismo e o anti-positivismo do Simbolismo descobriu e explorou todas as facetas do branco como signo de mistério, metafísica, transcendência. Só o branco era capaz de revelar aquele anseio de identificação com o absoluto, pois essa cor era, por assim dizer, o símbolo daquela ascensão mística tão comum à época. É dessa forma que também justificamos a presença obsessiva da cor branca nos versos de Auta de Souza, contemporânea de Alphonsus de Guimaraens e de Antônio Nobre.

Além do branco, se pode acrescentar a não menor frequência de objetos luminosos: astros, estrelas, farol, luz, ouro, sol, tesouro, etc. Assim, depois do branco, a cor dourada é a mais frequente, 41,2% dos poemas do Horto, (80) sem contar as palavras que sugerem o dourado. Esta cor, quase sempre, aparece no Horto para se referir ao brilho ou a cabeleira dourada, um dos temas preferidos dos



simbolistas.<sup>(81)</sup>

Ao dourado, segue-se a cor preta, 36,6% dos poemas de Auta de Souza;<sup>(82)</sup> depois vem o azul, 29,7%;<sup>(83)</sup> a seguir vem o rosa, 4,4%;<sup>(84)</sup> depois o vermelho, 3,8%<sup>(85)</sup> e, finalmente, o roxo, 1,5%.<sup>(86)</sup> Esses nomes coloridos são, muitas vezes, reveladores das nostalgias, das emoções, dos sentimentos e dos conflitos interiores da poetisa:

Tão azuis como as minhas esperanças ("Versos a Inah").

O sonho azul me inebria ("Jesus! Maria!").

Este rio é o meu sonho, um sonho azul e puro ("Página azul").

Um sonho róseo como uma aurorsa ("Meu sonho").

Essa saudade roxa como um lírio ("Lágrimas").

Enquanto as cores azul, rosa e roxo aparecem em pontos isolados do conjunto, o preto e o branco percorrem todo o Horto, como símbolos dos pólos tristeza/alegria, morte/vida.

O preto e cognatos sugerem angústia, dor, pesadelo, tristeza, velhice, morte:

E eu tenho a treva dentro do seio... ("Agonia do coração").

Veste de luto a minha pobre lira ("Meu pai").

Despe da mágoa trevosa  
O negro cilício eterno! ("Consolo supremo").

De onde é que vem esta sombria mágoa ("Saudade").

A negra cruz dos martírios ("Minh'alma e o verso").

Meus sonhos andam no mundo  
Em cantos negros dispersos... ("Penas de garça").

Onde chorando a negra dor se descansa ("Meu pai").

O branco e o dourado (considerando que este é cognato do branco), simbolizam a pureza, a espiritualidade, a infância, a alegria, tal como preconiza o Simbolismo:

Meu sonho dourado e leve ("Cantiga").

Minha camélia, meu sorriso louro ("A Eugênia").

Canti as crenças nevadas ("Cantai").

As ilusões mais douradas ("Cantai").

Recordava uma esperança  
Bordada com fios de ouro... ("Trança loura").

Vós sois no mundo claras esperanças ("Crianças").

E as saudades orvalhadas ("Quando eu morrer").

Eu sou um branco e pálido sorriso ("Na primeira página da imitação de Cristo").

Passou junto de mim com um sorriso de ouro ("Gentil").

Nas asas de cristal, as brancas esperanças... ("Gentil").

Ó sonho branco de arminho! ("Ao pé de um berço").

Hóstia loura e formosa, Ó meu sonho dourado! ("Adeus Gentil").

Ó lindo sonho branco e lança às amarguras ("Adeus Gentil").

Entoa o hino branco da Esperança ("Manhã no campo").

Não compreende esta ventura clara ("Lágrimas").

Há de trazer o sonho transparente ("Ano bom").

Às vezes o preto e o branco aparecem em antíteses, revelando assim, uma alternância conflituosa entre o branco e o preto, isto é, uma luta inconsciente entre o pólo negativo e o pólo positivo.

Gota de luz nas regiões sombrias ("À minha avó").

Transforma as sombras em claridade ("Meu sonho").

Quimera que brilhava como um astro,  
Pela noite sem fim do meu futuro? ("Nunca mais").

Meus louros sonhos em visões negras ("Dolores").

Na noite de minha vida  
Derrama a luz de teus olhos! ("Chorando").

Anjo moreno, de alma cor de lírio ("Palavras tristes").

Dourar as trevas da Melancolia ("Na primeira página da imitação de Cristo").

Loura réstia de sol a rebrilhar no escuro ("Página azul")...

Mas o branco e a luz acabam por triunfar, pois a poetisa conseguiu "Fazer dos astros um barquinho amado, / Nele vagar por todo o Céu dourado, / As minhas dores ao luar cantando!" (Ao luar, p. 39).

Nesses astros, podemos discernir o símbolo de um estado sobrenatural, que é o prêmio dos que sofreram e se purificaram.

Todo esse simbolismo das cores está relacionado a padrões culturais (não estéticos e nem linguísticos), que passam a definir uma experiência de mundo.

Por fim, o vocabulário do Horto, no seu conjunto, caracteriza-se, principalmente, por ser um vocabulário:

1. funeral: adaptado ao tema predileto da morte;
2. religioso: tirado da liturgia católica;
3. popular, simples, cotidiano: onde as palavras se repetem;
4. musical: de tonalidade menor, seguindo a rota de Verlaine, Antônio Nobre e Alphonsus de Guimaraens.

Pode-se perceber, assim, que a poesia de Auta de Souza deixa transparecer uma série de incongruências internas: de um lado o seu temperamento romântico, de outro o seu método de compor, nitida-

mente simbolista, e de outro, ainda, o aspecto formal de alguns de seus poemas, presos aos cânones parnasianos, ou às fontes da literatura popular. Esses elementos, realmente se entrecrocaram, ao se tentar uma avaliação justa da obra da poetisa potiguar. Mas esse sincretismo não poderia ser, também, um sintoma de brasilidade? Isto, porque, como se sabe, recebemos o Simbolismo pronto da Europa, e a poetisa, talvez, para não se entregar a esquemas pré-estabelecidos, construiu o seu simbolismo, isto é, foi simbolista sem deixar de ser brasileira, pois o sentimentalismo, o subjetivismo, o lirismo amoroso, a saudade, o sentimento nitidamente cristão que emanam de seus versos, ajudam a definir o feitio brasileiro de seu simbolismo, pois, todos esses atributos se conjugam melhor com o gênio do nosso povo e, por conseguinte, são de maior alcance para a poesia brasileira.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - MICHAUD, Guy. Message poética du Symbolisme. Paris, Nizet, 1947, p.273 et seqs.
- 02 - CÂNDIDO, Antônio. CASTELLO, J. Aderaldo. Do Romantismo ao Simbolismo. 9ª edição, São Paulo, Difel, 1981, p.105.
- 03 - BASTIDE, Roger. "Quatro estudos sobre Cruz e Sousa". In: COUTINHO, Afrânio. Cruz e Souza. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p.188.
- 04 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2ª ed., Brasília, INL/MEC, 1973, vol. II, p.619.
- 05 - "NO HORTO"

"Oro de joelhos, Senhor, na terra  
Purificada pelo teu pranto...  
Minh'alma triste que a dor aterra  
Beija os teus passos, Cordeiro Santo!

Eu tenho medo de tanto horror...  
Reza comigo, doce Senhor!

Que noite negra, cheia de sombras.  
Não foi a noite que aqui passaste?  
Ó noite imensa... por que me assombra,  
Tu que nas trevas me sepultasse?

Jesus amado, reza comigo...  
Afasta a noite, divino amigo!

Eu disse... e as sombras se dissiparam.  
Jesus descia sobre o meu Horto...  
Estrelas lindas no céu brilharam,  
Voltou-me o riso, já quase morto.

E a sua boca falou tão doce,  
Como se a corda de um'harpa fosse:

"Filha adorada que o teu gemido  
Erguesta n'asa de uma oração,  
Na treva escura sempre envolvido,  
Por que soluça teu coração?

Levanta os olhos para o meu rosto,  
Que à vista dele foge o Desgosto.

Não tenhas medo do sofrimento.  
Ele é a escada do Paraíso...  
Contempla os astros do firmamento,  
Doces reflexos de meu sorriso.

Não pensa em dores nem canta mágoa  
A garça nívea fitando as águas.

Sigo-te os passos por toda parte,  
Vivo contigo como um irmão.  
Acaso posso desamparar-te  
Quando me trazes no coração?

Nas oliveiras do mesmo Horto,  
Enquanto orares, terás conforto.

Olha as estrelas... no céu escuro  
Parecem sonhos amortalhados...  
Assim, nas trevas do mundo impuro,  
Brilham as almas dos desolados.

Mesmo das noites a mais sombria  
Sempre conduz-nos à luz do dia".

Ergui os olhos para o céu lindo:  
Vi-o boiando num mar de luz...  
E, então, minh'alma num gozo infindo,  
Chorando e rindo, disse a Jesus:

"Guia o meu passo, nos bons caminhos,  
Na longa estrada cheia de espinhos.

Dá-me nas noites, negras de dores,  
Uma Cruz santa para adorar,  
E em dias claros, cheios de flores,  
Uma criança para beijar.

Junta os meus sonhos, no azul dispersos,  
Desce os teus olhos sobre os meus versos...

E vós, amigos tão carinhosos,  
Irmãos queridos que me adorais  
E nos espinhos tão dolorosos  
De minha estrada também pisais...

Velai comigo, longe da lua,  
Que já levantam a minha Cruz.

A hora triste já vem chegando  
De nossa longa separação...  
Que lança aguda vai transpassando  
De lado a lado meu coração!

Não adormeçam, meus bem-amados,  
Já vejo os cravos ensangüentados.

Longe, bem longe, naquele monte,  
Não brilha um astro de luz divina?  
É o diadema de minha fronte,  
É a esperança que me ilumina!

A Cruz bendita, que aterra o vício,  
Fogueira ardente do sacrifício.

Adeus, da vida sagrados laços...  
Adeus, ó lírios de meu sacrário!  
A Cruz, no monte, mostra-me os braços...  
Eu vou subindo para o Calvário.

Ficai no vale, pobres irmãos,  
Da vovozinha beijando as mãos

E se ela, inquieta, com a voz trêmeme,  
Ouvindo as aves pela manhã,  
Interrogar-vos ansiosamente:  
"Que é do sorriso de vossa irmã?"

Dizei, alegres: foi passear...  
Foi colher flores para o Altar."

E, quando a tarde vier deixando  
Nos lábios todos saudosos ais,  
E a pobre santa falar chorando:  
"A minha neta não volta mais?"

Dizei, sem prantos: "A tarde é linda...  
Anda nos campos, brincando ainda."

Livrai su'alma do frio açoite  
Das ventanias que traz o Inverno...  
Cerrai-lhe os olhos, na grande noite,  
Na noite imensa do sono eterno.

Anjo da guarda, de rosto ameno,  
Mostra-me o trilho do Nazareno

.....  
E... adeus, ó lírios do meu sacrário,  
Que eu vou subindo para o Calvário!"

06 - Bíblia sagrada. Lucas, capítulo 22, V. 42 / Marcos, capítulo  
14, V. 36 / Mateus, capítulo 26, V. 39.

07 - FIO PARTIDO

I  
Fugir à mágoa terrena  
E ao sonho, que faz sofrer,  
Deixar o mundo sem pena  
Será morrer?



Fugir neste anseio infindo  
 À treva do anoitecer,  
 Buscar a aurora sorrindo  
                   Será morrer?

E ao grito que a dor arranca  
 E o coração faz tremer,  
 Voar uma pomba branca  
                   Será morrer?

## II

Lá vai a pomba voando  
 Livre, através dos espaços...  
 Sacode as asas cantando  
                   Quebrei meus laços!"

Aqui na amplidão liberta,  
 Quem pode deter-me os passos?  
 Deixei a prisão deserta,  
                   Quebrei meus laços!

Jesus, este vôo infindo  
 Há de amparar-me nos braços  
 Enquanto eu direi sorrindo:  
                   Quebrei meus laços!

- 08 - BACHELARD, Gaston. L'air et les songes. 10ª réimpression, Paris, librairie José Corti, 1943, p.157.
- 09 - Bíblia Sagrada. Lucas, Cap. 23, V.46.
- 10 - Dos 131 poemas do Horto, Auta de Souza revela espiritualidade em 39 poemas, cujas páginas são: 19, 23, 27, 33, 45, 49, 53, 58, 63, 65, 71, 81, 82, 85, 88, 92, 94, 108, 115, 118, 128, 137, 139, 144, 151, 156, 159, 165, 170, 181, 183, 201, 202, 212, 216, 230, 232, 237, 247.
- 11 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, 1969, p.168.
- 12 - NUM LEQUE

Na gaze loura deste leque adeja  
 Não sei que aroma místico e encantado...  
 Doce morena! Abençoado seja  
 O doce aroma de teu leque amado,

Quando o entreabres, a sorrir, na Igreja,  
 O templo inteiro fica ambalsamado...  
 Até min'alma carinhosa o beija,  
 Como a toalha de um altar sagrado.

Enquanto o aroma inebriante voa,  
 Unido aos hinos que, no coro, entoa  
 A voz de um órgão soluçando dores,

Só me parece que o choroso canto  
Sobe da gaze de teu leque santo,  
Cheio de luz e de perfume e flores!

- 13 - BACHELARD, Gaston. Op. cit. p. 38, 64, 65, 74.
- 14 - BAUDELAIRE, Charles. "Correspondências". In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro. 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977, p.39.
- 15 - MURICY, José Cândido de Andrade. Op. cit. Vol II, p. 1.229.
- 16 - Vejam-se os poemas das páginas 19, 63, 78, 144.
- 17 - Veja-se o poema "Na primeira página da Imitação de Cristo", p. 170.
- 18 - Sirvam de exemplos os poemas das páginas 27, 88, 71, 159, 212. No poema da página 27 a exaltação do nome de Maria é feita através de impressões sonoras ("cicio de prece, "melodia serena", "palpita"); visuais ("branca nuvem", "imagem", "paraíso de luz"); tácteis ("carícia macia", "setíneo laço", "blandícia suave", "afago"); olfativas ("cheiroso lírio", "perfume amado", "fragância mimosa"); gustativa ("doçura").
- 19 - Dos 131 poemas do Horto, Auta de Souza tematiza a morte em 29, ou seja, nos poemas das páginas 26, 30, 41, 46, 67, 74, 75, 86, 90, 95, 99, 114, 122, 127, 132, 135, 149, 152, 154, 158, 173, 188, 189, 193, 211, 215, 223, 227, 239.

20 - AGONIA DO CORAÇÃO

Estrelas fulgem da noite em meio  
Lembrando círios louros a arder...  
E eu tenho a treva dentro do seio...  
Astros! velai-vos, que eu vou morrer!

Ao longo cantam. São almas puras  
Cantando à hora do adormecer...  
E o eco triste sobe às alturas...  
Moças! não cantem, que eu vou morrer!

Pássaros tremem no ninho santo  
Pedindo a graça do alvorecer...  
Enquanto eu parto desfeita em pranto...  
Aves! suspirem, que eu vou morrer!

De lá do campo cheio de rosas  
Vem um perfume de entontecer...  
Meu Deus! que mágoas tão dolorosas...  
Flores! Fechai-vos, que eu vou morrer!

- 21 - MURICY, José Cândido de Andrade. Op cit. Vol I, p. 98.
- 22 - Vejam-se os poemas das páginas 30, 46, 74, 75, 86, 90, 122, 127, 152, 158, 188, 189, 239.

23 - Vejam-se os poemas das páginas 149, 154, 193, 247.

24 - QUANDO EU MORRER

Quando eu morrer...

(Quem me dera  
que fosse num dia assim,  
num dia de primavera  
cheirando a cravo e jasmim!)

... transformem meu coração  
- sacrário azul de esperanças -  
num pequenino caixão  
para enterrar as crianças.

De meus olhos façam círios,  
de meu sorriso um altar  
- cheio de rosas e lírios,  
tão doce como o luar -;

e guardem nele, entre flores,  
longe, bem longe da terra,  
a Virgem santa das Dores  
lá da Igrejinha da Serra.

Daquele sonho formoso  
que minh'alma tanto adora,  
façam o turib'lo piedoso  
que incense os pés da Senhora...

E as saudades orvalhadas  
- de meu amor triste enleio -  
transformem nas sete espadas  
de dor que Ela tem no seio!...

Se deste repouso santo  
em que meu corpo adormece  
vier perturbar o encanto  
o choro de quem padece:  
eu quero as gotas de pranto  
todas mudadas em prece...

Prece que leve, cantando,  
minh'alma ao celeste ninho,  
como um pássaro ruflando  
as asas brancas de arminho.

25 - LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à 3ª ed. do Horto. In. SOUZA, Auta de. Horto, 4ª ed., Natal, Fundação José Augusto, 1970, p.9.

26 - Dos 131 poemas do Horto, em 18 Auta de Souza tematiza a infância, ou seja, nos das páginas 51, 76, 82, 85, 96, 105, 108, 113, 125, 130, 140, 142, 145, 174, 182, 184, 213, 235.

NOTA: Os poemas que falam de crianças mortas, deslocamos para a temática da morte.

## 27 - ANO-BOM

Hoje começa o ano. Na alegria  
De nívea pomba quando nasce a aurora,  
Deixa, minh'alma, a tua fantasia  
Subir, cantando, pelo espaço afora...

Deixa-a sumir-se além, rompendo gazas,  
Subindo em busca de ideais queridos:  
Há de trazer nas pequeninas asas  
Todo o perfume dos meus dias idos!

Há de trazer o sonho transparente  
Da inocência feliz (quãto eu sonhava!)  
E o eco virginal da voz dolente  
Que o meu sono de arcanjo acalentava,

E o meu sorriso e as minhas esperanças,  
Essas ingênuas ilusões de um dia,  
Toda essa luz que as almas das crianças  
Num raio de luar acaricia...

Que tudo venha sobre mim cantando  
O salmo doce da recordação  
Qual se pousasse um luminoso bando  
De passarinhos no meu coração...

- 28 - Dos 131 poemas do Horto, Auta de Souza tematiza a natureza em 20 poemas, ou seja, nos das páginas 39, 55, 59, 65, 92, 101, 111, 115, 117, 118, 130, 135, 163, 165, 181, 191, 216, 221, 224, 243.
- 29 - SOUZA, Eloy de. "Meus irmãos Henrique, Irineu, Auta e João Câncio". In: Memórias. Natal, Fundação José Augusto, 1975, p.47 (vide em anexo o retrato do jasmineiro de Auta de Souza).
- 30 - MORAES, Carlos Dante de. "Simbolismo": variações sobre um poeta negro". In: COUTINHO, Afrânio. Cruz e Souza. Coleção fortuna crítica. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1979, p.288.
- 31 - Vejam-se os poemas das páginas 39, 55, 111, 118, 163, 165.
- 32 - Vejam-se os poemas das páginas 135, 188, 223, 243.
- 33 - FALANDO AO CORAÇÃO

Desperta, coração! vamos morar  
Numa casinha branca, ao pé do Mar...  
Que seja linda como é linda a Lua  
Que em noites santas pelo Azul flutua:  
Imaculada como a luz do Amor,  
Alva de neve como um sonho em flor.

Quando a Noite vier... se no meu seio  
Estremeceres cheio de receio,  
- Temendo a sombra que amortalha o Dia  
E cobre a Terra de melancolia -  
Longe do mundo e da desesperança,  
Hei de embalar-te como uma criança.

Quero que escutes o gemer profundo  
Do Mar que chora a pequenez do mundo  
E ouças cantar a doce barcarola,  
Da noite imensa que se desenrola,  
Dando perfume ao coração dos lírios,  
Trazendo sonhos para os meus martírios.

E quando o Sol nascer;quando, formosa  
Como uma garça branca e misteriosa,  
Batendo as asas cor de neve, a Aurora  
Vier cantando pelo mundo afora,  
Rufla as asas também... e forte, então,  
Tu podes palpitar, meu coração!

Acorda para a Vida e canta e canta,  
O Sol da Terra - iluminada e santa!  
Deixa o teu sonho de saudade e dores  
Dormir no seio trêmulo das flores...  
E foge e foge pelo Espaço, à toa,  
Pomba exilada que a seus lares voa!

Esquece a louca e pálida amargura  
Que há tantos anos meu viver tortura...  
Canta o teu hino de ilusão querida,  
Esquece tudo o que não seja a Vida  
E, para o Céu das alegrias mansas,  
Conduz nas asas minhas esperanças...

Não vês? Minh'alma é como a pena branca  
Que o vento amigo da poeira arranca  
E vai com ela assim, de ramo em ramo,  
Para um ninho gentil de gaturamo...  
Leva-me, ó coração, como esta pena  
De dor em dor, até a paz serena.

Desperta, coração, vamos morar  
Numa casinha branca, ao pé do Mar...  
Quero que escutes, a sonhar comigo,  
A queixa eterna do Oceano amigo  
E ouças o canto triunfal da Aurora  
Batendo as asas pelo Mar afora...

34 - BACHELARD, Gaston, Op cit. p. 36, 38, 74

35 - TELES, Gilberto Mendonça. Drumond - a estilística da repetição, 2ª edição, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1976, p.108.

- 36 - Dos 131 poemas do Horto em 7 poemas a poetisa desenvolve a temática do sonho. Estes poemas são os das páginas 24, 61, 68, 78, 102, 173, 187.
- 37 - Vejam-se os poemas das páginas 61, 68, 187.
- 38 - Vejam-se os poemas das páginas 24, 78, 102, 173.
- 39 - À ALMA DE MINHA MÃE

Partiu-se o fio branco e delicado  
 Dos sonhos de minh'alma desditosa...  
 E as contas do rosário assim quebrado  
 Caíram como folhas de uma rosa.

Debalde eu as procuro lacrimosa,  
 Estas doces relíquias do Passado,  
 Para guardá-las na urna perfumosa,  
 Do meu seio no cofre imaculado.

Ai! se eu ao menos uma só pudesse  
 Destas contas achar que me fizesse  
 Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria... Mas minh'alma atenta  
 Em vão procura uma continha benta:  
 Quando partiste m'as levaste todas!

- 40 - Dos 131 poemas do Horto Auta utiliza o recurso das maiúsculas (em nomes cuja categoria gramatical não o requer) em 98 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 26, 27, 30, 32, 33, 36, 37, 39, 41, 45, 46, 51, 53, 55, 58, 59, 61, 63, 65, 67, 68, 71, 74, 76, 78, 81, 82, 85, 88, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 105, 108, 110, 113, 114, 115, 118, 119, 122, 127, 128, 130, 132, 135, 137, 139, 142, 145, 149, 151, 152, 154, 156, 158, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 177, 179, 181, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 196, 199, 201, 202, 203, 211, 212, 213, 216, 221, 223, 230, 232, 236, 237, 239, 244, 245.

- 41 - AO CAIR DA NOITE

Não sei que paz imensa  
 Envolve a Natureza,  
 Nessa hora de tristeza,  
 De dor e de pesar.  
 Minh'alma, rindo, pensa  
 Que a sombra é um grande véu  
 Que a Virgem traz do Céu  
 Num raio de luar.

Eu junto as mãos, serena,  
 A murmurar contrita,  
 A saudação bendita  
 Do Anjo do Senhor;

Enquanto a lua plena  
 No Azul, formosa e casta,  
 Um longo manto arrasta  
 De lúrido esplendor.

Minha saudades todas  
 Se vão mudando em astros...  
 A mágoa vai de rastros  
 Morrer na escuridão...  
 As amarguras doudas  
 Fogem como um lamento  
 Longe do Pensamento,  
 Longe do Coração.

E a Noite desce, desce  
 Como um sorriso doce,  
 Que em sonhos desfolhou-se  
 Na voz cheia de amor,  
 Da mãe que ensina a Prece  
 Ao filho pequenino,  
 De olhar meigo e divino  
 E lábio aberto em flor.

Ah! como a Noite encanta!  
 Parece um Santuário,  
 Com o lindo alampadário  
 De estrelas que ela tem!  
 Recorda-me a luz santa,  
 Imaculada e pura,  
 Da grande noite escura  
 Do olhar de minha Mãe!

Ó Noite embalsamada  
 De castas ambrosias...  
 No mar das harmonias  
 Meu ser deixa boiar.  
 Afasta, ó Noite amada,  
 A dúvida e o receio,  
 Embala-me no seio  
 E deixa-me sonhar!

#### 42 - CORES

Enquanto a gente é criança  
 Tem no seio um doce ninho  
 Onde vive um passarinho  
 Formoso como a Esperança

E ele canta noite e dia  
 Porque se chama: Alegria.

Depois... vai-se a Primavera...  
 É o tempo em que a gente cresce...

O riso se muda em prece,  
a alma não canta: espera!

E ao ninho do Coração  
Desce outra ave: a Ilusão.

Mas esta, como a Alegria,  
Nos foge... e fica deserto  
O coração, na agonia  
Do inverno que já vem perto.

Nas ruínas da Mocidade  
É quando pousa a Saudade...

- 43 - CIRLOT, Juan Eduardo. Dicionário de símbolos. Tradução de Eduardo Ferreira Frias. São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1984, p.243.
- 44 - Dos 131 poemas do Horto, Auta de Souza utiliza o recurso da repetição de palavras em 103 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 23, 24, 25, 29, 30, 32, 33, 36, 39, 41, 45, 46, 49, 55, 58, 61, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 85, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 104, 105, 106, 108, 110, 115, 118, 119, 121, 122, 125, 128, 130, 132, 135, 137, 139, 140, 142, 144, 145, 149, 151, 154, 156, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 170, 174, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 196, 199, 201, 203, 211, 212, 213, 215, 216, 224, 228, 230, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 245, 247.
- 45 - BOUSOÑO, Carlos. Teoria de la expression poética., 5ª edição, Madrid, Gredos S.A., 1970, tomo I, p.461.
- 46 - MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. 6ª edição, São Paulo, Cultrix, 1968, p.27.
- 47 - MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários, 2ª edição, São Paulo, Cultrix, 1978, p.304.
- 48 - CANTANDO

Tão mimosa estrela  
No céu ontem vi,  
Que minh'alma, ao vê-la  
Pensou logo em ti,

Pensou em ti, santo!  
Vendo-a assim brilhar...  
Parecia o encanto  
De teu doce olhar.

De teu olhar puro,  
Meu celeste amor!  
Onde o meu futuro  
Vai boiando em flor.



Vai boiando à toa,  
Sem querer parar,  
Qual pena que voa,  
Suspensa no Ar...

Suspensa voando  
Como um Querubim  
Que passa cantando  
Pelo azul sem fim.

Pelo Azul se esconda  
Quem deseja amar,  
Qual nuvem, qual onda,  
No Céu ou no Mar.

No Céu, se anoitece,  
Ninguém vê o Sol...  
Mas, que importa? A prece  
É um rouxinol.

Rouxinol que chora,  
Mas sempre a cantar.  
Quando nasce a aurora,  
Também canta o Luar.

Também canta amores  
Um'alma sem luz...  
Nunca vista flores  
Aos pés de uma Cruz?

Aos pés de Maria,  
Como é bom rezar!  
Que casta ambrosia  
Se espalha no altar.

Se espalha no lábio  
Sem gosto de fel,  
O doce ressábio  
De um favo de mel.

De um favo tão doce  
Como o teu olhar,  
Pois nele encarnou-se  
Mimosa, a brilhar...

Mimosa e tão clara,  
A estrela que eu vi!  
A luz que me aclara,  
Quando penso em ti.

## 50 - REGINA COELI

Teu nome santo, ó Maria  
Tem a doçura inocente  
De uma carícia macia  
De uma quimera dolente.

Nele se embala a esperança  
Numa meiguice diletta,  
Como no berço a criança,  
Como no verso o poeta.

Do céu teu nome nos desce  
Numa harmonia divina,  
Como um cicío de prece  
Nos lábios de uma menina.

Teu nome é setíneo laço  
Prendido em formoso véu,  
Qual branca nuvem no espaço,  
Qual uma estrela no Céu.

Teu nome reflete a imagem  
Da melodia serena  
Que passa rindo n'aragem  
E no voejar da falena.

Uma blandícia suave  
Nele cantando divaga,  
Como no Azul uma ave,  
Como no mar uma vaga.

Teu nome, cheiroso lírio,  
No níveo cálice encerra  
Todo o mistério do Empíreo,  
Toda a alegria da Terra.

Como um contraste do encanto,  
Neste teu nome diviso  
Toda a saudade do pranto  
E todo o afago do riso...

Ah! todo o perfume amado  
Toda a fragrância mimosa  
Que o colibri namorado  
Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor  
Todo o feitiço do olhar,  
Orvalho a cair na flor,  
Serenos a cair no Mar...

Tudo em teu nome palpita,  
Tudo embriaga e seduz,  
Como a delícia infinita  
De um paraíso de luz.

E, num canto repassado  
De lirismo que extasia,  
Teu nome vive embalado,  
Teu nome santo, ó Maria!

51 - TAVARES, Hênio Último da Cunha. Op. Cit. p.277.

52 - PALAVRAS TRISTES

Quando eu deixar a terra, anjo inocente,  
Ó meu formoso lírio perfumado!  
Reza por mim, de joelhos, docemente,  
Postas as mãos no seio imaculado,  
Quando eu deixar a terra, anjo inocente!

És a estrela gentil das minhas noites,  
Noites que mudas no mais claro dia.  
Não tenho medo aos gélidos açoites  
Da escuridão se a tua luz me guia,  
Ó estrela gentil das minhas noites!

Quando eu deixar a terra, dá-me flores  
Boiando à tona de um sorriso teu;  
Que os risos das crianças são andores  
Onde os Anjos nos levam para o Céu...  
Quando eu deixar a terra, quero flores!

Flores e risos me tecendo o manto,  
Manto celeste feito de esperanças...  
Quando eu daqui me for, não quero pranto,  
Só quero riso, preces de crianças:  
Flores e risos me tecendo um manto!

Anjo moreno, de alma cor de lírio,  
Mais branca do que a estrela da Alvorada...  
Meu coração na hora do martírio  
Pede o consolo de uma prece amada,  
Anjo moreno de asas cor do lírio!

Quando eu deixar a terra, anja inocente,  
Ó meu formoso lírio perfumado!  
Reza por mim, de joelhos, docemente,  
Postas as mãos no seio imaculado,  
Quando eu deixar a terra, anjo inocente!

53 - TAVARES, Hênio Último da Cunha. Op. cit. p.277.

54 - SIMPLES

Eu amo as minhas lembranças,  
Minhas saudades e dores,  
Assim como amo as crianças,  
Os passarinhos e as flores.

A criancinha que chora  
É como o lírio ao nascer:

Um raio de sol implora  
Para que chegue a viver.

E o raio de sol que damos  
À pobre criança é o beijo...  
O lábio que nós beijamos  
Ressoa como um harpejo.

O pequeno passarinho  
Esmola também o amparo:  
Ai! guardemos o seu ninho  
Como o tesouro mais caro.

As flores - no vil degredo  
Da terra - vivem um dia!  
Vamos levá-la bem cedo  
À doce Virgem Maria.

Terão assim melhor sorte  
Quando forem a murchar...  
As rosas querem a morte  
Que as desfolha ao pé do altar.

Ai! tudo que é fraco e triste  
Precisa de amparo a luz...  
E nada no mundo existe  
Tão triste como uma Cruz.

Por isso, adoro as lembranças,  
As amarguras e as dores,  
Assim como amo as crianças,  
As andorinhas e as flores.

55 - MOISES, Massaud. Dicionário de termos literários. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978, p.385.

56 - Id. Ibid, p.386.

57 - DE JOELHOS

Ajoelhada, ó minh'alma, abraçando o madeiro  
Em que morreu Jesus, o teu celeste amigo!  
A seus pés acharás o pouso derradeiro,  
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo.

Ajoelha e soluça... A noite, mãe piedosa,  
Te aperta contra o seio e te ensina a rezar...  
Balbucia a oração, pequenina e formosa,  
Das estrelas no Céu e das ondas no Mar.

Ajoelha e soluça, implorando a alegria,  
Que a saudade sem fim do coração te arranca,  
E a graça de viver, como a Virgem Maria,  
Eternamente pura, eternamente branca.

Ajoelha e repete a prece imaculada  
Que aprendeste a rezar no tempo de criança;

Deixa a prece subir como uma ária encantada  
Se evolvendo da terra ao País da Esperança.

Ajoelha e soluça... A dúvida, que importa?  
Ninguém poderá rir ante uma dor tamanha...  
Todos beijam a Cruz, toda a descrença é morta  
Quando se chega ao pé da sagrada montanha.

De joelhos, minh'alma, ao pé do lenho santo  
Em que sofre Jesus a derradeira pena!  
Deixa cair-lhe aos pés em gotas o teu pranto...  
Que as enxugue no Céu a doce Madalena!

Ajoelha e soluça, implorando a alegria  
Que a saudade sem fim do coração te arranca,  
E a graça de viver, como a Virgem Maria,  
Eternamente pura, eternamente branca...

58 - MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978, p.205.

59 - AGONIA DO CORAÇÃO

Estrelas fulgem da noite em meio  
Lembrando círios louros a arder...  
E eu tenho a treva dentro do seio...  
Astros! velai-vos, que eu vou morrer!

Ao longo cantam. São almas puras  
Cantando à hora do adormecer...  
E o eco triste sobe às alturas...  
Moças! não cantem, que eu vou morrer!

Pássaros tremem no ninho santo  
Pedindo a graça do alvorecer...  
Enquanto eu parto desfeita em pranto...  
Aves! suspirem, que eu vou morrer!

De lá do campo cheio de rosas  
Vem um perfume de entontecer...  
Meu Deus! que mágoas tão dolorosas...  
Flores! Fechai-vos, que eu vou morrer!

60 - SPINA, Segismundo. Manual de versificação românica medieval.  
Coleção Estudos Universitários 3. Rio de Janeiro, Edições  
Gernasa, 1971, p. 74, 75.

61 - JESUS! MARIA!

Meu coração guarda escritos  
E canta em doce harmonia  
Estes dois nomes benditos:  
Jesus! Maria!

Se o dia nasce e, na altura,  
O Sol formoso irradia,

Minh'alma acorda e murmura:  
Jesus! Maria!

Se a noite desce e, tão brando,  
O Sonho azul me inebria,  
Sempre adormeço cantando:  
Jesus! Maria!

Da ilusão se o sopro lindo  
Todo o meu ser extasia,  
Alegre digo, sorrindo:  
Jesus! Maria!

Meu coração, quando pulsa,  
Louco de dor e agonia,  
Ainda grito convulsa:  
Jesus! Maria!

Jesus! Maria! Invocando  
Em vós o sol que alumia,  
Quero morrer soluçando:  
Jesus! Maria!

- 62 - BOUSOÑO, Carlos. Op cit. p.463.
- 63 - SPINA, Segismundo. Op cit. p.75.
- 64 - ANDRADE, Mário de. "Primeiro prefácio de Macunaíma". In: Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1978, p.XLVI.
- 65 - SPINA, Segismundo. Op. cit. p.25.
- 66 - Id. Ibid. p.66.
- 67 - Dos 131 poemas do Horto o recurso do enjambement aparece em 119 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 23, 26, 27, 30, 32, 36, 37, 39, 41, 46, 49, 51, 55, 58, 59, 63, 67, 71, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 135, 139, 140, 142, 144, 145, 149, 151, 152, 154, 156, 159, 161, 163, 165, 166, 170, 173, 174, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 196, 199, 201, 202, 203, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 245, 247.
- 68 - MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 2ª edição, São Paulo, Cultrix, 1978, p,173.
- 69 - SPINA, Segismundo. Op cit. p.75.
- 70 - MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 2ª edição, São Paulo, Cultrix, 1978, p.173.

- 71 - AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A técnica do verso em português. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971, p.14, 15.
- 72 - Dos 131 poemas do Horto em 125 Auta de Souza utiliza o recurso da aliteração. Estes poemas são os das páginas 19, 25, 26, 27, 30, 32, 37, 39, 41, 45, 46, 49, 51, 55, 58, 59, 61, 63, 65, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 122, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 142, 144, 145, 149, 151, 152, 154, 156, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 170, 173, 174, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 196, 199, 201, 202, 203, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 245, 247.
- 73 - Dos 131 poemas do Horto Auta de Souza utiliza o recurso da assonância em 129 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 36, 37, 39, 41, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 61, 63, 65, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 110, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 142, 144, 145, 149, 151, 152, 154, 156, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 170, 173, 174, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 196, 199, 201, 202, 203, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 245, 247.
- 74 - MURICY, Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2ª edição, Brasília, INL/MEC, 1973, vol. II, p.1.230.
- 75 - O glossário que Andrade Muricy destaca no seu livro contém 366 vocábulos que, segundo ele, foram os mais utilizados pelos simbolistas brasileiros. Desse glossário, constam no Horto, 74 vocábulos e, a estes, decidimos pela seguinte classificação:
- 1 - Palavras relacionadas com a morte e com o espírito decadente:
- abismo  
agonia  
círio  
cipreste  
cova  
cravo (flor funerária)  
cravo (prego)  
delírio  
desalento  
desesperança  
dolente

dor  
 esquife  
 funéreo  
 goivo  
 horto  
 inverno  
 lágrima  
 lívido  
 lousa  
 lúrido  
 luto  
 lutuoso  
 mausoléu  
 melancolia  
 merencório  
 mortalha  
 mortuário  
 nada  
 paul  
 plangência  
 roxo  
 tédio  
 tortura  
 tremente

2 - Palavras relacionadas com a espiritualidade, com a idéia de ascensão ou com a vida religiosa católica:

afeto  
 alabastro  
 alma-irmã  
 amaranto  
 amplidão  
 ângelus  
 bonina  
 branco  
 brancura  
 caçoula  
 cela  
 celeste  
 cibório  
 cilício  
 círio  
 crença  
 ermida  
 etéreo  
 infinito  
 lirial  
 lírio  
 mirra  
 mistério



místico  
 monja  
 peregrino  
 prece  
 sempiterno  
 setestrela  
 turíbulo  
 unção  
 virginal

3 - Palavras relacionadas com as atmosferas de sonhos e neblinas:

lua  
 neblina  
 nebulosa  
 névoa  
 nevoeiro  
 sombra  
 sonho

- 76 - Dos 131 poemas do Horto a cor branca aparece em 66 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 24, 25, 27, 33, 39, 46, 49, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 78, 81, 85, 88, 90, 94, 95, 97, 99, 101, 105, 106, 114, 115, 117, 119, 122, 128, 142, 145, 149, 151, 154, 158, 163, 165, 166, 170, 173, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 189, 191, 192, 193, 199, 202, 203, 215, 216, 223, 226, 228, 235, 239, 243, 245, 247.
- 77 - CASCUDO, Luis da Câmara. Vida breve de Auta de Souza. Recife, Imprensa Oficial, 1961, p. 143, 144.
- 78 - WANDERLEY, Rômulo. "Auta de Souza". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal, Ed. Universitária, 1974. p.42.
- 79 - BASTIDE, Roger. "A Nostalgia do branco". In: COUTINHO, Afrânio. Cruz e Souza. Coleção fortuna crítica 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 158, 159.
- 80 - Dos 131 poemas do Horto, Auta utiliza a cor dourada em 54 poemas, cujas páginas são 23, 24, 26, 27, 30, 32, 36, 39, 49, 51, 53, 55, 58, 63, 65, 71, 74, 75, 82, 85, 90, 92, 94, 97, 106, 112, 114, 115, 119, 122, 125, 133, 140, 145, 163, 166, 170, 174, 177, 181, 184, 187, 189, 191, 196, 203, 212, 216, 224, 228, 230, 235, 236, 239.
- 81 - BASTIDE, Roger. Op. cit. p.158.
- 82 - Dos 131 poemas do Horto, a cor preta aparece em 48 poemas, ou seja, nos das páginas 19, 25, 26, 33, 37, 45, 49, 61, 70, 75, 76, 82, 90, 92, 94, 99, 102, 113, 114, 118, 122, 125, 135, 140, 144, 145, 149, 152, 156, 163, 166, 170, 177, 179, 187, 188, 189, 193, 196, 202, 203, 209, 212, 216, 223, 227, 239, 247.

- 83 - Dos 131 poemas do Horto, a cor azul aparece em 39 poemas, cujas páginas são: 19, 27, 30, 33, 36, 39, 41, 46, 51, 53, 55, 59, 61, 63, 68, 71, 74, 81, 90, 102, 113, 114, 115, 122, 135, 139, 140, 145, 149, 152, 154, 159, 163, 187, 212, 216, 228, 230, 239.
- 84 - Dos 131 poemas do Horto, a cor rosa aparece em 6 poemas, cujas páginas são: 49, 53, 61, 76, 105, 239.
- 85 - Dos 131 poemas do Horto, a cor vermelha aparece em 5 poemas, nos das páginas 76, 118, 221, 230, 236.
- 86 - Dos 131 poemas do Horto, a cor roxa aparece em 2 poemas, ou seja, nos das páginas 215 e 243.

#### IV - AUTA DE SOUZA E A CRÍTICA

Já foi dito, anteriormente, que os juízos críticos emitidos sobre Auta de Souza e os versos do Horto caracterizam-se, principalmente, pelo acatamento dispensado à poetisa norte-rio-grandense e ao seu trabalho.

Existe, ainda, uma crítica oficial direcionada no sentido de tergiversar na classificação de Auta de Souza dentro da história literária. Esta vem caracterizada pela controvérsia, pois não há unanimidade nos conceitos emitidos pelos críticos.

Colocar a obra de Auta de Souza frente a essa divergência crítica parece-nos importante uma vez que:

"reordenando as características atribuídas aos movimentos estéticos, e, num campo mais restrito, aos respectivos produtos, estaremos, ao mesmo tempo, recompondo e avaliando, de maneira dinâmica, dentro do terreno difícil, mas produtivo, das correspondências, das implicações e das contradições".<sup>(1)</sup>

Para Alceu Amoroso Lima, Auta de Souza "não pertence nem a uma escola nem a um momento literário".<sup>(2)</sup> Ora, se esta afirmativa não resolve o caso da classificação da poetisa, dentro da história literária, pelo menos já é um pensamento voltado para a questão.

Andrade Muricy, no seu livro sobre o Simbolismo brasileiro, inclui o nome de Auta de Souza junto com os poetas de transição "entre o Parnasianismo-Simbolismo, de um lado, e o Modernismo de

outro".<sup>(3)</sup> Para nós, seria plausível a classificação cronológica de Auta de Souza no perímetro do nosso Simbolismo, isto porque o período em que o movimento mais vigorosamente se impôs no panorama cultural brasileiro vai de 1893, com a publicação de Missal e Broquéis, de Cruz e Souza, a 1902, quando Graça Aranha publicou Canãa e Euclides da Cunha, Os Sertões.<sup>(4)</sup> Esse período, como se pode constatar, coincide com a fase de maior intensidade poética de Auta de Souza - 1893 a 1897.<sup>(5)</sup> Considerando ainda, que a primeira edição do Horto foi publicada em 1900, podemos afirmar que a poetisa situa-se, cronologicamente, na confluência do Simbolismo brasileiro.

É verdade que o início ou o término de um século não determina o nascimento ou a morte de movimentos artísticos, de estruturas literárias, de idéias artísticas, etc. Existe, aliás, em torno dessa unidade cronológica, muita controvérsia, "de forma que, falar de "literatura do século XVIII" ou de "literatura do século XIX", como se tratasse de unidades periódicas, equivale a colocar, sob um rótulo comum, obras e experiências literárias fortemente díspares e antagônicas".<sup>(6)</sup>

Mas, por outro lado, os períodos literários não existem anteriormente às obras concretas e individuais, como uma essência indefinida,<sup>(7)</sup> por isso como assinala Helmut Hatzfeld:

"No que diz respeito à literatura, o estilo de época só pode ser avaliado pelas contribuições da feição de estilo, ambíguas em si mesmas, constituindo uma constelação que aparece em diferentes obras e autores da mesma era e parece informada pelos mesmos princípios perceptíveis nas artes vizinhas."<sup>(8)</sup>

Tal posicionamento coincide, de certo modo, com a opinião de René Wellek, que vê no período literário uma convergência organizada de elementos e não por um único elemento. O Romantismo, por exemplo, é constituído por uma constelação de traços, e não por um úni-

co traço. (9)

Tanto Weliek quanto Helmutz Hatzfeld demonstram que o conceito de período literário não se restringe a uma mera divisão cronológica, pois cada período se define pelo predomínio e não pela vigência absoluta e exclusivista de determinados valores. Além do aspecto cronológico, deve-se levar em conta que algumas constantes temáticas e estilísticas dos poemas do Horto coincidem, por vezes, com as utilizadas pelos simbolistas, conforme assinalamos no capítulo anterior. E mais, a autora deixa entrever, em sua obra, aspectos que nos permitem identificá-la com simbolistas portugueses e brasileiros. O poema "Sylvio", do Horto, por exemplo, tem por epígrafe uma estrofe do poema "Morte de D. João", de Guerra Junqueiro, simbolista português, autor D'Os Simples:

"Ó mãe que tendes filhos, mães piedosas!  
Quando eles morrerem criancinhas,  
Enfeita-lhes o caixão de brancas rosas.  
Deixai, deixai voar as andorinhas  
Em busca das paragens luminosas!"

Auta de Souza escreveu vários poemas à crianças falecidas - Angelina, Loli, Lídia, Morta, Gentil, Zirna, Sylvio, etc. - envolvendo, todas elas, com o mesmo cenário de rosas brancas, paraíso e vôo de pássaros, tal como ocorre na obra do poeta português:

"No esquite azúleo, feito a capricho,  
Por entre rosas de alvura tanta" ("Zirna")

"Sei que tu'alma carinhosa e mansa  
Voou, sorrindo, para o Azul Celeste." ("Mistério")

"Sylvio morreu Docemente.  
Su'alma se foi voando  
Como uma pomba dolente  
Que deixa a terra cantando." ("Sylvio")

As características que Auta de Souza atribui a essas crianças falecidas são, também, de feição junqueira: pálidas, vestidas de rendas, cambraias, ou cetim branco, mãos cruzadas sobre o peito. Porém, não é só a presença do corpo estático que os dois vislumbram: tanto Guerra Junqueiro, quanto Auta de Souza buscam o transcendente na matéria, transformada e vivificada pela luz:

"Adeus! Adeus! Adeus!  
 Sacode as asas puras,  
 Ó lindo sonho branco! e lança às amarguras  
 De minha vida triste o pó de ouro sagrado,  
 Que elas deixam cair do sacrário estrelado  
 Que tens na cabecinha esplêndida e divina." ("Adeus  
 Gentil").

Nestes versos podemos perceber que a transformação da matéria foi operada, principalmente, pelas asas, elemento material que, paradoxalmente, atualiza, no ser terrestre, a verdadeira espiritualidade, pois através delas, Gentil pode voar, ao ninho da "bem-aventurança".

No verso "Sacode as asas puras" fica instaurado todo o movimento de ascensão, reforçada pela assonância do "a" e pela aliteração do "s", que sugerem o ruído das asas em movimento.

Nessa arrancada para o alto, as asas vão deixando cair um pó de ouro sagrado que pode ser o símbolo do poder, da superioridade daquela criança, agora totalmente revestida de energias espirituais, representadas pelas asas, pelo ouro e, conseqüentemente, pela luz.

Pode-se perceber, assim, que apesar da presença da morte e do estilo decadente, Auta de Souza, como Guerra Junqueiro, foi capaz de criar, também, um mundo poético cheio de Luz, de Estrelas, de Céu, de Esperança, de Azul, de tranças douradas. Esse universo de muita luz e cor é próprio do Simbolismo e representa a vida sobre-

natural, a espiritualidade, sem as algemas da carne e da miséria.

São comuns aos poetas do Horto e d'Os Simples o gosto pelas antíteses, pela cor branca e pela flora simbolista (o lírio, o cravo, o jasmim, a açucena, a camélia), tudo isto expresso numa música cantante quase como a popular.

A poesia de Auta de Souza deixa, também, transparecer influência de Antônio Nobre, também simbolista português e autor do Só. Deste, a autora possui o caráter desolado e decadente, configurado no cenário de morte, luto, tristeza e rosas tombando.

Para Antônio Nobre o Só "é o livro mais triste que há em Portugal"! <sup>(10)</sup> Auta de Souza tem a mesma concepção de seus versos:

"Queres meus versos? são tristes." ("Horto")

Como Antônio Nobre, Auta de Souza reflete, nos seus versos, que a vida é um palco de melancolia e dores da qual é preciso escapar, através da morte:

"Quero fugir do mundo tenebroso  
Labirinto de dores... ("Horto")

Entretanto, mesmo concebendo a vida à Shopenhauer, ambos desejam, paradoxalmente, viver, por tudo aquilo que a vida, ainda, pode oferecer. Auta de Souza reafirma esse desejo no soneto "Renascimento": "Quero viver!" (Horto), e Antônio Nobre no soneto nº 7: "Quero viver!" (Só).

Esse apego à vida, todavia, não fazia com que eles se esquecessem da transitoriedade das coisas materiais. E, assim, se expressa a autora potiguar: "Se tudo foge e tudo desaparece" (Horto). E,

assim, o poeta português: "Mas tudo passa nete mundo transitório" (Só).

Outro tema comum a ambos é a infância, um "paraíso perdido" completando, assim a trilogia morte, saudade, melancolia, em cujos aspectos são patentes as notas trazidas pelo Simbolismo: o vago, o mistério, as sinestésias, o vocabulário (sete-estrela, cravo, jasmim, incensos, círios, ciprestes, etc.), as maiúsculas, a música, a atmosfera funerária.

Outro fato digno de nota é o registro numeroso que fizemos de expressões comuns aos dois poetas. A guisa de exemplo, citemos:

"Abre as asas, meu anjo, e estende-as sobre mim." (Horto).

"Que dantes estendia as asas sobre mim." (Só)

"Acorda para a Vida e Canta e canta  
O Sol da Terra - iluminada e santa!" (Horto)

"Cantai-me, nessa voz onipotente,  
O Sol que tomba, aureolando o Mar. (Só)

E mais, Auta de Souza escreveu "Falando ao Coração", e Antônio Nobre "Fala ao Coração", poemas nos quais ambos pedem ao coração para esquecer as suas tristezas e que procure refúgio na outra vida.

É comum, também, aos dois poetas, o cunho popular que emana de seus versos, fato que não se deve, apenas, aos motivos, mas à própria expressão e ao estilo simples e confessional.

A obra poética de Auta de Souza parece identificar-se, também,



com as dos nossos maiores simbolistas: Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa. Do primeiro, a poetisa do Horto herdou a atmosfera de religiosidade e de sentimento cristão que transparece em seus versos, alguns deles, inspirados em textos bíblicos, na Imitação de Cristo e na figura de Nossa Senhora,<sup>(11)</sup> como o fez o poeta mineiro, também cantor da Virgem Maria, a quem o poeta consagou poemas esparsos em seu louvor e, ainda, o livro Setenário das dores de Nossa Senhora que contém cinquenta e um sonetos.<sup>(12)</sup>

A preferência de ambos por temas religiosos, fê-los adotarem uma linguagem tirada da liturgia católica, outro repertório preferido pelos simbolistas brasileiros.

Tanto a temática de Aute de Souza, quanto a de Alphonsus de Guimaraens é repetida, monótona, reveladora de estados d'alma, expressa com o estado de espírito dos decadentes, mas iluminada de reflexos místicos. Por isto, mesmo deixando transparecer em seus versos, um sentimento de decadência em face o mundo que a rodeia, a poetisa do Horto, tal qual o poeta mineiro, opõe ao mundo caos, o culto de paraíso artificiais, o que a leva a traçar quimeras com a morte e com o amor, ambos realizados no plano da fantasia:

"Procuremos bem longe um doce abrigo,  
Na pátria dos arcanjos...

.....  
Quero sonhar, viver, sorrir contigo,  
No Éden há só flores!"(Horto)

"E assim no teu olhar, doce como um jasmim,  
Uma estrela se fez do nosso amor sem fim.  
Deixa brilhar a estrela loura e mansa,  
Que nos há de guiar à Terra da Esperança." (Horto)

De Cruz e Sousa,<sup>(13)</sup> a poetisa potiguar possui o método de compor simbolista: as aliterações, a criação de imagens, a preferên-

cia pelo lírio, pela cor branca e pelas atmosferas luminosas, o emprego de maiúsculas e o vocabulário, cujas palavras têm som, cor, sabor e perfume.

Alguns temas e títulos de poemas são comuns aos dois poetas, (14) como, por exemplo, o dos "violões plangentes" que soluçam ao luar, cujos versos parecem sintetizar as saudosas serenatas que entoavam modinhas e choros. Os dois poetas chegam a sugerir os sons desses violões, através das aliteraões do "l":

"Ouve-se ao longe um violão plangente  
E, mais além, num soluçar dolente,  
Canções serenas, ao luar voando.  
.....  
Quanta saudade pelo Azul boiando!" (Horto)

"Ah! plangentes violões dormentes, mornos,  
Soluções ao luar, choros ao vento...  
.....  
Noites de além, remotas que eu recordo." (Poesia Completa)

Nos versos do Horto encontramos, ainda, a poesia noturna, a exaltação da noite, também freqüente em Cruz e Sousa:

"Ó noite imensa... por que me assombra,  
Tu que, nas trevas me sepultaste?" (Horto)

"Ó Grande Monja Negra e transfiguradora,  
.....  
Ó negra Monja triste, ó grande soberana." (Poesia Completa)

De Cruz e Sousa, Auta possui, ainda, a resignação cristã, perante as vicissitudes que foram muitas na vida dos dois poetas. Entretanto, ambos souberam se erguer do sofrimento, sem desespero, e, ainda, encontraram forças para amar e sonhar. Nos versos, que mais

tarde serviriam de epitáfio aos dois poetas, estão a síntese da conformação de ambos, num gesto de dignidade de sentimento e de espírito:

"Longe da mágoa, enfim, no Céu repousa  
Quem sofreu muito e quem amou demais." (Horto)

"E entre raios, pedradas e metralhas,  
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!" (Poesia Completa)

A morte, outro tema comum aos dois poetas, não significa, para eles, aniquilamento, mas o vôo seguro e reto para o Céu, o qual decreta o término das suas condições corpóreas, devolvendo-os, por conseguinte, a verdadeira liberdade: a liberdade de ir ao encontro de Deus:

"Aqui na amplidão liberta,  
Quem pode deter-me os passos?  
Deixei a prisão deserta,  
Quebrei meus laços!" (Horto)

"É livre, livre, desta vã matéria,  
Longe, nos claros astros peregrinos  
Que havemos de encontrar os dons divinos  
E a grande paz, a grande paz sidérea." (Últimos Sonetos)

Assim, se os dois falam da dor e da morte em seus poemas, mostram, por outro lado, a alegria de despojarem-se da matéria, de alcançarem a eternidade e sobrevoarem os abismos da terrenalidade. Por isto, a fé de ambos se resume na certeza do paraíso e, portanto, não se contentam em ficar esperando a redenção, mas vão para ela, certos dos seus destinos. Daí que o movimento das imagens de seus poemas é, quase sempre, de ascensão da Terra para o Céu:

"E a prece, cheiroso incenso,  
Se perde no azul dos Céus." (Horto)

"E sobe aos céus como sagrado incenso." (Poesia Completa)

Para Otto Maria Carpeaux, "Do caráter Simbolista da poesia de Auta de Souza pode-se duvidar; está, no entanto, ligada ao Simbolismo, mais do que a qualquer outro movimento literário, pelo espiritualismo religioso."<sup>(15)</sup> Com esta afirmativa, Carpeaux dá um considerável avanço na classificação da poetisa, dentro da história literária, embora deixe a questão em aberto.

A opinião de Esmeraldo Siqueira, crítico literário e professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coincide, de certo modo, com a de Otto Maria Carpeaux, ao julgar que além de lírica, Auta de Souza é profundamente religiosa e que, é essa religiosidade que aproxima a poetisa do Simbolismo literário. Entretanto, o crítico do Rio Grande do Norte vai mais longe do que Carpeaux, ao afirmar que "todos os grandes poetas são simbolistas no sentido amplo da palavra".<sup>(16)</sup>

Antônio Soares Amora situa, também, a poetisa no Simbolismo "pelo espiritualismo de suas composições".<sup>(17)</sup>

Há, ainda, quem admita que Auta de Souza assimilou, em seu formalismo poético, algumas atitudes parnasianas.<sup>(18)</sup> Mas esse fato, obrigatoriamente, não exclui a poetisa do Simbolismo, pois devemos nos lembrar de que este movimento, aqui no Brasil, "não constitui uma época literária isolada ou autônoma: ao revés, do ponto de vista histórico e do estético, misturou-se ao parnasianismo".<sup>(19)</sup> Por isto é que, tanto os simbolistas assimilaram atitudes parnasianas,<sup>(20)</sup> quanto os parnasianos adotaram procedimentos simbolistas e até românticos.<sup>(21)</sup>

Esse arrolar de fatos se concretiza quando constatamos, entre os parnasianos, algumas sementes simbolistas. Em Olavo Bilac, por

exemplo, no poema "Vila Rica",<sup>(22)</sup> pode-se verificar que existe um aproveitamento da sugestão da música e da cor, traços do Simbolismo; em Raimundo Correia,<sup>(23)</sup> a melancolia, a musicalidade, as sinestesias, as evocações bíblicas, o choro pela perda do passado são mais do que prefigurações simbolistas; em Gonçalves Crespo, parnasiano português, também se percebem traços simbolistas. A propósito, o poema "Na Judéia", de Auta de Souza, contém como epígrafe: "Imitando a transfiguração de Gonçalves Crespo". Fomos às fontes<sup>(24)</sup> e constatamos que o referido poema de Auta de Souza trata-se, realmente, de uma imitação do poema "Transfiguração" do poeta parnasiano português. Além dos dois poemas serem em dísticos e em versos alexandrinos, narram um episódio em que Jesus fala ao povo. Nos dois poemas a fala de Jesus é "mansa" e se dirige a "uma turba imensa e respeitosa". Mas a semelhança entre os dois não fica só aí. Todo o Horto deixa transparecer assimilação das Miniaturas<sup>(25)</sup> de Gonçalves Crespo, no tocante à obsessão pelas mulheres brancas, de olhos azuis e tranças louras; aos motivos (reminiscências do mundo perdido na infância distante, instantâneos tristes ou líricos, recompostos pela memória, ou puramente imaginados, nos quais predominam sempre as sensações vividas); à utilização de metros polimétricos e de expressões quase que idênticas:

"Quando ela ficar moça e no teu rosto  
A sombra do sol-posto." (Horto)

"Tu bem me vês no rosto  
À sombra do sol-posto..." (Miniaturas)

"Passaste rindo... e o teu perfil modesto,  
.....  
Tinha de um sonho a doce transparência." (Horto)

"Seu rosto tinha a doce transparência." (Miniaturas)

Assim,

"No caso brasileiro (...) há um diálogo parnasiano-simbolista (como no século vinte, um diálogo simbolista-modernista) (...) pode-se afirmar que o nosso Simbolismo não foi mais do que um Parnasianismo romântico, da mesma forma por que é evidente, no Parnasianismo, a busca da musicalidade, processo tipicamente simbolista."<sup>(26)</sup>

Fica compreendido, assim, que ao longo da mesma época, pode ocorrer a coexistência de sistemas de normas diferentes. Muitas vezes, estes sistemas de normas não se limitam a coexistir lado a lado, mas interpenetram-se e fundem-se inexplicavelmente no mesmo artista e, até, na mesma obra. Desse modo os períodos não se sucedem de modo rígido e linear como se fosse entidades discretas, blocos monolíticos justapostos, mas sucedem-se através de zonas difusas de imbricações e de interpenetração.<sup>(27)</sup>

Jandira de Carvalho, em seu ensaio,<sup>(28)</sup> distingue em Auta de Souza, qualidades do Romantismo, opinião mantida por José Valdevino.<sup>(29)</sup> Este, acredita, entretanto, que a obra da autora potiguar contém, também, elementos do Simbolismo: o vocabulário (boiar, luar, mistério, luz, lírio, onda, neve, monte, quimera, cisma, sonho, etc.), a musicalidade e o poder de sugestão de alguns poemas, as maiúsculas. Para o crítico é como se Cruz e Souza tivesse inspirado os versos do Horto e Alphonsus de Guimaraens lhe dirigido "o canto de fé".<sup>(30)</sup>

A presença de elementos românticos na obra poética de Auta de Souza é constatação profundamente viável, principalmente quando ficamos sabendo que, "os simbolistas brasileiros, por uma curiosa sobrevivência do romantismo de Varela, Castro Alves e Álvares de Azevedo, usam e abusam da temática: cemitério, cipreste, flores roxas, mochos, goivos",<sup>(31)</sup> tal como se verifica nos versos de Auta de Souza. Aliás, como bem assinala Andrade Muricy:

"Pós-Romantismo, sem dúvida; porque não houve ruptura radical, mas legítima sucessão, como ocorre na vida quando a substancialidade não se estanca, e se comunica."<sup>(32)</sup>

Isto significa que um sistema de normas não se estingue abruptamente, num determinado ano, mês, como também não se forma de um jato subitamente.<sup>(33)</sup>

Luís da Câmara Cascudo escreveu o mais completo e emocionante estudo sobre Auta de Souza. Neste livro<sup>(34)</sup> ele cita as leituras da poetisa: Luís Murat, Lamartine, Gonçalves Crespo, Santa Teresa de Jesus, Castro Alves, Guerra Junqueiro, Tobias Barreto, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Guimarães Passos. Acha, ainda, que ela conheceu Victor Hugo e Musset e que, provavelmente, tenha lido os sonetos de Antero de Quental e o Só, de Antônio Nobre. Entretanto, diz que esses nomes não determinam, não explicam o Horto, nem dirigiram, orientaram e educaram a poetisa. Mas todos sabemos que cada artista é discípulo de muitos mestres, e, como tal, recebe influência de outras obras, pois "qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de uma multiplicidade de textos".<sup>(35)</sup> É através dessa verdadeira comunicação e assimilação intrínsecas, que se vai formar a obra de arte que nada mais é que o conjunto de influências recebidas, de leituras realizadas e que se fixaram no artista. Por isto, não podemos aceitar que as leituras de Auta de Souza não tenham determinado o Horto, nem tão pouco dirigido, orientado e educado a poetisa conforme afirma Luís da Câmara Cascudo, pois pudemos constatar que todas as leituras, de uma forma, ou de outra, suggestionaram o espírito da poetisa. Assim,

"Só se apreende o sentido e a estrutura duma obra literária, se a relacionarmos com os seus arquétipos - por sua vez abstraídos de longas séries de textos, de que constituem, por assim dizer, a constante."<sup>(36)</sup>

No mesmo ensaio, Câmara Cascudo diz que Auta de Souza se utilizou da técnica inconfundível do Simbolismo: maiúsculas nos substantivos. Os substantivos com maiúsculas, postulados em voga na França, aparecem por todo o Horto, revelando, assim, o conteúdo transcendente daqueles nomes. Entretanto, mesmo se utilizando da "técnica inconfundível", como afirma Cascudo, para ele o que existe em Auta de Souza é apenas uma tendência simbolista,

"Mas o Simbolismo sem a fórmula enigmática, sem o hermetismo que dava ao movimento o halo misterioso de prestígio secreto, de magia irradiante comunicável aos iniciados."<sup>(37)</sup>

Essa ausência de hermetismo nos versos do Horto, de que nos fala Cascudo, deve-se ao fato de ter sido, o Simbolismo um movimento profundamente heterogêneo. Mesmo em França, lugar onde se originou o movimento, pode-se constatar a existência de vários simbolismos: a corrente da "arte pela arte", de estilo hermético, à qual pertencem Mallarmé e seus seguidores; a corrente intimista, marcada pelo misticismo, pessimismo, lirismo, sentimentalismo, evasivismo, à qual se filiam Verhaline, Albert Samain, Maurice Maeterlinck, etc. Com as demais literaturas não ocorre diferente. No Brasil, por exemplo, há uma diferenciação temática no interior do seu Simbolismo: "a vertente que teve Cruz e Souza por modelo tendia a transfigurar a condição humana e dar-lhe horizontes transcendentais capazes de redimir-lhe os duros contrastes; já a que se aproximou de Alphonsus, e preferia Verlaine a Baudelaire, escolheu apenas as cadências elegíacas e fez da morte objeto de uma liturgia cheia de sombras e sons lamentosos; (...) a dos crepusculares (...), preferiram esboçar quadros de sabor intimista."<sup>(38)</sup>

A poesia de Auta de Souza parece pertencer às vertentes que têm Cruz e Souza e Alphonsus deGuimaraens como modelo, todavia aproxima-se mais do segundo, uma vez que o seu simbolismo, seguindo a rota de Verlaine e Antônio Nobre, é mais de música e sentimen-



to, do que capacidade de sugestão, ou hermetismo, técnicas utilizadas por alguns simbolistas da estirpe de Mallarmé.

Alfredo Bosi inclui Auta de Souza entre os "simbolistas do Norte" e diz que, pelos exemplos colhidos em antologias, acha Auta de Souza muito influenciada por Cruz e Sousa.<sup>(39)</sup> Não temos nenhuma informação de que Cruz e Sousa foi lido por Auta de Souza, entretanto concordamos que haja influência do poeta catarinense, na poetisa potiguar, pelos motivos já referidos anteriormente.

Para Massaud Moisés, Auta de Souza filia-se ao Simbolismo, facto que ele comprova pelo exame da linguagem do Horto, que revela recursos típicos do Simbolismo: imagens relacionadas com a cor branca, a metaforização, a sensibilidade "refinada e mórbida", a presença do "Eu", o transcendentalismo, o tema da morte, o misticismo, mesmo nos poemas de temas "cotidianos, realistas ou de ocasião".<sup>(40)</sup>

Giselda Lopes do Rego Pinto, escritora do Rio Grande do Norte, mantém a mesma opinião de Massaud Moisés. Para ela, pelas características que existem na poesia de Auta de Souza, "não pode disassociá-la do Simbolismo".<sup>(41)</sup>

Em outros compêndios, enciclopédias e livros de teoria literária encontramos, também, o nome de Auta de Souza arrolado entre os simbolistas brasileiros,<sup>(42)</sup> entretanto, Péricles Eugênio da Silva Ramos diz que Auta de Souza não é Simbolista e que, tal engano deve-se ao facto de haver predominância de elementos católicos em seus poemas. Para ele a poetisa é de sensibilidade neo-romântica, tradicionalista, às vezes elegíaca, sempre singela.<sup>(43)</sup>

Essa predominância de elementos católicos nos poemas de Auta de Souza, pode aproximá-la do Simbolismo, pois os elementos da liturgia católica, predominantes no Horto, foi procedimento adotado pelos simbolistas brasileiros.<sup>(44)</sup> Concordamos, contudo, com a

afirmativa do crítico modernista de que a sensibilidade de Auta de Souza é neo-romântica, pois parece que é esse fato que define o feitio do seu simbolismo, uma vez que existe um Simbolismo neo-romântico, diverso do Simbolismo construtivista e não espiritualista de Mallarmé e Rimbaud, no qual estão incluídos: o lirismo elegíaco de Verlaine, a volúpia da morte no teatro de Maurice Maeterlinck, a lírica de Stefan George, o sentimentalismo de Albert Samain, etc. O Simbolismo do tipo neo-romântico está representado na literatura brasileira pela lírica de Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa,<sup>(45)</sup> onde podemos incluir, também, a poetisa norte-rio-grandense, pois acreditamos, aliás, que é nessa sensibilidade neo-romântica que se pode diferenciar a mundividência do poeta francês e do brasileiro, que sendo do "país da saudade" é mais propenso ao subjetivismo, ao sentimentalismo. Aliás, como bem assinala Hernani Cidade, o que caracteriza o Simbolismo no Brasil não é tanto a imprecisão do símbolo, mas, de um lado, a renúncia às formas nítidas e marmóreas do Parnaso, e do outro, a restituição, aos versos, de um pouco de calor romântico. Por isto, aqui no Brasil, foi "passageira e de reduzido âmbito a influência da escola, pelo menos do que dela constitui o traço mais saliente".<sup>(46)</sup>

Quanto ao fato de ter sido Auta de Souza, "às vezes elegíaca", como diz, ainda, Péricles Eugênio da Silva Ramos, ela o foi, realmente. Pode-se até mesmo dizer que todo o Horto é um verdadeiro culto elegíaco, pela recorrência à dor, à saudade, à melancolia e à morte. É verdade que essa atitude de espírito remete, também, ao Romantismo. Mas, como afirma Antônio Cândido, o Simbolismo situa-se "próximo das orientações românticas, de que é em parte uma revivência".<sup>(47)</sup>

Alfredo Bosi mantém a mesma opinião de Antônio Cândido, quando afirma que "a poética simbolista deve muito à concepção romântica do poema como expressão da subjetividade". Por isto, é que, pa-

ra Bosi, "não é de todo impróprio falar em neo-simbolismo, aliás, neo-romantismo no caso de Auta de Souza". (48)

Pode-se perceber, assim, que "dentro dessa atmosfera gerada pelo Simbolismo propriamente dito, não faltam grupos caracterizados pelo prefixo "neo": neo-romântico, neoclássicos, neo-simbolistas". (49)

Manoel Onofre Júnior, intelectual do Rio Grande do Norte, acha, também, que a classificação de Auta de Souza como poetisa simbolista é "um tanto arbitrária". (50)

O Dr. Mário Moacyr Porto, em seu discurso de posse, para a cadeira nº 20 (cujo patrono é Auta de Souza), da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, diz que Auta de Souza é poetisa neo-romântica, mas que "a sua poesia é de um maniqueísmo muito ao gosto dos simbolistas, hábeis no jogo dos sentimentos e das palavras ambivalentes: amar, chorar, viver, morrer, sorrir, carpir, dor, amor, etc.". Acha, por outro lado, que a poetisa abriga atitudes parnasianas em seu formalismo poético, como o soneto e as chaves de ouro. (51)

José Melquíades de Medeiros, escritor e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem quase a mesma opinião do escritor Mário Moacyr Porto, pois acha que Auta de Souza, sua conterrânea, possui uma dosagem muito forte de simbolismo em sua poesia. Entretanto, a poetisa, "uma das mais completas do Rio Grande do Norte e, ao mesmo tempo, romântica, mística e parnasiana." (52)

Pode parecer um tanto paradoxal, o fato dos escritores Mário Moacyr Porto e José Melquíades acharem que Auta de Souza é romântica, parnasiana e simbolista ao mesmo tempo. Mas essa constatação é viável, pois o Simbolismo por causa das suas particularidades, já assinaladas, assemelha-se a inúmeras atitudes anteriores. Por isto,

"dentro do rótulo "Simbolismo" podem caber aspectos análogos a outras estéticas". (53)

Também, aqui, neste domínio, opera

"O inexorável ritmo dialético do tempo: em cada período, na síntese cultural e artística que lhe é própria, pulsa a herança do passado e prefiguram-se, em haustos mais ou menos pronunciados, as feições do futuro". (54)

Auerbach chega a lembrar o sentido dinâmico de palavras como Renascimento, Iluminismo, Romantismo, que acima de tudo, significam épocas, mas, as vezes, se aplicam, também, à épocas diferentes daquelas de origem. (55) As suas características surgiram, inicialmente, isoladas, depois aglomeraram-se, difundiram-se, e transformaram-se. Assim, a "necessidade prática dos marcos de periodização não exclui à reflexão sobre o seu modo de transformação, conhecimento que se torna imprescindível para a captação do sentido histórico". (56)

Assim, na obra poética de Auta de Souza interpenetram-se características da literatura popular, do Romantismo, do Parnasianismo e do Simbolismo.

Por outro lado, é preciso levarmos em conta que esses rótulos devem ser vistos, apenas, como marcos referenciais e não como signos de exclusão ou de qualidade. Sobre estes, Paul Valéry afirma que:

"É impossível pensar seriamente com vocábulos como "classicismo", "romantismo", "humanismo" e "realismo", pois que ninguém mata a sede ou se embriaga com os rótulos das garrafas". (57)

Victor Manuel de Aguiar alarga esse conceito, quando diz:

"O que importa é que o rótulo não seja arbitrário, que corresponda ao conteúdo da garrafa, e que, portanto, a etiqueta tenha justificação e legitimidade".<sup>(58)</sup>

De qualquer forma, o melhor caminho é, como afirma o professor Celestino Sachet, respeitar "os limites sempre abertos da obra ou de sua significação e respeitar, igualmente, a capacidade criadora do próprio leitor".<sup>(59)</sup> O crítico catarinense chega a propor um modelo de análise "que seja capaz de estabelecer uma ligação mais íntima entre Autor, Obra, Leitor e Comunidade".<sup>(60)</sup> Dentro desta perspectiva, a obra de arte, deixadas de lado as múltiplas e variadas contradições a respeito de sua conceituação, carrega, dentro dela, três realidades passíveis de serem detectadas:

1 - Uma individualidade que a diferencia de outra, pelos seus atributos específicos, pelos seus elementos caracterizadores, isto é, pelos elementos da língua.

2 - Uma personalidade capaz de comunicar a sua visão do mundo.

3 - Uma politicidade capaz de desencadear reações do leitor, sobre a comunidade em que está inserido.<sup>(61)</sup>

Portanto, o valor de Auta de Souza não reside no fato da autora ser ou não Simbolista, mas por ter sabido empregar a linguagem com naturalidade, sem nenhum exagero lingüístico, configurando, ao mesmo tempo, os sentimentos de seu tempo, de seu povo e de sua região. É verdade que o Horto não parece ser uma obra prima e, por conseguinte, a sua autora foge à classificação de poeta maior. Todavia, sobre este aspecto, assim se expressa Mário de Andrade, poeta maior e autor de uma poética maior:

"Seria simplesmente imbecil negar o valor das obras menores. (...) As obras menores são importantíssimas (...). Ali-

mentam tendências, fortificam ideais, (...) fazem o claro-escuro de uma época e lhe definem traços e volumes muito mais que as grandes obras."<sup>(62)</sup>

Dentro desta perspectiva, concluímos que é historicamente aceitável, considerar que obras menores possuam, também, sua específica fecundidade, como é o caso do Horto, de Auta de Souza.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - DIAS, Carmem Lúcia de Souza. Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo. São Paulo, Ática, 1984; p. 4.
- 02 - LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à 3ª edição do Horto. In: SOUZA, Auta de. HORTO. 4ª edição, Natal, Fundação José Augusto, 1970, p. 9.
- 03 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento Simbolista brasileiro, 3 volumes. 2ª edição, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1952, vol. I. p. 10.
- 04 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, p. 17, 18, 19.
- 05 - CASCUDO, Luís da Câmara. Vida breve de Auta de Souza, Recife, Imprensa Oficial, 1961, p. 20.
- 06 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar. Teoria da literatura. 3ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1979, p. 347, 348.
- 07 - Ib. Ibid. p. 350.
- 08 - HATZFELD, Helmut. In: COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964, p. 24, 25.
- 09 - WELLEK, René, WARREN, Austin, Teoria da literatura. 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1955, p. 335, 336.
- 10 - NOBRE, Antônio. Só. 14ª edição, Porto, Livraria Tavares Martins, 1968, p. 10.  
NOTA: Os poemas citados serão desta edição.
- 11 - Vejam-se os poemas "No horto" (p. 19), "Regina Coeli" (p. 27), "Cantando" (p. 33), "Na Judéia" (p. 63), "Simbólicas" (p. 78), "Sancta Virgo Virginum" (p. 88), "De joelhos" (p. 128), "No jardim das Oliveiras" (p. 144), "Jesus Maria" (p. 159), "Na primeira página da Imitação de Cristo" (p. 170), "Oração da noite" (p. 202), "Regina Martyrum" (p. 212), "Adoração dos Reis Magos" (p. 230).
- 12 - GUIMARAENS, Alphonse de. Sentenário das dores de Nossa Senhora. In: Nossos clássicos 19. Rio de Janeiro, Agir, 1976, p. 42 a 62.

- 13 - Os poemas de Cruz e Sousa, citados neste capítulo, foram tirados dos seguintes livros:

1 - Poesia completa. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

2 - Últimos sonetos. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Florianópolis, UFSC, Fundação Catarinense de Cultura, 1984.

- 14 -

Poesias de Cruz e Sousa (In: <u>Poesia completa</u> , Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981)	Poesias de Auta de Souza (In: <u>Horto</u> , 4ª edição Natal, Fundação José Augusto, 1970)
Regina Coeli, p. 10	Regina Coeli, p. 27
Carnal e místico, p. 13	Místico, p. 45
Renascimento, p. 156	Renascimento, p. 181
Triunfo supremo, p. 156	Consolo supremo, p. 156
Celeste, p. 175	Celeste, p. 36
Luar, p. 176	Ao Luar, p. 39
Doente, p. 189	Doente, p. 243
No campo, p. 190	Manhã no campo, p. 191
Entre luz e sombra, p. 235	Luz e sombra, p. 245
Diante do mar, p. 276	Ao mar, p. 59

- 15 - CARPEAUX, Otto Maria. Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro-RJ, Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1951, p. 188.
- 16 - SIQUIRA, Esmeraldo Homem da. Entrevista em sua residência, Natal, RN, Janeiro de 1983 (vide anexo).
- 17 - COELHO, Jacinto do Prado, AMORA, Antônio Soares e DACAL, Ernesto Guerra. Dicionário de literatura, Rio de Janeiro, CBP, 1965, volume 2, p. 1.047.
- 18 - PORTO, Mário Moacyr. "Discurso do acadêmico Mário Moacyr Porto". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal, RN. Econômico, 1981, volume 28, nº 16, p. 34.
- 19 - MOISÉS, Massaud. Op cit. p. 69.



- 20 - RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Simbolista. Antologia. São Paulo, Melhoramentos, 1965, p. 27, 28.
- 21 - MOISÉS, Massaud. Op cit. p. 73, 74.
- 22 - BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. "Vila rica". In: Tarde. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919, p. 120.
- 23 - CORREIA, Raimundo. Versos e versões. In: Nossos clássicos 20. Poesia. 2ª edição, Rio de Janeiro, Agir, p. 30.
- 24 - CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves. "Transfiguração". In: Nossos Clássicos 93. Poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1967, p.50, 51.
- 25 - Id. Miniaturas. In: Nossos Clássicos 93. Poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1967.
- 26 - MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. Vol IV (1877 - 1896), 1ª edição, São Paulo, Cultrix, 1978, p. 259.
- 27 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Op cit. p. 353.
- 28 - CARVALHO, Jandira. "Auta de Souza". In: Mulheres do Brasil. Fortaleza, Ed. Henriqueta Galeno. 1971. 1ª vol. p. 156.
- 29 - VALDEVINO, José. "Auta de Souza na literatura brasileira". In: Revista da Academia Cearense de Letras. nº 27, LX - 1953, p. 155, 156.
- 30 - Id. Ibid. p. 160, 161.
- 31 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2 volumes, 2ª edição, Brasília, INL/MEC, 1973, vol. I, p. 432.
- 32 - Id. Ibid. p. 66.
- 33 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Op cit. p. 353.
- 34 - CASCUDO, Luís da Câmara. Vida breve de Auta de souza. Recife, Imprensa Oficial, 1961, p. 78, 79.
- 35 - KRISTEVA, Julia. "A palavra, o diálogo e o romance". In: Semiótica do romance. Lisboa, editora Arcádia, 1977, p. 72.
- 36 - JENNY, Laurent. "A estratégia da forma". In: Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra, Almedina, p. 5.
- 37 - CASCUDO, Luís da Câmara. Op cit. p. 119, 120.  
NOTA: Vide em anexo, também, uma entrevista de Cascudo.
- 38 - BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira, 2ª edição, São Paulo, Cultrix, p. 300.
- 39 - Id. Ibid. p. 320.
- 40 - MOISÉS, Massaud. Op cit. p. 165 a 169.  
NOTA: Sobre Auta simbolista temos, ainda, de Massaud Moisés,

um pequeno depoimento que solicitamos ao crítico, por carta. (Vide anexo).

- 41 - PINTO, Giselda Lopes do Rego. Auta de Souza e a estética simbolista. Natal. Fundação José Augusto, 1974, p. 17.
- 42 - a) Enciclopédia prática Jackson W. M. Jackson, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife. INC Editores, volume 10, p. 97.
- b) Enciclopédia Século XX, Rio de Janeiro. Livraria Olympio Editora/Editora Expressão e Cultura, volume 7. p. 1.911.
- c) TAVARES, Hênio Último da Cunha. Teoria literária. 7ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981, p. 88.
- d) CAMPESTRINI, Hildebrando. Literatura para o 2º Grau. São Paulo, Ed. F.T.D. S/A., p. 93.
- e) MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira. 1ª edição, São Paulo, Cultrix, 1985, p. 85 a 90.
- 43 - PÉRICLES, Eugênio da Silva Ramos. Op. Cit. p. 13.
- 44 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2 volumes, 2ª edição, Brasília, INL/MEC, 1973, vol. I, p. 96.
- 45 - MERQUIOR, José Guilherme. Os estilos históricos na literatura Ocidental. In: PORTELLA et al Teoria literária. 3ª edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979, p. 82, 83.
- 46 - CIDADE, Hernani. O conceito de poesia como expressão da cultura. 2ª edição, Coimbra, Armênio Amado Editor, sucessor, 1957, p. 268.
- 47 - CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, J. Aderaldo. Do Romantismo ao Simbolismo. 9ª edição, São Paulo, Difel, 1981, p. 104.
- 48 - BOSI, Alfredo. Carta datada de 6 de abril de 1986. (Vide anexo).
- 49 - GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Do punumbrismo ao modernismo. São Paulo, Ática, 1983, p. 3.
- 50 - JUNIOR, Manoel Onofre. "Os esquecidos e os lembrados". In: Salvados. Ensaios. Natal, Fundação José Augusto, 1982, p. 24, 25.
- 51 - PORTO, Mário Moacyr. Op. Cit. p. 33, 34.
- 52 - MEDEIROS, José Melquíades de. Entrevista em sua residência, na rua Cel. Flamíneo, Santos Reis, Natal, Março de 1984. (Vide anexo).
- 53 - MOISÉS, Massaud. Op. Cit. p. 28.

- 54 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Op cit. p. 353, 354.
- 55 - AUERBACH, Erich. Mimesis. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 33.
- 56 - DIAS, Carmen Lídia de Souza. Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo. São Paulo. Ática, 1984, p. 4.
- 57 - VALERY, Paul. Mauvaises pensées. In: SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Op cit. p. 348, 349.
- 58 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Op cit. p. 349.
- 59 - SACHET, Celestino. "Os três níveis da obra literária". In: Travessia. Florianópolis, Imprensa Universitária da UFSC, 2º semestre de 1980. nº 1, p. 68.
- 60 - Id. Ibid. p. 67 a 70.
- 61 - Id. Ibid. p. 68.
- 62 - ANDRADE, Mário de. O empalhador de passarinho. 3ª edição, São Paulo, Martins, 1972, p. 102, 103.

## CONCLUSÃO

No decorrer deste nosso trabalho, definimos o papel da controvérsia crítica em torno da obra poética de Auta de Souza, considerada, então, elemento dinamizador para o empreendimento desta pesquisa.

O que pretendemos mostrar, relacionando esses juízos críticos sobre o Horto, procurando captar flagrantes da sua diversidade, foi que, a maioria deles, admite a existência de traços simbolistas na obra da autora potiguar.

Considerando esta perspectiva, embora sem recusar as demais, achamos, também, que a obra poética de Auta de Souza acusa afinidades simbolistas. A sua temática, por exemplo, revela busca espiritual, isto é, um sentimento de eternidade que unifica a sua produção poética. Na sua caminhada para o Alto, o ponto de partida de Auta de Souza é a dor, mas esta foi superada através da fé que lhe apontou o caminho da resignação e que a fez acreditar numa realidade superior existente além da matéria.

Assim, o Horto consegue conjugar os dois pólos da realidade: a vida sofrida da autora e a sua capacidade de transfigurar o sofrimento para um plano maior, ou seja, para os aspectos vivenciais que sugerem o Absoluto e o Eterno.

Porém, não é só o conteúdo dos versos do Horto que aproxima Auta de Souza do simbolismo, mas também os recursos expressionais

por ela utilizados.

As aliterações, as assonâncias e a repetição sistemática de palavras, versos ou estrofes contribuem para efetuar a musicalidade da palavra que é o ponto alto do Horto.

O emprego de maiúsculas, outro recurso típico do Simbolismo, percorrem a maior parte dos poemas de Auta de Souza, acentuando, assim, o caráter simbólico dos vocábulos.

No vocabulário do Horto constatamos o emprego de palavras litúrgicas, a frequente invocação a Nossa Senhora, termos relacionados ao tema da morte e às paisagens vagas, cheias de luas e sombras, uma tendência a pluralizar os substantivos abstratos, além da preferência da poetisa pela flora simbolista: o cravo, a açucena, o lírio, o jasmim.

Peculiar ao vocabulário do Horto são, ainda, os epítetos coloridos que não significam, apenas, uma tendência da autora, para dar aos seus poemas plasticidade, mas para projetar os seus sentimentos interiores, fato que confere ao verniz cromático, um significado menos superficial, uma vez que este é trabalhado com alto teor sugestivo, evocador e sensitivo.

Embora outras cores surjam no Horto, as que predominam são o branco e o preto. Na realidade, na produção poética de Auta de Souza, um mundo de luzes e sombras delineia impressões, sugere sensações, emoções e sentimentos. Entretanto, a cor que prevalece é o branco e cognatos, que corresponde a uma das preferências do Simbolismo, em geral, e não a um complexo de cor da poetisa como acentuaram os críticos do Rio Grande do Norte, Luis da Câmara Cascudo e Rômulo Wanderley. Basta percorrermos os olhos em Mallarmé, Baudelaire, Antônio Nobre, Guerra Junqueiro, Alphonsus de Guimarães

e Cruz e Sousa, para se constatar a mesma predileção pelas imagens claras.

O âmbito de significação dos poemas do Horto amplia-se através das sinestésias, comparações, metáforas, símbolos e animismo que reforçam as sensações e emoções transmitidas. Chegamos a constatar que muitas dessas figuras são aéreas, pois as imagens dos astros, dos pássaros, do vôo, do vento e da luz são comuns nos poemas do Horto.

A literatura simbolista resultou, em alguns, numa literatura caracterizada pelo culto do estilo, tal como se observa na arte de Mallarmé, e, em outros, numa sintaxe simples, reveladora dos estados lírico, subjetivo e espontâneo, como ocorre com Verlaine e seus seguidores. Isto nos leva a concluir que Auta de Souza situa-se dentro das características de um simbolismo que é o tom mais geral nos poetas nascidos nas décadas de 80 e 90, gerações em que se fortalece o prestígio de Verlaine, Samain, Francis Jammes e do português Antônio Nobre. Esse simbolismo pode, em sentido mais geral, ser considerado fruto do chamado decadentismo, atitude de espírito que se caracteriza pela melancolia, pela morbidez, pela recordação da infância, pela fuga da vida real, para o mundo da fantasia.

Parece-nos, também, por outro lado, que Auta de Souza, sem trair o Simbolismo, foi, acima de tudo, uma poetisa brasileira e mais que isto, ela foi uma poetisa popular, pois as fontes populares estão presentes no Horto: as trovas, os metros breves, sobretudo o redondilho maior, as rimas emparelhadas e toantes, com os mesmos sons que chegam a lembrar uma ladainha, a repetição de palavras. E mais, em plena era de comunicação, dominada pelo rádio, pelo disco e pela televisão, os versos musicados de Auta de Souza continuam a ser cantados pelo povo. A poesia de Auta de Souza é, pois, inspirada nas fontes do lirismo popular brasileiro e, names-

ma linha de simplicidade, são as flores e os astros que lhe oferecem material copioso para enumerações e metáforas.

Para concluir, é arriscado caracterizarmos a obra de um autor pelo levantamento de temas e recursos estilísticos. Mas temos que admitir que isto auxilia a compreendê-lo, quando conseguimos flagrar a permanência de certas obsessões por ele perseguidas. E, como isto ocorre em qualquer trabalho artístico, ocorre, também, com o de Auta de Souza, a qual, através de sua poética, se fez conquistadora do Absoluto e do Eterno, mostrando, assim, que a poesia é, também, revelação de Deus e da alma humana.

## BIBLIOGRAFIA

### a) OBRA DA AUTORA:

- 01 - Horto. 2ª ed. Natal, Tipografia d'A República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900.
- 02 - \_\_\_\_\_. 2ª ed. Paris, Aillaud Alves, Cia, 1910.
- 03 - \_\_\_\_\_. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tipografia Batista de Sousa, 1936.
- 04 - \_\_\_\_\_. 4ª ed. Natal, Fundação José Augusto, 1970.

### b) FORTUNA CRÍTICA:

- 01 - ANDRADE, Mário. O turista aprendiz. São paulo, Duas Cidades, 1976, p. 255, 256.
- 02 - ARAÚJO, J. A. Correia de. Auta de souza e as poesias do Horto. Tipografia Freitas de Azevedo, Recife, 1915.
- 03 - ARRUDA, Zeferino. "Auta de Souza". In: A Tribuna, nº 10, Natal, 1899.
- 04 - AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A técnica do verso em português. Rio de Janeiro, livraria Acadêmica, 1971, p. 73.
- 05 - BANDEIRA, Manuel e CAVALHEIRO, Edgard. Obras primas da lírica brasileira. São Paulo, Martins, 1943, p. 186.
- 06 - BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. Prefácio a primeira edição do Horto. In: SOUZA, Auta de. Horto, 1ª ed., Natal, Tipografia d'A República, 1900, p. 10 a 15.
- 07 - BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 2ª edição, são Paulo, Cultrix, 1979, p. 320.
- 08 - CAMPESTRINI, Hildebrando. Literatura para o 2º Grau. São Paulo, Ed. F.T.D. S/A, p. 93.
- 09 - CARPEAUX, Otto Maria. Pequena biblioteca crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951, p. 188.
- 10 - CARVALHO, Jandira. "Auta de Souza". In: Mulheres do Brasil. Fortaleza, Ed. Henriqueta Galego, 1971, volume 1, p. 141 a 167.



- 11 - CARVALHO, Rodrigues. Cancioneiro do Norte. 3ª ed., Rio de Janeiro, MEC/INL, 1967, p. 400.
- 12 - CASCUDO, Luís da Câmara. "Auta de Souza". In: A República, Natal, 1941.
- 13 - \_\_\_\_\_. "Um túmulo para Auta de Souza". In: A República, Natal, 23 de fevereiro de 1943.
- 14 - \_\_\_\_\_. Vida breve de Auta de Souza. Recife, Imprensa Oficial, 1961.
- 15 - \_\_\_\_\_. "Auta de Souza. In: O livro das velhas figuras. Natal, Edição do Instituto Histórico e Geográfico, 1982, volume 3, p. 44 a 46.
- 16 - CELSO, Afonso. Carta enviada a Henrique Castriciano (irmão de Auta de Souza), na qual o literato emite juízos elogiosos ao Horto. In: A República, Natal, 9 de outubro de 1900.
- 17 - COELHO, Jacinto do Prado, AMORA, Antônio Soares e DACAL, Ernesto Guerra. (org.) Dicionário de literatura. Rio de Janeiro, C.B.P., 1965, volume 2, p. 1.046, 1.047.
- 18 - CORREIA, Leôncio. "Auta de Souza". In: O paiz, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1901.
- 19 - \_\_\_\_\_. "Auta de Souza". In: O Norte. Rio de Janeiro, 1901.
- 20 - DICIONÁRIO Antológico das literaturas portuguesa e brasileira. São paulo, Ed. Formar, volume III, p. 1.592.
- 21 - DICIONÁRIO enciclopédico ilustrado Formar. 1965, vol. IV, p. 1.453.
- 22 - ENCICLOPÉDIA Badem. 12ª ed., São Paulo, Editora Iracema, Ltda, 1982, p. 149.
- 23 - ENCICLOPÉDIA Brasileira Globo. 14ª ed., Porto Alegre, Ed. Globo, 1975, vol. 11.
- 24 - ENCICLOPÉDIA prática Jackson. J.N.G. Editores, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, volume 10, p. 97.
- 25 - ENCICLOPÉDIA século XX. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora - Editora Expressão e Cultura, volume 7, p. 1.911.
- 26 - FEITOSA, Policarpo. "Horto". In: A República. Natal, 1900.
- 27 - FERNANDES, Carlos D. "Horto". In: Província do Pará, setembro de 1900.
- 28 - FERNANDES, Sebastião. "Horto". In: A Tribuna, nº 5, Natal, 1900.
- 29 - FIGUEIREDO, Jackson. Auta de souza. Coleção Eduardo Prado, série C, Rio de Janeiro, Centro D. Vital, Tipografia do Anuário do Brasil, 1924.

- 30 - FREIRE, Natércia. Poetisas do Brasil. In: Atlântida, nº 3, 3ª série, Lisboa, 1950.
- 31 - FREIRE, Laudelino. Coletânea de sonetos brasileiros. Rio de Janeiro, F. Briguet Editores, p. 354.
- 32 - GOMES, Perilo. "Uma poetisa católica". In: Ensaio de crítica doutrinária. Rio de Janeiro, Ed. Centro D. Vital, 1923.
- 33 - GRIECO, Agripino. Obras completas de Agripino Grieco 2 - Evolução da poesia brasileira. 3ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1947. p. 162, 163.
- 34 - GUIMARÃES FILHO, Luiz. "Um livro de versos" - Horto". In: Gazeta de notícias, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1900.
- 35 - JUNIOR, Manuel Onofre. "Os esquecidos e os lembrados". In: Salvados. Natal, Fundação José Augusto, 1982, p. 24, 25.
- 36 - LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à 3ª ed. do Horto. In: SOUZA, Auta de. Horto, 4ª ed., Natal, Fundação José Augusto, 1970, p. 9 a 11.
- 37 - LINHARES, Mário. "Auta de Souza". In: Poetas esquecidos. Rio de Janeiro, 1938, p. 13.
- 38 - MARINHO, Antônio. "Auta de Souza". In: A Tribuna, nº especial dedicado à poetisa. Natal, 27 de fevereiro de 1901.
- 39 - MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 1ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978, vol V (1897 - 1914), p. 126.
- 40 - MEDEIROS, José Melquíades de. "Macaíba há um século". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal, Ed. Universitária, 1976, p. 63 a 75.
- 41 - MELO, Veríssimo de. "Auta de Souza". In: Patronos e acadêmicos. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1972, vol. I, p. 125 a 129.
- 42 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª ed., São paulo, Cultrix, 1969, p. 163 a 170.
- 43 - \_\_\_\_\_. História da literatura brasileira. 1ª ed., São Paulo, Cultrix, 1985, p. 85 a 90.
- 44 - MURICY, José Cândido de Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 3 volumes. 2ª ed., Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952, volume I, p. 10.
- 45 - \_\_\_\_\_. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2 volumes. 2ª ed., Brasília, INL/MEC, 1973, volume II, p. 619.
- 46 - PINTO, Giselda Lopes do Rego. Auta de Souza e a estética simbolista. Natal, Fundação José Augusto, 1974.
- 47 - PORTO, Mário Moacyr. "Discurso do acadêmico Mário Moacyr Porto". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, volume 28, nº 16, 1980/81, Natal, Ed. RN-Econômico, 1981, p. 33 a 42.

- 48 - RAMOS, Péricles E. da Silva. Poesia simbolista. São Paulo, Melhoramentos, 1965, p. 13.
- 49 - REBELO, Marques. Antologia escolar brasileira. 2ª ed., Rio de Janeiro, FENAME/MEC, 1977, p. 102.
- 50 - REGO, Álvaro Marinho. "Auta de Souza". In: D. Casmurro, 6 de maio de 1939, Rio de Janeiro.
- 51 - RIBEIRO, Wagner. Enciclopédia do folclore musical. 5 volumes. São Paulo, Ed. Coleção FTD, LTDA, 1965, vol V. Antologia de Cantos orfeônicos e folclóricos II. P. 181.
- 52 - \_\_\_\_\_. Antologia luso-brasileira. 8ª ed., São Paulo, Ed. FTD, p. 89, 90.
- 53 - SARAIVA, Gumercindo. "A modinha no Rio Grande do Norte". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Vol. 27, nº 15, Natal, Ed. Universitária, 1979/80, p. 100.
- 54 - SILVA, Silvan Pessoa e. Auta de Souza e Macaíba. Natal, Ed. RN-Econômico LTDA, 1976.
- 55 - SILVEIRA, Tasso. "As mulheres poetas do Brasil" IV. Auta de Souza. In: Terra do Sol, nº 8, Rio de Janeiro, agosto, 1924, p. 206 a 212.
- 56 - SIQUEIRA, Batista. Modinhas do Passado. 2ª ed., Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora, 1979, p. 177.
- 57 - SODRÉ, Néelson Werneck. História da literatura brasileira. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1964, p. 318.
- 58 - SOUZA, Eloy. "Meus irmãos Henrique, Irineu, Auta e João Cândio". In: Memórias. Natal, Fundação José Augusto, 1973, p. 46 a 49.
- 59 - SOUZA, Henrique Castriciano de. Nota à 2ª ed. do Horto. In: SOUZA, Auta de. Horto. 2ª ed., Paris, Aillaud Alves CIA, 1910, p. 271 a 274.
- 60 - TAVARES, Hênio. Teoria literária. 7ª ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaí LTDA, 1981, p. 88.
- 61 - VALDEVINO, José. "Auta de Souza na literatura brasileira". In: Revista da Academia Cearense de Letras. nº 27, LX, 1953, p. 148 a 162.
- 62 - VITOR, Nestor. "Horto"- poesias de Auta de Souza". Artigo de 1911, reunidos em A crítica de ontem. In: Coleção de textos da língua portuguesa moderna 5. Obra crítica de Nestor Vitor. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969, vol. I, p. 410 a 421.
- 63 - WANDERLEY, Ezequiel. Poetas do Rio Grande do Norte. Recife, Imprensa Industrial, p. 132, 133.
- 64 - WANDERLEY, Palmira. "O elogio de Auta de Souza". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. ano IV, nº 4,

Natal, 1955, p. 4 a 22.

- 65 - WANDERLEY, Rômulo. "Auta de Souza". In: Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal, Ed. Universitária, 1974, p. 37 a 44.

c) APOIO TEÓRICO:

c.1 - Obras sobre o simbolismo: teoria e poesia:

- 01 - AMORA, Antônio Soares. Presença da literatura brasileira. IV. O Simbolismo. 3ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969.
- 02 - BAJU, Anatole. "Aos leitores". In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e Modernismo brasileiro. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1977, p. 51.
- 03 - BANDEIRA, Manuel. Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista. Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1965.
- 04 - BAUDELAIRE, Charles. "Correspondências". In: TELES, Gilberto Mendonça. Op. Cit. p. 39.
- 05 - CÂNDIDO, Antônio e CASTELO, J. Aderaldo. Do Romantismo ao Simbolismo. São Paulo, Cultrix, 1973.
- 06 - CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo no Brasil. 2 volumes. 1ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.
- 07 - COUTINHO, Afrânio. Cruz e Sousa. Coleção fortuna crítica 4. Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1979.
- 08 - \_\_\_\_\_. A literatura no Brasil. vol III, Tomo 1. Simbolismo - Impressionismo - Modernismo. Rio de Janeiro, São José, 1959.
- 09 - GÓES, Fernando. Panorama da poesia brasileira. Vol. IV. O Simbolismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.
- 10 - GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Do penumbrismo ao modernismo. São Paulo, Ática, 1983.
- 11 - GUIMARAENS, Alphonsus de. Setenário das dores de nossa Senhora. In: Nossos clássicos 19. 3ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1973.
- 12 - MARTINO, P. Parnasse et Symbolisme. 2ª ed., Paris, Armand Colin, 1967.
- 13 - MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. 3ª ed., São Paulo, Cultrix, 1969.
- 14 - \_\_\_\_\_. História da literatura brasileira. O Simbolismo. São Paulo, Cultrix, 1ª ed., 1985.
- 15 - MICHA, Alexandre. Verlaine et les poètes symbolistes. Paris, Larrousse, 1967.

- 16 - MICHAUD, Gui. Message poétique du Symbolisme. 4 volumes. Paris, Nizet, 1947.
- 17 - MORÉAS, Jean. "O Simbolismo". In: TELES, Gilberto Mendonça, Op. Cit. p. 56.
- 18 - MURICY, Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2ª ed., 3 volumes. Rio de Janeiro, INL, 1952.
- 19 - \_\_\_\_\_. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2 volumes. 2ª ed., Brasília, INL/MEC, 1973.
- 20 - NICOLAS, Henri. Mallarmé et le Symbolisme. Paris, Larrousse, 1963.
- 21 - NOBRE, Antônio. Só. 14ª ed., Porto, Livraria Tavares Martins, 1968.
- 22 - PAYRE, Henry. A literatura simbolista. Trad. de Maria Helena Nert Garcez e Maria Clara Resende Teixeira Constantino. São Paulo, Cultrix, 1983.
- 23 - RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia simbolista. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- 24 - REGIS, Maria Helena C. Linguagem e versificação em Broquéis. Porto Alegre, Movimento, 1976.
- 25 - RIMBAUD, Arthur. "Alquimia do verbo". In: TELES, Gilberto Mendonça. Op. Cit. p. 42.
- 26 - SOUSA, João da Cruz e. Poesia Completa. Int. de Maria Helena C. Regis. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- 27 - \_\_\_\_\_. Últimos sonetos. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Florianópolis, UFSC, Fundação Catarinense de Cultura, 1984.
- 28 - VERLAINE, Paul. "Arte poética". In: TELES. Op Cit. p. 47.
- c.2 - Obras de história, teoria e crítica literárias, estilística, poética, cultura brasileira, intertextualidade e poesia.
- 01 - ADORNO, Theodor. "Lírica e sociedade". In: Textos escolhidos. Tradução de José Lino Grünnewald et al. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- 02 - AMORA, Antônio Soares. História da Literatura brasileira. (século XVI - XX). 4ª ed., São Paulo, Saraiva, 1963.
- 03 - ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 6ª ed., São Paulo, Martins, 1978.
- 04 - \_\_\_\_\_. O empalhador de passarinhos. 3ª ed., São Paulo, Martins, 1972.
- 05 - \_\_\_\_\_. "Primeiro prefácio de macunaíma". In: Macunaíma: O

- herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. XLVI.
- 06 - \_\_\_\_\_. Música, doce música. 2ª ed., São Paulo, Martins, 1976.
- 07 - \_\_\_\_\_. Pequena história da música. 9ª ed., São Paulo, Martins.
- 08 - AUERBACH, Erich. Mimesis. Tradução George Bernard Sperber. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 09 - AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A técnica do verso em português. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971.
- 10 - \_\_\_\_\_. Síntese crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.
- 11 - BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca LTDA.
- 12 - \_\_\_\_\_. L'air et les songes. 10ª réimpression, Paris, José Corti, 1976.
- 13 - BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira. 3ª ed., Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1957.
- 14 - BELL, Aubrey F. G. A literatura portuguesa. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- 15 - BEN - PORAT, Ziva e HRUSHOVSKI, Benjamin. Poética e estruturalismo em Israel. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- 16 - BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. Tarde. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.
- 17 - BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura brasileira. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1979.
- 18 - BOUSOÑO, Carlos. Teoria de la expression poética. 5ª ed., Madrid, Gredos, 1970.
- 19 - CÂNDIDO, Antônio. "A personagem do romance". In: A personagem de ficção. 6ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1981.
- 20 - \_\_\_\_\_. Formação da literatura brasileira. 2 volumes. 5ª ed., São Paulo, Ed. Universitária, 1975.
- 21 - \_\_\_\_\_. Literatura e sociedade. 5ª ed., São Paulo, Nacional, 1976.
- 22 - \_\_\_\_\_. CASTELLO, José Aderaldo. Presença da literatura brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- 23 - CAVALCANTE, Povina. Viagem ao mundo da poesia. Rio de Janeiro, Irmãos Pongeth, 1957.

- 24 - CIDADE, Hernani. O conceito de poesia como expressão da cultura. 2ª ed., Coimbra, Armênio Amado Editor, Sucessor, 1957.
- 25 - CORREIA, Raimundo. Versos e Versões. In: Nossos Clássicos. 20. Poesia, 2ª ed., Rio de Janeiro, Agir.
- 26 - CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves. Miniaturas. In: Nossos Clássicos 93. Rio de Janeiro, Agir, 1967.
- 27 - CUNHA, Celso. Estudos de poética trovadoresca. Rio de Janeiro, INL, 1961.
- 28 - DIAS, Carmem Lydia de Souza. Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo. São paulo, Ática, 1984.
- 29 - EIKHENBAUM, V. et al. Teoria da literatura. Formalistas russos. Tradução de Ana Maria Ribeiro Filipauski et al. 4ª ed., Porto Alegre, 1978.
- 30 - GENETTE, Gerard. Figuras. Tradução de Ivonne Floripes Montoanelli. São paulo, Perspectiva, 1972.
- 31 - GRAMSCI, Antônio. Literatura e vida nacional. Tradução e seleção Carlos Néilson Coutinho. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- 32 - HOLANDA, Heloisa Buarque de. Macunaíma: da literatura ao cinema. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- 33 - JENNY, Laurent. "A estratégia da forma". In: Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra, Almedina, p. 5.
- 34 - KRISTEVA, Júlia. "A palavra, o diálogo e o romance". In: Semiótica do romance. Lisboa, Editora Arcádia, 1977, p. 72.
- 35 - LAPA, M. Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. 7ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1973.
- 36 - LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro. 2ª ed., São Paulo, Pioneira, 1969.
- 37 - LOPEZ, Telê Porto Ancona. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.
- 38 - MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. 5 volumes, 1ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978.
- 39 - MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. 6ª ed., São Paulo, Cultrix, 1968.
- 40 - PAZ, Octávio. Signos em rotação. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1976.
- 41 - PORTELLA, Eduardo et al. Teoria literária. Biblioteca Tempos Universitária 42. 3ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979.

- 42 - RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Do Barroco ao Modernismo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- 43 - ROGER, Samuel et al. Teoria literária. Petrópolis, Vozes, 1984.
- 44 - SACHET, Celestino. "Os três níveis da obra literária". In: Travessia. Florianópolis, Imprensa Universitária da UFSC, 2º semestre de 1980, nº 1, p. 67 a 70.
- 45 - SARAIVA, José Antônio e LOPES, Oscar. História da literatura portuguesa. 6ª ed., Porto, Porto Editora.
- 46 - SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. Teoria da literatura. 3ª ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- 47 - SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1964.
- 48 - SPINA, Segismundo. Manual de versificação românica medieval. Coleção Estudos Universitários 3. Rio de Janeiro, Ed. Gernasa, 1971.
- 49 - STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais de poética. Tradução de Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- 50 - TAVARES, Hênio Último da Cunha. Teoria literária. 7ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.
- 51 - TELES, Gilberto Mendonça. Drumond - a estilística da repetição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
- 52 - VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira. 5ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- 53 - WELLEK, René e WARREN, Austin. Teoria da literatura. 2ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1962.

d) OBRAS DE REFERÊNCIA:

- 01 - CABRAL, Tomé. Dicionário de Termos e expressões populares. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1973.
- 02 - CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 2ª ed., Rio de Janeiro, INL/MEC, 1962.
- 03 - CIRLOT, Juan Eduardo. Dicionário de símbolos. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo, Ed. Moraes, 1984.
- 04 - ENCICLOPÉDIA Delta Larrousse (Grande). Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A.
- 05 - ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São paulo, Rio de Janeiro, Enciclopédia Britânica do Brasil, publicações LTDA.
- 06 - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (org.) Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- 07 - MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos literários. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1978.



## 248. RÓSEO MENINO

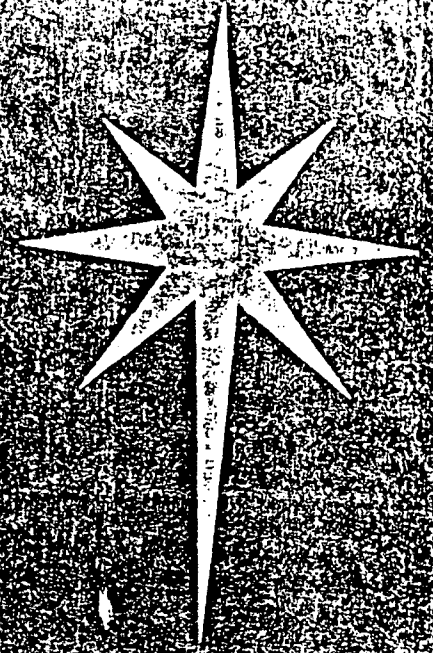
Lêtra: Auts de Souza

Música popularizada

Moderato (♩=80)

*p* Róseo Me-ni- no Feito de luz, Lírio di- vi- nó,  
*pp* Santo Je- sus, Meu cravo olente, Cór de marfim, Pobre ino-  
*mf* cente, Branco jasmim! Estrêla pura, San- to fa- rol,  
*mf* Flor de candura, Raio de sol! No doce encanto,  
 De um riso teu, Jesus eu canto, Leva-me ao céu.

- |   |   |
|---|---|
| <p>2. Entre as palhinhas,<br/>         Pequeno assim,<br/>         Das criancinhas<br/>         Tu és a flor.<br/>         Cabelo louro,<br/>         Olhos azuis,<br/>         És meu tesouro,<br/>         Manso Jesus.</p> | <p>3. Sonho formoso<br/>         Cheio de luz,<br/>         Jesus piedoso,<br/>         Meu bom Jesus!<br/>         Como eu te adoro,<br/>         Pequeno assim.<br/>         Jesus, eu choro.<br/>         Tem dó de mim!</p> |
|---|---|
4. No doce encanto  
 De um riso teu,  
 Jesus tão santo,  
 Leva-me ao Céu.  
 Em ti espero,  
 Mostra-me, a luz,  
 Leva-me, eu quero  
 Ver-te, Jesus!



# *Cantos de Presépio*

FONTES CULTURAIS DA MÚSICA EM GOIÁS 4



Márcio Alencastro Veiga, Euler Amorim Jr., Maria Augusta Calado, Braz W. P. de Pina Filho e Elder Camargo do Passos.

**Cantos de Presépios Goianos**

Depois da primeira representação do presépio em Greccio, por São Francisco de Assis, em 1223, este costume estendeu-se pelo mundo, sendo que cada terra nele manifesta sua cultura através do artesanato, da poesia, da música.

Em Portugal, Fr. Luiz de Souza refere-se a um presépio do convento das freiras do Salvador em Lisboa, em 1391. Armando Lessa registra os Mistérios medievos, Vilancicos, Autos, presépios conventuais, donde deduz terem originado os canticos que cantam o nascimento do Natal.

No Brasil, encontramos aspectos regionais nas comemorações natalinas, como os autos nordestinos (destacando-se o pastoril), os ternos de reis do sul, as tolias de rei do centro-oeste. Indos com suas raízes amarradas fortemente nas tradições portuguesas.

Os cantos de presépio goianos também iniciados num costume propagado pelos portugueses, ainda mantêm latente um rico manancial cultural que compõe os festejos do natal, reunindo louvores ao Menino Deus, cantos de casa em casa, diante de um presépio poralmente artesanal enfeitado com azeitonas, damas e rosas, por grupos visitantes de cantores e instrumentistas.

Os cantos aqui apresentados foram colhidos nas cidades de Goiás e Pirenópolis, que apesar de terem iniciado na mineração aultera dos fins de 720 e apresentar fatores como a proximidade geográfica, laços familiares, formação cultural, possuem, acentuadamente, características particulares que são perceptíveis até nos cantos de presépio, quando excluindo alguns fixos, cada qual seleciona seu repertório. Observamos que nestas duas cidades, a transmissão destes cantos ocorreu no século passado, através de pessoas que conheciam música, repassando inclusive alguns cantos do "Cântico Espiritual" colhidos pelos padres da Congregação da Missão Brasileira H. Garnier (1867), sendo alguns comuns às duas cidades como aqui cantadas: "Para Belém" e "Louvenos". Observamos também que justamente os cantos recolhidos deste hinário, nele não registra autores e difundidos, foram absorvidos pela memória do povo juntamente com os anônimos tradicionais, passando por um processo de aceitação popular, afirmando que a seleção natural é que mantém os costumes.

Na cidade de Goiás o sentimento religioso conduzia as famílias a visitarem em grupos os presépios domésticos diante dos quais se entoavam cantos próprios desde o novena do advento do Menino Jesus até o encerramento no dia de Reis. Hoje não encontramos mais os grupos visitantes, porém as famílias tradicionais mantiveram em suas casas o hábito de cantar no presépio, mas lentamente o antigo repertório vem se modificando porque os mais novos muitas vezes não sabendo cantar os tradicionais, substituem-nos por melodias divulgadas mais recentemente. Entre as que conservam este costume, estão as casas de Emília Mendes, Iêda Sócrates e das irmãs Darcília (de voz lindíssima), Diná e Lalla Amorim, outrora participantes destes grupos desde o tempo de dona Adelaide Sócrates (1888-1935). Fazendo parte da coletânea natalina desta cidade, encontramos cantos que pertencem ao folclore do natal português, como "Já da paz o dia" e "As quadras de "Caminheiros" distinguem-se semelhantes em Portugal.

Em Pirenópolis, de 24 de dezembro a 6 de Janeiro, acompanhando-se e cantoria nos presépios, tem-se a ilusão de recuar-se no tempo pois assiste-se um natal comemorado tal qual aos que os antigos descrevem. Encasularam sua tradição mantendo-a invulnerável às comemorações atuais. Otrora estes grupos eram formados por vários cantores e muitos instrumentos: violões, bandolins, violinos, clarinetas e trombones, hoje foram reduzidos a cantores, violões e bandolim. As vozes são cantadas: 1º voz, o baixo uma terça abaixo e o alto olivando o baixo. Estes cantos permaneceram na oitiva do povo que já não sabe que algumas vieram do hinário e cantam o que lhes foi passado. Irmãados no sentimento cristão, cantores e instrumentistas em profunda devoção saem de casa em casa, indagando à porta: — "Tem presépio?" Assim vão pelas ruas pirenopolinas, rezando e cantando ao Menino Deus.

As vozes, comandadas pela bela e ossante voz de Laurite Vilorino da Veiga, harmonizam-se em coro com Aliterina de Oliveira Alves, Dalila Martins Ribeiro, a adolescente Inêde da Veiga, Joaquina e Solange Ilva Alves da Luz. Os violões são de José Gonzaga Pereira, Pedro Velério, Benedito Consuelo da Veiga, Uerício Afonso e o bandolim de Expedito da Veiga.

Alguns cantos são comuns às duas cidades como os aqui apresentados: Para Belém, Louvenos, Róseo Menino, Em Belém nasceu. Caracteriza a cidade de Goiás, a variação aqui cantada de Meia-Noite e ainda E esta e noite, Caminhemos. Já de paz o dia. Pirenópolis distingue-se com: Botãozinho, Dizem que chora, Que noite é esta e as tipicamente folclóricas Alevania peringonça e Vamos Meu Jesus.

Com a mudança da capital para Goiânia, a cidade foi implantada com a força dos vilalhoenses que para aqui se transferiram trazendo os hábitos, as tradições da antiga capital. Repetiu-se aqui, o costume do canto dos presépios através de grupos formados por antigas cantoras procedentes de Goiás, difundindo nos lares os cantos de sua cidade. Aqui, foram cantados e regularmente até os anos de 1948, por vários pontos da nova capital. Nos arredores da Igreja do S. Coração de Maria cantavam Maria de Faria Castro (Liquinha), Beimira Garibaldi da Fonseca, Francisca e Mariana Cardoso. Já as irmãs Veiga: Angela, Josefina (f. moca), Adélia (Filinha) e Dulce cantavam nas casas de seus familiares. Haviam também as famílias que sustentavam esta prática em seus lares, como as de Izabel Aciscia Pereira Guimarães Balocchi e Biussalina Maria Galvão e Silva.

Homenageamos os 25 anos da Universidade Federal de Goiás, comemorados em plena época natalina, com estas cantigas que também lhe são pertencentes.

Maria Augusta Calado



**FONTES CULTURAIS DA MÚSICA EM GOIÁS - 4**  
Cantos de Presépio

Por ocasião dos festejos de seus 25 anos de existência, e como um brinde a mais ao evento, a Universidade Federal de Goiás apresenta ao público este 4º disco da coleção FONTES CULTURAIS DA MÚSICA EM GOIÁS. Desta feita, são apresentados "Cantos de Presépio", com os quais a população das Cidades de Goiás e Pirenópolis vem no decurso de sua história manifestando sua emoção religiosa ante a comemoração anual do Nascimento de Cristo. É uma busca a mais de fidelidade à inspiração primigênia da coleção que se propôs a divulgar as fontes culturais de nossa música.

Profa. *Maria do Rosário Cassimiro*  
- Reitora da UFG -

UFG/SESU-MEC  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO:  
  
ORGANIZAÇÃO DA RÁDIO CÂMARA  
Sistemas de rádio, televisão e jornal.



**FICHA TÉCNICA:**

Gravação e Produção: Frank J. Acker  
Pesquisa, Coordenação e Produção Executiva:  
Maria Augusta Calado  
Estúdios: Rádio Araguaia  
Equipamento: Nagra IV-S; Stellavox AMI-48 e  
Microfones Neumann U-87

Músicos que participaram desta Gravação:

Violão: Márcio Alencastro Veiga

Bandolim: Euler Amorim Jr.

Voz: Maria Augusta Calado e  
Braz W. P. de Pina Filho  
Elder Camargo do Passos

**LADO A**

- 1- O nascimento de N. S. Jesus Cristo (Para Belém)
- 2- A noite de natal (Meia-Noite) (M. Augusta e Elder)
- 3- Que noite é esta
- 4- E alta a noite
- 5- Hinário do natal (Em Belém nasceu)
- 6- Caminhemos

**LADO B**

- 1- A Jesus nascido (Louvenos)
- 2- Ao menino Jesus (Botãozinho) (M. Augusta e Braz)
- 3- Róseo Menino (M. Augusta e Braz)
- 4- Dizem que chora (M. Augusta e Braz)
- 5- Já da paz o dia (M. Augusta e Elder)
- 6- Alevania geringonça
- 7- Canto de despedida (Vamos meu Jesus)

Gravação dia 24 de setembro de 1985, no estúdio gentilmente cedido pela Rádio Araguaia

**O NASCIMENTO DE N. S.  
JESUS CRISTO  
(PARA BELÉM)**

I

Para Belém partiu Maria  
Confada em Deus justo  
Para seu nome alistar  
Como manda a lei de Augusto

II

E procurar logo vai  
A Virgem imaculada  
De algum lugar que lhe sirva  
De pronto abrigo e pousada

III

Incensu povo que então  
A cidade concorria  
Ocupadas já estavam  
As estalagens que haviam

IV

Nenhum recurso a Maria  
José podendo achar  
Abrigaram-se em um presépio  
Para a noite ali passar

V

Completos os nove meses  
Nasceu o Infante Sagrado  
Deixando o ventre da Virgem  
Puro e sempre Imaculado

II

Apenas Maria tem  
Im lençol para enfaixá-lo  
Mas não tem um pobre berço  
Onde possa recliná-lo

II

Oh! noite, ditosa noite  
Do natal do Salvador  
Tela dos anjos se escutam  
Hinos de Glória e Louvor!

**A NOITE DE NATAL  
(MEIA-NOITE)**

Meia-Noite, já é dada  
O razer santo, respiremos  
Em honra ao filho da Virgem  
Legres hinos cantemos

II

Nasce o nosso Redentor  
Nosso suspirado bem  
Em uma rochosa lapa  
Na cidade de Belém

III

Solrendo o rigor do frio  
Em os braços maternos  
Repousa numa manjedoura  
Bafejado por animais

IV

O Deus d'imensa grandeza  
De poder e Majestade  
Reclinado em um presépio  
Dá o exemplo de humildade

**QUE NOITE É ESTA**

I

Que noite é esta  
De tanta alegria - bis  
Que nasceu Jesus  
Filho de Maria

II

Filho de Maria  
Nasceu em Belém - bis  
Que nos deu a glória  
Para sempre amém

**É ALTA A NOITE**

I

E alta a noite  
A luz se estendeu  
Vinde pastores  
Deus por nós nasceu

Est.

Pressurosos levantai-vos  
A Belém, apressai-vos  
Saudar o Senhor

II

Doce Menino  
Cheio de luz  
Verbo Divino  
Doce Jesus

Est.

Pressurosos levantai-vos  
A Belém, apressai-vos  
Saudar o Senhor

**HINO DO NATAL  
(EM BELÉM NASCEU)**

I

Em Belém nasceu  
Entre os pastores  
O grande Messias  
Senhor dos Senhores

II

Posto em um presépio  
O verbo Divino  
Nos braços da Virgem  
Jaz o Deus Menino

III

Na gruta nasceu  
Entre animais  
O Filho de Deus  
Bendito sejais

Meu Infante  
Meu Menino  
Sois dos anjos  
Doce mimo

**CAMINHEMOS**

I

Caminhe mos, caminhe mos  
Pra lapinha de Belém  
visitar o Deus Menino  
Que salvar o mundo vem - bis

II

Ó meu amado Menino  
Ó do céu tão meiga flor  
Vos fizeste pequeninim  
Sendo tão alto, Senhor - bis

III

Ó meu amado Menino  
Vinde, vinde sem demora  
Que meu coração saudoso  
Clama, clama, grita e chora - bis

IV

Ó meu amado Menino  
Caminho, verdade e luz  
Dai-me as forças que me faltam  
Pra levar a minha cruz - bis

V

O meu amado Menino  
Meu amor, meu doce bem  
Louvado e engrandecido  
Seja o vosso nome amém - bis

**A JESUS NASCIDO  
(LOUVE-MOS)**

I

Louvemos ao Filho  
Da Virgem Maria  
Que é Glória no céu  
E na terra alegria

II

Louvemos a Cristo  
Que veio do céu  
E a carne do homem  
Lhe serve de ven

III

Louvemos a Deus  
Que junto a Maria  
Faz hoje da noite  
O mais claro dia

IV

Louvemos ao Verbo  
Que feito Menino  
Na terra hoje cumpre  
Um alto destino

**O MENINO JESUS  
(BOTÃOZINHO)**

I

O Menino está deitado  
Nas palhinhas, Deus Infante  
Aqui vem florir no campo  
Botãozinho mais galante

II

Os cabelos finos de ouro  
Gelo e ureda aragem fria  
Se desluzem aquecendo  
Em vossos braços, oh! Maria

III

Reclinou-se a Mãe formosa  
Reclinou-se ao Deus Infante  
Ai quem viu em hessa tosa  
Botãozinho, mais galante

IV

Ela todo amor no seio  
Em finzas mil o aminha  
Ele todo por enleio  
Dá-lhe a paz e a facezinha

V

Coro de anjos em diviso  
Vem cantar ao Deus Infante

Ai não tem no paraíso  
Belzinho mais galante

NO

o Mu  
o de l  
ão Dix  
Santo Je:

II  
M...olente  
C...fim  
...ente  
...smim

s palhinhas  
o amor  
ancinhas  
a flor

elos loiros  
os azuis  
s men tesouro  
Manso Jesus

V  
Estrela pura  
Santo farol  
Flor de candura  
Raio de Sol

VI  
No doce encanto  
Do riso teu  
Jesus meu canto  
Levai aos céus

#### DIZEM QUE CHORA

I  
Dizem que chora  
Entre a lapa fria  
Que no céu adora  
A noite e o dia

II  
Verás quem criou  
O céu e a terra  
E se disfarçou  
Nesta baixa serra

III

Chega-te pastor  
Chega-te a Belém  
Que então verás  
Quem é o Senhor

IV

Este é o Senhor  
Para o nosso bem  
Com um grande Amor  
Nasceu em Belém

V

É tão suspirado  
Com tanto clamor  
É o Salvador  
No mundo entrado

#### JÁ DA PAZ O DIA

I

Já da paz o dia  
Nos amanheceu  
Já o sol Divino  
Pastores, nasceu

II

Chegai, ó pastores  
Vinde pressurosos  
A Jesus render  
Hinos fervorosos

III

Chegai, ó profetas  
Erguei nosso canto  
Entoai alegres,  
Santo, Santo, Santo

#### ALEVANTA GERINGONÇA

I

Alevanta geringonça  
No céu acendeu a luz - bis  
Da rosa nasceu o cravo  
Do cravo nasceu Jesus

II

Tem um pobre penitente  
Batendo na portaria - bis  
Quem não quer pobre na porta  
Também não quereis a mim

#### CANTO DE DESPEDIDA (VAMOS MEU JESUS)

I

Vamos meu Jesus  
Vamos a recolher  
Também mostrar milagre  
Do Vosso grande poder

II

Do Vosso grande poder  
Com muita alegria  
Deixai por nossa Mãe  
A Virgem Santa Maria

*Músicos que participaram desta gravação:*

*Violão: Márcio Alencastro Veiga  
Bandolim: Euler Amorim Jr.  
Voz: Maria Augusta Calado e  
Braz W. Pompeu de Pina Filho  
Elder Camargo de Passos*

*Gravação em 24 de setembro de  
1985, no estúdio gentilmente  
cedido pela Rádio Araguaia*

DESALENTO \*

Modinha com versos de *AUTA DE SOUZA* (Macálba)

Andantino. (J. 62) (Sem rigor de tempo).

Quando meu pen-sa-men-to se trans-por-ta...  
As pra-ias de a-lém mar... Sinto no pel-to  
u-ma tris-te-za im-en-sa... Que man-da-me cho-rar.

I

Quando o meu pensamento se transporta,  
As praias de além mar,  
Sinto no peito uma tristeza imensa,  
Que manda-me chorar.

II

É que vejo fugirem uma a uma,  
Santas recordações;  
E voarem como pássaros, saudosos  
As minhas ilusões...

III

Nunca julguei que a terra fosse um túmulo,  
De sonhos juvenis,  
Sorrindo acreditei que aqui no mundo,  
Podia ser feliz.

IV

Enganel-me: a tristeza me oprime  
Coração sem ter mais luz...  
Como o sol com seus derradeiros raios  
Nos braços de uma cruz...

\* Já estava esta obra terminada quando soubemos, por Informação de Câmara Cascudo, que a música com ligeiras modificações, era de autoria de Joaquim Cyrineu de Vasconcelos.

## REGULAMENTO

DO PRÊMIO

- Art. 1º - A Fundação José Augusto e a Prefeitura Municipal de Macaíba, instituem, a partir de 1984, o Prêmio "Auta de Souza", de Poesia, como justa homenagem à memória da grande poetisa.
- Art. 2º - No corrente ano, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Macaíba, o prêmio será conferido no valor de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros).
- Art. 3º - Ao vencedor do concurso será entregue, ainda, um Certificado, registrando a premiação.

DAS INSCRIÇÕES

- Art. 4º - As inscrições serão realizadas no período de 02 de julho a 31 de agosto.
- Art. 5º - Para participar do concurso, o candidato deverá preencher os seguintes requisitos:
- I - ser norte-riograndense ou residir no Estado há mais de 04 (quatro) anos;
  - II - assinar o livro de inscrições, no Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto;
  - III - entregar, juntamente com os originais do trabalho concorrente, num envelope fechado e rubricado, uma folha de papel contendo seu nome, o pseudônimo usado, o título da obra e um breve currículo.

DOS TRABALHOS

- Art. 6º - Os trabalhos, devidamente envelopados, deverão ser apresentados em 03 (três) vias, separadamente, em papel formato ofício, datilografadas em espaço 02 (dois) e de um lado só da folha, permitido qualquer sistema de reprodução, desde que o texto se apresente legível.
- § 1º - será exigido o limite mínimo de 20 (vinte) folhas datilografadas;
- § 2º - só poderão ser apresentados ao concurso trabalhos inéditos.

## DOS TRABALHOS

Art. 7º - Os trabalhos, devidamente envelopados, deverão ser apresentados em 03 (três) vias, separadamente, em papel formato ofício, datilografadas em espaço 02 (dois) e de um lado só da folha, permitido qualquer sistema de reprodução, desde que o texto se apresente legível.

§ 1º - será exigido o limite mínimo de 20 (vinte) folhas datilografadas para cada trabalho;

§ 2º - só poderão ser apresentados ao concurso trabalhos inéditos.

## DAS COMISSÕES

Art. 8º - Os integrantes da Comissão Julgadora, em número de 03 (três) serão indicados pelo Presidente da Fundação "José Augusto" e, serão escolhidos entre os intelectuais do Estado do Rio Grande do Norte.

Art. 9º - O resultado do concurso será divulgado pela Fundação "José Augusto", 30 (trinta) dias após o encerramento das inscrições.

Art. 10 - As decisões da Comissão Julgadora serão consideradas irrecorríveis.

## DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 11 - É vedada a participação de funcionários da Fundação "José Augusto", neste prêmio, seja como concorrentes ou integrantes da Comissão Julgadora.

Art. 12 - O candidato, ao inscrever-se, tomará ciência das normas deste Regulamento, obrigando-se ao seu integral cumprimento.

Natal,

VALÉRIO ALFREDO MESQUITA  
Presidente da Fundação José Augusto



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO  
CENTRO DE PROMOÇÕES CULTURAIS  
PRÊMIO LITERÁRIO "AUTA DE SOUZA"  
1985

REGULAMENTO

DO PRÊMIO

Art. 1º - A Fundação "José Augusto" e a Prefeitura Municipal de Macaíba, instituíram, a partir de 1984, o Prêmio "Auta de Souza", de Poesia, como justa homenagem à memória da grande poetisa.

Art. 2º - No corrente ano, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Macaíba, o prêmio será conferido no valor de Cr\$ 1.000.000, (hum milhão de cruzeiros).

Art. 3º - Ao vencedor do concurso será entregue, ainda, um Certificado, registrando a premiação.

Art. 4º - O prêmio será entregue na última semana do mês de outubro, no Solar do Ferreiro Torto, sede da Prefeitura de Macaíba, por ocasião do aniversário da Emancipação Político-Administrativa do Município.

DAS INSCRIÇÕES

Art. 5º - As inscrições serão realizadas no período de 02 de julho a 02 de setembro.

Art. 6º - Para participar do concurso, o candidato deverá preencher os seguintes requisitos:

- I - ser norte-riograndense ou residir no Estado, há mais de 04 (quatro) anos;
- II - assinar o livro de inscrições, no Centro de Promoções Culturais da Fundação "José Augusto";
- III - entregar, juntamente com os originais do trabalho concorrente, em envelope fechado e rubricado, uma folha de papel contendo seu nome, o pseudônimo usado, o título da obra e um breve currículo.

DAS COMISSÕES

- Art. 7º - Os integrantes da Comissão Julgadora, em número de 03 (três) serão indicados pelo Presidente da Fundação José Augusto e, serão escolhidos entre os poetas do Estado do Rio Grande do Norte.
- Art. 8º - Os originais inscritos no concurso serão entregues à Comissão Julgadora, uma semana após o encerramento das inscrições.
- Art. 9º - O julgamento da Comissão será divulgado pela Fundação José Augusto, 30 (trinta) dias após o encerramento das inscrições.
- Art. 10 - As decisões da Comissão Julgadora serão consideradas irrecorríveis.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- Art. 11 - É vedada a participação de funcionários da Fundação José Augusto, neste Prêmio, seja como concorrente ou integrantes da Comissão Julgadora.
- Art. 12 - O candidato, ao inscrever-se, tomará ciência das normas deste Regulamento, obrigando-se ao seu integral cumprimento.

Natal, 23 de maio de 1984

DEÍFILO GURCEL

Diretor do Centro de Promoções Culturais

**REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
DO 40.º ANIVERSÁRIO  
DA INSTITUIÇÃO  
1936 — 1976

*Mello  
Natal, fevereiro de 1984*

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
NATAL — RN — 1976

## PATRONOS ACADÊMICOS

CADEIRA	PATRONO	ACADÊMICO
1	Padre Miguelinho	Raimundo Nonato da Silva
2	Nísia Floresta	Hélio Galvão
3	Conselheiro Brito Guerra	Otto Guerra
4	Lourival Açucena	Enélio Petrovich
5	Moreira Brandão	Ascendino Almeida
6	Luis Carlos L. Wanderley	Gumerindo Saraiva
7	Ferreira Nobre	Mariano Coelho
8	Isabel Gondim	Walter Wanderley
9	Almino Afonso	Peregrino Júnior
10	Elias Souto	Bruno Pereira
11	João Maria	Onofre Lopes
12	Amaro Cavalcante	Veríssimo de Mélo
13	Luis Fernandes	Luis da Câmara Cascudo
14	Joaquim Fagundes	Antonio Fagundes
15	Pedro Velho	Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Aluizio Alves
18	Augusto Severo	D. Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Nilo Pereira
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley
21	Antonio Marinho	Luis Rabelo
22	Leão Fernandes	D. Adelino Dantas
23	Antônio Glicério	Jaime G. Wanderley
24	Gotardo Neto	Antônio Soares Filho
25	Ponciano Barbosa	Meira Pires
26	Manoel Dantas	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa
28	Padre João Manoel	Paulo Pinheiro de Viveiros
29	Armando Seabra	Esmeraldo Homem de Siqueira
30	Padre Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades de Macedo
32	Francisco Fausto	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza
34	José da Penha	Alvamar Furtado de Mendonça
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro
38	Luis Antônio	José Tavares
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros

NOTA: Atualmente quem ocupa a cadeira nº 20 é o Dr. Mário

Moacyr Porto.

HINO DE AUTA DE SOUZA

## I

Nesta terra humilde e pequenina  
 Onde nasceste para nossa glória  
 Rende no dia do teu natalício (Bis)  
 Sincera homenagem a tua memória

Repousa Auta com o Senhor  
 Anjos te embalem com muito amor  
 Anjos te embalem com muito amor  
 Repousa Auta com o Senhor

## II

Durante a permanência aqui na terra  
 Deixaste Auta em rastro de luz  
 Viveste pouco porque precisavas (Bis)  
 Voltar depressa aos pés de Jesus

Repousa Auta com o Senhor; ...

## III

Salve do Horto a grande poetisa  
 Que viveu neste mundo a sonhar  
 No coração de toda Macaíba (Bis)  
 Teu nome eternamente há de estar

Repousa Auta com o Senhor ...

## IV

Teu jasmineiro ainda conservamos  
 Como relíquia da tua existência  
 Sempre viçoso, aroma exalando  
 As aves o festejam com frequência

Obs. Esta estrofe não deve ser cantada, pois não existe mais o jasmineiro original.

NOTA: Em março de 1983, visitamos a casa em que nasceu Auta de Souza, hoje Escola Estadual "Auta de Souza" - ensino de 1º grau (antes grupo escolar), em Macaíba RN. Lá, conversamos com as senhoras Mariluz de Almeida e Silva e Maria da Guia de Oliveira, respectivamente, diretora e vice-diretora do referido estabelecimento, as quais nos mostraram as dependências da escola.

No pátio, vimos uma muda do jasmineiro que Auta de Souza plantara, quando menina, o qual, segundo a diretora, morreu (em plena floração, há poucos anos atrás), pela ocasião das obras que se realizaram para reformas do estabelecimento.



**AUTA DE SOUZA**

Cantou, sorriu, e pobre adormeceu.  
 Excelsa na graça, a arte acolheu-a, n'um frênesi de adoração e sym-  
 pathia.  
 Glória a sublime poetiza do Rio Grande do Norte cuja memoria re-  
 ide em nossos corações.

## Auta de Souza

Fomos hontem dolorosamente surpreendidos com a noticia do fallecimento instantaneo da maravilhosa poetisa rio-grandense, Auta de Souza, que teve lugar ás 3 horas da madrugada, na casa de sua residencia, a rua Dr. Barata, nesta capital.

Deante de tão triste realidade, para os que se sentem sob a impressão de terrível golpe, a magoa e o pesar não comportam a liberdade de espirito para dizer tudo que merece que se lhe diga a portadora de um nome illustre, gloria da terra rio-grandense, tão grande nas manifestações da Arte que soube elevar á altura incommensuravel onde vão os genios, como nos exemplos do Amor e da Virtude que soube deixar na terra, durante o curto periodo da sua existencia, a santa e adoravel creatura.

Morreu Auta de Souza!

Ha muito tempo já estava condemnada por uma molestia pertinax que ia-lhe aos poucos, estancando as fontes da vida.

Mas o estado geral do seu organismo não denotava tão rapido desenlace, de modo que a familia, os seus admiradores e a alma rio-grandense — que se vê hoje ferida no seu mais intimo recessos, todos esperavam ainda que continuasse a cautar o puro ideal das coisas santas a insigne poetisa do «Horro».

No livro do destino porem e ta-va lavrada a sentença de morte!

De Auta de Souza foi-se o en-

volucro material que abrigava o grande espirito, alado hoje ás regiões do hyperterreno, lá para onde mora a chimera azul que ella muita vez sonhara nos versos adocados de lyrismo com que nos embeveceu, saturando-nos do mais suave e doce mythicismo.

Curvando-nos respeitosos ante essa sepultura que se abre para recolher os despojos de uma rio-grandense, cujo nome figurara com vantagem entre os grandes poetas nacionaes, apresentamos á sua familia, especialmente aos dignos e inconsolaveis irmãos, Dr. Eloy Castriciano, Henrique Castriciano e João Cancio de Souza, a expressão do nosso pesar.

### Gremio Polymathico

Como sincera manifestação de pesar profundo pela perda da sua distincta consocia, a primorosa poetisa Auta de Souza o Gremio resolveu hontem usar luto por oito dias.

D. A. Republica n. 356  
4 de Fevereiro de 1901.

## Auta de Souza

Ante-hontem á tarde foram dados á terra os restos abandonados pelo puro e delicado espirito cuja perda choram as letras potyguares.

O enterro de Auta de Souza foi uma verdadeira manifestação



de pesar de toda a capital pelo desaparecimento ainda não esperado, apesar da molestia terrível, da primorosa poetisa cujos versos estão em todas as memórias, porque são o mais alto e o mais precioso patrimônio das nossas letras.

Adorada pela família como o anjo do lar, querida de toda a população, respeitada por todos quantos servem-se de uma penna n'esta terra de que ella é a gloria mais pura e mais duradoura, a sua morte arrancou multissimas lagrimas de dor, manifestações de sincero pesar, ainda d'aquellea e, principalmente, d'aquelleas que não tiveram a fortuna de conhecê-la de perto.

Em todas as ruas, por onde passou o numeroso preito dos que a levaram ao derradeiro pouso, rebentaram lagrimas espontaneas, e soluços partidos de labios que já tantas vezes cantaram os seus versos maviosos e saudor.

No campo santo, por ocasião da despedida ultima, o nesso collega Pedro Avelino, em nome e por delegação do Gremio Polygraphico, rendeu, em phrases eloquentes e sinceras, a derradeira homenagem á brilhantissima consocia que partiu para sempre.

A grandeza da perda irreparavel, a dor que ia no coração de todo o Rio Grande do Norte, ao ver partida a doce lyra que era o seu thesouro e o seu enlevo, o pesar intenso dos que o delegaram, tudo o representante do Gremio exprimiu com verdadeira emoção e com eloquencia commovente.

Falaram ainda á borda do túmulo o nesso collega Manuel Dan-

tas, pela redacção d'A Republica, em cujas columnas tantas vezes fulguraram os versos mimosos da poetisa extincta; Ezequiel Wanderley em nome do Congresso Litterario e Galdino Lima, pelo Gremio Le Monde Marche.

Nota commovente:

Duas creadas, velhas e alquebradas, que serviram Auta de Souza desde o seu nascimento, acompanharam o feretro até o cemiterio, banhadas em lagrimas.

## Auta de Souza

Por occasião do enterro da maviosa cantora do Horto, o "Congresso Litterario", o Gremio "Le Monde Marche" e as redacções da "Tribuna" e "Oasis" offereceram lindas grinaldas de flores artificiaes e naturaes com significativas inscripções em largas fitas de sarja branca.

Estas duas associações de lettras resolveram, por sua vez, tomar luto por 8 dias, como demonstração de profundo pesar pelo pranteado fallecimento da distincta e desventurada poetisa norte-nio-grandense.

Hontem, a redacção da "Tribuna" recebeu o seguinte telegramma:

Parahyba, 8

Pezames povo Polygraphico fallecimento laureada poetisa Auta de Souza.

Redacção "Commercio"  
Logo em seguida foi transmittido de ta capital um outro telegramma que abaixo publicamos.  
"Redacção "Commercio",  
Natal, S.  
Penhorada agradece expressão sentimento dirigites povo potyguar fallecimento nossa consocia eximia poetisa Auta de Souza.  
Redacção Tribuna.

poucos annos de idade. Era geralmente considerada no meio em que viveu, e que nos consta, era dotada de excellentes predicados domesticos. Seus paes foram o finado e conhecido commerciante de Macahyba, Eloy Castriano de Souza e a exm. Henriqueta de Souza. Era irmão do deputado Eloy de Souza e de Henrique Castriano de Souza, secretario do governo deste Estado.  
Hontem mesmo foi sepultado o seu cadaver, sendo muito concorrido o sahimento.

Ao pé de seu tumulo oraram o sr. Pedro Avelino que fez lhe o elogio funebre, e outros.  
O seu espirito parecia pertencer mais ao céu do que a terra, e assim foi viver no seio de Deus.  
Seja-lhe a terra leve.  
signi? el...

*Do Diario do Natal*  
1892 de 8 de Fevereiro de 1901

**Secção Noticias**

**OS MORTOS**

Hontem, ás 3 horas da madrugada, pereceu, nesta capital, a jovem poetisa Auta de Souza.

Ha tempos a imprensa desta capital publicou versos da talentosa poetisa, e ultimamente publicou ella um livro intitulado HOR TO, que grangeou-lha honrosa nomeada.

Nos seus versos, desde que Auta de Souza appareceu no mundo das musas, resumbrava uma certa nota plangente e religiosa, o q demonstrava presentimentos tristes de uma morte breve, que elle presagiava, como em regra succede, aos que vivem no mundo ideal da poesia.  
Cedo morreu, pois que contava

*De Republica n. 344*  
*12 de Fevereiro de 1901*

**Auta de Souza**

**As exequias que devem**

ser celebradas por falta da pranteada poetisa Auta de Souza terão logar quarta feira, 13 do corrente, e não no dia 11, como por engano foi publicado nas solicitadas.



Silvina de Paula Rodrigues, Hely Castriciano de Souza, Henrique Castriciano de Souza, João Dancio Rodrigues de Souza e Maria Concordia de Souza, pehorados a todos que os acompanharam na dor que os feriu pelo passamento de Auta de Souza, convidam as pessoas que o quizerem, de coração, a assistir na missa que pelo seu descanso e paz eterna mandam celebrar na Matriz d'esta cidade, ás 7 horas da manhã do dia 13 do corrente, setimo do seu fallecimento.

Por esse acto de caridosa solidariedade confessam-se d'este já agradecidos.

Natal, 9 de Fevereiro de 1901.

*"A Republica" n.º 35 de 13 de Fevereiro de 1901.*

## Auta de Souza

ORAÇÃO proferida por Pedro Avelino á beira do tumulo da laureada poetisa Auta de Souza.

Finou se Auta de Souza. Cujos despojos viemos trazer á sua ultima estancia.

Quizera, srs., poder elevar-me á altura da incumbencia que me commetteu o Gremio Polymathico. de que era a finada mui digna co-

cia, para represental-o condignamente neste momento, fazendo aos meritos reconhecidos e estimados da illustre confrade o elogio de quo em verdade é altamente merecedora, não só pela sua valia mental, como por outros varios que todos estão nitidamente gravados na consciencia de quantos tiveram a fortuna de acompanhar, de perto ou de longe, o dezlizar ondulante e manso d'aquelle espirito de escôl, no seu assignalado e breve percurso na existencia e pelo firmamento das letras patrias.

Deante deste tumulo, onde me acho no cumprimento de duplo dever—o da amizade e o da obediencia á direcção superior da associação em cujo nome falo, sinto que em meu espirito influem por igual dois sentimentos—o religioso e o da effeição; e na fusão que se opera de emoções tão differentes e distinctas, comprehendo perfeitamente, substancialmente, toda a razão de ser da philosophia que instituiu a humanidade como o objectivo unico, como o ideal supremo de uma religião.

Senrs, é certo, e de boa mente não será contestado, que, á beira de uma covs que vae receber, destruir e transformar o corpo de um ser amado, que preencheu na vida a sua funcção mais nobre na prosecução incessante de um destino superior, ninguem pode existir, dotado de lucida razão, incapaz de sentir abinnesse momento extremo e verdadeiramente solenne—a eclosão subitanea e insópitavel do sentimento mais tocante e doce da affeição e da solidariedade da especie. E, entre --que coisa mais cabal de força

positiva e de maior expressão moral do que essa emoção tão profundamente humana que experimentam as almas inteligentes e sensíveis, em face de quadro semelhante?

Quem, à vista de facto tão suggestivo e tão real, se atreverá a negar a existencia de um laço inimito indestructivel que nos liga religiosamente aos destinos do nosso semelhante, e ainda que esse poderoso vinculo é tanto mais sensível, tanto mais resistente e, sobre tudo, tanto mais religioso quanto mais accentuadas são as afinidades psychicas entre os que ficam e os que se vão da vida? Ninguém, creio.

Anta de Souza foi uma existencia que marcou fundamente e indelevelmente nos corações e nas almas dos que a conheceram e sentiram o prazer espirital de suas relações, quer no trato puramente pessoal, quer nas relações de ordem intellectual, as afinidades a que me refero e que se faziam comprehensíveis, a uns somente pela maior intensidade affectiva que nascia do convívio directo, a outros por um mixto de apreço e de viva estima moral, que ficava nos seus leitores como preito infugível de perenne admiração.

Não comprehendo maior sinceridade, nem mais penetrante doçura e piedade sentimentaes do que as que nos invadem e dominam o ser em presença de uma existencia querida que se finda, maxime quando a individualidade que a encarnou não pôde attingar os fins superiores para que convergiam uniformemente os estímulos e esforços mais vigorosos de seu espirito.

Nesse sentimento a que alludo é que reside immanente, effectiva, muda e veraz, toda uma formula religiosa n'uma expressão subjectiva, tacita, natural, respeitavel e completa, a qual se não altera sob nenhuma civilização, senão para marcar um passo avançado na evolução moral do espirito humano.

Eu creio, srs., isento da disciplina e de todo sentimento de dogmatismo orthodoxo, na religião de minha especie.

Neste momento ella vibra em minha alma e palpita-me nos labios. Creio, por que a sinto nesse egoismo elevado, espontaneo, indomavel, susceptivel apenas de educação melhor, que faz-me verter lagrimas junto ao leito de dor do filho amado e ao pé dos despojos dos entes queridos que tombam nas barbancas do tumulo. Sinto—a ainda nos impulsos que me impellem a admirar e a venerar a memoria dos bons espiritos que se apagaram na noite do além da campa.

Anta de Souza possuía altos dotes moraes e nobilissimas qualidades affectivas que davam á sua individualidade litteraria um relevo accentuadamente sympathico como a aureola d'um genio do bem. Della se pode dizer que foi uma predilecta estremecida e mimosa da poesia, e a sua organização psychica uma como ambula periumosa e rara em que a musa de afinado lyrismo estabelecceu encantado ninho feito com o armidho do amor e da bondade das almas sonhadoras. Firmou uma personalidade bem distincta no mundo das letras patrias, recebendo dos competentes a consagração unanime de poetisa es-

pontanes, que era por temperamento e por meluctavel tendencia de sentimentos. O desaparecimento de Auta de Souza abre vacuo de difficil preechimento no scenario das letras indigenas. Ninguem, lendo os versos, sempre maviosos e espontaneos da primorosa cantora rio-grandense, pode furtar-se ao brando, ao doce influxo mystico de sentimentos suaves que se desprendem da estrophe como um eopro vago, flebil de bondade angelica.

Era ella, a formosa alma infantil, amada com delicados extremos do mais carinhoso affecto no seio de sua distinctissima familia; e eu, aenrr, posso bem avaliar o alto poder benefico de sua influencia moral no espirito, ora acabronhado e inconsolavel dos caros irmaos a quem adorava a adoravel creatura, cuja memoria fica suavemente e vivamente gravada nas letras patrias contemporaneas como uma das mais puras representações da poesia, dessa poesia que se evola do sentimento para falar ao sentimento. De tal quilate é que são os versos da gloriosa poetisa - da terna, da doce patativa dos tropicos que encheu de encantadora melodia a alma dos seus patricios.

Não morrerás, espirito de eleição / has de subsistir nas almas amantes do bello por virtude desse subjectivismo santo que faz dos grandes pelo coração e pela intelligencia os unicos eleitos da immortalidade.

De cança em paz, filha querida do ideal.

D. A. Republica n.º 31 de  
14 de Fevereiro de 1901.

## Auta de Souza

(Allocução proferida junto ao tumulo de Auta de Souza, pelo nosso collega Manuel Dantas.)

Mens senhores:  
A redacção da Republica curva-se respeitosa à beira do tumulo que vai receber os restos mortaes da grande poetisa rio-grandense Auta de Souza, presta a mais solemne homenagem à sua talento a collaboradora, cujo atauda acaba de chegar ao Campo Santo aljofrado de muitas lagrimas, sinceramente derramadas por mães e virgens natalenses em cujas almas vibrou isochrona a doce emoção dos versos dessa sublime cantora dos ideaes mais puros, das coisas santas, A Republica, senhores, acompanhando o lucto que hoje cobre as letras patrias, diz à Auta de Souza o derradeiro adeus, exclamando, como o poeta:

"Dorme, dorme, feliz... Oh! não despertes  
A' margem da corrente.

Dorme, criança, dorme / o que f. aram,  
A' beira do caminho  
Por entre os laranjaes sentem chorando  
O aroma de teus cantos!  
Foste do sonho à morte! Oh! dorme, dorme!  
Talvez sonhes ainda!"

## Missa funebre

Celebrou-se hontem, na

matriz desta capital, a missa mandada rezar pela família em suffragio da insigne poetisa Auta de Souza.

O acto revestiu-se da maxima simplicidade, tendo sido armado no centro da Igreja um elegante catafalco.

Alem da familia, assistiu á missa o que a sociedade natalense tem de mais selecto e distincto, prestando-se por esta forma, mais uma significativa homenagem á maviosa cantora do ideal, tão cedo arrebatada ás letras patrias.

## A "Tribuna"

Como um merecido preito de homenagem a memoria da insigne poetisa Auta de Souza, conta-nos que a «Tribuna», da qual era muito digna e apreciada collaboradora a pranteada extincta, será opportunamente publicada em edição especial, enserindo trabalhos de toda a pleiade que, entre nós, constitue o «Congresso Litterario».

Esta sympathica revista publicará nessa occasião os ultimos versos da Auta de Souza, compostos na ante-vespera de sua morte.

## Auta de Souza

A poesia brasileira tem tido nestes ultimos tempos

um desfalque consideravel dos seus melhores cultivadores. Cada dia nos chega uma noticia a avisar-nos de que mais um privilegiado do rithmo, baixou á sepultura.

Ao traçarmos estas linhas sentimo-nos deveras compungidos, porquanto vamos noticiar que hontem, ás tres da madrugada, falleceu no visinho Estado do Norte, o seu mais justo orgulho—a divinizada poetisa—Auta de Souza!

Quem leu o *Horto* da finada poetisa, ha de convir que, em lyrismo, na expressão dos sentimentos psychicos, raros, muitos raros são os poetas brasileiros que podem ser equiparados a Auta de Souza.

No norte do Brazil foi a extincta poetisa, como uma frincha de sol que atravessou uma camada de nuvens densas n'um dia chuvoso. Foi ella uma das primeiras que no norte do Brazil, previu que a mulher, sua compatriota, tambem pôde aventurar-se sem receios pelo difficil caminho da cogitação.

Não é nas estreitezas destas linhas que podemos dizer o que foi a genial poetisa; e a posteridade compete julgal-a e tecer-lhe a homenagem devida.

Em quanto a nós, que

sempre admiramos e veneramos o talento da illustre cantora Polyguar, lançamos uma bráçada de saudades sobre o seu tumulto e nos associamos á dor de sua familia e á magua que sente a patria brasileira que, á estas horas, pranteia a morte de tão estremecida filha.

(Do Commercio, da Parahyba, de 7 do corrente)

#### SUFFRAGIOS

Em Macahyba, a 13 do corrente, 7. dia do fallecimento de Auta de Souza, realisárão-se exequias sollemnes na Matriz da quella importante freguezia.

A convite da distincta e Exma. Familia do illustre capm. Pompeu Sant'Iago celebrou ás 6 horas da manhã o Conego Fernando Lopes distribuindo então a Sagrada Communhão a 60 pessoas approximadamente que a receberam em intenção da illustre finada.

Por essa occasião ainda celebrou o Padre Cima a missa do commerciante allí residente o sr. Antonio Adolpho.

Seguiu-se logo depois o Memento, cantado pelos mesmos s'ac'ráot'es e o digno clérigo Lucio Gambarra.

A todos esses actos de religião e de caridade assistiu numerose concurso de parentes, amigos e admiradores da finada que dera sempre repetidas provas de sua piedade e de seus sentimentos catholicos.

Requiem æternam dona ei Domine.  
grande lei physica na integração

da materia! Não! A morte é a vida, porque ella é o inicio d'essa sublime methamorphose do talento, porque ella é o primeiro degrau da gloriosa ascensão da Posteridade!

Senhores: Auta de Souza começa agora uma nova existencia! A que hoje findou-se aos primeiros beijos do dia é essa immensa serie de amargos soffrimentos, e esse lacrimoso martyrologio de fundas amarguras, monologado no maço recessivo do borço e que termina agora na sombria peripheria do tumulto!

Triate contingencia da vida! Maravilhoso constraste da existencia! Mortalidade e Immortalidade! Mortal, — o que desce para o nada e cuja vida é apenas uma

saudosa reminiscencia! Immortal, — o que descendo para o nada, sobe para a Gloria, envolto nas bençãos da posteridade e aureolada d'esse brilhante diadema que scintilla na fronte dos genios! Tal é o teu destino. «cotovia mystica das rimas» que deixando a terra foste cantar nos céos! Dorme poetisa! Pendura a lyra no ramo do cypreste! Ella que traduziu sempre os maviosos acordes de tua alma, permaneqs abli a teu lado, e ao mais leve bafejo da aragem possa tambem traduzir os profundos soluços de tua mãe patria que jamais deixará de sentir o teu prematuro desaparecimento! E' a expressão final que te dirigem os moços da "Le Monde-Marche", cujo seio tanto illuminaсте com as fulgurações de teu peregrino talento e cujas dolorosas saudades concretisamos nestas flores inodoras da morte.

## Auta de Souza

ALLOCUÇÃO proferida por Ezequiel Wanderley, em nome do CONGRESSO LITTERARIO, á borda do tumulo de AUTA DE SOUZA — a gloriosa poetisa Noro-Rio-Grandense.

### SENHORES

Ha maguas que não se exprimem; sentimentos que não se revelam; dores que não se descrevem.

O Congresso Litterario, com a alma envolvida em crepe e o coração magoado a entoar o triste e doce e terno *Miserere* da Saudade espontanea e sincera, diante do lutuoso acontecimento que determinou a morte, a pranteada morte deste ravioso rouxinol da poesia mystica, que chamou-se AUTA DE SOUZA; o Congresso Litterario, dizia eu, meus senhores, incumbiu-me a afflicta e dolorosa missão de trazer o seu ultimo Adeus a esta dilecta filha das Harmonias, que acaba de trocar um pedaço da terra distante, que foi o seu berço, por uma nesga do Ceo longinquo, que vai ser o seu tumulo!

Ella que viveu como flor, arvalhando, embriagando de perfumes poeticos a alma carinhosa e boa dos innocentes pequeninos, das candidas creancinhas, acaba de

D. A. Republica se 18 de 11  
 S. M. de 1901

psando-se no horizonte da vida depois de derramar verdadeiros fulgores de luz no vasto scenario, no constellado firmamento das letras patrias.

A successão dos tempos, porem, jamais fará esquecer entre nós a memoria de AUTA DE SOUZA, porque os grandes poetas, para hraseando Victor Hugo o emminente pontifice da litteratura franceza, são como as grandes montanhas — têm muito echo. Seus cantos são repetidos em todas as linguas, porque seus nomes acham-se em todas as bocas.

E se já não podemos ouvir a musica dolente de seus infaveis gorgeios, compete mais de perto a nós, moços do Congresso Litterario, do Gremio Polymathico, do *Le Monde Marche*, fazermos a solemne sagração do aureo lado talento da pobre e desventurada cantora do *Horto*.

Sim, meus senhores, é mister que amantes da Arte, adoremos, glorifiquemos os Artistas que vão-se para nunca mais voltarem.

Dorme, poetisa, o sono eterno, dorme!



## Auta de Souza

A aſſamada poetisa norte-rio-grandense — Auta de Souza — cujo prematuro paſſamento fez reſumbir um echo plangeote no peito de ſeus multiplos admiradores, era realmente credora de verdadeiro apreço e applauso geral de quantos tiveram a ventura de conhecê-la.

Mas ſua bem merecida grinalda mystica já tendo ſido tão habilmente tecida pela imprensa imparcial deſte e de outros Estados, não ha pois neceſſidade de noſſo fraco concurso, que ſerviria talvez de deſvirtual-a. No entanto, como a ſeus do-tes intellectuales ella reunia um foudo de virtudes chriſtãs, de ſorte que não ſe trata ſimplesmente de uma Artista que primou na Poesia, mas de uma catholica de conducta exemplariſſima no ſeio da ſanta Egreja, que ſoube perfeitamente alliar ſeus labores litterarios aos exercicios de ſolida piedade, o « Oito de Setembro » não pode quedar ſe indifferente a tão lamentavel acontecimento; vem pois tambem prestar ſeu preito de homenagem ao luminoso Astro que o Senhor Supremo fez transportar ſe ás regiões da Immortalidade.

Desappareceu, ſim, d'entre nós uma extrema-ſa filha, uma affectuosa irmã, membro notabilisſimo da ſociedade, que ella enriquecia com os ſeus privilegios doſns. e da familia chriſtã, em cujo ſeio era de inſigne benemerencia.

Mas ſe a litteratura vai aſſim privar ſe de novas producções, theſouro inapreciavel, da decantada poetisa; ſe pranteam a ſua ausencia ſeus parentes e pessoas amigas; ſe a chriſtandade lamenta a perda de um modelo tão perfeito do character chriſtão; ſe a propria Devoção ſente a falta da collaboração de uma boa Zeladora do Coração de Jeſus (D. Auta de S. era Zeladora Secretaria do Apôſtolado do C. de Jeſus em Macahyba); — temos, em compensação, a ſalutar e effizaz eſperança, bem fundada na fé que devem merecer-nos as promeſ-d'Aquelle que não pode enganar-nos, que Auta de Souza permutou os ſoffrimentos da existencia mortal pelo gozo da vida eterna: devota do Coração de Jeſus na terra, fruirá no Céu os fructos de ſua devoção, na mais intima commuñão com o generoso Coração de um Deus Remunerador.

Da "Oasis" de 16 de Jan  
Ano de 1904 (Edição Especial)

### AUTA DE SOUZA

...E sua alma ainda juvenil  
subiu até o seio de Deus nas  
azas da morte, como o orvalho  
da terra se levanta ao céu n'um  
raio de sol!

ALVARES DE AZEVEDO

Compor e decompor!  
Que dilemma terrível este, em  
que a natureza colloca todo o vi-  
vente, como uma fatalidade!

Que destino implacável esse  
que submette a humanidade a  
transformação inevitável da ma-  
teria no fosso escuro do cemite-  
rio, após o sopro frio da morte!

Fiou-se no dia 7 deste mez  
uma filha das letras patrias.

"E' mais uma das flores da  
coroa da mocidade que se desfolha  
ao vento do sepulchro! Ainda u-  
ma fronte que se dourava ao  
sol do futuro, como o alto das  
serranias ao fogo do crepusculo!  
e uma aurora sem dia que per-  
deu-se na noite de uma tempes-  
tade do inverno!"

Descrever a vida de AUTA DE  
Souza é percorrer uma trajectoria  
de milhares de constellações, em  
cada uma das quaes vê-se tran-  
sverberar, como perolas fulgurantes,  
no firmamento litterario da  
nossa nacionalidade, todas as es-  
trelas de seu talento genial, —  
produções sublimes que bem  
traduzem toda a vida de re-  
cordações e magas dolorosas, um  
futuro vacillante e fugitivo, que  
uma nuvem branda pelos ne-  
grores da tempestade prenuncia-  
va o dia fatidico, cheio de lagri-  
mas e amargas tristezas para a

sua familia, para os que lhe eram  
intimos e para a patria Rio-Gran-  
dense do Norte, que se orgulha  
va e se orgulha de possuil-a co-  
mo filha.

AUTA DE SOUZA sabia sentir e  
cantar. *O Horto* é o conjunto des-  
se cantos primorosamente buri-  
lados, o transcripto dos grandes  
sentimentos que experimentava o  
seu coração magnanimo, a synthe-  
se selecta e luminosa de um  
determinado numero de conce-  
pções substanciosas, das inspira-  
ções harmonicas e ternissimas da  
quella esplendida cabeçã-feminina.

E essa geração que se levanta  
esperançosa, de filhos da intelli-

gencia, que poderia ser mais um  
traço da grande luz, illuminando  
o futuro da patria, si não fos-  
se o desajunio causado pela an-  
tipathia e esquecimento que lhe  
consagram espiritos incultos, sem  
nenhum enthusiasmo pelas pro-  
duções do pensamento, negan-  
do-lhes o proprio merito, bateu  
palmas pela ascensão do *Horto*  
ao altar mór do templo da Arte  
nacional.

A AUTA DE SOUZA não lhe ne-  
garão o merecimento: o seu pri-  
meiro livro não foi um ensaio,  
foi uma conquista, — uma victo-  
ria!

O *Horto* é um extraordinario  
de grandeza, de sentimento, de  
poesia!

Quem percorrer as paginas des-  
se livro sentirá todo o lyrismo  
terso de sua alma impolluta vasa-  
do n'uns moldes verdadeiramente  
artísticos, sentirá irresistivelmen-  
te o espirito embeberado n'um  
mysticismo doce, que tem o po-  
der de abstrahir os pequeninos  
pensamentos, receberá toda a im-  
pressão daquelle espirito commu-  
nicativo de poetisa de imaginação  
viva e fecunda. Ah! quve-se a

nota vaga e melancólica do quebro longínquo da onda nos barrancos da praia, alguma coisa de magestoso como o oceano imenso e azulado, o canto singular da cotovia errante ás primeiras fulgurações da madrugada, o pipilo queixoso e peregrino da rola pelas sombras do crepúsculo, sente-se o mysterio dos prantos e dos sorrisos das almas candidas, enchendo de luz o coração da infancia. Além de tudo isto havia ainda muito que esperar daquelle cerebro fecundo, daquelle perfeita organização de poetisa; porém a morte, impassível como sempre, fez-a baixar ao túmulo ainda em plena mocidade, e o seu organismo teve de submeter-se a lei da decomposição, que se nos impõe, fatal, irresistível.

Às 5 horas da manhã do dia 7 de Fevereiro falleceu **ATA DE SOUZA**, contando apenas 25 annos de idade. Ao seu enterro que foi concorridissimo, compareceram representantes das aggremações litterarias e imprensa natalenses, o rando á borda de sua sepultur

os Srs. Pedro Ayelino em nome do Gremio Polymathico, Galdino Filho, do Le Monde Marche, Ezequiel Wanderley, do Congresso Litterario e dr. Manoel Dantas, da redacção da "Republica".

Foram depositadas sobre o túmulo as seguintes coroas com inscripções:—do Gremio Litterario Le Monde Marche a sua consocia Ata de Souza; á Ata de Souza, a redacção do "Oasis"; da redacção da Tribuna: "Tribuna" Horto e outra do Congresso—Ata de Souza.

Por obsequiosidade da gentil senhorita Maria Nunes, sua

patricia e amiga, que emprestou-nos uma photographia, estamos hoje o retrato da insigne poetisa, como mais um preito de veneração dos seus admiradores que constituem o "Le Monde Marche."

Desappareceste da terra filha da arte e do Sentimento,"mas, aiem—n'esse mundo que o manto le Deus torna impenetravel a nossos olhos, levanta-se mais bello o sol sem nuvens da eternidade."

Desappareceste, porém o teu nome ha de subir eternamente vibrante, perennemente luminoso ao parnaso lyrico. Recebe, si ainda te é dado receber os elogios de teu merecimento, estas simples linhas do "Le Monde Marche", no qual te nniste n'essa confraternisação dos espiritos heradores, como sincera homenagem de respeito a tua memoria eterna, porque foste o exemplo da virtude e do talento!

**DISCURSO PRONUNCIADO PELO ACADÊMICO LIMA FILHO EM PRESENÇA DO PRECIOSO CADAVER DA LAUREADA POETISA ATA DE SOUZA.**

Senhores!

Para os espiritos emancipados, para as almas de elite, a morte não é somente a effectivação da grande lei physica da integração da materia! Não! A morte é a vida, porque ella é o inicio d'essa sublime metamorphose do talento, porque ella é o primeiro degrau da gloriosa ascensão da Posterida-

de! Senhores: Ata de Souza começa agora nua nova existencia! A que hoje findou-se aos primeiros beijos do dia é essa immensa se-

rie de amargos sofrimentos, e esse lacrimoso martyrologio de fundas amarguras, monologado no nacio recesso do berço e que termina agora na sombria periphéria do túmulo!

Trista contingencia da vida! Maravilhoso contraste da existencia! Mortalidade e Imortalidade! Mortal, — o que desce para o nada e cuja vida é apenas uma saudosa reminiscencia! Imortal, — o que desce para o nada, sobe para a Gloria, envolto nas bençãos da posteridade e aureolado d'esse brilhante diadema que scintilla na fronte dos genios! Tal é o teu destino, *colonia mystica das rimas*, que deixando a terra foste cantar aos céos! Dorme poetisa! Pendura a lyra no ramo do cypriste! Ella que traduzia sempre os maviosos acordes de tua alma permanença ali a teu lado, e ao mais leve bafejo da aragem pôssa tambem traduzir os profundos soluços de tua mãe-patria, que jamais deixará de sentir o teu prematuro desaparecimento! E a expressão final que te dirigem os mecos do "Le Monde Marche", cujo seio tanto illuminaste com as fulgurações do teu peregrino talento e cujas dolorosas saudades confortamos nestas flores inodoras da morte.

#### AUTA DE SOUZA

Estas linhas são unicamente o restricto cumprimento de um dever imposto pela profunda admiração que sempre tive por aquoella esplendida e privilegiada intelligencia e ainda mais pela sincera e instinctiva veneração que deifico a todo o espirito nobre e puro, desubstanciando e singularizando-o de ACTA DE SOUZA. As

fulgurações deslumbradoras do seu pujante talento, a eterna bondade de sua alma comovida e incensa de poetiza inspirada, cões de resignação e torturas, de desillusões e de esperanças n'um mundo antevisto em seus sonhos de crente, foram como gottas purificantes de ambula sagrada que, vasidas sobre aquella cabeça divina, fizeram a eterna sacração de seu nome eterno!

O precoce terminio de sua vida, na phase mais adorável da existencia, não foi, para nós, uma surpresa esmagadora, foi uma certeza dolorosa.

Ella já annunciava, como o grande Nazareno, do alto de seu "Horto," a tremenda fatalidade que se approximava:

"Adeus, da vida sagrados laços... Adeus, o' lyrios de meu sacrario! A cruz no monte, mostra-me os braços! Eu vou subindo para o Calvario!"

E subiu até a Gloria! Que enorme perda para as lettras patrias?

Fallando eu ACTA DE SOUZA eu sinto a verdade inteira deste pensamento de notavel escriptor francez: "la mort est la vie dans la posterité". Ella, cedendo a inevitavel lei de finalidade, entrou por um arco triumphal de myrtos e de louros, por entre hosannas e salvas para a eterna vida concedida somente a'quelles que nasceram aureolados pelo fulgor eterno do talento.

S. Fernandes

MORTA!

A<sup>a</sup> Anta de Souza

Vozu a's plagas da eternal ventura  
Aquella pobre martyr adorada,  
Levando a' fronte a c'roa immaculada  
Do tormento, do amor e da caudura!

No coração da Patria a desventura  
Vibra a nota mais triste e angustiada,  
Emquanto esta minh'alma consternada  
Verte prantos de dor e de amargura!

Foi-lhe a vida tão curta e desditosa...  
—Como a breve existencia de uma roza  
E a passagem d's anjos pela terra!

Partiu! Foi para o ceo a pobre santa!  
Sua l'ra adoravel ja não canta:  
Eserini, d'ouro q' o sepulchro encerra!

Natal—7—2—1901.

ANNA LIMA.

## AUTA DE SOUZA

[LE MONDE MARCHE]

Em sua ultima sessão, effectuada a 10 do corrente, depois da respectiva declaração de abertura, o senhor Presidente concedeu a palavra ao socio-orador Sebastião Fernandes que em um ligeiro discurso dissertou eloquentemente sobre a individualidade da poetisa nacional Anta de Souza, enviando á mesa uma moção de pesar pelo seu prematuro desaparecimento e pedindo tambem que os trabalhos sociaes fossem suspensos por 30 dias, o que foi unanimente approved. Em seguida, os socios José Alcino, Lemos Filho e Pedro Mello, justificando o

as seguintes palavras:

O socio José Alcino:—

Senhor Presidente! Senhoras do Le Monde Marche!

Quanta dor a boiar n's olhos das creanças,  
Quanta gotta a tremer no calice das flores,  
E aqui n'str' jardim plantado d'esperanças  
Eu venho inda depór a lagrima das dores.

ACTA DE SOUZA—Horta.

Senhores! A morte—esse phantasma hediondo que no scenario da vida não trepida em cortar o fio de uma carissima existencia,—acabou, ha poucos dias, de roubar, como sabeis, ao seio da familia e da sociedade norte-rio-grandense, o inelyto vulto da maviosa poetisa AUTA DE SOUZA.

Neste instante, Sr. Presidente, em que meu espirito sente-se tomado, de uma tristeza forte e agudissima pela perda repentina dessa patricia distincta, presenciando, por assim dizer, mais uma implacabilidade—a que todos estão sujeitos—da lei do Aniquillamento, vejo como que saudosamente evolar-se para o Azul o cicio mysterioso de uma prece e ao longe torturinar um pobre coração afflicto. E' a lagrima da familia que vejo ali transformada n'uma eloquencia de pesar: essa lagrima verdadeiramente sentida que tem, para os nossos olhos, a collectividade santa do valor da Magua, quando pranteamos assim o desaparecimento eterno de um genio fecundo ou quando vemos fugir da face da terra um ser adoravel como foi, entre nós, a cantora do Horta que, incrivelmente, soube legar-nos o exemplo do Amor e da Virtude.

E' ainda aqui que o coração, que a alma emfim do Rio Grande do Norte solça, chora vivamente

a preciosidade dessa existencia que, assemelhando-se a da flor, cede do tombon nos vergeis da Vida porque a Morte—esse Decreto cruel que nos vem pela mão do Destino—marcava que a sua alma candida, que o seu espirito harmonioso e cheio de luz, fosse habitar nos ceus. “na patria das estrellas.”

E hoje, que resta-nos desta verdade pungente? Apenas o seu nome para a glorificação litteraria de nosso Estado e a nossa genuflexão consagrada espontaneamente ao doce lyrismo das suas estrophes e a proeminencia natural com que mysticamente revestia os seus versos.

Sr. Presidente! De AUTA DE SOUZA, portanto, não é preciso recomendar o seu valor litterario: o seu livro o—*Horto*—é um patrimonio raro, é uma conquista, é mais que uma gloria: é um triumpho apparecido entre nós para tornar patente de que, no nosso meio social, tambem fulgem imaginações femininas e ella, deixai, senhores, que assim me exprima,—nos seus sonoros cantos—era um astro de primeira grandza: irradiava accentuadamente, expressivamente no seu espirito de novel sonhadora, a luz de um Genio privilegiado, e entretanto, a Parca, a impietosa Parca revoltou-se a todo somente para cumprir essa triste sentença da Finalidade.

Diante, pois, do que expendi e da magua acerba que ha dias punge o coração rio-grandense, eu venho apenas, na presente sessão, significar o meu grande pezar pelo desaparecimento eterno da nossa inolvidavel consocia hoje, infelizmente, baixada ao tumulo sombrio

O socio Lemos Filho:—

Meu saudadeiro:

Duas palavras unguidas de dor neste momento solemnemente triste! Ja não vive Auta de Souza!

Foi trêda a luz de seu horoscopo: doloroso o instante em que a mão inexoravel da morte arrebatou-a para o tumulo. Auta de Souza, senhores, como as rosas de Malherbe, viveu apenas o espaço de uma manhã!

Quando o seu fecundo talento começava a desabrochar nos fulgores da aurora da vida, quando ao som da lyra em harmoniosos versos, repassados desse sentimento doce, terno, que aninhava o seu coração de eleita, cantava sorrindo as visões mysticas de um espirito superior, á semelhança da ave que o raio feriu, fugindo ao murmuro da tempestade, Auta de Souza alou se ás regiões infinitas!

Sim, meus senhores, ella desapareceu dentre os vivos, mas seu espirito fulgura como estrella no duarado firmamento da litteratura patria.

O *Horto*, esse thesouro inolvidavel de maviosos cantos, jamais se apagará, e ha de attestar, como monumento irrefragavel, as eternas fulgurações de seu talento extraordinario.

No lar, Auta foi um anjo consolador; ella exercia a caridade na expressão mais altruistica do sentimento humano e na vida que levou pelo soffrimento, jamais de seus labios brotara a menor, a mais leve imprecação; era o cysne que, morrendo em ondas de harmonia, cantava cheio de celeste resignação:

“Vejo na vida longo deserto  
Sem dozes oasis de salvação...  
Dentro em mim'clama, doada, chorosa,  
Do pobre moço tuberculosa,  
Chor de melo, tremulo, incerto  
P... meu coração.”

Basta meus senhores. A perda da nobilissima confrade que acabamos de soffrir é irreparavel para a nossa aggremação. como é para a litteratura patria e para todos aquelles que sabem adorar e render homenagem ao genio, ás perigrinas virtudes. O recinto de nossas sessões está velado de crepe; e quem pode abafar na urna do peito a lagrima da saudade? Resignemo-nos, pois; Auta de Souza, descendo á soidão do tumulo, penso que atravessou apenas o portico para a Eternidade, no dizer do exilado de *Harrow*, e hoje descança em paz no seio do Eterno.

O socio Pedro Mello :  
Cidadão Presidente do Gremio L. "Le Monde Marche"  
Venho assegurar-vos por meio deste voto, a minha solidariedade á noção apresentada á esta casa pelo meu distincto e illustre collega S. Fernandes, relativamente a prematura morte da pranteada poetisa Auta de Souza, dignissima socia honoraria desta Aggremação.

A lacuna deixada nas letras patrias pelo desaparecimento da maviosa cantora do "Horto," - difficilmente será preenchida, ja porque no genero bem poucas manejaram o Plectro como ella, ja porque Auta de Souza não foi uma vulgaridade.

Sou, pois, solidario em todos os pontos com a proposta do meu digno collega, e que ao prestarmos essa modesta mas sincera homenagem á sua

memoria, como sempre não esqueçamos que naquello delicado punho hoje' gelado e inerte, já ostentou-se garbosa e firme a dalcissima lyra de suas Rimas sinceras a constatar perenne e gloriosamente a existencia daquelle éstro masculino e fecundo.

Eis, pois, o meu voto de adhesão e de perfeito appoio, pedindo-vos para que na acta da presente sessão conste a justificação deste meu voto.

Sala das Sessões, 10 de Fevereiro de 1901.

PEDRO MELLO.  
Socio effectivo.

Ainda em signal de pezar pelo fallecimento da nossa eminente consocia, o sr. Presidente ordenou que todos os srs. socios effectivos tomassem luto por 8 dias e que em frente ao edificio da typographia do *Oasis* fossa durante igual tempo hasteado, a meio pau, o pavilhão nacional.

Imp. na Typographia do *Oasis*

NO V RIO GRANDE DO NORTE EDIÇÃO ESPECIAL

27 de Fevereiro

de

1907

# A TRIBUNA

Do Congresso Literario

REVISTA QUINZENAL

## Sub umbra

### A' memoria de Auta de Souza

No escriptorio azul, de magua aureolado,  
Repousa inerte o peregrino astro,  
Como um lothus virgineo de alabastro  
Boiando á flor de um lago immaculado.

As phalenas, em bando, lacrimosas,  
Ajoelham dos goivos pelas franças;  
Ha soluço nos labios das creanças,  
- Psalmos de dor no coração das rosas !

Livre das garras do sofrer insano,  
Su'alma pura pelos céos fluctua,  
Transformada n'um cysne soberano !...

E' que Deus a chamou á Immensidade,  
Para ensinar, talvez, a branca Lua  
— A balada plangente da Saudade !

Segundo WANDERLEY



## Noite cruel

( A meu irmão Henrique )

Morrer... morrer... morrer... Fechar na terra os olhos  
A tudo o que se ama, a tudo o que se adora  
E nunca mais ouvir a musica sonora  
Da Illuzão a cantar da vida nos recolhos

Sentir o coração ferir-se nos escolhos  
De tormentoso mar—pobre vaga que chora!  
E no arranco final da derradeira hora  
Soluçando morrer n'um oceano de abrolhos

Nem ao menos beijar—ô supremo desgosto!  
A mão doce e fiel que nos enxuga o rosto  
Mostrando-nos o Céu suspenso de uma Cruz

E perguntar a Deus na agonia e nas trevas:  
Onde fica, Senhor, a terra a que nos levas,  
Com as mãos postas no seio e os dois olhos sem luz?!.....

### Do "HORTO"

Brasil intellectual veste-se de luto pela perda  
inesimável de um dos mais peregrinos talentos  
que a presente geração admira e applaude na po-  
esia nacional: AUTA DE SOUZA.

Escrever a historia e destacar os relevos brilhantes  
e pungentes que santificaram a vida da joven poetisa e  
desnhar um rosario longo de martyrios; mas essa historia de  
lagrimas, desillusões e desventuras se adivinha e comprehen-  
de, sentindo-a, por affeição pessoal ou solidariedade huma-  
na, na expressão dolente e mystica dos seus versos amora-  
veis e commoventes. O Horto é, subjectivamente, a tran-  
substanciação de sua alma adamantina, docemente revelada  
na candura immaculada daquellas paginas sagradas pela Dor,  
paginas benditas, sinceras, fluentes como um regato sonoro  
embebidas nos effluvios suaves dos lyrios e vasadas no cri-  
sol do mais profundo, religioso e communicativo affecto.  
Ella transparece, symbolicamente crystallisada na forma  
artística e impressionante do verso a lagrima perenne, purifi-  
cadora e eloquente que traduz a nota empolgante e planger-

te no poema tocante de sofrimento e de amor que foi a existencia dolorosa de AUTA DE SOUZA. Ouve-se alli, n'um concerto harmonioso, entre o sorriso alegre das creanças, o gorgueio nostalgico das aves, e o perfume suave das flores que ella adora, o queixume soluçante e amargurado de uma alma golpeada pela Dor, a elevar ao Céu a prece ingenua e consoladora, com que nas horas de desconforto pedia ao Christo amado e a Virgem confidente alento para as suas esperanças e lenitivo para as suas maguas.

AUTA era uma candida menina de 25 annos. Nasceu na cidade de Macahyba, deste Estado, a 12 de Setembro de 1876. Seus paes foram o Sr. Eloy Castriciano de Souza, figura saliente na politica liberal da provincia, no passado regimen, e D. Henriqueta de Souza. Cedo, a morte deixou AUTA orphã dos beijos e dos affagos paternos em companhia de irmãos devotados e uma avó carinhosa, que tem resistido estoica ás desventuras da vida. AUTA DE SOUZA, creança, foi para o Collegio de S. Vicente de Paulo, em Pernambuco, onde o seu espirito illuminou-se. Franzina e debil como um ramo tenro emmurchedo á falta de seiva e de orvalho matutino, AUTA DE SOUZA vivia ultimamente para o affecto e para o sofrimento no regaço amigo da familia. Enfermidade minaz e terrivel de ha muito exgottava-lhe as fontes da vida. A sua existencia foi uma peregrinação constante, existencia que matou uma a uma todas as suas aspirações de moça, deixando só, inapagavel no seu espirito, a doce e palpitante esperanza que lhe sorria no ALEX.

A impressão que se recebe dos seus versos é de profunda piedade e de tristeza. A linguagem da nossa raça raras vezes tem tomado formas tão religiosamente suggestivas como sob as inspirações do talento poetico de AUTA DE SOUZA.

A sua individualidade culminou em nosso meio. A memoria da adoravel sonhadora norte-rio-grandense ha de perdurar indelevel na consciencia de quantos sentiram o contacto moral de seu espirito e conheceram de perto a delicadeza affectiva dos seus sentimentos. A morte não apagará jamais o seu nome imperecivel: elle rebrilhará sempre dentro de uma aureola.

AUTA DE SOUZA passará á posteridade como um raro talento poetico em espontaneidade e subtileza, o mais aprecavel que a nossa raça tem produzido n'um typo de mulher. A critica ha de confirmar esta verdade na historia das lettras brasileiras.

Ingenuidade, doçura, naturalidade na expressão, e, sobretudo, a nota subjectiva do sofrimento, embalada e confundida no incenso de puro mysticismo, faziam de AUTA DE SOUZA uma meiga creatura santificada pelo martyrio, presa á realidade da dor pela fatalidade da vida, e, por egual fatalidade, transfigurada agora no typo ideal, intangível, que se ha de perpetuar na memoria das gerações futuras.

A morte foi para ella uma glorificação. Ainda se não havia assistido nesta cidade demonstrações de pesar tão unanimes e sinceras, como as que se fizeram sentir nas homenagens significativas por occasião dos funeraes da extincta.

Quando, na manhã do dia 7 deste mez, divulgou-se a noticia do fallecimento de AUTA DE SOUZA, um sopro de tristeza communicativa invadiu todos os lares, onde não raro os seus versos fazem gottejar lagrimas sinceras.

Tres dias antes do fatal successo, AUTA escreveu as estrophes que se seguem, ultimo suspiro de sua alma soffredora e arriga :

### LUZ e SOMBRA

A' MIMOSA POETISA ANNA LIMA

*Vamos seguindo pela mesma estrada  
Em busca das paragens da Illusão ;  
A alma tranquilla para os céos voltada,  
Lyra suspensa sobre o coração.*

*Ris e eu soluço . . . (Loucas peregrinas !)  
E em toda parte onde nós passamos  
Deixo chorando os olhos das meninas,  
Deixas cantando os passaros nos ramos.*

*Porque elles amam tua voz canora,  
O' delicado sabiã da matta !  
E eu lembro a triste jurity que chora  
E a voz dorida em lagrimas desata*

*Gostam de ver-te o rosto de creança,  
Limpo das nevoas de um martyrio vago.  
O labio em riso, desmanhada a trança,  
No olhar sereno a candidez do lago.*

*Até perguntam quando sobre a areia  
Em que tu pisas vão nascendo rosas*

« *Bella creunça, tímida sereia,  
Irmã dos sonhos das manhãs radiosas...*

*Porque trilhando a terra dos caminhos  
Onde o teu passo faz brotar mil flores,  
Esta velhinha vai deixando espinhos  
E um longo rastro de saudade e dores ? »*

*Não lhes respondam... Pela mesma estrada,  
Sigamos sempre em busca da Ilusão;  
A alma tranquilla para os céos volluda,  
Lyra suspensa sobre o coração.*

*Vamos... desprende a doce voz canora  
Que ella afugenta da Tristeza o açoite ..  
Emquanto elevas o teu hymno á aurora  
Eu vou rezando as orações da noite.*

Estes versos symbolisam o adeus derradeiro e sentido, cujo echo dolente vibra em nossa alma como o canto saudoso e tocante do cysne que morre.

ANTONIO MARINHO

## GOIVOS

A passagem dos anjos, a existencia das flores e a vida dos genios—nada ha que lhes iguale na celeridade! Por isso, AUTA DE SOUZA viveu tão pouco! Quando a aurora da existencia começava a sorrir-lhe em pleno desabrochamento, a Morte arrebatou-a para sempre!

A sua passagem foi rapida, porque era, ao mesmo tempo, o anjo, a flor e o genio!

Que tristeza e que magua envolvem o coração de todos que a conheceram, de quantos, como eu, sentiram a doce expressão de seu olhar e a suave carícia de seu riso! Descança em paz, anjo carinhoso e terno, flor perfumosa e meiga, genio incomparavel e amigo! Do céu, que é a eterna morada das almas privilegiadas, envia-nos o sagrado balsamo da consolação e do conforto, e acceita, nas azas da prece, esta sincera homenagem de quem era tambem tua irmã pela crença e pelo ideal.

ANNA LIMA

## BEMDITO

(Auta de Souza)

*Bem dita sejas, minha mãe, bem dito  
Seja o teu seio, immaculado e santo,  
Onde derrama as gotas de seu pranto  
Meu dolorido coração afficto.*

*O' minha mãe, ó anjo sacrosanto,  
Bem dito seja o teu amor, bem dito!  
Ouve do Céu o amargurado grito  
Cheio da Dor de quem soluça tanto.*

*E deiza que repouse em teus joelhos  
A minha frente, ouvindo os teus conselhos,  
Longe do mundo, ó sempiterna dita!*

*Envia lá do Céu no teu sorriso  
A morte que levou-te ao Paraizo,  
Bem dita sejas, minha mãe, bem dita!*

DO "HORETO"

## ALLOCUÇÃO

proferida por Ezequiel Wanderley, em  
nome do CONGRESSO LITTERARIO,  
à borda do tumulo de Auta de Souza,  
a gloriosa poetisa Norte-Rio-Grandense.

SENHORES:

Ha maguas que não se exprimem, sentimentos que não se revelam, dores que não se descrevem.

O Congresso Litterario, com a alma envolvida em crepe e o coração maguado a entoar o triste e doce e terno *Miserere* da Saudade, espontanea e sincera, deante do luctuoso acontecimento que determinou a morte, a pranteada morte deste mavioso rouxinol da poesia mystica, que chamou-se AUTA DE SOUZA; o Congresso Litterario, dizia eu, meus senhores, incumbiu-me da afflictiva missão de trazer o seu ultimo Adeus a esta dilecta filha das Harmonias, que acaba de trocar um pedaço da terra distante, que foi o seu berço, por uma nesga

do Céu longinquo, que vai ser o seu tumulo!

Ella—que viveu como flor, orvallhando, embriagando de perfumes poeticos a alma carinhosa e hõa dos innocentes pequeninos, das candidas creancinhas, acaba de morrer como estrella eclipsando-se no horizonte da vida, depois de derramar verdadeiros fulgores de luz no vasto scenario, no constellado firmamento das letras patrias.

A successão dos tempos, porem, jamis fará esquecer entre nós a memoria de AUTA DE SOUZA, porque os grandes poetas, paraphraseando Victor Hugo, o eminente pontifice da litteratura franceza, são como as grandes montanhas—têm muito echo. Seus cantos são repetidos em todas as linguas, porque seus nomes acham-se em todas as boccas.

E se já não pode nos ouvir a musica dolente de seus ineffaveis gorgeios, compete mais de perto a nós, moços do *Congresso Litterario*, do *Gremio Polymathico*, do *Le Monde Marche*, fazermos a sa-gração do aureolado talento da pobre e desceaturada cantora do *Horto*.

Sim, meus senhores, é mister que, amantes da Arte, adcremos, glorifiquemos os Artistas que vão-se para nunca mais voltarem.

Dorme, poetisa, o somno eterno, dorme!

#### DUAS PALAVRAS

Já não existe AUTA DE SOUZA!

Na escuridão medonha de um tumulo sumio-se para sempre a sublime cantora das creancinhas, surgindo o seu nome laureado nas luminosas folhas da Historia Litteraria do Rio Grande do Norte.

E, por isto, elle não a esquecerá nunca.

As suas paginas abertas amanhã deante dos nossos vindouros farão com que elles descubram-se reverentes, como fazemos hoje, ante tão glorioso nome.

Dorme em paz, gloria eterna de minha terra!

O. FERNANDES

## A polyanthêa

Meu caro confrade  
Ezequiel Wanderley

Para corresponder condignamente á gentileza da insistencia de collaborar na homenagem que *A Tribuna* entendeu prestar áquella que abrilhantou as suas paginas com as fulgurações do seu talento aprimorado, devõ, antes de tudo, ser sincero. E assim começo fazendo uma ligeira critica ao genero de commemoração escolhido pelo Congresso Litterarió para significar a dôr que a todos nós acabrunha pelo rude golpe desferido nas lettras rio-grandenses.

Para mim, a personalidade de AUTA DE SOUZA está muito acima da manifestação espectacular de uma polyanthêa.

Si o fim da nossa commemoração è, segundo penso, um acto de piedade, a expressão do lucto e do pzar, bem sabe que as grandes dores são mudas e que a mais tocante de todas as homenagens que se podem tributar aos manes de um ente querido é a lagrima, terna, compassiva e silenciosa; é o doce e suave recolhimento á beira do tumulo ainda revolvido de fresco, levando a exterioridade da manifestação, quando muito, a um punhado de flores amorosamente esparsas sobre a terra que guarda os despojos venerados, principalmente daquellas flores que o morto mais amou em vida.

Si o fim da commemoração visa, não a alma purissima de AUTA DE SOUZA, porem a sua obra; a influencia do seu espirito sobre o espirito de nós outros, a accentuação da sua individualidade litteraria, a critica imparcial das suas producções poeticas, somos incompetentes, nós os seus contemporaneos, nós os seus confrades, nós os que só podemos ter para ella a desculpavel parcialidade dos santos enthusiasmos da sacrosanta veneração.

Não sei si è a ausencia de senso critico, só poderei falar dos versos de AUTA DE SOUZA com o coração, nunca com a intelligencia. Daquelle H O R T O, que ella soube transformar em escrimo de tantas joias preciosas, onde a propria dor teve enlevos e encantos, eu só me posso approximar religiosamente, a mente absorta, o espirito em medi-

tação caminhando devagarinho, embebido n'uma atmosphera diaphana, perscrutando o ambiente, porque parece-me que em cada verso repousa o espirito da maviosa poetisa. E' como uma especie de floresta em cuja ramaria ainda ouço gorgear a passarada e na qual receio fazer o menor ruido para não espantar os cantores alados que me delectam com as suas incomparaveis melodias.

Não quero saber si AUTA DE SOUZA teve a forma impeccavel do verso, é-me indifferente a casuistica das suas preocupações de escola; para mim, a expressão lyrica dos seus versos não pode ser excedida, chegou ao termo onde se confundem as almas de escól.

Nessas regiões ethereas onde, segundo a crença, vão parar os espiritos privilegiados, AUTA DE SOUZA estará hoje pontificando como asacerdotiza da grande Arte, que soube encontrar na rima o molde das suas emoções.

Por pensar assim, achei que a polyanthéa não exprime a grandeza da commemoração que devíamos prestar á nossa pranteada consocia, porque não há hoje nullidade chata e vulgar que já não tenha tido tambem a sua polyanthéa.

Talvez, si todos nós que escrevemos hoje n' *A Tribuna* tivéssemos guardado nossas idéas no amago dos nossos corações e fôssemos, cada qual, depôr religiosamente um ramalhete sobre o tumulo de AUTA DE SOUZA, o seu espirito se sentisse bem e se revelasse em perfumes na alma virente das flores.

MANOEL DANTAS

## Agonia do Coração

(Auta de Souza)

A Maria Carolina de Vasconcellos

*Estrellas fulgem da noite em meio  
Lembrando cirios loiros a arder...  
E eu tenho a treva dentro do seio...  
Astros! velai-vos, que eu vou morrer!*

*Ao longe cantam. São almas puras  
Cantando á hora do adormecer...  
E o echo triste sobe ás alturas...  
Meus! não cantem, que eu vou morrer!*



*As mões embolam o berço amigo  
Doce esperança de seu viver...  
E eu vou sozinha para o jazigo...  
Chorai, crianças, que eu vou morrer!*

*Passaros tremem no ninho santo  
Pedindo a graça do alvorecer...  
Enquanto eu parto desfeita em pranto...  
Aves! suspirem, que eu vou morrer!*

*De lá do campo cheio de rosas  
Vem um perfume de entonlecer...  
Meu Deus! que magoas tão dolorosas...  
Flores! fechai-vos, que eu vou morrer!*

DO "HORTO"

## Sim, viverás...

**N**ão mais, na vida objectiva, o teu estro inspirado e meigo acalenterá, macio e terno, os espiritos teus contemporaneos, ó doce filha amada da sonhadora raça dos eleitos!

Na manhã que te partiste, alma gentil, as grossas gottas da chuva creadora, cahindo, monotonas, nos tectos da cidade, marcavam o compasso do chôro soluçado e amargo dos entes que te foram consolação na terra e que saudosos viam no leito mortuario, sem luz nos olhos scismadores e mansos, o querido semblante que illuminavas entre os

vivos; e essa grande magua, mais diluida é certo, mas tambem real, sentimol-a todos quantos na convivencia espiritual destas columnas sabiamos admirar a belleza commovedora dos teus versos, ora encantadores, graciosos, ingenuos, alegres, ora grandiosos e solemnes, profundamente suggestivos na opulencia espontanea da mais artistica simplicidade, e sempre bellos, sabiamente rythmados, de uma resonancia delicada e harmoniosa do mais puro e são lyrismo, extreme de artificios.

Mas é certo tambem, alma de elite, sonhadora alma! que, alem da vida objectiva e contingente, é-nos dado viver pelo espirito, realizando na existencia ideal a direcção benefica e fecunda, já revelada pelo genio assombroso de Comte.

A maxima positivista e perfeita do potente

insador primaz da moderna phylosophia que instituiu na ordem humana o amor por principio é uma verdade acceita pela consciencia esclarecida dos povos.

E, pois, espirito amovavel e protector que te elevaste á placida mansão dos consagrados, tu viverás sempre, puro e bello, a vida subjectiva na memoria respeitosa e agradecida dos que ficamos para transmittir aos que vierem a licção sublime que escreveste na terra, durante toda a tua breve demora no planeta mesquinho onde encarnaste, ó alma peregrina !

A.

## QUERULAS

**A**mpulhêta sinistra, que, pausada e triste, marcava uma serie de angustiosos soffrimentos, deixou cahir, afinal, a ultima aresta.

Finou-se AGTA DE SOUZA . . . . .

Dos accordes maviosos e algumas vezes doridos de sua harpa melodiosa e celica restam as harmonias que, espalhando-se pelo espaço infinito, vêm repercutir nos peitos rio-grandenses profundamente feidos pela prematura perda de um dos ornamentos mais preciosos de sua litteratura contemporanea

Das flores mimosas, que tão profusamente espalhou em seu rapido percurso, ficou o inebriante perfume, balsamo santo para os que gemem, orvalho vivificante para a sensitiva da Esperança que ella tão cuidadosamente cultivou, ensinando-nos na resignação heroica que sempre manteve durante o seu prolongado martyrio a efficacia da Fé na gloriosa transformação de além-tumulo.

Não perturbemos, pois, consoante á sua vontade, o encanto do repouso em que o seu delicado corpo adormeceu, alando-se o seu espirito purificado e angelico á eterna Bemaventurança, tantas vezes antevista em suas inspiradas estrophes.

• Moça, innocente, tendo n'alma em flôr um mundo virgem de sagradas creanças, AGTA DE SOUZA voou das agonias do «Horto» á beatifica transfiguração do Thabor celestial.

P. SOARES

## Oração

proferida por Pedro Avelino à beira do  
tumulo da laureada poetisa  
Auta de Souza.

♦♦

Finou-se AUTA DE SOUZA cujos despojos vie-  
mos trazer á sua ultima estancia.

Quizera, srs., poder elevar-me á altura da in-  
cumbencia que me commetteu o Gremiu Polyma-  
thico, de que era a fiada mui digna socia, para  
represental-o condignamente neste momento, fazen-  
do aos meritos reconhecidos e estimados da illus-  
tre confrade o elogio de que em verdade é alta-  
mente merecedora, não só pela sua valia mental,  
como por titulos varios que todos estão nitidamente  
gravados na consciencia de quantos tiveram a for-  
tuna de acompanhar, de perto ou de longe, o desli-  
zar ondulante e manso d'aquelle espirito de escol,  
no seu assignalado e brece percarso na existencia  
e pelo firmamento das lettras patrias.

Deante deste tumulo, onde me acho no cum-  
primento de duplo dever— o da amizade e o da  
obediencia á direcção superior da associação em  
cujo nome falo—sinto que em meu espirito influem  
por egual dois sentimentos— o religioso e o da af-  
feição; e, na fusão que se opera de emoções tão  
diferentes e distinctas, comprehendo perfeitamen-  
ter, substancialmente, toda a razão de ser da philoso-  
phia que instituiu a humanidade como o objectivo  
unico, como o ideal supremo de uma religião.

Sera: é certo, e de boa mente não será con-  
testado, que, á beira de uma cova que vai receber,  
destruir e transformar o corpo de um ser amado,  
que preencheu na vida a sua função mais nobre na  
prosecução incessante de um destino superior, nin-  
guem pode existir, dotado de lucida razão, in-  
capaz de sentir ahí—nesse momento extremo e ver-  
dadeiramente solemne—a eclosão subitanea e inso-  
pitavel do sentimento mais tocante e doce da affei-  
ção e da solidariedade da especie. E, Sr., que  
coisa mais cabal de força positiva e de maior expres-  
são moral do que essa emoção tão profundamente  
humana que experimentam as almas intelligentes e  
sensíveis, em face de quadro semelhante?

Quem, á vista de facto tão suggestivo e tão real, se atreverá a negar a existencia de um laço íntimo indestructivel, que nos liga religiosamente aos destinos do nosso semelhante, e, ainda, que esse poderoso vínculo é tanto mais sensível, tanto mais resistente e, sobretudo, tanto mais religioso quanto mais accentuadas são as afinidades psychicas entre os que ficam e os que se vão da vida? Ninguem, creio.

Auta de Souza foi uma existencia que marcou fundamente e indelevelmente nos corações e nas almas dos que a conheceram e sentiram o prazer espirital de suas relações, quer no trato puramente pessoal, quer nas relações de ordem intellectual, as afinidades a que me refiro e que se faziam comprehensíveis, n'uns, somente pela maior intensidade affectiva que nascia do convívio directo, n'outros, por um mixto de apreço e de viva estima moral, que ficava nos seus leitores como preito infugível de perenne admiração.

Não comprehendo maior sinceridade, nem mais penetrante doçura e piedade sentimentaes do que as que nos invadem e dominam o ser em presença de uma existencia querida q' se fina, maximé quando a individualidade que a encarnou não pode atingir os fins superiores para que convergiam uniformemente os estímulos e esforços mais vigorosos de seu espirito.

Nesse sentimento a que alludo é que reside ímanente, effectiva, muda e veraz toda uma formula religiosa n'uma expressão subjectiva, tacita, natural, respeitavel e completa, a qual se não altera sob nenhuma civilisação, senão para marcar um passo ávante na evolução moral do espirito humano.

Eu creio, srs., isento da disciplina e de todo sentimento de dogmatismo orthodoxo, na religião de minha especie.

N'este momento ella vibra em minha alma e palpita-me nos labios.

Creio, porque a sinto nesse egoismo elevado, espotaneo, indomavel, susceptível apenas de educação melhor, que faz-me verter lagrimas junto ao leito de dor do filho amado e ao pé dos despojos dos entes queridos que tombaram nas barbacaas do tumulo. Sinto-a ainda nos impulsos que me impelle a venerar e a venerar a memoria dos bons es-

piritos que se apagaram na noite do alenda campã.

Auta de Souza possuía altos dotes moraes e nobilissimas qualidades affectivas que davam á sua individualidade litteraria um relevo accentuadamente sympathico, como a aureola d'um genio do bem. Della se pode dizer que foi uma predilecta estreaneida e mimosa da poesia, e a sua organização psychica uma como ambula perfumosa e rara em que a musa de afinado lyrismo estabeleceu escantado ninho feito com o arminho do amor e da bondade das almas sonhadoras. Firmou uma personalidade bem distincta no mundo das letras patrias, recebendo dos competentes a consagração unanime de poetisa espontanea que era, por temperamento e por ineluctavel tendencia de sentimentos. O desaparecimento de Auta de Souza abre vacuo de difficil preeuchimento no scenario das letras indigenas.

Ninguem, lendo os versos, sempre maviosos e espontaneos, da primorosa cantora rio-grandense, pode furtar-se ao brando, ao doce influxo mystico de sentimentos suaves que se desprendem da estrophe como um sopro vago, flebil de bondade angelica.

Era ella, a formosa alma infantil, amada com delicados extremos do mais carinhoso affecto no seio de sua distinctissima familia; e eu, senrs., posso bem avaliar o alto poder benefico de sua influencia moral no espirito, ora acabrunhado e inconsolavel, dos caros irmãos a quem adorava a adoravel creatura, cuja memoria fica suavemente e vivamente gravada nas letras patrias contemporaneas como uma das mais puras representações da poesia; dessa poesia que se evolva do sentimento para falar ao sentimento.

De tal quilate è que são os versos da gloriosa poetisa, da terna, da doce patativa dos tropicos, que encheu de encantadora melodia a alma dos seus patricios.

Não morrerás, espirito de eleição! has de subsistir nas almas amantes do bello por virtude desse subjectivismo santo que faz dos grandes pelos coração e pela intelligencia os unicos eleitos da immortalidade.

Descança em paz, filha querida do ideal.

## EM BUSCA DO ALEM

*« Fica entre nós, irmã das andorinhas :  
Deus fez do céu a patria das estrellas,  
Do olhar das mães o céu das creancinhas ».*

DO 'HORTO'

Recordando estes versos sublimes de inspiração e de ternura, venho também render preito à memoria inolvidavel de AUTA DE SOUZA. Elles dizem o que foi a adoravel e privilegiada creatura por quem veste-se de crepe a poesia brasileira.

Poetisa de raro merecimento, AUTA DE SOUZA impoz-se sempre á minha admiração, não só como artista harmoniosa e espontanea cantora do verso, mas, principalmente, como alma affectiva que se expandia no amor e no carinho pelas creancinhas, os predilectos do seu coração, tantas vezes inspiradores do seu maravilhoso talento, essas creancinhas de quem Jesus se cercava, tão amadas por elle e egualmente por ella queridas.

Admirava-a na sua modestia, na sua tristeza, na sua resignação evangelica.

Só os espiritos eleitos, superiores pelo coração e pelo ideal, são capazes de tanto amor.

Raras vezes me foi dada a felicidade de gosar o prazer espirital das suas relações: e em presença de tão elevado espirito sentia uma fascinação irresistivel.

Foi-se a divina cantora da minha terra; AUTA DE SOUZA encontrará repouso na immortalidade.

José PINTO



## A MORTE DE UMA POETISA

Em depressa, « A Tribuna », em cujas paginas tantas vezes fulguraram as joias de femininos labores com que AURA DE SOUZA enriquecia as letras indigenas, apparece sob a mais significativa demonstração de pezar pelo desaparecimento da primorosa cantora, que nos revelam os seus proprios versos a delicada personificação de inestimaveis virtudes.

Os sinceros applausos que destas columnas tiveram suas adoraveis poesias, escriptas sempre n'uma linguagem somente propria das almas de escol, em que ella delineando as mais bellas concepções cantava o mar e o céu, as flores e os astros, o pranto e o riso, a verdade e o bem, todas as recordações da sua infancia querida, fundem-se agora, nestas impressões de dôr e de saudade infindas, com que sempre os seus confrades hão de recordar seu nome illustre.

A historia de seu viver è a narração dos longos padecimentos que soffreu com a mais evangelica das resignações e que foram pouco a pouco minando-lhe a preciosa existencia até partirem o tenue fio que prendia ao debil corpo sua alma caridosa e bôa.

Pode se dizer que viveu somente para o soffrimento, pois já não tinha nos seus grandes olhos senão a expressão da dôr e da bondade.

Percorrendo diversos sitios em busca de melhoras á sua saúde, deixava em toda a parte, como que a doce impressão da flôr que perfuma e encanta, da estrellá que fulge, taes as delicadas manifestações de seu espirito aureolado de todas as irradiações do bem.

Não nos cabe, somos o primeiro a reconhecer e confessar a nossa incompetencia, não nos cabe fazer aqui o julgamento de tão alta individualidade, julgamento aliás eloquentemente e auctorisadamente expresso na acolhida sympathica que, em todo o paiz, teve um dos nossos mais bellos productos litterarios nos derradeiros tempos—o HORTO.

A nós cumpre somente dizer, obedecendo as nossas próprias impressões e como preito de saudade e admiração pela genial extincta, que, com o seu desaparecimento, o Rio Grande do Norte, o Brasil inteiro, perdeu uma das mais notáveis cuitoras da verdadeira poesia, d'aquella que fala á alma, innundando-a de luz, e aos corações edificando-os no bem.

H. BARRETTO



## Doloras

(Auta de Souza)

*Já vão caminho do cemiterio  
Meus louros sonhos em visões negras,  
E vão-se todos no Azul sidero  
Como uma nuvem de toutinegras.*

*A noite de hontem levei chorando  
Todo o passado de meus amores;  
E o dia ainda me achou rezando  
No immenso terço de minhas dores.*

*Vejo na vida longo deserto  
Sem doce oasis de salvação.  
Dentro em minh'alma, douda, chorosa,  
De pobre moça tuberculosa,  
Cheio de medo, tremulo, incerto,  
Bate com força meu coração.*

*E assim morrendo, coitada, aos poucos,  
Convulsa e fria, louca de espanto,  
Solto suspiros, soluços roucos,  
Olhando as cruzes do Campo Santo;*

*Porque me lembro que muito breve  
Leva-me a elle tanta dor physica...  
E dentro em pouco, branco de neve,  
Verão o esquife da pobre tísica.*

DO "HORTO"



"Non omnis morietur"

parece que uma sina cruel e terrivel, uma estúpida fatalidade pesa sobre a vida d'aquelles que, como AUTA DE SOUZA, nascem trazendo á frente esse stygma divino que os eleva vantajosamente acima das vulgaridades!

Como que nelles se estabelece uma verdadeira e desesperadora lueta, entre a força physica e a intellectual, na qual a materia cedendo, n'uma derrota completa, faz a sagração do espirito em apotheose brilhante— á Immortalidade! E isto accentua-se bem em nosso Paiz.

Quem quer que faça um retrospecto pela nossa vida litteraria ha de encontrar, por certo, a affirmativa desoladora de nossa dolorosa asserção. Alvares de Azevedo, C. Alves, Cruz e Souza, Paulo de Arruda e outros mais, ahi ficam assignalando a verdade terrifica desse incidente lamentavel.

AUTA DE SOUZA pagou tambem o seu tributo. Aquella fronte augusta de inspiração e talento, aquelle peito morbido e repleto do sentimento nobre da Arte Divina; aquella alma illibada, aquelle todo cedeu a lei inexoravel da transformação da materia para reviver; talvez, na garganta de uma ave, no seio de uma creança, no calix de um lyrio!...

AUTA DE SOUZA era uma intelligencia extraordinaria e poderosa, commovendo até aos mais intimos recessos d'alma a todo aquelle que a lê,

tendo a invejavel faculdade, que faz os bons e eternos poetas, de asserver todo o sentimento do leitor no proprio sentimento de suas estrophes adoraveis. A ella cabe a dupla gloria de haver firmado, entre nós, onde a predilecção manifesta dos que com ella começaram a blandir as lyras era pelo hugoanismo mal entendido, absurdo, sem attrativos e ternuras, aspero até, uma nova e caracteristica phase da poesia moderna.

O Horror ahi está como uma bella e valiosa conquista de seu espirito de elite, genuinamente poetico, magnifico, sensivel e arrebatador. Que longa-via-dolorosa foi a sua limitada existencia! Sentir a cada instante o vento frio do alem-tumulo; prever em cada vertigem soffrida o negro phantasma da morte; suffocar na garganta os soluços partidos

da saudade infinita da vida prestes a extinguir-se em plena alvorada, ao despontar do sol sonhado da Gloria e ter a dolorosa e desesperadora certeza de que vai morrer em breve, de que vai deixar eternamente tudo quanto amou e ama sobre a terra, só uma alma extraordinariamente superior, como a sua, trocaria o pranto — o unico consolo dos condemnados à morte — por uns doces e singellos canticos cheios de ternura e resignação . . . Bem depressa cumpriste o teu longo e glorificante commettimento divina poetisa de minha terra ! Dorme pois ! Descança essa scismativa e torturada cabeça sobre seu seio querido, que ella, com seu pranto sincero e inconsolavel de Mater Dolorosa, te lavará da fronte, fria pelo beijo terrivel da morte, toda a dôr amarga e cruciante que nesta existencia lucraste !

Descança ! que por mais rebelado que se seja, para as almas puras e soffredoras como a tua, é impossivel não acreditar-se na existencia do Céu.

S. FERNANDES

## Deificação

Bemdigo este testemunho de respeitosa veneration votado hoje, neste album de preces, ao peregrino astro que tantas vezes projectou luz nestas paginas.

Se AURA DE SOUZA ja se impunha ao apreço e a admiracão dos povos pelo valor dos seus escriptos de metrica, e se era uma poetisa de raça, illuminemos-lhe o vulto, consagremos-lhe a memoria, fazendo-lhe esta apotheose posthuma.

A morte não ceifou-lhe a existencia — eternizou-lhe, traspassando-a para o templo da Immortalidade !

Por esta transição, por este revez de uma para outra vida, basta o merecimento do Horro, escriptorio de primorosos sentimentos, para fazer jus a esta glorificação.

Seja este o meu tributo de veneração cultural.

J. VIVEIROS

## Glorificação

A MORTE não é um aniquilamento, é uma metamorphose; não é uma solução de continuidade, é uma progressão; não é uma destruição, é um renovamento indefinido; é a analyse, assim como a vida é a synthese da logica do destino.

O nada é uma ironia; o vacuo uma illusão.

Entre a vida e a morte ha um ponto de contacto—é o ignoto.

O ser e o não ser tem uma affinidade affectiva—é a lagrima.

O consciente e o inconsciente completam-se pela fatalidade.

Ajoelha-se tanto em frente de um berço como em presença de um cenotaphio.

Ha sombras na existencia como ha irradiações no cahos.

Do cadinho da vida expande-se a fagulha do genio; na retorta da morte elabora-se a scintilha do astro.

A vida é o movimento positivo, a morte a actividade negativa.

Deste contraste resulta o equilibrio immutavel do Universo.

A vida é um ponto de interrogação; a morte um ponto de admiração.

Uma é necessaria, a outra indispensavel.

A noite não é mais do que a syncope do dia.

O que existe nutre-se do que não existe.

A primeira é um problema, a segunda uma equação; a incognita... é DEUS!

Morreu AUTA de SOUZA? Não! Para morrer era preciso ter vivido, e ella não viveu; deslisou suavemente pela superficie da terra como a aza de uma borboleta na corolla macia de uma magnolia, ou uma caricia materna na face immacula do filhinho adormecido.

AUTA DE SOUZA não foi uma individualidade ;  
foi um Sonho que transfigurou-se para mostrar à  
terra uma parcella do Infinito.

Foi um Anjo que se fez Martyr para ensinar aos  
fracos o sublime Evangelho da resignação !

Foi uma Estrella que se fez Virgem para puri-  
ficar as almas transviadas com o perfume de suas  
peregrinas virtudes !

Foi um Genio que se fez Cysne para cantar o e-  
picedio dolente da saudade !

AUTA DE SOUZA entrou na vida pelos humbraes  
do soffrimento e sahiu pelas porticos da immortali-  
dade !

Affogou-se n'uma onda de sangue para resus-  
citar n'um oceano de luz !

Fez o que fazem os meteóros — deslumbrou e  
fugiu.

Teve na sua trajectoria o baptismo da Arte ;  
a eucharistia da Magua e a extrema-unção da Gloria!

Quando ha tempestades no cerebro ha naufra-  
gio n'alma. Quando o coração transborda, o pen-  
samento sossobra asphixiado na voragem das emo-  
ções.

Dizer o que foi AUTA DE SOUZA é photogra-  
phar o Bello, é fazer a autopsia do Ideal.

Para celebrar as exequias dos lyrios, só o  
cortejo dos astros !

Só á innocencia é permittido cantar a epopeia  
triumphal da Caihandra das creanças.

O operador ousado, que tentasse fazer a sua  
viviseccão, encontraria no seu craneo uma aurora,  
no seu peito um goivo, no seu coração um rouxi-  
nol.

Silencio !... Não acordemos a Ungida das  
Musas que dorme placidamente no seu *Horto de Sa-  
phiras*, sob a cupula esmeraldina dos cyprestes, o  
somno mystico dos Predestinados !....

*Segundo WANDERLEY*

### Allocução

proferida junto ao tumulo de AUTA DE SOUZA, pelo

nosso confrade Manoel Dantas

*Meus Senhores* — A redacção da *Republica* curva-se respeitosa à beira do tumulo que vai receber os restos mortaes da grande poetisa rio-grandense Auta de Souza, presta a mais solemne homenagem á sua talentosa collaboradora, cujo ataúde acaba de chegar ao Campo Santo aljofrado de muitas lagrimas, sinceramente derramadas por mães e virgens natalenses, em cujas almas vibrou isocrona a doce emoção dos versos dessa sublime cantora dos idéaes mais puros, das coisas sautas; *A Republica*, senhores, acompanhando o lucto que hoje cobre as lettras patrias, diz á Auta de Souza o derradeiro adeus, exclamando, como o poeta:

*«Dorme, dorme, feliz... Oh! não despertes*

*— A' margem da corrente.*

*Dorme, creança, dorme! Os que ficaram,*

*— A' beira do caminho—*

*Por entre os laranjeos sentem chorando*

*— O aroma de teus cantos!*

*Foste do sonho á morte! Oh! dorme, dorme..*

*— Talvez sonhes ainda! »*



## Homagem

**E**stá de crepe envolvido o altar das Musas!  
Ajoelhemos e oremos. Ajoelhemos ante  
esse altar sagrado em cujo nicho pousa o  
espírito divino e meigo da maviosa cultora do verso.  
Oremos ante o sarcophago que encerra o envol-  
vero material d'aquella resignada e santa creatura.

Ajoelhemos diante dessa ara de inapagável recordação, thuribulando a imagem daquella que a morte arrebatou tão cedo, tão no florir da vida, dos braços carinhosos da Arte Immortal, da Arte Divina.

Oremos diante desse tumulto que guarda a sagrada reliquia da gloria mais pura de nossa terra. Ajoelhemos e oremos.

A vida de ALTA DE SOUZA foi a vida de uma flor. Flor que murchou prematuramente — oh! dolorosa verdade! — aos primeiros alhores do matutino sol! Flor que deixou em nossa alma a inextinguível impregnação de seu perfume suavissimo e doce. Este perfume tão doce e vaporoso ahi fica dulcificando a aspera realidade da vida no mystico sentimentalismo de seus versos, no *Hortulo* de seus enlevos virgens—relicario de lyrios e acucenas onde o adoravel melancholismo de suas canções casa-se intimamente com a nossa alma, transfunde-se profundamente em n o s s o coração, como se ella—a predestinada da Poesia—adivinhasse nas dores do proprio coração a magua dolorosa dos corações alheios.

Seria preciso que não se amasse o Belio em sua manifestação mais sublime, seria preciso que não se tivesse n'alma um resquicio sequer de emoção artistica, seria preciso que se detestasse a bondade infinita, a candura angelical a crystallina pureza e a resignação estoica, para não se sentir, mesmo sem querer, o pezo do sentimento avassalador e profundo que a morte da laureada poetisa produziu em todos nós. Mulher—ornava-lhe a alma a grinalda fulgente das mais affectuosas e santas virtudes intimas. Artista—possuia a eucantadora magia, o formoso enlevo dos talentos peregrinos.

Mulher—viveu em lucta constante e cruel contra o soffrimento, que ella supportava com a paciencia e resignação evangelicas de um Nazareno.

Artista—soube infiltrar no amago de nossas almas a essencia harmoniosa de seus canticos. A sua memoria vicejará, tão viva e tão palpitante, como a grandeza immensa de nossa dor.

Meu Deus, se em um momento apenas da vida humana è nos dado romper o elo fatal do pavoro-

so scepticismo, se em um momento apenas da vida do homem é dado soerguer os olhos para a morada ideal dos Bemaventurados, dir-se-hia vermos neste momento AUTA DE SOUZA no Paraizo das canduras celestiaes, entre meigos archanjos e seraphins—na frente o resplendor diamantino de Santa, dedilhado, na sua lyra divina, a eterna symphonia de suas divinas estrophes.

PEDRO NASCIMENTO

(Do Gremio Tobias Barretto)

## Discurso

PROFERIDO PELO ACADEMICO LIMA FILHO Á BORDA DO TUMULO DA POETISA AUTA DE SOUZA

Senhores:

Para os espiritos emancipados, para as almas de elite, a morte não é somente a effectivação da grande lei physica da integração da materia!

Não! A morte é a vida, porque ella é o inicio d'essa sublime metamorphose do talento, porque ella é o primeiro degrau da gloriosa ascensão da Posteridade!

Senhores: Auta de Souza começa agora uma nova existencia! A que hoje findou-se aos primeiros beijos do dia é essa inmensa serie de amargos soffrimentos, é esse lacrimoso martyrologio de fundas amarguras, monologado no macio recesso do berço e que termina agora na sombria periphèria do tumulo!

Triste contingencia da vida! Maravilhoso contraste da existencia! Mortalidade e Immortalidade! Mortal — o que desce para o nada e cuja vida é apenas uma saudosa reminiscencia! Immortal — o que descendo para o nada sobe para a Gloria, envolto nas benções da posteridade e aureolado d'esse brilhante diadema que scintilla na frente dos genios! Tal é o teu destino, « cotovia mystica das rimas » que deixando a terra fosta cantar nos céos! Dorme poetisa! Pendura a ly-

ra ao ramo do cypreste !. Ella que traduziu sempre os maviosos acórdes de tua alma, permaneça ahí a teu lado, e ao mais leve bafejo da aragem possa traduzir os profundos soluços de tua mãe patria que jamais deixará de sentir o teu prematuro desaparecimento ! E a expressão final que te dirigem os moços do "Le Monde Marche", cujo seio tanto illuminaste com as fulgurações de teu peregrino talento, e cujas dolorosa saudades concretisamos nestas flores inodoras da morte.



## Obrigada !

(Auta de Souza)

A' NININHA ANDRADE

*E tu rezas por mim ! Como agradeço  
Essa esmola gentil de teu carinho...*

*Como as torturas de minh'alma esqueço  
Nessa tua oração, floco de arminho !*

*Eu te bendigo, ó santa que estremeço,  
Alma tão pura como a flôr do linho...*

*E' tua prece a magua que padego,  
Aza de pomba defendendo um ninho !*

*Reza, criança. Junta as mãos nevadas  
E cerra as niteas palpebras omadas  
Sobre os teus olhos, como um lindo réo...*

*Depois, nas azas de uma prece ardente,  
Deixa cantar minh'alma docemente,  
Deixa subir meu coração ao Céu.*

DO "HORTO"



## Para o céu . . .

Tudo silenciou, n'um profundo retrahimento de tristeza, com a inesperada morte de **ACTA DE-SOUZA**, a insigne poetisa que «sufreu muito e que amou demais» . . .

E' que a sua lyra, carinhosa e doce, para sempre emudecera . . . . Nem mais uma vibração! Nem mais uma nota! Nem mais uma queixa! . . . .

Sonhando, talvez, com os lyrios róxos que enfloravam-lhe os expressivos e mímosos versos, ella elevou-se ás regiões do Alem, quando vinham rompendo os primeiros albores da aurora.

E a Natureza, a eterna sonhadora, ao despertar, estremeceu, magnou-se, dolorosamente surpreendida com o desaparecimento d'aquella que tantas vezes descreveu no constellado firmamento da poesia — as manhãs de outono e as noites hibernaes.

Tudo silenciou! E a noticia lugubre, fatal, extendeu-se até as esmeraldinas florestas, para que os innocentes passarinhos tambem soubessem que não mais existia a sua irmã de gorgeios, a primorosa cantora do *Horto*.

Pedro VIVEIROS



## Transição

Su' alma santa onde moram  
 A Luz, a Innocencia e o Bem,  
 Pedindo pelos que choram  
 Foi soluçando tambem.

DO 'HORTO'

Quando o genio se transforma em Astro e se transporta ás regiões da Gloria, deixando nos horizontes de Luz das letras pa-

trias os mais brilhantes sulcos de sua passagem, é justo, é imprescindível que, genuflexos, rendamos um culto sincero de veneração e uma apothese ex-corde á sua inapagavel memoria.

Guardemos, portanto, no recondito d'alma a lembrança dessa notavel rio-grandense que, a par dos fulgores de um estio adamantino, reunia em seu intimo as mais raras e preciosas virtudes.—Ave canora, preludiou no HORTO do sentimentalismo os mais ternos e melifluos gorgeios — Lyrio celeste, deixou pender a corolla perfumosa no fragil caule de uma existencia fugaz, e, arrebatado pelos euros da fatalidade, desapareceu por entre as sombras mysteriosas dos goivos e das casuarinas, legando á patria e á familia potyguar uma reminiscencia perenne e uma saudade immorredoirá.

A. WANDERLEY

## AO PÉ DO TUMULO

AUTA DE SOUZA

(Aos meus)

*Eis o descanso eterno ... o doce abrigo  
Das almas tristes e despedaçadas;*

*Eis o repouso, enfim... e o somno amigo  
Ja vem cerrar-me as palpebras cansadas.*

*Amarguras da terra! eu me desligo  
Para sempre de vós... Almas amadas  
Que soluçaes por mim, eu vos bendigo,  
O' almas de minh'alma abençoadas.*

*Quando eu d'aqui me fôr, anjos da guarda,  
Quando vier a morte que não tarda  
Roubar-me a vida para nunca mais,*

*Em pranto escreveram sobre a minha louza:  
«Longe da maquia, enfim, no Céu repousa  
Quem soffreu muito e quem amou demais».*

Do Horto

# Phantasia da magua

Vamos, meu coração. Não temas! Não receies! Sê corajoso! Sê intrepido! Sê forte!

Vamos assistir ao longe, muito longe ainda, a romaria dos sonhos que passam, das illusões que fogem, das esperanças que morrem para sempre, para todo sempre ..

E' mister que juntos partilhemos dos mesmos dissabores, ja que das mesmas alegrias partilhamos juntos.

Que queres? A vida é isto—risos e lagrimas, flores e espinhós, luz e trevas!

O bruxolear da aurora e o bramido da tempestade!

O calor de um ninho e a gelidez de um sepulchro!

A imagem da Fé e o phantasma da Descrença!

O hymno do Ideal e a marseilleza da Dor!

\*\*\*

Vamos, meu coração.

A estrada é longa, o caminho deserto e o sol, a prateada hostia do infinito, feita dos rosicleres da madrugada e lagrimas de estrellas, como um passaro errante, some-se, desaparece, mergulhado n'um trecho de céu, misto de sombra e luz.

\*\*\*

Vamos, meu coração.

A tarde expira. Os saltitantes e garrulos passarinhos, os filhos estremosos da devesa, rufam as azas e vão, somnolentos, cantarolar alem os funeraes do dia.

Ouve-se um triste bimbalar de sinos e um cantico festivo e alviçareiro de Anjos. E' a procissão celéstial que sobe a luminosa escadaria do firmamento, conduzindo, abrigado em conchas de

arminho, para o paiz do Azul, o espirito angelico dessa adoravel creatura, em cujo peito dolorosamente, desgraçadamente sangrava a rubra flor de uma ferida aberta.

Vamos, meu coração.

O *Angelus* sôa. A noute, negra como o remorso, não tarda a espreguiçar-se, desdobrando a sua vasta mortalha de crepe, as suas grandes azas de corvo. A natureza, embalada, talvez, pelas auras murmuradas da saudade, como que principia a adormecer sonhando com a resurreição do magestoso astro que acaricia, com seus beijos de fogo, o peregrino rebanho das nuvens peregrinas...

Eis-nos, finalmente, no exilio dos bemaventurados, deante do labyrintho das catacumbas.

E' aqui, ó pobre atomo, onde melhormente rompe a impressionante orchestra dos soluços, todas as vezes que um ente querido desce ao medonho sarcophago da materia, ao tenebroso abysmo do nada, que é a morte, da morte que é o psalmo final da Biblia da existencia.

E' aqui onde magôa-se a sensibilidade da alma que geme, da alma que chora ao ler a pagina luctuosa do livro do Destino, onde se acham prescriptas as sabias leis da transmigração espiritual...

Approximemo-nos.

Em torno d'aquelle tumulto matizado de boninas e magnolias, de lyrios e verbenas, desfia-se um rosario de lagrimas doridas. E' o lúrido cortejo das Musas que choram; são os levitas do Sonho que, em romaria funebre, vieram prestar solemnisima homenagem deante da terra fria, gelada, aberta para dar passagem ao meteoro que transformou-se em estrella...

Vês? Alli repousa o corpo fragil, inerte, dessa creança sublima, como Chateaubriand chamára a Victor Hugo.

« A morte apressou-se em envolvê-la na sombra impenetrável do seu eterno mysterio, dando-lhe assim o duplo prestigio da poesia e do desconhecido . . . da gloria e do martyrio! »

Que surpreendente contraste !

Enquanto Ella segue, olhos cerrados, mãos entrelaçadas, riso de crente nos amortecidos labios, para o caminho do Alem, descem sobre o seu jazigo gottas de pranto e sobem ondas de luz — o pranto symbolizando a dolorosa expressão dos sentimentos da Patria que vê roubada a extremosa filha que pouco cantou e muito soffreu — a luz synthetizando a apothese final a que têm incontestavel direito os privilegiados da lyra, os que sabem ferir o roseo teclado das harmonias poeticas.

Voltemos, meu coração.

A pobre irmã das andorinhas acaba de deixar o mundo das Illusões e das Chimeras, rolando, como Icaro, no abysmo insondavel de uma sepultura eterna, de uma eterna solidão . . .

E' que as azas de Anjo não lhe puderam suster o fulgor de Astro !

EZEQUIEL WANDERLEY

## AUTA DE SOUZA

(OS FUNERAES)

Pelas tres horas da madrugada de 7 do mez actual, nesta capital, em sua residencia, à rua *Doutor Barata*, finou-se, inesperadamente, Auta de Souza, inspirada e primorosa poetisa do *Horto*, filha deste Estado, sob a carinhosa vigilia de toda a sua familia.

Divulgada, logo pela manhã, a fatal noticia de que havia desaparecido d'entre os vivos a maviosa

Iustres cavalheiros Antonio Adolpho e Pompeu Sant'ago, celebraram-se missas, no septimo dia, havendo *Libera*, a cantochão, entoado por dois sacerdotes, actos esses que foram concorridos por muitas familias de distincção.

—O *Congresso Litterario*, por deliberação, usou lucto por oito dias e mandou uma commissão a casa da familia da poetisa levar a expressão sincera de profundo pesar pelo seu prematuro passamento.

As demais associações de letras prestaram igualmente as mesmas homenagens.

A memoria de AUTA DE SOUZA A *Tribuna* presta toda a homenagem, consagrando hoje, vigesimo dia do seu passamento, a presente edição, associando-se ao justo e profundo pesar de toda a familia.

V.

de "A Tribuna" de 31 de Março de 1901. Fascículo 15

## MUSA TRISTE

A memoria da insigne poetisa — Auta de Souza

Abre-se a campa : enregellada e fria,  
Deixando aos corações fundos pesares,  
Vejo descer a Noiva da poesia,  
A Princeza das rimas potyguares !

Dos anjos escutando a symphonia,  
Dolencias que se perdem pelos ares,  
Peregrina da magua, em romaria,  
Foi-se n'um sonho à patria dos luares.

Estrophes pelo espaço derramando,  
Vai su alma de artista aprimorada,  
Da Saudade o poema desfolhando ;

Nos arcanos da Fé achou conforto,  
Pelas crenças viveu purificada,  
Morreu na terra e resurgiu no — HORTO !

Celestino WANDERLEY

Autia de Souza, de Mossoró, penha, que estudava a arte de tellectual também em seu tributo de cantos de flores artificiaes caotras do Horto. Mas daqui, não quizera mostrar o que para elle era mais poética.

E foi assim que, por ordem do dr. Filgueiras, secretario do Instituto Literario, e o digno presidente da Câmara teve logar no dia 2 de mez passado, a leitura do passamento da poetisa, com a leitura de algumas poesias e cantos, e a leitura da cidade.

A hora designada, o templo repleto de assistentes, principaes membros da comunidade, sorrentes, que de dia em dia de outro lado teve cantos a missa que foi rezada pelo Sr. Rego. Este, director do Collegio Diocesano.

Em seguida, ao redor de um artistico catafalco que se erguia no centro da nave principal da igreja, pelo mesmo conego, auxiliado pelo P. João Urbano, foi cantada o *De profundis*. Esse catafalco, trabalho do habilissimo amador João da Escossia, era encimado por uma trua velada de crepe e de um dos cantos da qual pendia uma linda corda de flores artificiaes, cingida por uma larga fita de seda branca na qual se lia: — *Saudades infinitas* — Mais abaixo via-se o retracão da jovem poetiza circulado por uma mimosa corda de saudades natúraes, alli posta pela ir-

meza do Sagrado Coração de Maria, da que ao lado da qual lia-se, um soneto de José de Vasconcellos, do Inst. Litt. 2 de Julho, que foi distribuido nesse dia, e os seguintes versos de Castriciano escriptos no catafalco:

« E quando morreu, as aves,  
Com tristes nenias suavas  
Voaram de terra em terra...

Saudades da sensitiva  
— Que ia murchar na terra!  
Ainda abaixo, no primeiro plano inferior de frente do catafalco lia-se o seguinte trecho do Horto:

« Sua alma santa onde moram  
A Luz, a Innocencia e o Bem  
Pedindo pelos que choram,  
Foi solçando tambem. »

Dos outros lados lia-se ainda os seguintes versos excerptos do "Horto". Em um:

« — Envia lá do céu ao teu sorriso  
A morte que levou-te ao Paraizo. »

Em outro:  
« Longe da agua, enfim, no céu repouso  
Quem soffreu muito e quem amou demais »

Ainda em outro:  
« Onde fica, Senhor, a terra a que nos levas,  
Com as mãos postas no céu e os dois  
olhos sem luz? ... »

Como homenagem ainda do Inst. Litt. á memoria da gemebunda cantora, foi distribuida ultimamente uma singela polyanthêa nitidamente impressa nas officinas do Atelier Xylo-Typographico.

E assim prestou o Mossoró o devido tributo á immort. poetisa que se chamou Auta de Souza.

*Do Jolyquararua nº 11 de 11 de*  
*Julho de 1901*

**Auta de Souza**

Escrevendo este nome, como epigrama de despreziosas linhas que se quem, não é meu intuito fazer uma graphia nem um panegyrico, e muito menos um artigo de critica. Nada d'isto.

umas palavras apenas em homenagem á juvenil poetisa que a morte levou com a triplicé aureola da mocidade, talento, e, quiçá, do infortunio.

Faltava ao Rio Grande do Norte a gloria assim—um genio arrebatado meio deseju desabrochar—uma poeta digna d'este nome, que fôsse comta e eminentemente Rio Grandense Norte. Tudo isto foi Auta de Souza.

A sua memoria não perecerá jamais. Ficou-nos gravada como a recordação querida de uma sombra luminosa de uma melodia longinqua, sempre ta e aprazivel.

Era franzina e doentia; talvez que prolucreo terrestre d'aquella alma tão de d'aquelle espirito tão resplandecente, d'aquelle coração tão bom, d'aquelle intelligencia tão superior, fôsse no finissimo crystal—tão fragil quão parentes as suas qualidades ex-tionaes. E a quem melhor se pode applicar os tão conhecidos versos Malherbe?

Estait dece monde ou les plus belles choses. Ont le pire destin...

Dizem que se foi cedo demais. Talvez não!

Qual meteo-ro deslumbrante, surgio. ou, desappareceu. Para que de-se contemplar mais tempo?

iria, após a admiração, quem sabe. fôse despidiosa, a depreciação in-differença, o esquecimento!

é o mundo... Assim, levou nas do-lu seu manto de virgem morta.

veneração immaculada dos que a con-ram e a admiração entusiasta dos que saudaram seu talento e seu character.

E que venturas haveria na terra dignas d'ella? Para os sonhadores d'aquella tempera, a existencia é uma de-sillusão continua. Depois, é tão triste envelhecer!...

Feliz Auta! E' certo que podia ter gosado mais das alegrias ephemeradas d'este mundo; mas, se em plena estação primaveril ella encontrou espinhos nas rosas do seu caminho, o que podia esperar das outras estações da vida?

Sem desdouro algum, o seu talento brilhou ao par do das melhores poetisas contemporaneas. Na correccão dos versos, na suavidade das expressões, na originalidade das ideias, na belleza das rimas, na poesia que ressumbra das proprias poesias (se me é permittido arriscar este trocadilho), ella pôde ser afoutamente comparada a Julieta de Mello, Aurea Pires, Ibrantina Cardona, Narcisa Amalia, Edwiges Pereira, etc. etc.

Existem ainda dispersas muitas poesias suas, que formariam um halo esplendido ao seu nome, alem do livro publicado, que mereceu geraes elogios na imprensa do paiz.

Faltou-lhe talvez uma consagração mais estrondosa, uma fama mais extensa; porem isto não foi devido á min-go de merecimentos proprios, e sim talvez á circumstancia de ser uma poetisa do—Rio Grande do Norte—pobre e generosa terra para quem são guardadas todas as injustiças! Mas a Providencia é sempre mãe, e ao passo que desherdado dos outros recursos de que a maior parte dos Estados conseguem dispôr, o Rio Grande do Norte, no seu mesmo desamparo, haure do seio uber-rimo a força de ostentar sua côroa de gloria, para a qual concorrem os raios fulgidos do patriotismo, da honra e da poesia.

16-6-1901.

U. G.



D. A Republica n. 165 de 4 de Setembro de 1911

# AUTA DE SOUZA

No Paiz, de 19 de Agosto, lemos um magnifico estudo de Leoncio Correia sobre a nõssa talentosa e pranteada poetisa Auta de Souza, que passamos a transcrever.

Eif-o

## AUTA DE SOUZA

Quando, em carta de pezames, pela morte de Auta de Souza, se me desprendia em lagrima, do bico desta penna impotente e intil, a alma dolorida e inquieta, eu aconselhava ao nobre irmão dessa excelsa artista do verso enfeixasse n'um unico volume todas as vibrações do seu talento, como a mais excellente, a mais suggestiva, a mais tocante das homenagens posthumas.

Da admiração que me inspirou sempre o bello espirito da poetisa do «Horto», que se foi a mortecendo aos poucos, lentamente, como um occaso tranquillo e quasi luminoso, decorrem, como preito de dolorosa sympathia, estas linhas á sua memoria memoria com direito a perdurar e a viver.

Ha uns tres annos, talvez, minava-a uma tuberculose maldita a marcha destruidora da qual ella pôde oppor, algum tempo, uma indomavel energia espiritual, quicá ultimamente quebrantada, mas ainda palpitante nas chammas de uma esperanza suave e infinita.

Bem poucos, dizem-me, mais agarrados á vontade de viver, apesar dessa olympica serenidade de animo, dessa resignação de Job, dessa beatitude contemplativa que promanam, como doce

diluculo indeciso, de tantos e de tantos versos delicados, que outros não são senão queixumes soluçados na enseada da Agonia, ante a esquadrilla desavrorada das Illusões mortas.

Contam que, á proporção que a morte a empolgava, mais ella lutava, mais reagia contra a morte. Ultimamente era um desejo, però, era uma vertigem, era uma obsessão, era uma loucura, seu amor pela vida—por esta triste e desoladora vida, orphanada de fe e de alegria, mau grado a doçura de que era revestida essa paixão.

E por vezes, a alma sonora desta sonhadora bizarra, desta fidalga poetisa, era como um sino de ouro massiço badalando, badalando, badalando, badalando queixaa supremas e mysterios encantadores. Dil-o o luar nostalgico, de que são banhados estes versos communicativos, escriptos tres dias antes que o seu espirito fanasse subitamente, como vela que uma rajada impetuosa apaga.

Para lel-os, para sentil-os, na sua escabujante e dilacerante tristeza, a alma se concentra no silencio e na meditação, voltada para um céu doce e distante, vagamente esbatido das primeiras e arroxeadas sombras de uma longa Noite que o sitia, e se avizinha.

## LUZ E SOMBRA

### A MIMOSA POETISA ANNA LIMA

Vamos seguindo pela mesma estrada  
Em busca das paragens da Illusão  
A alma tranquilla para os céos voltada,  
Lyra suspensa sobre a coração.

Ris o en soluço... (Loncas peregrinas!)  
E em toda parte, enfim, onde passamos,  
Deixo chorando os olhos das meninas,  
Deixas cantando os passaros nos ramos...

Porque elles amam tua voz honora  
 O delgado sabão da manhã  
 E o lombro-a-trista jurty que chora  
 E o dorido em lagrimas desata  
 Gostam de ver-te o rosto de creança,  
 Limpo das nevens de um martyrio vago,  
 O labio em riso, desmanchada a traça,  
 No olhar sereno a candidez do lago.  
 Até perguntam quando sobre a areia  
 Em que tu pisas vão nascendo rosas:  
 "Bella creança, humida sereja,  
 Irma dos sonhos das manhãs radiosas.  
 Porque trilhando a terra dos caminhos  
 Onde o teu passo faz brotar mil flores,  
 Esta velhinha vai deixando espinhos,  
 E um longo rastro de saudade e dores?"  
 Não lhes respondas... Pela mesma estrada  
 Sigamos sempre em busca da illusão:  
 A alma tranquilla para os céos voltada,  
 Lyra suspensa sobre o coração.  
 Vamos... desprende a doce voz canora  
 Que ella afugenta da Tristeza o açoite...  
 Enquanto elevas o teu hymno á ancora  
 Em voz rezando as orações da Noite.

4 de Fevereiro de 1901.

O que ahí se lê, é um hymno amargo á Tristeza, entoado melancolicamente na ante visão da grande viagem: hymno que nos domina e nos arrasta, irreprimevelmente, á lagrima fechada á alma no círculo das amarguras infinitas.

Desventurada e divina sonhadora! Sentir, na primavera em flor das largas aspirações immensuráveis, possuida da paixão da vida, em pleno vício de um fecundo e creador Talento, a geada funesta desflor-lhe os lyriaes derradeiros do Sonho, já vergados como casuarinas soluçantes, sobre os marinhos dos tumulos sinistramente alvos!

Cerraram-se-lhe para sempre os olhos no momento, talvez em que os seus olhares perscrutadores buscassem na deliciosa payzagem de sua bella e amada terra,

uma nuança exquisita que lhe opulentasse a fonte de emoções objectivas.

Pairava em sua physionomia de mim conhecida, a través desbotada photographia—algo de agreste, que contrastava singularmente com a piedade do seu coração compassivo, e a doçura de sua alma melancolica. Era como um largo trecho de natureza selvagem, atravessado interiormente por magnifico filão de ouro fino.

Poetisa original, de nota propria de uma individualidade já firmemente esboçada, artista escrupulosa e honesta, estheta fidalga da forma, quasi todos os seus versos são de uma plastica estranha, entontecedora e embriagante, como as alvas estatuas opulentas da fulgurosa arte pagã.

E, resta hora propicia, em que um largo movimento intellectual se opéra, amparado e favorecido pela dedicação de editores intelligentes, muito não é a creadora do *Horto* receba a sua consagração definitiva, n'um bello e intenso livro, editado por uma das nossas muitas casas, que não revelado pelas letras patricias um carinhoso e solícito interesse.

Que reunam os seus versos, os seus musicaes versos triumphantes, em um volume, e este ficará como um escudo de prata refulgiado junto aos despojos da Peregrina do Luar, que se partiu para o *au-delà*, como um esmiñheiro errante em busca da Torre de Esmeralda, que culmina a cordilheira do Souho.

LEONCIO CORREIA.

### Auta de Souza

"Longo da magoa enfim no Céu repouza  
Quem soffeu muito e quem amou de mais"

(Do "Horto")

Auta de Souza.

Já, pobre martyr, deixaste a terra  
Cedendo aos golpes da magoa infanda...  
Nos Céus tua alma pura se encerra.  
Mas quanta gente chorando ainda  
Por sobre a terra!

Por sobre a terra que tu regaste  
Com o pranto amargo do desconforto:  
D'onde surgiram brilhando na haste  
As flores todas do pobre "Horto"  
Que tu regaste!

Regaste as urzes da tua vida  
Com as aguas santas do coração...  
Viste essa estrada reverdecida  
Mas só de copinhos, de flores não!  
Que triste vida!

Si a vida apenas cedeu-te luto  
Cantaste a agrura da injusta sorte!  
E o som das tuas canções escuto  
Num "miserece" por todo o Norte.  
Vestido em luto...

De luto eu sinto, pisando abrolhos.  
Minh'alma, est'alma que te aderava:  
Que ao lêr teu "Horto" sentio dos olh  
Jorrar o pranto que te chorava  
Tantos abrolhos!

E estes abrolhos, piedoso Lyrio.  
Não conseguiram matar-te a Crença!  
Colheste a palma do atroz martyrio  
Cantando as glorias da "Gloria Immensa"  
Piedoso Lyrio!

Lyrios e goivos, saudades brancas  
Agora eu venho depositar  
Na lousa aonde teu pranto estancas  
E fende, em pouco, virão brotar  
Saudades brancas.

Branco de neve foram teus sonhos.  
Teu scio estáo como o arrebol!  
Que ao lado agora de Anjos risinhos  
Recallados, Alma de escól.  
Mejas teus sonhos.

Edwiges de Sá Pereira.

## Kaleidoscopio

Auta de Souza acaba de receber dos jornalistas em excursão ao norte uma tocante homenagem: flores sobre a sua campa.

O que melhor poderia fallar a sua memoria ao seu espirito — essencia de luz de nossos devaneios — que uma bracada de rosas?

Só o perfume das boninas de Maio, colhidas a borda dos vallados da terra polyguar, senão o telegrapho sem fio para transmittir a Auta de Souza, na sua mansão, um preito de admiração.

Flores que foram os seus sonhos! Flores que ella tanto amou, ora enfeitando as crianças, ora as depondo aos pés da Virgem, como supplicas de um coração amolecendo aos vinte annos!

O *Horto*, harpa de um anjo, campã de linos e cyprestes, e um livro simples sem arroubos, mas representa o coração da mulher em toda a sua ternura: aqui o mar de leite manso, como espelho a reflectir o sol faiscante; alli um ninho de crianças garrulas enchendo um lar de esperanças; e por todos as paginas o manto ceruleo da Mãe do Céu servindo de pallio a um campo de flores.

A mulher brasileira que macaqueando a mulher de além-mar começa a querer ser homem, pretendendo fazer concurrencia ao sexo forte na estupidez da lucta pela vida; deve antes de assomar a tribuna do jury,

ou de galopinar em picos eleitoraes, apparellar o coração para educar os filhos.

Não deve blindar de aço os exemplos a administrar, lembrando certos valorosos, muito menos de par com o leite materno, dar a beber o jacobinismo politico dessa ou d'aquella matiz, não antes de tudo uma fonte doce de ternura, carinho e amor. Preparar o animo dos filhos, como quem tapiza de flores um alicerce.

Todo singeleza, e encanto de fada como que narrado pelos divinos labios de Nossa Senhora, para a educação, as paginas do *Horto* são as folhas de uma biblia infantil.

A creancinha que chora

E como o lírio ao nascer

Um raião de sol implora

Para que chegue a viver

Não encontrareis, oh mais, que tendes  
filhos, nos cantares do divino relicário uma  
phrasé do Conselheiro Acácio ou um con-  
selho de Abílio; mas um verdadeiro sipilho  
de petalas de rosa com que desbravareis o  
coração de vosso filho, preparando-o para  
as lições de candura.

Autá de Souza foi a poetiza das crianças;  
morreu aos vinte annos, tendo vivido até  
os 17 no seio de irmãs de caridade, em um  
collegio de freiras, ouvindo as lillianias de  
quantos corações se finaram para o mundo,  
em quanto se fazião vehiculos dessa evoca-  
dora bondade de Jesus em favor dos des-  
gracados.

Morreu sem ter vivido, porque a sua alma  
não teve tempo de rasgar o casulo dos seus

sonhos de monja para cantar ou contillar de  
lagrimas as agruras da vida real.

Fazer a pscycologia da immortal poetiza  
norte-riograndense, dar-lhe o perfil de santa  
neste humilde rodapé seria, pretender en-  
gastar a estrella d'alva em grosseiro anel  
de ferro.

Tenho agora mesmo á vista trez negas  
de almasso, amarellentas por que ja contão  
mais de dez annos, e sobre ellas caracteres  
miudinhos, firmes e calligraphicos, estam-  
pando estrophes.

São autographos que da poetiza guar-  
dava com fraternal desvelo, uma sua amiga.  
Os versos são ineditos, e si não dizem mais  
que os do *Horto*, affirmão o fulgor de um  
estro genial ao alvorecer.

Alli sobre aquellas trinta e trez linhas passou  
a mão nervosa da auctora, a de illhar affec-  
tos como encantado nune que do Azul des-  
cesse polvilhando estrellas sobre a face das  
aguas, sobre o verde dos campos, peles co-  
rações dos infelizes.

Hoje é um soneto inedito em que Autá  
de Souza canta o seu anniversario. (An. 12  
de Setembro de 1894. — Macahyba — Rio G  
do Norte).

Fiz annos hoje... quero ver agora  
se este soffrer que me atormenta tanto,

me não deixa lembrar a paz, o encanto,  
a doce luz do meu viver de outr' ora.

Tão moça ainda entras como a aurora,  
foge-me a vida no correr do pranto!  
É como a nota que despede um canto,

perdida, esvae-se pelo espaço em fora.

Minh'alma vò as plagas do passado  
em busca ainda desse ninho amado  
Onde risonha descansou sem medo

Mas qual! A sorte caprichosa, esguia,  
mata-me sempre no fatal degredo  
Minha ventura só durou um dia!

Os quatorze versos, semelhantes a diaphaneidade placida de um lago, sobre cuja face liza passasse por instantes uma gaivota de azas luminosas, que fugisse em busca do occidente as horas do sol posto:

«Minha ventura só durou um dia!»

A outra poesia envolve uma velada confissão affectiva, brilho de uma estrella perdida em mysticòs pallòres de bruma fugidia.

A

Tu fizeste de meu peito,  
ó meu anjo, ó meu amor!  
um ninho vasto e perfeito,  
um sanctuario de dor.

Desfolhaste a pura crença  
que eu tinha no coração,  
envolveste em treva immensa  
a minha doce illusão.

Meo peito é hoje deserto  
qual uma cella de monge,  
vivendo de ti tão perto  
parece que estou bem longe.

E tu deixaste isolado  
meo seio nú de esperanças,  
Como um ninho abandonado,  
uma casa sem crianças.

Por isso quero voar  
além, muito além, além.  
Pra ver se acho logar  
onde não veja ninguém.

Talvez então eu chorasse  
vivendo longe de ti,  
mas que tinha se encontrasse  
a paz que fugiu-me aqui?

Vou sepultar dentro d'alma  
a história do meu amor,  
quero só viver em calma  
embalando minha dor.

Mais vale um peito maguado  
chorando e sofrer a sós,  
que ver o teu ídolo adorado  
passar zombando de nós!

(Macahyba—22—1—95).

Um vago sonhar de coração inocente!  
Um ideal longínquo, como um astro no fundo  
do espaço, que dardejasse raios pungentes a tra-  
vessar o peito da genial cantora, como as  
sete espadas lanceoladas da Virgem Dolorosa!

RODRIGUES DE CARVALHO

Do Secretário do Comércio nº 104 do  
 1.º de Fevereiro de 1902.

# AUTA DE SOUZA



Faz hoje um anno que baixou ao tumulo a inolvidavel cantora norte-rio-grandense Auta de Souza, cuja perda repercutiu bem tristemente e é dolorosamente lembrada a onde quer que, na grande patria, seja conhecida uma só estrophe da sonqrosa e meiga poetisa.

Que nos perdemos a proposição achamos que Auta de Souza symboliza o genio espontaneo da poesia sentimental de nossa raça, ao menos, lhe não conhecemos simile na moderna geração.

Amamos dess' dace artista um quê de inconfundivelmente e nativamente brasileiro, que vive com suavidade e ternura e com tranquillidade, mas indomável espontaneidade, em toda a sua obra. Era de facto uma sonhadora privilegiada, dotada de uma alma feita de amor, de luz e sinceridade.



Cada phrase ou cada verso seu recebia o cunho de uma impressão viva e nitida, verdadeiras scintillas de ideal e sentimento. Aquella organisazação psychica era um composto de alma e melodia.

Que sublime que era a nossa adorada Auita!

Na estreiteza de limites de uma local nada mais podemos acrescentar, mas deixamos fora de duvida o nosso preito sincero e profundo aos meritos admiraveis da poezia e aos raros dotes moraes d'aquella que se finou recebendo o sorriso das musas, o beijo das flores e as lagrimas d'amor das virgens patricias. As homenagens ao talento as recolhe sua memoria, mais cada ma e mais sinceras, que nesta terra nenhum espirito intelligente que se preze, torra-se ao dever de tributa-las.

Aos distinctos irmaos de Auita de Souza, dr. Eloy de Souza e H. Castriçiano, nosso apreciado collaborador, apresentamos a expressão do nosso pesar.

210  
3-13-902  
A MUISSA POETISA AURORA LIMA  
LUZ E SOMBRA

# AUTA DE SOUZA

Quando, em carta de pezames, pela morte de Auta de Souza, se me desprendia em lagrimas do bico desta pena impotente e inútil, a alma dolorida e inquieta, eu aconselhava ao nobre irmão desta excelsa Artista do Verso enfeixasse em um unico volume todas as vibrações do seu talento, como a mais excellente, a mais suggestiva, a mais tocante das homenagens posthumas.

Da admiração que me inspira o bello espirito da poetisa do *Harjo*, que se foi lambrecendo aos poucos, lentamente, como um occaso tranquillo e quasi luminoso, decorrem, como preito de dolorosa sympathia, estas linhas á sua memoria, memoria com direito a perdurar e á viver.

Ha uns tres annos, talvez, minava a uma tuberculose máldita, á marcha destruidora da qual ella poude oppôr, por algum tempo, uma indomavel energia espirital, quiza ultimamente quebrantada, mais ainda palpitante nas chammas de uma esperanza suave e infinita.

Bem poucos, dizem-me, mais agarrados á vontade de viver, apesar dessa olympica serenidade de animo, dessa resignação do Job, dessa beatitude contemplativa que promanam, como um doce diluculo melódico, de alguns sonoros versos delicados, que outros não são que queixumes soluçados na enseada da Agonia, ante a esquadriha desarvorada das illusões mortas...

Coniam que, á proporção que a Morte a empolgava, mais ella lutava, mais reagia contra a Morte. Ultimamente era um desespero, era uma vertigem, era uma obsessão, era uma loucura — o seu amor pela Vida — por esta triste e desoladora Vida, orphanada de Fé e de Alegria — máo grado a doçura discreta de que era revestida essa paixão. E, por vezes, a alma sonora desta sonhadora bizarra, desta lidalga poetisa, era como um sino de oiro massico badalando, badalando, badalando queixas supplicas e mysterios encantadores. Dilatar nostalgico de que são banhados estes versos communicativos, escriptos tres dias antes que o seu espirito se fanasse subitamente, como uma veia que uma rajada impetuosa apaga. Para ouvil-os faz-se mister um grande recolhimento de alma, como a dos christãos primitivos orando por entre as catacumbas silenciosas:

Vamos seguindo pela mesma estrada  
Em busca das paragens da Illusão;  
A alma tranquilla para os céos voltada  
Lyra suspensa sobre o coração.  
Ris e eu sóto... (Lanças peregrinas)  
E em toda parte, emfim, onde passamos  
Deixo chorando os olhos das meninas,  
Deixas cantando os pezaços nos ramos

Porque elles amam tua voz sonora,  
O delicado sabão da máta.  
E eu lembro a triste fúrcia que chora  
E a voz gorida em lagrimas desata.  
Costam de ver-te o rosto de creança,  
Lispo das névoas de um martyrio vago  
O olhar em ti, desmanchada a trança,  
No olhar sereno a candidez do lago.

As perguntas quando sobre a areia  
Em que tu pisas vão nascendo rosas.  
Bella creança, tímida serena,  
Trecs dos sonhos das manhãs radiosas.

Porque trilhando a terra dos caminhos  
Onde o teu passo faz brotar mil flores,  
Esta velhinha vai deixando espinhos,  
E um longo rastro de saudade e dores?

Não lhes respondas... Pela mesma estrada  
Sigamos sempre em busca da Illusão;  
A alma tranquilla para os céos voltada,  
Lyra suspensa sobre o coração.

Vamos... desprenda a doce voz canora,  
Que ella afugenta da Tristeza o açor  
Enquanto elevas o teu canto á aurora  
Eu vou resando as orações da noite.

4 de fevereiro de 1901.

O que ali se lê, é um hymno á Tristeza, entoado melancolicamente na antecâmara da Morte: hymno que nos domina e que nos arrasta á meditação-concentração da alma no circulo das amarguras e penas...

Desventurada e divina sonhadora! brante de talento, apaixonada da Vida e sentir, em plena primavera, a geada sinistra desflorir-lhe os lyriaes derrames do Sonho, já vergados, como cascas soluçantes, para os marmores brancos dos tumulos.

Cerraram-se-lhe para sempre os olhos no momento, talvez, em que os seus olhos prescruadores buscassem na delicia paysagem de sua terra silenciosa e solitaria, nma nuança exquisita que lhe consentasse a fonte de emoções objectivas.

Pairava na physionomia desta poetisa — de mim conhecida através photographia um tanto esmaecida — algo de agreste, que contrastava singularmente com a piedade do seu coração compassivo e doçura de sua alma melancolica.

como um largo trecho de natureza selvagem atravessada, interiormente, por magnifico filão de ouro fino. Poetisa original, de nota propria, de uma individualidade já firmemente esboçada; artista escrupulosa e honesta, esteta fidalga da Forma, — quasi todos os seus versos são de uma plastica estranha, contecedora e embriagante, como as altas estatuas opulentas da fulgurosa Arte pagã.

É nesta hora fecunda para as letras patrias quando um largo movimento intellectual se opera, amparado pela dedicação de editores intelligentes, muito não é que a creadora do *Horto* reciba a sua consagração definitiva, num bello e intenso livro, editado por uma das nossas muitas casas, que não revelado pelas letras brasileiras um carinhoso e solcito interesse. Que reunam os seus versos, os seus melhores versos triumphantes, em um volume — a este licara como um escudo de praça resplandecendo junto aos despojos da Peregrina do Euar, que se partiu para o *au-delà*, como um caminheiro errante em busca da Torre da Esmeralda, que culmina a cordilheira do sonho.

Leoncio Correia.

## Auta de Souza

A sete do corrente, passou mais um anno do fallecimento de Auta de Souza.

Somos dos que votam a vultoso omo da gloriosa poetisa do *Horto*, refundá admiração, no desejo de que seja sempre augmentada a aureola que a circunda.

A alma sonora e lyrica da saudade conterrânea vive comnosco, partilha do ingenuo prazer das creanças do sonho ardente e por vezes sperso da mocidade, tem para a hibe, as serenias perpetuas de sua piração e os goivos de seus doces sos.

A litteratura nacional possui paes de custosos e resplendentes cores. A fulgurante cantora dos sos trechos de sertão, das serras rosas, do mar rumoroso e glauda opulencia das nossas flores do verdor das nossas campinas, flores que desabrocham n'esta

solo bem amado, da colossal e egregia natureza, foi bem e eloquentemente uma emigente poetisa, synthetizando um desses valores que fazem a intellectualidade de uma nação.

Ha na espontanea e dulcida concepção da poesia de Auta, uma caricia a consolar, um consolo de terra doçura, uma esperanza ardente depois um desanimo e uma desillusão. Não se encontra em seu rimario amor senão puro e innocente. Da primeira á ultima folha vibra a infinita te que lhe dava um aspecto de santa.

Nos seus versos, na tecitura d suas poeias, palpita humana e sincera, a revoadada de todas as boas paixões, na cadencia musica e emicional da forma usada benedictinamente. Todavia, a poesia do *Horto* não tem esse frenesi de fazer-se um pequenino desenho, um desses nada de cima dos consolos... um galant objecto de arte... e por isso só a forma é cuidada; não há elevação, não ha originalidade, no mesmo sentido.

Auta não tinha esse desejo de verso que fazia era verdadeira cautava como um passaro admiravel, tinha na voz as varias modulações que a alma pode gerar.

Seus versos são meigos, não te asperezas nem hirtas feições, não são pastiches sem significação, sel vida, impossiveis de uso, oucos valor artistico.

Lendo as paginas do *Horto*, no riograndenses, sentimos fundamente que esse livro é muito nosso, e cerra em cada canto, nos seus mistichios toda a gloria dos nossos, do sol imponente, das lagoas que possuimos, das noites consoladoras e calmas.

Cada vez que nos occupamos Auta de Souza sentimos nos aproximados da pureza, da candura e perfeição, porque pura, candida, perfeita era a poetisa a que reammos, agora, esta homenagem.

## Auta de Souza

Passa amanhã uma data luctuosa para as letras norte-rio-grandenses.

Foi a sete de Fevereiro do anno passado que apagou-se para a Terra, afim de renascer para a Immortalidade, o grande espirito de AUTA DE SOUZA, a poetiza insigne e inspirada que soube cantar em versos immorredoiros as grandes dores da alma humana e tambem o supremo conforto que os corações angelicos sabem encontrar na crença sublime da religião do Christo.

Este periodo ainda é pequeno para que, alem das fronteiras, faça se toda a justiça ao talento de primeira agua da poetisa rio-grandense, mas tempo virá em que ella figurará como astro de primeira grandeza na constellação dos poetas nacionaes.

Prestando ao espirito immortal de AUTA DE SOUSA, a commemoração devida, no primeiro anniversario do seu fallecimento, "A Republica" apresenta sentidas homenagens á illustre familia da pranteada morta, especialmente aos seus dignos irmãos, nossos talentosos colaboradores, Eloy de Souza e H. Castriciano.

### Auta de Souza

Passa amanha uma data luctuosa para as lettras norte-rio-grandenses.

Foi a sete de Fevereiro do anno passado que apagou-se para a Terra, afim de renascer para a Immortalidade, o grande espirito de AUTA DE SOUZA, a poetiza insigne e inspirada que soube cantar em versos immorredoiros as grandes dores da alma humana e tambem o supremo conforto que os corações angelicos sabem encontrar na crença sublime da religião do Christo.

Este periodo ainda é pequeno para que, alem das fronteiras, faça-se toda a justiça ao talento de primeira agua da poetisa rio-grandense, mas tempo virá em que ella figurará como astro de primeira grandeza na constellação dos poetas nacionaes.

Prestando ao espirito immortal de AUTA DE SOUSA, a commemoração devida, no primeiro anniversario do seu fallecimento, "A Republica" apresenta sentidas homenagens á illustre familia da pranteada morta, especialmente aos seus dignos irmãos, nossos talentosos colaboradores, Eloy de Souza e H. Castriçiano.

*Nata de Souza*

*Dhalias*

*(1893 - 1894)*

*Натакыба*

Índice

Primeira página	X	1	1
Angelina	X	18	2
Caricando	X	18	12
Cois amos	X	3	13
Mystico	X	12	24
Benato	X	7	45
Calvez	X	28	17
Mates	X	6	18
Xa lica do Mar.	X	15	20
Olhos azues	X	19	21
Reverentissimo	X	25	29
Ant. alina e o Vaso	X	17	24
De longe	X	12	27
Caricando	X	18	31
Antonietta	X	15	32

l'ombra d'ella que era  
 l'ombra d'ella que era  
 l'alma de onca vna!



Si sua iga <sup>com</sup> ~~mona~~ ~~era~~ ~~para~~ ~~letrada~~ 139

100	monja	- 24	-	50	133
108	trança	- 23	-	49	140
105	Sagins azul	- 37	-	118	142
112	do clacão da lua	- 19	4/84		144
115	Rezando	- 27	7/4		148
	Regonia do coração	X 10	-	15	151
117	A luz de teu olhos	- 14	-	15	168
117	Deq. <del>ocellos</del>	- 73	-	45	155
118	Sepelia	- 61	3X 20/3	110	158
120	do <del>porta</del>	- 30	1 X		160
120	Elhanda e Cio	- 2	-		162
123	Na Capellinha	X 65	-	170	164
124	Caminho do sertão	- 74	-	170	168
125	o que são estrelas...	-	-	53	169
126	Cedaste	- 5	-		172
128	Jole	- 66	-	170	173
131	Noturnas	- 62	-	36	176
132	<del>Atenas</del>	-	-	22	178
		- 62	1/45	51	180
134	Chorando	- 68	-	45	182
136	Simbolicas	- 36	X/2	45 antes xx	185
137	Lirica	- 48	-	39	189
	Leilas m'ão	-	1/2	39	193

192  
188

A memória de uma ave	-	70	
Na judia	-	25	113
Vista a um túmulo	-	72	
No Mar	X	85	16
Quadras	-	32	71
Magos	-	31	35
Floje	-	45	37
Um coração	-	=	
A volta da estação	-		
No album de Polaris	-	95	X/4/32
Melancolia	-	42	
Os olhos pousados	-		
A mesa	-	74	14
No cemitério	-	20	33
***	-		40
Demississencia	-		
O coração e o beijo	-		

100

Meu sonho	751381/12	35
No templo 2	X 34	36
Memi	49	38
No album de uma amiga	23	39
Rea de jovens		40
Pantais	42/26	41
Carlota	X	44
Sagrarias	X 14	45
A morte de Helena	50/27	46
Soneto	80	48
Regina Cali	5 X	49
O Beija-flor	64	53
Felis	53/47	54
No luar	11 X	57
Desalento	75 X	60
Pagina triste	82	61
Marta	54/12	63
A alguma	24	65

Quilates	56	131	87
Contas	8	X	88
De Alfor	88		92
De farinha	69	14	93
De leite	32	6	96
De leite	47	22	97
De queijo	31	28	99
De farinha	55		83
De arroz	51	14	84
De feijão	90		96
De milho	55	16	87
De feijão	45	25	89
De farinha	4	27	91
De passado	81	27	92
De farinha	44	16	94
De farinha	46		97
De farinha			98
De farinha			104

104

Simplex	44	/ 44 -
caneta	9	10
Arca	6	11
Pharmacia		4

18 por  
 27 2  
 5 4

Caneta	10	10	10
Arca	33		
Pharmacia	35		
Al. memoria	10		

12  
 14

Horto

Versos

Auta de Souza

1893 - 1899

NOTA: Do "Horto" e do "Dhâlias" manuscritos sô conseguimos tirar xerox das respectivas capas, devido o estado precário em que estes se encontram na Biblioteca "Auta de Souza" da Escola Doméstica de Natal.

## VIII

ELOY de Souza obteve da Escola Doméstica, o empréstimo dos originais de Auta de Souza, presenteados por Henrique Castriciano.

São dois volumes, encadernados. — O primeiro com versos de 1893-1897, intitulado "DHALIAS". O outro, mais volumoso, também manuscrito, tem o nome de "HORTO" e as datas, 1893-1898, com um 9 sobreposto ao 8, lendo-se 1899. Por baixo da faixa de papel onde está escrito "HORTO" ainda se distingue, perfeitamente, "DHALIAS". Vê-se que a Poetisa conservou muito tempo o título primitivo "DHALIAS"; como ela escrevia, e não "Dahlia", e se decidiu quase em vésperas de remeter o volume para Olavo Bilac por intermédio do seu irmão Eloy de Souza, residente no Rio de Janeiro.

Fiquei todo setembro deste 1958 com o "HORTO" e o "DHALIAS", lendo, estudando, comparando.

No "HORTO" era visível que alguém lera e anotara, a lápis, o volume, sugerindo, criticando, elogiando. Condenava quadras inteiras. Mandava mudar versos. Indicava rumos. Sempre num plano carinhoso de compreensão e alento.

Nunca me constara que alguém tivesse corrigido Auta. Era, em sua suavidade, voluntariosa e suspicaz. A quem teria confiado a tarefa de censurar "HORTO"? A letra não era a de Henrique Castriciano, muito minha conhecida. E a Poetisa aceitara, em boa proporção, as sugestões. Alguém com autoridade afetuosa. Quem teria sido?

Excluía-se naturalmente o prefacindor.

Eloy de Souza, no momento, não recordava. Lembra-se perfeitamente de ter entregue o volume a Olavo Bilac que o devolvera um mês depois com o prefácio, outubro de 1899.

In CASCUDO, Luís da Câmara. Vida breve de Auta de Souza. Recife, Imprensa Oficial, 1961, p. 97 a 101.

Numa manhã, bateu o telefone para mim, informando. "Já sei quem anotou o "HORTO". Era um amigo meu, Deputado pelo Rio Grande do Sul, culto, letrado, poeta. Formara-se na Universidade de Coimbra. Ia muito ao Hotel ver-me

Encontrou o livro, folheou e ficou encantado. Levou-o para casa sem que m'o pedisse, quase. Voltou com o volume anotado e disse as palavras mais carinhosas para Auta. Era o Pinto da Rocha!"

— Arthur Pinto da Rocha ?

— Perfeitamente !

Aí está uma novidade. O livro da norte-riograndense só conheceu um censor e este foi do Rio Grande do Sul. Quem não o conheceu no Estado gaúcho? Guilherme César evoca-o excelentemente. Ari Martins fez um resumo bio-bibliográfico no seu indispensável e inexplicavelmente inédito "Dicionário de Escritores Sul-Riograndenses" de que teve a bondade de enviar para mim o respectivo verbete, adiante transcrito em "NOTA". São estas as anotações: —

CANTIGAS: — "Não pode ser mais perfeito."

TEUS ANOS: — "O pronome está ao lado da 6.<sup>a</sup> acentuada"

REGINA COELI: — "Muito bela."

MATER: — "Estes dois versos (na 5.<sup>a</sup> quadra) valem toda a poesia."

CARLOTAS: — "Um belo madrigal quinhentista."

CELESTE: — "Detestável. Duro. Este verso não creio que seja da mesma poetisa que escreveu o imediato!". Auta conservou o verso

DESALENTO: — Que me manda chorar, tem a correção. "que manda-me". Assim nas três edições do "HORTO". No original está: "Que me manda"

AO LUAR: — Na 4.<sup>a</sup> quadra: — "Belíssima quintilha!". Ao final: — "Um encanto!".

MÍSTICO: — "Felicito ardentemente a poetisa";

NO TEMPLO: — Na 1.<sup>a</sup> quadra: — "Que beleza ingénua!". Ao final: — "Esta poesia é um mimo incomparável!".



AO CLARÃO DA LUA: — Advertiu enganos de rima. Auta suprimiu a quadra.

AO MAR: — Aconselhou terminar a poesia em determinada quadra. Auta obedeceu.

FLORES: — Auta suprime uma quadra e termina o poema onde o anotador sugeriu.

LIDIA: — "Cabe neste soneto a alma de uma Mãe!"

AO MEU BOM ANJO: — "Belíssima poesia!"

MORENA: — "Bela canção!"

SIMBÓLICAS: — Na 2.<sup>a</sup> quadra: — "Belíssima!"

Ao final: — "Muito boa poesia".

AGONIA DO CORAÇÃO: — "Balada bem feita!"

VERSOS LIGEIROS: — "Que bela coisa!"

UM SONHO: — Na 6.<sup>a</sup> quadra. "Admiráveis!"

PASSANDO: — "Belo soneto!"

CAMINHO DO SERTÃO: — "Delicioso cromol!"

NA CAPELINHA: — Na 4.<sup>a</sup> quadra: — "Belíssima!"

Na 7.<sup>a</sup>: — "Bonito!" na 10.<sup>a</sup>: — "Belo!" na 13.<sup>a</sup>:

— "Magnífico!"

SONETO: — "Belo!"

MORTA: — Sugere substituições.

LOLI: — "Belíssima, muito sentida, muito ingénua e boa"

SANCTA VIRGO VIRGINUM: — Sugere o subtítulo "Prece". Auta aceita.

MAOS DE CLARISSE: — "Outro formoso madrigal. Parabéns"

Foram as notas maiores. Pinto da Rocha cuidava

de salientar a Poetisa a justeza da rima, dogma infal-

vel para aferição intelectual em 1899. Auta vivia nes-

se clima em que a rima era o verso. Liberto do seu fas-

tígio o velho Filinto Elisio, no exílio de Paris, desa-

bafava: —

A rima é um cascavel que os Trovadores

Punham na cauda a certa prosa insulsa.

Ignorantes do verso harmonioso

E pés cadentes dos poemas nossos !

Mais de meio século passara e o prefaciador do "HORTO" era Olavo Bilac.

O cuidado amistoso de Pinto da Rocha justificava-se.

O que não se compreendia era a escolha de Bilac, a idéia de levar para o "HORTO" o Poeta do "Sarças de fogo" e da "Alma Inquieta".

— N O T A —

ARTUR PINTO DA ROCHA

"Dicionário de Escritores Sul-Riograndense" (Inédito). Gentileza do seu autor.

ARI MARTINS — (Pôrto-Alegre).

Filho da cidade de Rio Grande, onde nasceu a 26 de dezembro de 1860, tendo falecido no Rio de Janeiro, a 18 de julho de 1930. Fêz os estudos preparatórios na antiga Côrte, seguindo depois para Portugal, onde concluiu o curso de leis na Universidade de Coimbra, em 1884. Retornando mais tarde ao Brasil, lecionou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, por algum tempo, na de Pôrto Alegre. Exerceu o mandato de Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul. Em 1910, foi redator, em Pôrto Alegre, da "Gazeta do Comércio" e também "A Federação". No Rio de Janeiro, pertenceu à redação do "Diário de Notícias". Nomeado Ministro do Supremo Tribunal Militar, fixou-se em definitivo na Capital da República. Foi um dos primeiros presidentes da SBAF (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e o orador oficial da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em sua 1.ª fase. Orador apreciadíssimo, poeta, conferencista, historiógrafo e teatrólogo. Pertencem à sua bagagem literária as seguintes obras: "A Samaritana", drama de Rostand, tradução, Pelotas, 1905; "Talita", drama em verso, consagrado através várias representações pela artista Maria Castro, Pôrto Alegre, 1908; "A Visão de Colombo", poema dramático, Pôrto Alegre, 1908; "A Sereia", drama, "A Serejata das Flôres", ato em verso; "Ave Maria", idem; "Contrastes", idem; "História Diplomática do Brasil", Rio, 1916; "A Política Brasileira no Prata até a Guerra contra Rosas", Rio, 1917; "O Alfaiate de Senhoras", comédia de Feydeau,

VIDA BREVE DE AUTA DE SOUZA 101

tradução: "O Dilema", drama; "O Júri e sua Evolução" conferência no Instituto da Ordem dos Advogados, Rio, 1919; "Entre Dois Bercos", drama; "A Estátua", drama; "Sonho de Zagala", fantasia; "A Rui Barbosa", discurso: "A Campanha Militarista", conferência no Teatro Lírico, do Rio; "Cartas Abertas", réplica e réplica ao Dr. Conrado Miller de Campos, Rio Grande, 1902; "As Influências do Espírito Jurídico Francês no Direito Civil Brasileiro", conferência proferida na Sorbonne; "O Barão do Rio Branco", conferência; "O Tratado de Condomínio da Lagoa Mirim e Rio Jaguarão", idem; "Um Homem de Plutarco", conferência, Porto Alegre, 1908; "O Regicídio", idem; "Lições de Direito Civil"; "A Enfermeira", novela; "Pão, Água, Vinho e Doce", conferência sobre assuntos portugueses; "Por Montes e Vales", versos portugueses; "Pampa", versos; "Vera Cruz", poema camoenseano; "História da Colonização Portuguesa no Brasil", conferência, Rio de Janeiro, 1924; "Testamento do Passado", conferência, Coimbra, 1887, etc. Era homem culto, de maneiras fidalgas, apurado nos modos e no trajar.

## REVISTA

DO

## CENTRO POLYMATHICO

DIRECTOR:

Prof. JERONYMO GUEIROS

REDACTORES:

Dr. Bruno Pereira

Prof. Adauto da Camara

Dr. Galdino Lima

Dr. Floriano Cavalcanti

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

N. 3 — NOVEMBRO, 1920 — ANNO I

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

: : : : REDACÇÃO : : : :

Rua Dr. Barata, 27 (Sobrado)

1920 — Editor: AUGUSTO LEITE — Natal

NO

# Rio Grande do Norte

## SUMMARY

O presidente Epitácio Pessoa — Notas editoriaes. O mundo em transiçao — J. Guizot — O Aboio — Henrique Castilho — Desembarçador — Ferrelra Chaves — Notas editoriaes. Nisia Floresta — O Velho Livro. Dr. Antonio de Mello e Sousa — Notas editoriaes. Condiçao — S. Fernando — Dr. Jose Rufino Bezerra Cavalcanti — Notas editoriaes. A Escola — O livro de Silva. Dr. Francisco Pinto de Abreu — Notas editoriaes. Centro Polygraphico do Rio Grande do Norte — J. Guizot. Dr. Salomão Filgueira — Notas editoriaes. Portugal Literario — Jayme A. de Oliveira. Dr. Henrique Castilho — Notas editoriaes. Enlaces — C. C. Costa. Dr. Alberto Maranhão — Notas editoriaes. Scenas de infortuno — "Jornal do Commercio", Escola Domestica de Natal — Oliveira Lima. O candidato abse- quio — Z. Ballo. Ernesto Haeskel e sua filosofia — J. Guizot. Teoria organica das sociedades — II. Continuo. O pessimismo encarado sob o con- ceito universal — P. C. C. Instituto Pessoal dos Estudos de Philologia e Grammatica do professor G. G. Estatutos do Centro Polygraphico.

## 11 PHOTOGRAVURAS

Director: Dr. Domingos Cavalcanti

Commissao de Redacção

Dr. Galdino Ham. Dr. Bruno Pereira  
 Dr. Galdino Ham. Dr. Thomaz Cavalcanti



ESTATUTOS

— 10 —

Centro Polymathico do Rio Grande do Norte



## Estatutos do "Centro Polymathico" do Rio G. do Norte

Art. 1º—O Centro Polymathico, com séde na capital do Rio Grande do Norte, tem por fim fomentar a cultura intellectual e funcionará de accordo com estes estatutos e as normas estabelecidas em seu Regimento Interno.

Art. 2º—Para consecução de seu fim o Centro promoverá —

- a)—A publicação de uma revista de estudos polymathicos.
- b)—Conferencias, dissertações e horas literarias.
- c)—Concursos literarios, scientificos ou artisticos com premio para o vencedor.
- d)—Festas para realce das grandes datas ou beneficio de algum intellectual ou artista.
- e)—Serões artistico-literarios.
- f)—Communicação constante com os centros intellectuaes do paiz e do estrangeiro, ao seu alcance.
- g)—Viagens de delegados seus a centros e congressos de intellectuaes.
- h)—Excursões scientificas ás regiões do interior.
- i)—A manutenção de uma bibliotheca e um museu anexo á mesma.
- j)—A divulgação das descobertas ou invenções mais recentes.
- k)—Propaganda constante da diffusão do ensino e dos methodos e processos da pedagogia contemporanea.
- l)—O estudo meticoloso da lingua vernacula.

Art. 3º—Os membros do centro, cujo numero é indefinido, são de 5 classes.

1—*Fundadores* — os que compareceram á sessão inaugural ou nella se fizeram representar.

2—*Effectivos* — os que, residindo em Natal e exercendo actividade mental em qualquer de suas modalidades, sejam propostos e acceitos de accordo com o regimento interno.

3—*Benemeritos* — quaesquer pessoas de boa reputação, amigas e protectoras das letras, que offerecerem ao Centro um donativo nunca inferior a 200\$000 (duzentos mil réis).

4—*Honorarios* — os que, a juizo do Centro, merecerem tal distincção por seu reconhecido saber e elevada situação intellectual.

5—*Correspondentes* — os intellectuaes de merecimento que residirem fora da séde social e fõrem propostos por algum socio e acceitos pela Directoria.

Parag. 1º— Os direitos, déveres e privilegios destes socios serão discriminados no Regimento Interno.

Parag. 2º— Os socios effectivos, fundadores ou não, e correspondentes, além das obrigações regulamentares, devem apresentar, dentro de 6 mezes da sua admissão, um trabalho escripto, o que lhes dará direito ao recebimento do diploma.

Art. 4º— A Directoria será constituída de um —

- a) — Presidente
- b) — Vice-presidente.
- c) — 1º secretario.
- d) — 2º secretario.
- e) — Thesourẽiro.

Art. 5º— O patrimonio social será constituído pelas mensalidades, donativos e pelo producto da assignatura da Revista ou de festas beneficentes.

Art. 6º— Para reformar estes estatutos será necessaria a maioria absoluta dos socios effectivos, após convocação da Assembléa Geral, pela imprensa, sob proposta de, pelo menos um quinto dos socios.

Art. 7º— Os membros do Centro não respondem individualmente pelas obrigações contraídas pela sociedade nem esta pelos compromissos individuaes dos socios.

#### DISPOSIÇÃO GERAL

Dissolvida esta sociedade os seus haveres reverterão ao Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.



1917 N. 10-11-12 Janeiro, Novembro e Dezembro

# REVISTA do Rio Grande do Norte

(DO GRÊMIO POLYMATHICO)

## SUMMARIO :

LINHAS DE HISTORIA COMPARADA.—AO CA-  
HIR DA NOTTE.—UMA QUESTÃO PRATICA DE  
DIREITO CRIMINAL.—QUADRO.—POLITICA IN-  
TERNACIONAL AMERICANA.—CONCEITO DA  
SOCIEDADE E ORIGEM DO SEU PODER.—AGO-  
NIA DO SONHO.—A SOCIABILIDADE.—LYRA IN-  
TIMA.—A AVENTADE UNILATERAL COMO  
CAUSA DE ORRIGACÃO.—PATER.—SOBRE PRO-  
CESSO CRIMINAL.—UMA SYNTHESE SOBRE O  
DUELLO.—PSYCHOLOGIA DO EXAGGERO.



NATAL

Editora--A empresa d' A REPUBLICA

10/11  
12

*As Publicações Ministeriaes e Geographicas  
do Rio Grande do Norte*

## INDICE DAS MATERIAS

- Ao Inar—pag. 33.  
 A politica—pag. 35.  
 Aspectos Sertanejos—pg. 91.  
 Avó—pag. 110.  
 A questão Dreyfus—pag. 133. —  
 Alma Lyrica—pag. 177.  
 A evolução do direito—pag. 184.  
 A situação—pag. 239.  
 A Industria do leite no Brasil—pag. 250.  
 Agnus Dei—pag. 382.  
 A poesia de hoje—pag. 400.  
 A opinião de Nordau—pag. 454.  
 Ao cahir da noite—pag. 516.  
 Agonia do sonho—pag. 562.  
 A sociabilidade—pag. 565.  
 A vontade unilateral como causa de obrigação  
 pag. 575.  
 Bibliographia—pags. 56, 116, 168, 213, 280,  
 364, 489.  
 Chronica Industrial—pags. 51, 163, 207, 359.  
 Cultura intensiva—pag. 146.  
 Campestre—pag. 238.  
 Cuba—pag. 268.  
 Codificação civil brasileira—pag. 342.  
 Catalogo de jornaes—pag. 448.  
 Crepusculo—pag. 472.  
 Conceito da sociedade e origem do seu poder—  
 pag. 543.  
 Diversões—pags. 60, 120.  
 De joelhos—pag. 131.

## II

- Dreyfus-Zola*—pag. 459.  
*Educação physica*—pag. 268.  
*Estudos Sociologicos*—pag. 314.  
*Goivos*—pag. 298.  
*Hypnotismo*—pag. 26.  
*Informações*—pags. 174, 215.  
*Linhas de Historia comparada*—pag. 499.  
*Lyra intima*—pag. 573.  
*Marina*—pag. 266.  
*Miseria humana*—pag. 424.  
*Notas scientificas*—pags. 43, 112, 158, 429, 483.  
*Notas e informações*—pags. 435, 496.  
*O Rio Grande do Norte*—pags. 9, 78, 221, 329.  
*O Nada*—pag. 65.  
*O Estado de sitio*—pag. 99.  
*O celibato clerical*—pag. 198.  
*O theatro nacional*—pag. 384.  
*O Divorcio*—pag. 409.  
*O anti-semitismo francez*—pag. 439.  
*Politica internacional americana*—pag. 529.  
*Pater !*—pag. 587.  
*Psychologia do exaggero*—pag. 617.  
*Quadro*—pag. 528.  
*Sobre processo criminal*—pag. 591.  
*Tres seculos*—pag. 1.  
*Tres phases*—pag. 23.  
*Typos femininos*—pag. 338.  
*Uma excursão pelo dominio da criminalistica*  
—pag. 121.  
*Uma questão juridica*—pag. 299.  
*Um signal da epocha*—pag. 351.  
*Um caso mal assombrado*—pag. 476.  
*Uma questão pratica de direito criminal*—pag. 518.  
*Uma synthese sobre o duello*—pag. 608.  
*Vida potyguar*—pag. 351.
-



# GREMIO POLYMATHICO

(Associação de estudos litterarios—fundadora e proprietaria da REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE.)

## FUNDADORES

† Thomaz Gomes, Antonio de Souza, Alberto Maranhão, Manoel Dantas, Pedro Avelino.

## PRESIDENTE

Antonio de Souza

## SECRETARIO

Pedro Soares

## SOCIOS EFFECTIVOS

Anta de Souza, Alberto Maranhão, Manuel Dantas, Pedro Avelino, Augusto Lyra, Henrique Castriçiano, Homem de Siqueira, Juvenal Lamartine, Pinto de Abreu, José de Berredo, Meira e Sá, Luiz Fernandes e Horacio Barretto.

Alfredo Carvalho—Socio correspondente no Recife.

Sede—RUA DR. BARATA, N. 5—NATAL



BIBLIOTHECA DO GREMIO POLYMATHICO

AUTA DE SOUZA

*Uchuanillo*

HORTO

1893-1899

Typ. D'A REPUBLICA

Natal

1900

Uchumiho

A' memoria de meu pae,  
de minha mãe e de  
meu irmão.



Encontrar entre os livros de versos ( tantos, Santo Deus ! ) que por ahise publicam, um livro como este, de uma tão simples e ingenua sinceridade, é coisa que surprende e encanta.

Não ha nas estrophes do *Horto* o labor pertinaz de um artista, transformando as suas ideas, as suas torturas, as suas esperanças, os seus enganços em pequeninas joias ; certo, a poetisa Aucta de Souza não poderia dizer como o *Orfèvre* de Heredia :

Mieux qu'aucun maître inscrit au livre de maîtrise,  
Qu'il ait nom Ruiz, Arphée, Ximeniz, Becérril,  
J'ai serti le rubis, la perle et le béryl,  
Tordu l'anse d'un vase, et martelé sa frise..."

Aqui, a alma vibra em liberdade, sem a preocupação dos affeitos da Forma, livre da complicada teia do artificio. Ingenuamente, commovida e meiga, essa alma de mulher vae traduzindo em versos os mundos de sensações, agora ardentes,

agora tristes, que o espectáculo da vida lhe vae suggerindo. A's vezes, é um aspecto da Natureza :

“Findava o mez de maio envolto em preces,  
O doce mez das Orações formosas...  
Iam com elle as encantadas mésseas  
Dos perfumes, dos sonhos e das rosas...”

Outras vezes, é uma recordação da infancia :

“Um dia (eu era menina)  
Trouxeram-me um passarinho :  
Era uma ave pequenina,  
Roubada ao calor do ninho...”

Mais adiante, um encontro fortuito, que desperta um pensamento adormecido :

“Ella passou por mim, toda de preto,  
Pela mão conduzindo uma creança...”

E eu cuidei ver alli uma esperança  
E uma saudade em pallido dueto.

Tambem na vida o gozo e a desventura  
Caminham sempre unidos, de mãos dadas,  
E o berço ás vezes leva á sepultura..."

Depois, um desfallecimento moral, uma hora de  
duvida, em que a alma pergunta :

"Onde fica, Senhor, a terra a que nos levas,  
Com as mãos postas no seio, e os dois olhos sem luz?"

Mas a nota mais encantadora do livro é a do  
misticismo que dá a algumas das suas poesias o  
amplo e solemne recolhimento de uma nave de tem-  
plo, resoante da grave harmonia dos orgãos, com  
balbucios de preces entre suaves espiraes de in-  
censo.

14

Vejam-se as quadras *De joelhos* :

“Ajoelha, ó minh'alma, abraçando o madeiro  
Em que morreu Jesus, o teu celeste amigo !  
A seus pés acharás o pouso derradeiro,  
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo !

Ajoelha e soluça, implorando a alegria  
Que a saudade sem fim do coração te arranca  
É a graça de viver como a Virgem Maria,  
Eternamente pura, eternamente branca...”

E, mais adiante, em *Regina cæli* :

“Teu nome santo, ó Maria !  
Tem a doçura innocente  
De uma carícia macia,  
De uma chimera dolente...”

Do céu teu nome nos desce,  
N'uma harmonia divina,  
Como um cicío de prece  
Nos labios de uma menina...”

E, ainda :

"Amado Senhor,  
Meu doce Jesus,  
Que morres de amor,  
Suspenso da Cruz !

---

Tú és meu amigo,  
Meu sol, minha luz !  
Reparte commigo  
O peso da cruz !"

Mas... não convém privar o leitor das surpresas que encontrará, de pagina em pagina, neste formoso volume, que vem revelar uma poetisa de raro merecimento. *Horto* será, para os que amam a linguagem divina do verso, um desses raros livros que se leem e releem com um encanto crescente.

OLAYO BILAC.

Rio. Outubro. 99.

## INDICE

	Pags.
No Horto.....	
A minha avó.....	29
Cantiga.....	30
Teus annos.....	31
Estrada a fóra.....	32
Regina cœli.....	33
Mater.....	36
Carlota.....	38
Cantando.....	39
Celeste.....	42
Desalento.....	43
Ao luar.....	45
Mystico.....	47
Angelina.....	48
No templo.....	51
Renato.....	53
Resando.....	55
Ao clarão da lua.....	57
N'um leque.....	60
Ao mar.....	61
Goivos.....	63
Meu sonho.....	67

## II

	PAGS.
Na Judéa.....	69
Flores.....	70
Lydia.....	71
Ao meu bom anjo.....	72
Morena.....	74
Symbolicas.....	75
Mysterio.....	78
Agonia do coração.....	79
Versos ligeiros.....	80
Um sonho.....	82
Passando.....	84
Olhos azues.....	85
Caminho do sertão.....	86
Na capellinha.....	87
Soneto.....	90
Morta.....	91
Sancta Virgo Virginum.....	92
Loli.....	94
As mãos de Clarisse.....	96
Olhos de santa.....	97
A' memoria de uma ave.....	98
Cores.....	99
A Eugenia.....	100
A morte de Helena.....	101
O beija-flor.....	103
No album de Eugenia.....	104
Nunca mais.....	105
Antonietta.....	106
Cantai.....	107
Pelo passado.....	109
Pagina triste.....	111
Recuerdo.....	112

	PAGS.
De longe.....	113
Noemi.....	114
Doloras.....	115
O que são estrellas.....	116
Pobre flor!.....	118
Bohemias.....	119
No album de Dolores.....	121
Zirna.....	122
Ciúme.....	125
Melancolia.....	127
De joelhos.....	128
Simple.....	130
Bem dita.....	132
Trança loura.....	133
Chorando.....	135
Ao Senhor do Bom Fim.....	137
Onde vai a lagrima.....	139
Versos á Inah.....	140
Fefa.....	142
No Jardim das oliveiras.....	144
Palavras tristes.....	145
Natal.....	147
Meu pai.....	148
Quando eu morrer.....	150
Crepúsculo.....	152
Consolo supremo.....	153
Eterna dor.....	155
Jesus ! Maria !.....	156
Rimas.....	158
Ao cahir da noite.....	160
Noites amadas.....	162
Na primeira pagina da Imitação de	



## IV

	PAGS.
Christo.....	163
A alma de minha mãe.....	166
Gentil.....	167
Clarisse.....	169
Saudade.....	170
Soledade.....	172
Creanças.....	174
Renascimento.....	179
Oswaldo.....	180
Flor do campo.....	181
Obrigada !.....	186
Ao pé de um berço.....	187
Noite cruel.....	190
Adeus, Gentil !.....	191
Manhã no campo.....	193
Pombos mensageiros.....	194
Sylvio.....	195
Minh'alma e o Verso.....	198
Never more.....	201
Hora de paz.....	203
Oração da noite.....	204
Pennas de garça.....	205
Tudo passa.....	212
Página azul.....	214
Ao pé do tumulto.....	215
Fallando ao coração.....	216
Regina martyrurum.....	219
Mimo de annos.....	220
Lágrimas.....	222



AUTA DE SOUZA



# HORTO

2ª EDIÇÃO

Ilustrações de D. O. WIDHOPFF



MILHAUD, ALVES & C<sup>ia</sup>  
PARIS  
BOULEVARD MONTPARNAISE

FRANCISCO ALVES & C<sup>ia</sup>  
RIO DE JANEIRO  
166, RUA DO OUVIDOR, 166

LISBOA. — 212, RUA ACREA, 1ª

BELLA HORIZONTE  
RUA DA BAHIA, 1055

SÃO PAULO  
65, RUA DE S. BENTO, 65

1910

## NOTA



Anta de Sousa nasceu em Macahyba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, em 12 de Setembro de 1876; educou-se no collegio « S. Vicente de Paula », em Pernambuco, sob a direcção de religiosas francezas; e falleceu em 7 de Fevereiro de 1901 na cidade de Natal. Uma biographia simples como os seus versos e o seu coração...

Ella não conheceu os obstaculos que encheram de tormento a existencia de Marcelline Desborde-Valmore. Desde muito cedo, porém, sentiu todo o horror da morte. Aos quatorze annos, quando lhe appareceram os primeiros symptomas do mal que a victimou, não havia senão sombras em seu espirito: era já orphã de pae e mãe, tendo assistido ao spectaculo inesquecivel do anniquilamento de um irmão devorado pelas chammas, numa noite de assombro.

Assim, desde a infancia, o destino lhe appareceu como um enigma sem a possibilidade de outra decifração que o luto.

Salvaram-na do desespero a fé religiosa e o resignado exemplo da ignorada heroina para quem escreveu o soneto *A minha Avó*, publicado neste volume.

*Horto* é pois a historia de uma grande dor. Formou-o a au' ora recordando, sentindo, penando.

Em casa, o luto successivo: no collegio as litanias da Igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existencia, a paisagem triste do sertão nos

---

**HORTO**


---

longos meses de secca, a compaixão pelos huoides, cuja miseria tanto a commovia, a saudade dos diversos logares em que esteve, em busca de melhoras aos padecimentos phisicos...

Tudo isso concorreu muitissimo para aggravar a maravilhosa sensibilidade de seu temperamento de mulher; e essa sensibilidade, á medida que a doença augmentava, se-la tornando mais profunda, fazendo de um ser fragilissimo o interprete de innumerous corações desolados.

A primeira edição do *Horto*, publicada em 1900, esgotou-se em dois meses. O livro foi recebido com elogios pela melhor critica do paiz; leram-no os intellectuaes com avidéz; mas a verdadeira consagração veio do povo, que se apoderou d'elle com devoto carinho, passando a repetir muitos de seus versos ao pé dos herços, nos lares pobres e até nas Igrejas, sob a forma de « beinditos » anonymos.

Auta, sem pensar e sem querer, reproduzira a lapis, na *chaise longue*, onde a prostára a doença, as emoções mais intimas de nossa gente: encontrára no proprio soffrimento a expressão exacta do soffrimento alheio.

E antes de finir-se ouviu da bocca de centenas de infelizes muitos dos versos que traçara com os olhos lacrimosos, não raro para esquecer o desgosto de se sentir vencida em plena mocidade.

Não teve cultura litteraria vasta.

Recordando scenas da meninice vejo-a neste momento, aos oito annos, curvada sobre as paginas da *Historia de Carlos Magno*, outr'ora muito popular nas fazendas do Norte, livro cheio de façanhas inverosimeis, sem medida, sem arte, escripto no peor dos estylos, — mas delicioso para quem o conheceu na infancia.

Lia-o Auta no campo, os olhos ingenuamente maravillhados, para o mais ingenuo dos auditorios, composto de mulheres do povo e de velhos escravos, todos filhos desse formoso sertão que exerceu em seu espirito tão salutar influencia.

Depois, chegou a vez das *Primaveras*, de Casimiro de Abreu.

Um pouco mais tarde, no collegio, não leu outra coisa que os compendios de estudo e as obras de premio, de feição religiosa e sentimental.

Nesse tempo o seu livro predilecto foi um romance profundamente triste, *Tebsima*, episodio lendario da primeira Cruzada.

Ao sair do internato, onde aprendera bem as linguas franceza e inglesa e adquirira boas noções de musica e de desenho, começou a ler alguns autores brasileiros, especialmente Gonçalves Dias e Luiz Murat.

Estes dous grandes sonhadores, porém, não tiveram acção decisiva sobre seu espirito. Não sei mesmo como ella, que detestava a feitura classica de certos estylos, podia ler com satisfação crescente o poeta dos *Tymbiras*. Nunca me explicou tambem o motivo porque os versos tumultuosos de Luiz Murat, constituíam verdadeiro encanto para a sua alma tão meiga, tão cheia de religiosa ternura.

Nos ultimos annos, as horas que podia dispensar ao convívio dos autores, consagrava-as aos mysticos, a Th. de Kempis, a Lamartine, a S. Theresa de Jesus. A estes, associava Marco Aurelio, cujos *Pensamentos* muito concorreram para augmentar a tolerancia e a sympathya com que encrava os seres e as cousas.

Tal é a historia da sua formação intellectual.

Podê-se, entretanto, dizer sem exagero que o soffrimento foi o seu melhor guia.

A influencia das Irmãs de S. Vicente de Paula é visivel em todo o livro.

O proprio estylo, simples e claro desde as primeiras poesias, parece me um producto do esforço das mestras que lhe corrigiram os themas escolares, com o bom senso e a medida dos francezes.

Mas, sem a dor que lhe requintou a fé. Auta certamente não teria encontrado a forma com que deu cor e relevo ás

visões de seu mysticismo. Assim o *Horto*, em vez de uma collecção didática de psalmos catholicos, encerra, com a tristeza de um pobre ser cruelmente ferido pelo destino, perturbado em face do mysterio da vida, a queixa universal do soffrimento humano.

Nos ultimos versos nota-se a estranha serenidade espirital a que chegou nos derradeiros dias, inspirando nos que a visitavam a mais religiosa veneração.

Via-se-lhe, então, a alma através os olhos brilhantes, sem torturas, sem lagrimas.

Naquelle corpo desfeito, tão leve que uma creança podéra conduzir, havia agora um coração resignado de martyr, sentindo profundamente o nada da vida, mas sem horror á morte. Realisara-se o seu desejo :

- Não vês? Minh'alma é como a penna branca
- Que o vento amigo da poeira arranca
- E vae com ella assim, de ramo em ramo,
- Para um ninho gentil de gaturamo...
- Leva-me, ó coração, como esta penna
- De dor em dor até á paz serena. •

A tormenta se desfizera ao pé do tumulo; e do naufragio em que se abysmou esta singular existencia, resta o *Horto* livro de uma santa.

Paris, 4 de Agosto de 1910.

H. CASTRICIANO.

## INDICE

+ +

	Page.
Prefácio da 1ª edição.....	9
No Horto.....	13
A minha avó.....	20
Cantiga.....	21
Teus annos.....	22
Estrada a sira.....	23
Regina celi.....	24
Mater.....	27
Carlota.....	29
Cantando.....	30
Celeste.....	33
Desalento.....	34
Ao luar.....	36
Goivos.....	39
Mystico.....	44
Angelina.....	45
No templo.....	48
Renato.....	50
Resando.....	52
Ao clarão da lua.....	54
Num leque.....	57
Ao mar.....	58
Meu sonho.....	60
Na Judéa.....	62
Flores.....	64
Lydia.....	66
Ao meu hom. anjo.....	67
Morena.....	69



Symbolicas . . . . .	71
Mysterio . . . . .	75
Agonia do coração . . . . .	76
Versos ligeiros . . . . .	78
Um sonho . . . . .	80
Passando . . . . .	82
Olhos azues . . . . .	83
Na capellinha . . . . .	84
Soneto . . . . .	87
Morta . . . . .	88
Saucta Virgo Virginum . . . . .	90
Loli . . . . .	92
Caminho do sertão . . . . .	95
As mãos de Clarisse . . . . .	98
Olhos de santa . . . . .	99
A' memoria de uma ave . . . . .	101
Cores . . . . .	102
A Eugenia . . . . .	104
A morte de Helena . . . . .	106
O beija-flor . . . . .	108
No album de Eugenia . . . . .	109
Nunca mais . . . . .	110
Antonieta . . . . .	112
Cantai . . . . .	113
Pelo passado . . . . .	115
Página triste . . . . .	117
Recuerdo . . . . .	118
De longe . . . . .	119
Noemi . . . . .	120
Dolores . . . . .	121
O que são estrellas . . . . .	123
Pobre flor . . . . .	126
Crepusculo . . . . .	127
Bohemias . . . . .	129
No album de Dolores . . . . .	131
Zirna . . . . .	132

Ciúme. . . . .	135
Melancolia. . . . .	137
De joelhos. . . . .	138
Simples. . . . .	140
Bem dita. . . . .	142
Trança loura. . . . .	143
Chorando. . . . .	145
Ao Senhor do Bom Fim. . . . .	147
Onde vai a lagrima. . . . .	149
Versos á Inah. . . . .	150
Pefa. . . . .	152
No Jardim das Oliveiras. . . . .	154
Creanças. . . . .	155
Palavras tristes. . . . .	160
Natal. . . . .	162
Men pai. . . . .	163
Quando eu morrer. . . . .	165
Consolo supremo. . . . .	167
Eterna dor. . . . .	170
Jesus! Maria!. . . . .	171
Rimas. . . . .	173
Ao cahir da noite. . . . .	175
Noites amadas. . . . .	178
Flor do campo. . . . .	179
Na primeira pagina da Imitação de Christo. . . . .	184
A' alma de minha mãe. . . . .	187
Gentil. . . . .	188
Clarisse. . . . .	190
Sandade. . . . .	191
Soledade. . . . .	194
Renascimento. . . . .	196
Oswaldo. . . . .	197
Obrigada!. . . . .	198
Ao pé de um berço. . . . .	199
Pagina azul. . . . .	202
Noite cruel. . . . .	204

Adeus, Gentil!	225
Manhã no campo.	227
Pombos mensageiros	228
Sylvio.	210
Minh'alma e o Verso	213
Never more	216
Hora de paz.	218
Oração da noite	219
Pennas de garça.	220
Tudo passa	227
Ao pé do tumulo.	229
Regina martyrum	230
Mimo de annos	231
Lagrimas.	233
Fallando ao coração	234

## INEDITOS

Saudação.	239
Meu pae	241
Os canarios.	242
Adeus!	245
Irineo	246
Feliz	247
Adoração d'os Reis Magos.	249
Agnus Dei.	251
Hoje	253
Anno hom	254
A Julia.	256
O coração e o beijo	258
Dadá.	260
Doente	264
Supplica	266
Luz e Sombra	266
Fio Partido.	268
Nota	271

### PREFÁCIO À 3.ª EDIÇÃO

Depois das palavras que Henrique Castriciano, Nestor Victor e Jackson de Figueiredo escreveram sobre Auta de Souza, tudo que é essencial foi dito sobre essa grande alma sofredora. Sua poesia alcançou uma intensidade de sentimento cristão que até hoje não envelheceu. E o esgotamento sucessivo de duas edições do *Hôrto*, único livro que a precariedade de sua saúde e os curtos anos que viveu lhe permitiram deixar, bem mostra que os seus versos despertaram ecos em muitos corações.

Auta de Souza não pertence nem a uma escola nem a um momento literário. Filiada, por natureza, à corrente das letras femininas em nosso país, nela se destaca, no dizer de Jackson de Figueiredo — “como a mais alta expressão do nosso misticismo, pelo menos, do sentimento cristão, puramente cristão, na poesia brasileira”.

Morreu, como tantos dos nossos grandes poetas, aos vinte e poucos anos. E o pensamento da morte domina toda a sua poesia, ao lado do sentimento da infância. A infância e a morte são o *leit-motiv* dos seus poemas, sempre intensamente vividos e brotados sem esforço, com uma seiva natural que dela realmente fizesse, como o disse, um formoso fruto

do seu jardim das oliveiras — “a noiva do verso”. O tema que mais canta é o da morte das crianças. E nas páginas torturantes que lhe dedica, passa e perpassa essa dupla sombra, negra e branca de dor e de angelitude, que domina todo o seu *Hôrto*.

Basta isso para mostrar a infinita tristeza dos seus poemas. Não é, sem dúvida, a tristeza do desesperô, de que a separa sempre uma noção viva e constante do mundo sobrenatural. Mas nunca chegou, salvo em raros momentos, à “perfeita alegria”. Aproxima-se dela o tanto mais quanto mais próximos estão os poemas do fim de sua curta e dolorosa existência. Mas da maioria dêles ainda reçuma o sentimento de uma vida cedo desfolhada e que sente próximo o desenlace. Seu caminho místico ainda se encontrava, portanto, no plano inicial. Não se desprendera nem dos afetos nem dos encantos terrenos. Vivía, isso sim, em plena angelitude. Tudo via sob o véu de uma virgindade de alma, absolutamente cândida e sensível às mais delicadas sensações de alegria e de sofrimento, sobretudo dessas últimas. Mas amava a vida e via, no desfolhar precoce de todos os seus sonhos, uma privação dolorosa que a enchia da mais terna e pura melancolia. E tôda se voltava, então, para Aquêle que veio ao Mundo, como escreveu Claudel. — “não para suprimir o sofrimento, mas para sofrer conosco”. Auta de Souza sofreu unida à Cruz do Salvador. E foi êsse o grande, o luminoso consôlo de sua vida. Fêz versos por amor da Poesia, por um amor tocante, puríssimo, da Poesia e não para aparecer ou comunicar uma mensagem. Fêz versos para si e para aquêles que mais de perto a cercavam. Nunca sonhou com a glória literária. Nem mesmo com êsse eco que só depois de morta veio encontrar no coração dos simples, onde tôda

uma parte dos seus poemas encontrou a mais terna  
fratrução.

É esse sentimento de absoluta pureza é o que  
mais encanta nos seus poemas. Auta de Souza viveu  
em estado de graça e os seus versos o revelam de  
modo evidente. Daí o grande lugar que ocupa em  
nossa poesia cristã, em cuja cordilheira sempre há  
de ser um dos altos mais puros e mais solitários.  
Todas as almas sofredoras, tôdas aquelas que aspi-  
ram a esse estado de graça em que ela viveu, ou,  
mesmo, as que lutam com uma natureza mais rebel-  
de e mais tortuosa — hão de encontrar nos poemas  
místicos, ou simplesmente líricos, do *Hôrto* uma  
companhia angélica que lhes trará, porventura, um  
pouco de serenidade na lição de uma dor que en-  
controu o seu sentido sobrenatural e, portanto, se  
transmuta em esperança e em amor pelo inefável.

ALCEÚ AMOROSO LIMA

(*Tristão de Athayde*),

## ÍNDICE

Prefácio à 3. <sup>a</sup> edição /	9
Prefácio da 1. <sup>a</sup> edição /	13
No Hôrto /	19
A minha avó /	23
Cantiga /	24
Teus anos /	25
Estrada a fora /	26
Regina Coeli /	27
Mater /	30
Carlota /	32
Cantando /	33
Celeste /	36
Desalento /	36
Ao luar /	39
Goivos /	41
Místico /	45
Angelina /	46
No templo /	49
Renato /	51
Rezando /	53
Ao clarão da lua /	55
Num leque /	58
Ao mar /	59
Meu sonho /	61
Na Judéia /	63
Flôres /	65
Lídia /	67
Ao meu bom anjo /	68
Morena /	70
Simbólicas /	71
Mistério /	74
Agonia do coração /	75

Versos ligeiros /	76
Um sonho /	78
Passando /	80
Olhos azuis /	81
Na capelinha /	82
Sonêto /	85
Morta /	86
Santa Virgo Virginum /	88
As mãos de Clarisse /	93
Loli /	90
Caminho do sertão /	92
Olhos de Santa /	94
À memória de uma ave /	95
Côres /	96
A Eugênia /	97
A morte de Helena /	99
O beija-flor /	101
Nunca mais /	102
No álbum de Eugênia /	104
Antonietta /	105
Cantai /	106
Pelo passado /	108
Página triste /	110
Recuerdo /	111
De longe /	112
Noemi /	113
Dolores /	114
O que são estrêlas /	115
Pobre flor /	117
Crepúsculo /	118
Boêmias /	119
No álbum de Dolores /	121
Zirma /	122
Ciúme /	125
Melancolia /	127
De joelhos /	128
Simples /	130
Bendita /	132
Trança loura /	133
Chorando /	135
Ao Senhor do Bom-Fim /	137
Aonde vai a lágrima /	139
Versos à Inah /	140



Fefa /	142
No Jardim das Oliveiras /	144
Crianças /	145
Palavras tristes /	149
Natal /	151
Meu pai /	152
Quando eu morrer /	154
Consôlo supremo /	156
Eterna dor /	158
Jesus! Maria! /	159
Rimas /	161
Ao cair da noite /	163
Noites amadas /	165
Flor do campo /	166
Na primeira página da "Imitação de Cristo" /	170
À alma de minha mãe /	173
Gentil /	174
Clarisse /	176
Saudade /	177
Soledade /	179
Renascimento /	181
Oswaldo /	182
Obrigada! /	183
Ao pé de um berço /	184
Página azul /	187
Noite cruel /	188
Adeus, Gentil! /	189
Manhã no campo /	191
Pombos mensageiros /	192
Sylvio /	193
Minh"alma e o Verso /	196
Never more /	199
Hora de paz /	201
Oração da noite /	202
Penas de garça /	203
Tuda passa /	209
Ao pé do túmulo /	211
Regina martyrurum /	212
Mimo de anos /	213
Lágrimas /	215
Falando ao coração /	216

## INÉDITOS

Saudação /	221
Meu pai /	223
Os canários /	224
Adeus /	226
Irineu /	227
Feliz /	228
Adoração dos Reis Magos /	230
Agnus Dei /	232
Hoje /	234
Ano-Bom /	235
A Júlia /	236
O coração e o beijo /	237
Dadá /	239
Doente /	243
Súplica /	244
Luz e sombra /	245
Fio partido /	247
<i>Nota</i> /	249

---

Este livro foi composto e impresso nas  
oficinas da Empresa Gráfica O CRUZEIRO  
S. A. (DRM 104.823) — Rua do Livramen-  
to, 189/203 — Rio de Janeiro — Guanabara  
— para a Editora Nosso Tempo Ltda.



Fotografia do jasmineiro original de Auta de Souza, gentilmente concedida pelo Sr. Emídio Pereira Filho, presente na foto, ao lado de sua falecida esposa, a Sra. Nazaré Madruga Pereira.

Macaíba, RN., em 20 de janeiro de 1983.

Auta de Souza e o Horto - Entrevista com Esmeraldo Siqueira, em sua residência à Av. Trairi, 202, em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 07 de janeiro de 1983.

NALBA LIMA DE SOUZA LEÃO

Seu nome completo é Esmeraldo Homem de Siqueira, Natural de Vila Nova-RN, mas vive em Natal desde 1912. Poeta, prosador, crítico literário, médico e professor aposentado da UFRN. Esmeraldo destacou-se na vida intelectual da cidade pela seriedade de suas ações e pela polêmica que sempre soube provocar, por não esconder as suas opiniões, daí ser temido nos meios literários pelas suas opiniões implacáveis, inteligentes e arrasadoras.

Pergunta: professor Esmeraldo Siqueira, o que o senhor acha do fato de eu estar fazendo na UFSC, uma tese sobre a poetisa potiguar Auta de Souza?

Resposta: A tese foi bem escolhida, sobretudo porque é justa. Auta de Souza é quase desconhecida no Brasil, quando deveria ser um dos nomes mais citados na literatura nacional. No Rio Grande do Norte, pelo menos, ela ainda é lembrada.

Auta de Souza eu já disse - e um cronista repetiu duas vezes a minha frase sem citar o meu nome - é a mais pura e dolorosa poetisa do Brasil. Seus versos, realmente, contêm uma enorme pureza e revelam uma profunda mágoa que ela sofreu na vida: gostar de viver, querer viver e morrer em plena mocidade. Auta morreu antes de completar 25 anos.

Você vai defender uma tese muito justa. É preciso lembrar Auta de Souza, principalmente fora do Rio Grande do Norte. Santa Ca-

tarina não conhece Auta de Souza, no entanto, o Rio Grande do Norte conhece Cruz e Sousa, que é uma das figuras mais interessantes da literatura de Santa Catarina. Cruz e Sousa, também, teve uma vida dolorosa. Morreu com 37 anos, da mesma doença que matou Auta de Souza. Assim como Santa Catarina tem toda a razão de venerar Cruz e Sousa, um de seus filhos que mais souberam honrar as letras do Estado, o Rio Grande do Norte honra Auta de Souza. E quem defende uma tese sobre ela, está cometendo um trabalho de justiça, de elevação intelectual. Pois bem, eu louvo, repito mais uma vez, a sua idéia de uma tese sobre Auta de Souza. Faça este nome ser conhecido em Santa Catarina, que aqui no Rio Grande do Norte, o seu também será reconhecido por gratidão, pois você mostrará, com isto, que teve uma idéia muito feliz. Os versos de Auta de Souza só não os sente quem não tiver sensibilidade, nem nenhuma capacidade literária. Shakespeare dizia: "desconfiem do homem que gosta da música". Eu, me aproveitando do sistema dele digo: desconfiem de quem não gostar dos versos de Auta de Souza. Mostra que tem uma alma mesquinha, incapaz de sentir e de compreender o que é puro, o que é bom, o que é doloroso.

Pergunta: Qual é o principal gênero dos versos de Auta de Souza?

Resposta: O gênero principal dos versos de Auta de Souza é o gênero lírico, pois o lirismo amoroso brotava de seu coração cheio de ternura, cheio de amor. Mas o lirismo de Auta de Souza é, sobretudo, o lirismo religioso, porque ela era profundamente sincera na sua religião. E eu tenho mais do que autoridade para falar nisso, porque não pertencço a nenhum credo religioso e a minha opinião, portanto, é libérrima. Eu adoro Auta de Souza e creio, que se ela fosse viva, seria minha amiga, mesmo sabendo que eu não poderia ir para o céu como ela foi. Deve ter ido. Eu não creio no céu, mas se existe ela deve estar por lá, porque ela era muito boa. Pois, bem,

ela sabendo mesmo que eu sou um herege, me estimaria pela minha franqueza, pela minha sinceridade e pela minha capacidade da qual eu me orgulho de fazer justiça.

Pergunta: Qual é a principal qualidade dos versos do Horto?

Resposta: Primeiro que tudo há uma coisa para se considerar. Muita gente hoje se faz de poeta hermético, misterioso, para esconder sua mediocridade. Mas como você sabe e todos devem saber, poesia não é mistério. E o que é a poesia? a poesia é abertura da alma. O verdadeiro poeta quer ser compreendido. Ele não faz mistério. Ele transmite os seus maiores sentimentos e todo mundo que tenha um pouco de senso compreenderá e sentirá logo. Poesia é aquela que você "pega" logo, embora ela tenha palavras difíceis, cientificamente falando.

Pois bem, muitos poetas têm, realmente, algum talento, mas esse algum talento é sacrificado pelo excesso de extravagância da maneira de escrever, pelo obscurantismo, pelo hermetismo, pelo charadismo. Ora, a literatura é comunicação. A grande literatura, sobretudo a poesia, não é somente a manifestação do poeta, apresentação da sua alma, do seu espírito, mas o seu desejo de comunicação. Uma das qualidades supremas da poesia é, pois, a comunicabilidade. O verdadeiro poeta é aquele que se comunica com o ambiente em que vive, que se faz compreender de todos. Isto é uma verdade tão grande que na história da literatura nacional toda a população, mesmo os analfabetos, compreendiam os poetas românticos. Todo mundo conhecia as poesias de Castro Alves, mesmo sem saber ler. E cantavam-se as canções de Castro Alves. Quem não conhece Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e outros? Eles não eram charadistas. Eles tinham uma alma aberta, escancarada para que o povo pudesse compreendê-los. E assim foram dezenas e dezenas de outros poetas brasileiros que ficarão sempre na

história da boa literatura. Pois bem, Auta de Souza é um desses poetas dignos de serem lembrados sempre, pois a principal qualidade dos versos do Horto é a espontaneidade absoluta de sua mensagem poética. A poesia brotava em Auta de Souza como se ela fosse uma planta e desse as suas folhas, os seus frutos, com a naturalidade que tem as coisas da natureza. É verdade que ela só deixou um livro, mas um livro só é bastante para consagrar um grande poeta. O exemplo de Auta de Souza é típico, pois com o Horto ela ficou na alma do povo, pois é um livro eterno. E por que o Horto é um livro eterno? porque retrata eternamente, com muita ternura, com muita suavidade, com muita clareza o sentimento da poetisa que soube, assim, aproximar-se do povo.

O outro exemplo, típico é o do poeta paraibano Augusto dos Anjos, cujo único livro Eu, já está quase com 40 edições, muito justas, aliás. Ora, quem vai negar o valor de Augusto dos Anjos? o gênio de Augusto dos Anjos? o poeta soube dominar as palavras, como um domador de fera, que amansa até os leões. Augusto dos Anjos amansou as palavras. É verdade que quem não estudou ciências, não entende Augusto dos Anjos, mas quem estudou um pouco, entende a sua filosofia. Que coisa maravilhosa! Eu quero mostrar a você, citando estes dois estilos tão diferentes - Augusto dos Anjos e Auta de Souza - que sou independente, cem por cento independente. Adoro Auta de Souza. O livro dela eu o tenho de memória, como tenho o de Augusto dos Anjos. Auta é linda pela sinceridade e pela bondade que saem do seu coração, em seus bonitos versos parnasianos. Ela era religiosa e foi a religião o seu consolo. Augusto dos Anjos não teve esse consolo. A arte foi o consolo dele, somente a arte que "esculpindo a humana mágoa / abranda rochas rígidas / torna água todo o fogo telúrico profundo / e reduz, sem que entanto a desintegre / à condição de uma planície alegre / à espereza orográfica do mundo". Um tolo diria isto? só um gênio!

Pois bem, acho que a poesia de Auta de Souza deve figurar em todas as antologias nacionais, pois ela não tem um só verso que não seja bonito. A sua projeção não é maior, como ela merece, devido ao fato da própria literatura está sendo açambarcada por uma espécie de quadrilha onde as mediocridades querem triunfar e de fato, têm o triunfo triste das pessoas insignificantes. Já Rui Barbosa dizia no tempo dele que já "estava cansado de ver triunfarem as nulidades. Eu faço minhas as palavras do grande baiano: eu também já estou fatigado demais de ver as criaturas insignificantes ganhando prêmios, medalhas, dinheiro, mesmo, fama. Mas, não há nada mais tolo do que um burro glorificado, nunca deixa de ser burro. E a burrice é, e eu continuo dizendo, uma das mais tristes formas de loucura e o castigo do burro está na própria burrice.

Pergunta: Professor Esmeraldo, o senhor se referiu, há pouco, nos versos parnasianos de Auta de Souza, quando muitos falam que os versos da poetisa têm vestígios simbolistas. O que o senhor diz desta controvérsia em torno da classificação de Auta de Souza dentro da história literária, controvérsia esta existente não só entre os intelectuais do Rio Grande do Norte, mas entre a crítica oficial brasileira como Andrade Muricy, Otto Maria Carpeaux, Soares Amora, Alfredo Bosi, Massaud Moises, Péricles Eugênio da Silva Ramos, para citar só alguns?

Resposta: Olha, minha filha, nenhum poeta se distingue cem por cento de coisa nenhuma. Ninguém é cem por cento nada, em coisa nenhuma. Na vida, no caráter, na conduta, em tudo o que fizer, nem literatura. Eu posso dizer é mais isto do que aquilo, mas não posso dizer é somente isto, pois não é. Agora, todos os grandes poetas se expressam através dos símbolos. Veja Antero de Quental, Lamartine. Suas poesias e a de muitos outros bons poetas estão cheias de símbolos. Assim Auta de Souza, com aquela delicadeza dela, aquela ternura, tem graça e tem beleza porque a sua poesia tem sím-



bolos. Veja aquele seu poema cantado nas serenatas "astros celestes, docemente louros, giram no Espaço em luminoso bando". Veja mais adiante no mesmo poema "Essas estrelas, muito além dispersas / são rosas brancas no Infinito imersas, / Monjas benditas, ao luar chorando". De ponta a ponta, você vai ver que esse poema é cheio de símbolos. E você descobre que Auta é grande porque soube fazer as suas comparações, empregar os símbolos e sobretudo, impregná-los de sensibilidade, de amor, de ternura, de calor, na sua sensibilidade artística, na sua capacidade de sentir e de transmitir a sua arte. Assim, todos os grandes poetas são simbolistas no sentido amplo da palavra. Agora, muitos cuidaram mais de símbolos do que outros e, então, os críticos resolveram fazer esta divisão, para estudar com mais facilidade as histórias das literaturas. Não é só de uma literatura, das literaturas em geral.

Parece-me, entretanto, que a expressão Simbolismo foi escolhida sem muito rigor, para caracterizar não só o movimento na França, como no Brasil, porque como já falei, todos os grandes poetas são simbolistas, pois ninguém pode falar poeticamente sem empregar os símbolos. Não há poesia propriamente direta. A grande, a extraordinária poesia, a verdadeira poesia é a poesia simbólica. O poeta para expressar os seus sentimentos sinceros recorre a todas as espécies de símbolos. Imagine um Baudelaire, um Verlaine, um Rimbaud. São simbolistas porque foram grandes poetas, não porque foram propriamente simbolistas. O negócio não é ser propriamente simbolista, mas saber a adequação dos símbolos, a propriedade dos símbolos.

Pergunta: Professor, poderia dizer umas palavrinhas de despedida? As minhas ficam no agradecimento sincero por ter, o senhor, me recebido em sua casa. Obrigada.

Resposta: Você, certamente, terá sucesso ao levar o nome da

nossa poetisa a Santa Catarina. Mas não se esqueça de que todo grande poeta é simbolista no sentido amplo da palavra, porque poesia sem símbolos como é que pode existir? Auta é portanto, simbolista porque soube trabalhar bem com as palavras, criando os seus símbolos com justeza e com clareza e, por isto, a sua mensagem está na alma de cada potiguar que sabe amar o que é belo. E a poesia de Auta de Souza, repito, deve ser um nome de destaque na literatura nacional. Eu posso falar nisto, porque tenho autoridade crítica, aprendida durante longos e longos anos de estudo sério. Além de não ser distituído de certa capacidade mental, eu cultivei as heranças biológicas que recebi de meus pais, através das experiências da vida e do que eu fiz nos meus anos de estudo. Por isto, contrabando literário ninguém me passará.

Auta de Souza e o Horto - Entrevista com Luíz da Câmara Cascudo, em sua residência à Av. Junqueira Aires, Natal-RN, no dia 9 de fevereiro de 1983.

Nalba Lima de Souza Leão

O Rio Grande do Norte sente-se orgulhoso de ter como filho um nome de grande prestígio, não só no Brasil, como em outros países: o Luiz da Câmara Cascudo que deu e continua dando uma enorme contribuição às letras brasileiras, principalmente, através de seus estudos historiográficos e folclóricos.

Pergunta: Historiador, pretende fazer uma tese sobre Auta de Souza na UFSC. Gostaria que o senhor me falasse, um pouco, sobre Auta de Souza, a mulher.

Resposta: Minha filha, eu passei dois anos autadisouzando, para escrever o livro Vida breve de Auta de Souza. Convivi com Auta, através de suas amigas. Auta, como mulher, amou e desejou um homem. A família não quis o seu namoro com o bacharel paraibano e ela renunciou ao amor. Renúncia, não esquecimento, pois esse amor frustrado ela revela em seus versos, que é uma sublimação de seus recalques. Auta, com aquela separação, ficou desolada, tuberculosa, amorosa e sozinha. Esta é a história. Uma é você ler o poeta. A outra é conviver com quem conheceu o poeta. Eu conheci, pois, as amigas de Auta, por isso sei que ela foi uma frustrada amorosa que levou para Deus sua amargura, transferindo, assim, para "o Divino" os assuntos que outrora o amor lhe sugerira. A lembrança do amor impossível fez com que Auta sublimasse sonhos que a vida não consentira realização.

Mas, por outro lado, Auta era moça alegre, passeava, dançava, participava das festinhas domésticas ou "assustados". Cantava, de-

clamava e, apesar de doente, não conheceu o isolamento. Estava sempre rodeada dos amigos. Na cidade tinha destaque. Era de família abastada, com versos publicados em jornais e revistas da Capital.

Auta viveu em pleno domínio da cultura. Numa época em que os poetas tinham que produzir padrões estabelecidos. A cultura predominava e esta tinha que ser participativa. Tinha-se que obedecer aos modelos. Pois bem, Auta era culta. Lia muito, escrevia, colaborava em revistas e jornais, contava as sílabas e espreitava a cadência do hemistíquio. Podia falhar, mas era aplicada, séria, estudiosa. Tinha um grande valor lírico, delicadeza verbal, uma energia tranquila. Fazer versos e publicá-los, nesta época de 1900, era um atestado de personalidade, principalmente em se tratando de mulher e jovem como Auta. E ela era divulgada pela crítica do país. Portanto, para uma mocinha de província do Rio Grande do Norte, Auta participou e acompanhou o movimento cultural do país de fim de século. Lia os autores da época: Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e outros. Dominava o francês, o inglês. Estudou com religiosas francesas. Era inteligente, mas preservando a feminilidade, a fineza de moça brasileira do século passado.

Quando faleceu, quase toda a imprensa do país referiu-se ao fato. A sua morte foi uma perda para o Estado, pois Auta era considerada o primeiro e grande talento poético do Rio Grande do Norte. Até hoje os seus versos são declamados nas festas, cantado nas serenatas e nas igrejas.

Pergunta: E sobre os versos do Horto, o que o senhor tem a dizer?

Resposta: Auta compôs os seus versos entre o amor e a morte. Muitos poemas têm insistências sônicas que lembram as sugestões simbolistas, como o poema "Cantiga". Mas a poetisa soube manejar

bem os alexandrinos típicos dos parnasianos, como em "Página Azul", por exemplo.

A transparência, a limpidez, a diafaneidade dos poemas do Horto, hospedam do Simbolismo os traços de permitida e discreta originalidade, suficientes para distanciá-la do nível comum do Parnasianismo, ainda onipotente.

Os motivos de seus poemas são humanos, naturais, vivos nas almas de qualquer raça. Qualquer poema de Auta, se traduzido para o francês, o inglês, o espanhol, italiano, alemão é uma solução lírica dentro das soluções líricas daqueles idiomas. Apenas existe a época em que viveu e o tempo em que seja lida. Nada mais. Ler os poemas femininos de 1899 é situar Auta na paisagem intelectual brasileira, americana, européia, sem esforço de acomodação.

Pergunta: Historiador: em artigo publicado no jornal "A República" de 1941, o senhor afirma que Auta de Souza é a maior poetisa mística do Brasil. Lendo o seu livro Vida breve de Auta de Souza, o senhor afirma o contrário, isto é, Auta de Souza não é mística. Por que?

Resposta: Olhe aqui minha filha, a minha geração de Natal recebeu Auta como poetisa mística. Mas todos estavam enganados. Auta de Souza não é mística. É um espírito profundamente religioso, alma crente, devota, ligada a Cristo. Auta está alheia a qualquer problema de misticismo. Seus problemas são torturantes, implacáveis, diários, consecutivos terrenos, humanos, normais. Foi moça cristã devotada e fiel. A sua religiosidade é, pois, sincera, medular, mas não acética, mortificante, mística. O seu amor a Jesus Cristo, a Nossa Senhora e ao Anjo da Guarda, não a distancia de todos os sonhos lógicos das donzelas: amor, lar, filhos, missão fraternal. Nada foi possível, mas os poemas de Auta revelam essa frus-

tração.

Assim, minha filha, Auta não é mística. Ela é, sim, uma mensageira da sensibilidade feminina na poesia brasileira e, ainda, uma poetisa profundamente religiosa. Essa religiosidade se irradia no próprio espírito da poetisa, nos seus versos que se voltam para Deus.

Para terminar, minha filha, quero dizer que estou comovido, tomado de emoção por você ter escolhido Auta de Souza para o seu trabalho de dissertação, na Universidade Federal de Santa Catarina. Minhas congratulações e sucesso no seu futuro trabalho.

Auta de Souza e os versos do Horto - Entrevista com o Professor Melquíades, em sua residência à rua Coronel Flamíneo Santos Reis, Natal, Rio Grande do Norte, em março de 1984.

NALBA LIMA DE SOUZA LEÃO

José Melquíades de Medeiros é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É bastante conhecido nos meios intelectuais da cidade pelos seus ensaios e boa crítica.

Nasceu em Macaíba, cidade Natal de Auta de Souza. Nas rodas boêmias sempre conviveu e ainda convive com as modinhas de Auta de Souza.

Pergunta: Professor Melquíades, o que o senhor tem a dizer sobre a classificação de Auta de Souza dentro da história literária?

Resposta: Auta de Souza reúne todas as características de uma grande poetisa. Ela é ao mesmo tempo romântica, ao mesmo tempo é mística e tem uma dosagem muito forte de simbolismo em sua obra poética. Tudo isto feito da sua maneira, com muita espontaneidade, com muito sofrimento, dentro da poesia dela, mas também, com muita realidade, muito realismo. Auta de Souza é, ao meu ver, uma das poetisas mais completas aqui da província. É verdade que o simbolismo de seus versos é muito acentuado. O crítico é que leva os seus poemas para determinado contorno, de acordo com a sua concepção. Mas isto não significa que o grande poeta não tenha ou possa ter outras características. De modo que, Auta de Souza reúne qualidades do simbolismo, do romantismo, do misticismo.

Pergunta: Qual é causa da popularidade de Auta? Como explicar a sua permanência na alma do povo?

Resposta: Auta de Souza foi, talvez, a primeira e única das nossas poetisas que se projetou no cenário nacional, através da boa crítica, através da boa poesia, através de seu sentimento místico. E como no século passado era muito natural de tudo aquilo que era místico, bonito, romântico e popular se fazer modinhas, as poesias mais ternas de Auta de Souza foram musicadas, tornaram-se modinhas que ainda hoje permanecem, pois Auta teve o grande privilégio de se firmar no cenário local e nacional. Foi muito decantada pelos amigos e depois de sua morte continuou a ser elogiada pela boa crítica. Ninguém fez crítica negativa do Horto. A crítica é sempre positiva. Por outro lado, estimulou-se muito, aqui no Rio Grande do Norte, a leitura dos versos de Auta de Souza, de forma que ela se tornou aqui no Estado uma leitura constante e um valor nacional e local pelo vigor de sua inspiração que atinge as camadas mais populares.



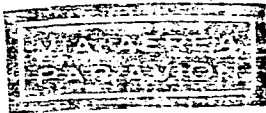


Profa. Nalba Lima de Souza Leão

Rua do Topázio, Al - 30

Lagoa Nova

59.000 Natal, RN



Remetente: Massaud Moises

Endereço: CIDADE UNIVERSITARIA - CAIXA POSTAL, 8.105 - SAO PAULO - SP

CEP

0	5	5	0	8
---	---	---	---	---

S. Paulo, 13 de fevereiro de 1986.

Prezada Profa. Malba:

Somente agora, depois de umas poucas férias, entrecortadas, é que posso escrever. Espero tenha relevado a demora em lhe responder.

Sua tese acerca da Auta de Sousa me parece oportuna, pois ela merece um estudo de fôlego, que lhe mostre as qualidades e trate de outros aspectos de sua escassa produção.

Quanto à classificação da autora no Simbolismo, não creio que possa acrescentar muita coisa ao que se encontra no volume que dediquei àquele movimento, publicado há 20 anos. Há meses atrás, voltei ao livro para integrá-lo na minha Hist. da Litb. Brasileira e mantive o texto referente à poetisa praticamente intocado. Portanto, ali se registra o que me parece adequado à apreciação de Auta de Sousa. Como me pede um depoimento para sua tese, vou tentar esclarecer algum ponto que poventura tenha ficado obscuro.

Primeiro que tudo, se aceitarmos que todo simbolista retoma o fúlcro da visão romântica do mundo, mas desenvolvendo-lhe as latências, não estranha que se possam divisar rasgos de Romantismo em Auta de Sousa. Assente essa premissa, é preciso buscar as diferenças entre os românticos e os simbolistas. E é com base nelas que pode classificar AS entre os simbolistas, e não apenas por questões cronológicas.

A começar de sua linguagem, é notório seu débito para com os estilemas típicos do Simbolismo. As metáforas, o gosto da abstração, da vaguidade, a fluidez, o evanescente, a tentativa de captar o inefável, -- tudo isso é caracteristicamente simbolista, e AS faz dele largo uso.

Acresça-se que sua poesia se volta para a alma, para os sentimentos profundos, para lá do consciente, na fímbria do misticismo, quando não em plena aura mística, -- e ter-se-á, em síntese, a razão por que AS, a par ver, se enquadra no perímetro do Simbolismo.

Espero ter atendido à sua expectativa. E desejo-lhe a melhor sorte em sua tese.

*Com um abraço amigo,*  
 Massaud Moisés

R. A. B.

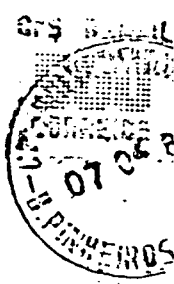
C-p-8105. SP.

Prof<sup>a</sup> Nalva Lima de Souza Lenc

R. Cruz e Sousa, 48



(Centro)



ITAJAÍ  
SC

USP, 6 de abril de 86.

Estimada Professora

Malba Lima de Souza Leão:

Agradeço-lhe sinceramente as palavras de estima e apreço com que me contempla em sua carta de 25 de março último.

Quanto à controvérsia que se estabeleceu a respeito da exata filiação estética de Auta de Souza, julgo que os argumentos aduzidos por Andrade Muricy, na sua inestimável coletânea de poetas simbolistas, e, mais particularmente, as observações críticas do Prof. Massaud Moisés consignadas no seu O Simbolismo (Cultrix, 1966), reforçam a tese da presença simbolista na malograda poetisa potiguar. É, como sabe, também o meu parecer.

Entretanto, cabe matizar a tese precedente, que não é absoluta. Não é de todo impróprio falar em "neo-simbolismo", aliás, "neo-romantismo" no caso de Auta, porque, em última instância, a poética simbolista deve muito à concepção romântica de poena como expressão da subjetividade. Além disto, há

componentes religiosos, provindos do catolicismo brasileiro tradicional, e componentes populares na poética de Auta de Souza que lembram atitudes e tendências do Romantismo.

Logo, ainda que a marca simbolista seja a mais poderosa na sua obra, o crítico atual não pode esquecer o levantamento daqueles outros caracteres incorporados ao Horto.

Como estou preparando uma viagem ao Exterior, não terei tempo disponível para redigir o depoimento que a sra. tão gentilmente me solicita. Fiquem estas palavras como resposta às suas juntamente com os mais calorosos votos pelo bom êxito do seu trabalho universitário.

Muito cordialmente,

Alfredo Bossi